

**HISTORIA**  
**DO IMPERADOR**  
**CARLOS MAGNO,**  
**E DOS DOZE**  
**PARES DE FRANÇA,**

**AUGMENTADA COM A NOTICIA CIRCUMSTANCIAL DAS**  
**ESTATURAS, E FISIONOMIAS DO IMPERADOR**  
**CARLOS MAGNO, E DOS DOZE PARES**  
**DE FRANÇA.**

**DIVIDIDA EM TRES PARTES.**

**TRADUZIDA DO CASTELHANO EM PORTUGUEZ,**  
**COM MAIS ELEGANCIA PARA A NOSSA LINGUA.**

—•—  
**NOVA EDIÇÃO.**  
—•—



**LISBOA : 1864.**

**NA TYP. DE MATHIAS JOZE MARQUES DA SILVA.**

*Rua do Ouro N.º 9, e 11.*

*Vende-se na mesma Typographia.*

1  
POLIT. C. M.  
~~4-18-12~~

C. M.  
19-15-1



230.910 a a.  
1955

398.22

# PROEMIO.

---

**D**EPOIS da destruição de Troia houve um Rei chamado Franco, o qual foi companheiro de Eneas em muitas batalhas, e partindo de Troia, veio aportar na Região de França, que então se chamava Galia, onde foi bem recebido de toda a gente, e levantado por seu Senhor.

1. Tanto que se vio dominante, mandou edificar uma Cidade, que por honra de seu nome foi chamada Franca, e depois foi levantado Rei della.

2. A Franco succedeo Priamo, e reinou quinze annos.

3. A Priamo succedeo Denorio, e reinou trinta e tres annos.

4. A Deronio succedeo Feramundo, e reinou onze annos.

5. A Feramundo succedeo Clovis, e reinou dezoito annos.

6. A Clovis succedeo Meronio, e reinou dez annos.

7. A Meronio succedeo Hilderico, e reinou dezeseite annos.

8. A Hilderico succedeo Clovis, o primeiro Rei Christão de França, que foi no anno 384 do Nascimento de Christo.

**PRIMEIRA PARTE**  
DA  
**HISTORIA DO IMPERADOR**  
**CARLOS MAGNO,**  
**E DÓS DOZE PARES DE FRANÇA.**  
**DIVIDIDA EM CINCO LIVROS.**

---

**NO LIVRO PRIMEIRO.**

**T**RATA do primeiro Rei Catholico de França, e de ElRei Pepino, Pai de Carlos Magno, como este foi eleito Imperador dos Romanos, ganhou Jerusalem, Reliquias que trouxe, e outras circumstancias.

**NO LIVRO SEGUNDO.**

Trata dos doze Pares de França, da batalha do Gigante Ferrabraz com Oliveiros; como este o venceu, e fez baptisar; da formosa Floripes, filha do Almirante Balão; da prizão dos doze Pares, e proezas que fizerão contra o Almirante; do socorro de Carlos Magno; da morte do Almirante, dos Gigantes da Ponte de Mantible, e outros successos.

## NO LIVRO TERCEIRO.

Trata como o Apostolo S. Thiago Maior appareceo a Carlos Magno, e Templos que lhe fez: trata-se das batalhas, que deo Carlos Magno: do vencimento do Gigante Ferraguz, e outras cousas prodigiosas.

## NO LIVRO QUARTO.

Trata da Sagração da Igreja de S. Thiago de Galliza, da traição de Galalão, e sua morte, da morte dos doze Pares, e visão do Arcebispo Turpim sobre a morte de Roldão, da morte de Carlos Magno, e outras cousas milagrosas.

## NO LIVRO QUINTO.

Trata-se do nascimento, e morte de Roldão.



## NOTICIA CIRCUNSTANCIAL.

**N**A era de 467 floreceo o Imperador Carlos Magno, respeitado de todos os Monarchas, pelo seu distincto valôr, e de seus Paladines, de que se faz uma breve descripção.

Carlos Magno era de grande estatura, e mui robusto, com 70 pollegadas de alto, cara espaçosa,

e redonda, olhos avermelhados, que indicavão ferocidade ao gesto, cabellos bastantemente ruços, pernas grossas, e grandes pés; conservava a barba do comprimento de 7 pollegadas; dormia pouco, porque velava parte da noite, occupado em Santos exercicios: era pois observante Catholico, e de rectissima justiça.

Roldão, Conde de Canobia. filho do Duque de Milão, e de Berta, Irmã do Imperador, era de baixa estatura, com 58 pollegadas e meia de alto; tinha o rosto oval, porém carnudo, e claro, olhos pretos, sobrançelhas grandes, cabelo preto, grosso de corpo, e pernas em proporção d'altura: este inimitavel Guerreiro foi o mais animoso, que se tem conhecido; a sua intrepidez lhe não consentia toda a prudencia, de que precisa revestir-se o homem.

Oliveiros, filho do Duque Regner de Hens, era de uma estatura proporcional com 60 pollegadas de alto, rosto comprido, e muito alvo, olhos azuis, cabelo louro, e sobrançelhas da mesma côr: este gentil Cavalleiro era o mais garboso em Picaria; mui venerado de todos, pela rara prudencia com que tomava os duélos, como se observou na batalha, em que venceu a Ferrabraz,

Gui de Borgonha, sobrinho de Carlos Magno, tinha 61 pollegadas de alto, agradavel presença, rosto alegre, cara redonda, olhos pretos, e grandes, cabelo preto: tinha corpo de proporcional grossura,

Urgel de Danoá, Rei de Dária, era d'uma estatura respeitavel; porque além de ser bastante-mente alto, tambem era grosso do corpo, e mui nervudo; tinha os olhos pretos, cabello, e grandes sobranceiras da mesma côr, rosto espaçoso, e trigueiro, com 68 pollegadas de alto.

Lamberto, Principe de Bruxellas, era um formoso joven de 59 pollegadas e meia de alto com bella fisionomia, e extraordinaria vivacidade, tinha o semblante comprido, olhos pardos, e cabello castanho, porém delgado do corpo.

Tieri, Duque de Dardania, era de uma estatura vantajosa de 63 pollegadas de alto, com proporcional grossura, rosto claro, olhos azuis, e cabello muito ruivo.

Ricarte, Duque de Normandia, era de baixa estatura de 58 pollegadas, magro, rosto comprido, olhos pardos, cabello castanho: pela fisionomia indicava assás a sua viveza, e energia.

Gaadeboa, Rei de Frigia, era de regular estatura, com 59 pollegadas, tinha o rosto alvo, e comprido, olhos verdes, cabello louro, e mui pequenos pés.

Hoél, Conde de Nantes, era de grande estatura, com 69 pollegadas, bastante-mente gordo; porém déstrissimo no manejo das armas, tinha o semblante redondo, e pálido, olhos pardos, e cabello preto, e grandes pés.

Nemé, Duque de Baviera, tinha 62 pollegadas de alto, rosto comprido, e trigueiro, olhos, e ca-

bellos pretos, sobranceiras da mesma côr; porém muito ramudas, e erão tão grandes os cabellos de seus pulsos, que quasi lhe cobrião as mãos.

Jofre, Senhor de Bordeos, tinha o semblante redondo, e iracundo, olhos pretos, com 60 pollegadas e meia de alto.

Guarim, Duque de Lorena, era magro em extremo, com 59 pollegadas; tinha o rosto comprido, e macilento, olhos pardos, e cabello castanho.

Bosim, Conde de Genova, tinha o semblante redondo, e alegre, olhos pardos, cabello castanho, e 58 pollegadas de altura.

Forão estes Cavalleiros tão abalisados no jogo das armas, tão valerosos, e intrepidos, que se fizeram temidos de todas as Nações, e por isso foi Carlos Magno naquelle tempo respeitado dos Monarchas, que então florecião, e conseguio com espanto do Universo inteiro innumeraveis victorias, pelejando contra os inimigos da Fé, soccorreo por muitas vezes os Principes Christãos contra os barbaros, e perseguidores da Religião Catholica, e fez espalhar os seus Dogmas por muitos Paizes, que vivião no erro. Por morte de Bossim de Genova, foi eleito Paladino, Gerardo de Mondifer, pela morte de Goadeboa, se elegeo Roxael da Persia, e por morte de Jofre, foi eleito Galalão, indigno de tal honra, pois que tomando o odioso character de Judas, chegou ao excesso de vender os seus companheiros, e premeditar a ruina do Imperio.

**PRIMEIRA PARTE**  
DA  
HISTORIA DO IMPERADOR  
**CARLOS MAGNO,**  
E DOS DOZE PARES DE FRANÇA.

---

**LIVRO PRIMEIRO.**

**CAPITULO I.**

*Como El Rei Clovis, sendo Pagão, e Infiel teve por mulher a Clotildes, Christã, neta del Rei Guido, sobrinha del Rei Agabundo de Borgonha.*

**N**O tempo, em que já os Borgonhezes erão Christãos, tinhão por seu Rei ao nobre Guido, o qual tinha quatro filhos: ao primeiro chamarão Agabundo, que succedeo no Reino, e fez matar a seu irmão Hesperio, e deitar em um rio a sua mulher. a uma de suas sobrinhas: mandou des-terrar de todas as suas terras, e senhorios, e deixou ficar a outra chamada Clotildes muito formosa.

Neste tempo Clovis Rei de França que era Pa-gão, e infiel, enviou Embaixadores a El Rei Agabundo, que era Christão, para com elle tratar certos negocios, os quaes forão com a Embaixada, e dilatando-se alguns dias para receberem a res-posta, tiverão lugar de observarem os costumes do Reino, e verem repetidas vezes a grande formosura de Clotildes, sobrinha del Rei Agabundo.

Recebida a resposta voltárão os Embaixadores para França; e depois de a darem a ElRei, lhe contárão muitas cousas, que tinham visto em Borgonha, e principalmente no Palacio de ElRei Agabundo, que não são costumadas entre os Francezes, fazendo-se-lhes o modo de viver dos Christãos abominavel, e feio.

Gabarão-lhe muito a grande formosura de Clotildes, affirmando não haver outra tão perfeita em virtudes, e formosura; as quaes cousas gerárão um grande amor no coração de Clovis, e uma grande pena de não poder vêr esta formosa Senhora.

Despedidos os Embaixadores, se pôz Clovis a imaginar o modo como poderia haver tão formosa donzella para sua Esposa; principalmente sendo ella Christã, e elle Pagão, Infel.

Estando alguns dias nesta contemplação, se resolveo descobrir o seu segredo a um Confidente chamado Aureliano, que era mui sagaz Cavalheiro, assim para alliviar a sua pena, como para dar remedio á sua paixão.

Ouvindo Aureliano as dolorosas palavras delRei, ficou muito admirado, e o queria reprehender; mas como o vio tão afflicto, receou que a reprehensão lhe fosse causa de maior pena, porque em tal caso, poucas, ou nenhuma vez aproveita este remedio.

Querendo pois Aureliano consolar a ElRei, lhe disse: Que não se entris'ecesse; porque lhe faria vêr a formosa donzella Clotildes por qualquer modo, ou maneira, que fosse; e que se obrigava a porder a vida, se o não fizesse. Tomando então ElRei algum alento, lhe disse: Que o puzesse logo por obra, que pedisse todo o que fosse neces-

satio. Aureliano lhe beijou a mão, e se despedio, dizendo: Que em breve o livraria da grande pena.

Voltando Aureliano para sua casa, se poz a discurrer no modo de effectuar a promessa, que a ElRei tinha feito, e depois de ter cuidado nas cousas, que mais proveitosas lhe parecião para o tal fim, lhe veio á memoria que dahi a quinze dias celebravão os Christãos o Nascimento de Christo nosso Salvador, e que a formosa Clotildes tinha por devoção ir aquella noite a Malinas, levando muito dinbeiro para dispender com os pobres, que estavão á porta da Igreja, e dando com a sua propria mão a cada um certa moeda de esmola em honra da Festa, e com esta lembrança foi muito contente a Palacio, e disse a ElRei: — Senhor, já achei modo de vêr, e fallar á formosa Clotildes; e é, que me hei de vestir em traje de pobre, e ir juntar-me com os mais á porta da Igreja á noite, que os Christãos celebrão a Festa da Natividade, e tomar da mão de Clotildes esmola, como os pobres, e ahi lhe posso fallar. —

Quando ElRei ouviu o modo, ficou muito satisfeito, e Aureliano lhe disse qué mandasse sua Magestade fazer um anel de ouro muito rico, em que estivesse esculpido o seu rosto; e logo ElRei o mandou fazer, e prompto elle partio Aureliano em traje de pobre, para a Còrte de Clotildes, e se poz á porta da Igreja com os pobres; vindo a formosa Clotildes acompanhada de suas Damas, começou a dar esmolas, e Aureliano se chegou a ella para receber a sua; e como ella estendesse o braço para lha dar, lhe pegou Aureliano na mão, e lha beijou; e ella olhando para elle, conlicceco que ainda que os seus vestidos erão po-

bres, devia ser homem de authoridade; e tendo vontade de lhe fallar, por ser a gente muita, o não pôde fazer.

Acabadas as Matinas, sahindo Clotildes da Igreja com suas Damas, vio sómente a Aureliano á porta, o qual lhe fez grande cortezia, e acabou de conhecer Clotildes ser homem bem nascido.

Tanto que Clotildes chegou a Palacio, se poz a imaginar naquelle caso, admirando-se do seu atrevimento, e desejando saber quem era, o mandou logo chamar, por entender que seria algum pobre Fidalgo. Aureliano, que era muito entendido, considerando que seria chamado, não se afastou da porta da Igreja até que o chamou o mensageiro; e elle fingindo turbação, e medo, se foi com elle a Palacio, e chegando diante de Clotildes, lhe fez tres reverencias, e sem turbação alguma se pos de joelhos para lhe beijar a mão; porém ella não consentio, mas mostrando algum enfado, lhe disse: — Porque finges ser pobre? — Aureliano lhe respondeo: — Senhora, é verdade que eu não sou pobre, mas sim mensageiro del-Rei Clovis de França, o qual te roga que queiras ser sua Esposa, e serás Rainha de França. Elle te manda este anel, em signal de fé, e promettimento de Matrimonio. Ella tomou o anel, e lhe disse: que não pertencia a Pagão, e Infíel casar com mulher Christã; e que além disso, não estava este negocio na sua mão senão na del-Rei seu tio. Com isto se despedio Aureliano, e conheceo que não p-zaria a Clotildes do tal casamento, e se foi para França com muita alegria; e assim o disse a El-Rei Clovis seu amo.

Pareceo a Clovis, pelo dito de Aureliano, que

Clotildes seria contente do casamento, mandou logo Embaixada a ElRei Agabundo, pedindo-lha por Esposa, e este respondeo que em tal cousa não consentia. Porém, visto pelo Conselho de Estado o bem que procedia da amizade com ElRei Clovis, aconselhárão a ElRei Agabundo que fizesse o casamento; mas elle o recusou muito.

Neste tempo veio o Thesoureiro de Agabundo com o anel de Clovis, que Clotildes tinha deitado no thesouro, e disserão todos que era o rosto do Rei Clovis. Visto isto consentio Agabundo no casamento, e Clotildes foi levada com grande pompa, á França, e se desposou com ElRei Clovis com condição de não deixar Clotildes a Fé de Christo.

## CAPITULO II.

*Como Clovis rogou a Clotildes, que deixasse os falsos Idolos, e abraçasse a Fé de Jesu Christo.*

Chegada a noite das bodas, a Rainha inflamada no amor Divino, disse: — Amado Esposo, e Senhor meu: peço-te que me concedas uma mercê antes que chegues a mim. — ElRei lhe respondeo: — Querida Esposa, pede o que quizeres, que tudo te será concedido. — Disse-lhe ella então: — Peço-te que creias em Deos todo Poderoso, que fez o Ceo, e a terra; e em Jesus Christo um só seu Filho, que te remio com o teu precioso Sangue; e no Espirito Santo procedente do Pai, e do Filho, Santissima Trindade em uma só Essencia. Creê na Santa Igreja Catholico, e deixa os teus falsos Idolos feitos por mãos de homens; e tu peço queiras pedir a Agabundo meu tio a parte aos

bens, que me toção de meus Pais; pois os fez matar sem razão alguma. —

ElRei lhe respondeo: — Tu me pedes uma cousa mui difficultosa, deixar os meus Deoses, que tantas mercês me tem feito! Pede outra cousa, que eu de boa vontade ta concederei. — Respondeo Clotildes: — Eu não tenho outra cousa que te peça, senão que adores a Deos Creador de todas as cousas. — ElRei não respondeo, nem ella lhe disse mais cousa alguma, pelo não desgostar.

Ao outro dia mandou Clovis Embaixador a Agabundo, pedir-lhe as terras, que pertencião a Clotildes sua sobrinha; porém não lhas quiz dar; mas por conselho dos seus lhe mandou grandes thesouros pelo Embaixador, só por evitar discórdias.

Passado o conveniente tempo, pario Clotildes um filho, e o fez baptizar contra vontade delRei seu Pai; e passados tres dias morreo o menino, e Clovis disse a Clotildes: — Se o não baptizaras, e o offerecêras aos meus Deoses, elle não morreria. — A Rainha lhe respondeo: — Querido Esposo, disso não tenho peaa; mas antes dou graças ao Omnipotente Deos, que quiz receber no seu Santo Reino o primeiro fructo do meu ventre. —

No anno seguinte pario outro filho, que foi baptizado, e esteve muito enfermo, de sorte, que imaginavão todos que morria; e assim disse ElRei: — Bem te disse eu que o não baptizasses, e logo não morreria, mas já não tem remedio, porque os meus Deoses estão por essa causa irados contra mim. — A Rainha por temor delRei rogou a Deos com grande fé pela saude do menino, que logo sarou.

## CAPITULO III.

*Como ElRei Clovis não alcançando victoria contra seus inimigos, se fez Christão.*

Neste tempo fez ElRei Clovis guerra aos Christãos visinhos de França, e estando em campo com todo o seu poder, mandou alistar os que erão capazes para pelejar, e se achárão cento e trinta mil homens; e assim procurando saber por alguns Christãos captivos quantos serião os Christãos, que se achavão alistados no Exercito, lhe disserão que serião até setenta mil, e teve a victoria por certa, por ter dobrado número de gente; começou logo a mandar marchar o Exercito para os inimigos: sabendo os Christãos a vinda dos Infiéis se pozirão em boa fórmula, e confiados na ajuda de Deos, os esperárão.

Chegárão os Infiéis, e sem ordem alguma começarão a batalha, na qual quiz Deos nosso Senhor que em pouco tempo fossem os Infiéis desbaratados de tal sorte, que foi forçoso a ElRei Clovis fugir para um monte visinho, e delle estava vendo como a sua gente sem resistencia morria ás mãos dos Catholicos, que os seguião com grande violencia.

Estando Clovis a amaldiçoar os seus Deoses; chegarão a elle alguns Cavalleiros, que pela industria da Rainha, crião na Fé de Christo, e lhe disserão: — Senhor, isto procede do infinito poder dos Christãos, e assim convém muito para a tua salvação crêr no verdadeiro Deos, que a Rainha continuamente louva, e te admoesta. — Neste tempo vio Clovis como a sua gente, largando as armas fugia para o monte, onde elle estava; Clovis

então banhado em lagrimas se poz de joelhos, e em altas vozes dizia: — O' Jesu Christo, Filho do verdadeiro Deos, no qual minha mulher, creê, e confessa sois aquelle que ajudais nas tribulações, e dais remedio aos que em vós esperão: eu vos peço favor, e ajuda, para que a minha gente seja livre, e vos conheça, recebendo como eu o Santo Baptismo, pois confesso, e creio que só vós sois o verdadeiro Deos, e Senhor Omnipotente; e os Deoses, a quem até agora adorava são Idolos falsos, e caducos.

Acabado de dizer isto, (caso raro!) vio que os Christãos se retirárão logo para o seu arraial, sem mandado dos Capitães, e não seguirão mais os Infieis. Tanto que Clovis vio este prodigio, mandou tanger Anafis para recolher a gente, que ficou, e com ella foi para França: contou á Rainha todo o successo de que ella teve grande contentamento.

#### CAPITULO IV

*Como Clovis recebeu o Santo Baptismo pela mão de S. Remigio, e milagrosamente foi trazida uma redoma do Céu, da qual inda hoje são ungidos os Reis de França, e está na Cidade de Rheims.*

Tanto que a Rainha ouviu dizer a ElRei Clovis que tinha promettido baptizar-se, ficou muito contente, e mandou logo chamar Remigio, para o instruir na Santa Fé, e o Santo lha ensinou tudo o que havia de crêr; e forão edificadas em França as Igrejas, e Pias de baptizar.

Estando S. Remigio baptizando a ElRei, e querendo o ungir com os Santos Oleos, milagrosamente virão todos que uma Pomba, descendo

do Ceo com uma reloma no bico com Olco Santo, a deixou cahir, e o Santo Remigio, a tomou, e della foi unzido ElRei Clovis, e depois todos os Reis de França até o dia de hoje, a qual redoma está sempre na Igreja de Rheims; e depois de baptizado ElRei, se baptizarão todos os da sua Côrte, e Reino.

## CAPITULO V.

### *Trata-se delRei Pepino, e de Carlos Magno seu filho.*

Trata este Capitulo da geração de Clovis, primeiro Rei Christão de França, e durou a sua linha até ElRei Hilderico, o qual foi muito virtuoso: e deixando as cousas mundanas, e governo do Reino, se metteo em uma Religião; aonde vivia santamente; deixamos agora de tratar da sua ascendencia, e só trataremos delRei Pepino, vigesimo segundo Rei de França, e Pai do Imperador Carlos Magno, de cujas proezas, toma o nome esta Historia.

Diz o Espelho Historial, que mettido ElRei Hilderico na Religião, acclamarão, por Principe a Pepino, tão sagas, e admiravel, nas cousas de paz, justiça, e da guerra, que adquirio os animos de todo o povo, e intentarão levantallo Rei, ainda que era vivo Hilderico: e fazendo sobre isto conselho, resolvêrão mandar um Embaixador sobre esta materia ao Santo Papa Zacharias.

Mandada a embaixada, continha esta a seguinte proposta. Qual era mais digno da Corôa, se o que vigia, e trabalha pela tranquillidade do Reino, ou aquelle, que sómente trata da sua alma, retirado á Religião? respondeo o Pontifice: Que aquelle que governava bem o Reino, e o con-

servava em justiça, amava a paz, e não aborrecia a guerra justa, que esse era mais digno da Corôa; e com esta resposta se retirou o Embaixador, a qual ouvida pelos Grandes do Reino e attendendo a um dito de Salomão, que diz: Que o Príncipe negligente faz o povo perguizoso, e que é bemaventurada a terra que tem Príncipe nobre, e advertido. Levantárão logo Rei a Pepino, e foi Ungido com authoridade Apostolica pela mão de Santo Estevão, e ordenou que os Reis de França succedessem no Reino por geração masculina, e que não succedessom mulheres, porque nenhum estrangeiro senhotiasse o Reino

Foi ElRei Pepino casado com a Rainha Berta filha do grande Hachin Cesar, donde descende a linhagem dos Gregos, Germanos, e Romanos, pelo qual direito foi eleito Imperador Carlos Magno. Reinou Pepino dezoito annos, e o enterrárão na Igreja de S. Diniz em Paris, e ficou o governo do Reino em seu filho Carlos Magno.

## CAPITULO VI.

*Como Carlos Magno, feitas as Constituições com o Papa Adriano, foi eleito Imperador dos Romanos.*

Carlos Magno, depois da morte de um seu irmão, foi Rei, e Senhor de toda a Provincia de França; e foi chamado Carlos Magno, assim pelas suas grandes virtudes, e prodigios, como pela grandeza do seu corpo. Naquelle tempo fazia o Papa Adriano continuamente guerra aos Infiéis, augmentando a Fé de Christo, e destruindo as heresias, constituindo Igrejas, e mandando fazer Imagens á representação dos Santos bemaventurados, e tudo para corroborar, e augmentar a Fé de Christo.

Chegando pois á noticia do Papa Adriano as grandes virtudes e proezas de Carlos Magno, lhe mandou pedir que quizesse chegar a Roma; o que logo Carlos Magno fez, e partio com a gente de guerra; chegou a Roma, e foi recebido pelo Pontifice com as honras que erão devidas a tão Soberano Monarcha.

Dahi a pouco tempo mandou o Papa juntar a sua gente de guerra, e decorreo com Carlos Magno toda a Lombardia, e as mais Provincias da Italia, tomando Cidades, Villas, e Portalezas, que estavam em poder dos Infiéis; tomárão a Cidade de Pavia, e elegêão para Bispo della um Varão Santo; fizerão cento e ciocenta e tres Bispos, Arcebispos, e Abhades, que forão repartidos por todas as Provincias, e instituirão muitos privilegios, isenções, e liberdades, em favor da Igreja Romana.

Tove Carlos Magno dois filhos, um chamado Pepino, e outro Luiz, com os quaes, e com os doze Pares fez grandes guerras aos Infiéis, e depois que destruirão, e desarraigárão todas as heresias da Italia, se voltárão para Roma.

Naquelle tempo tinhão os Romanos morto ao seu Imperador, e vacilando na eleição de novo Monarcha, lhe propoz o Papa os prodigios de Carlos Magno, e que só nelle concorrião todas as virtudes, que constituem um perfeito Imperador. O que ouvido pelas parcialidades, votaão todos uniformemente nelle. Passados alguns dias, falleceo o Pontifice Adriano, e lhe succedeo o Papa Leão, homem de santa vida, o qual, de consentimento de todos os Romanos, cordou a Carlos Magno com a Corôa Imperial.

## CAPITULO VII.

*Da estatara de Carlos Magno, e modo de viver.*

Sendo Carlos Magno Imperador, fez muitas cousas admiraveis, e governou o Imperio treze annos, tendo já governado trinta e tres. Nas terras de Roma edificou muitas Cidades, o que deixamos de contar por não fazer a Historia dilatada.

Escreve Turpin, homem Santo, e Arcebispo de Roma, que andou muito tempo em companhia de Carlos Magno, e diz, que era homem de grande corpo, forte, e proporcionado de membros, mui ligeiro, e feroz no olhar: tinha cara larga, e trazia continuamente a barba do comprimento de um palmo, os cabellos negros, o nariz rombo, e chato; a presença era muito respectiva, os olhos como de Leão, e algum tanto vermelhos, e reluzentes, as pestanas, e sobrancelhas declinantes a toxas; se estava enojado, só com o olhar espantava; o cinto, com que se cingia, tinha oito palmos de comprido; era largo das costas, grosso das pernas, e grandes pés.

O seu comer era duas vezes no dia, e pouco pão; porém comia ao jantar um quarto de carneiro, ou duas gallinhas: á cêa era caça assada: bebia tres vezes no dia, porém pouca agua. Tinha grandes forças; muitas vezes lhe virão partir capacetes de ferro, e cabeças até os dentes, e isto de um só golpe; e estando acavallo, levantava com um só braço um homem armado até o igualar com a sua cabeça. Tinha tres condições virtuosas: A primeira era premiar bem a quem o merecia: A segunda fazer a todos igual justiça, sem que alguém se queixasse: A terceira ouvir,

e responder a todos com paciência, manso, e pacífico no fallar, e reprehender.

### CAPITULO VIII.

*Como Carlos Magno doutrinava seus filhos.*

Mandava Carlos Magno ensinar a seus filhos todas as Artes liberaes, e sendo de idade capaz os mandava jogar todas as armas, para que fossem destros na guerra; e finalmente os fazia exercitar em todo o genero de peleja, assim a pé, como a cavallo; e os mandava caçar aos Javalis, Veados, Ursos, Tigres, Leões, e outros animaes ferozes, e os retirava sempre de toda a ociosidade. A's filhas mandava fiar, tecer, lavrar ouro, e sêda, porque o ocio não as fizesse cahir em torpes vicios.

Em Aquisgrão de Alemanha mandou fazer no seu Palncio uma Igreja muito sumptuosa, e magnifica á honra da Virgem nossa Senhora, e a dotou de muitas rendas.

### CAPITULO IX

*Do estado, e obras caritativas de Carlos Magno.*

Sendo o Imperador Carlos Magno instruido nas Sciencias moraes, e espirituaes, passava muitas vezes o tempo em lêr semelhantes livros; visitava a Igreja tres vezes cada dia, de manhã, ao meio dia, e á noite: nas festas solemnes mandava ornar as Igrejas á sua custa, era muito caritativo, e esmoler, mandava repartir grandes thesouros cada anno com as pessoas necessitadas de Syria, Ezypto, e Jerusalem.

Todas as vezes que comia. mandava lêr livros tocantes á observancia das cousas de Deos nosso Senhor, para fartar tambem a sua alma de man-

jares espirituaes, e conservar a saude do corpo, dando ao mesmo tempo graças ao seu Creador; e entre todos os livros se deleitava muito de um de S. Agostinho, que trata da Cidade de Deos.

Tinha por costume acordar tres vezes na noite, e pas-sar pela culla. Mandava occultamente duas vezes cada anno a homens, que erão de boa consciencia e virtuosos, visitar todas as terras do seu Reino, para saber se erão bem governados os seus vassallos, e se se executava rectamente a justiça, porque não fossem os pequenos maltratados dos Grandes.

Tendo Auram Rei da Persia, noticia da magnificencia, e grandeza de Carlos Magno, lhe mandou um Elefante, e os corpos de S. Cypriano, e S. Esperato, e a cabeça de S. Pantaleão, Martyres.

## CAPITULO X.

*Como o Patriarcha de Jerusalem mandou Embaixada a Carlos Magno, pedindo lhe soccorro.*

No tempo em que Carlos Magno foi corôado Imperador de Roma, foi o Patriarca de Jerusalem combatido dos Turcos, e de tal sorte perseguido, que depois de haver perdido a maior parte da sua gente se vio precisado a chamar a Conselho os mais velhos e sabios Conselheiros, para decidir o que devia fazer em tão grande conflicto; porém alguns delles, temendo mais a morte do que a honra aconselhárão ao Patriarca que fizesse algum partido com os Turcos, outros aconselhavão que se lhes pedissem treguas por algum tempo; porém elles não as quizerão conceder.

E vendo-se o Patriarca em tanta perplexidade, e aperto, sem remedio algum, que resultasse do

Conselho, para se defender do grande furor dos Turcos, inspirado da graça de Deos nosso Senhor, lhe veio á memoria as grandes virtudes, e proezas de Carlos Magno, determinou valêr-se do seu patrocínio.

Nesta consideração partio o Patriarca para Constantinopla, e levou consigo João de Napoles, e a David, pessoas muito nobres, e principaes, e deo parte de tudo ao Imperador Constantino, e a seu filho Leão ( ) que visto pelo Imperador, mandou ao dito João de Napoles, e David com mais dois Hebreos chamados, um Isaac, e outro Samuel, com uma carta feita da sua mão ao Imperador Carlos Magno; e o Patriarcha lhe mandou as chaves do Santo Sepulchro, e as da Cidade de Jerusalem, que era a que estava em sitio, e lhe mandou tambem o Estandarte, e insignia do nosso Redemptor, como firme Pilar de toda a Christandade, e Defensor da Fé de Christo.

### COPIA DA CARTA.

*Pareceo-me uma noite que via diante da minha cama uma mulher admiravelmente formosa, a qual me dizia: Constantino, muitas vezes tens rogado a Deos que te desse ajuda contra os Turcos, que possuem a terra Santa; pois que tanto o desejas, fazo isto, que te digo: Procura ter da tua parte Carlos Magno, e mostrou-me um Cavalheiro armado de luxidas armas, com uma espada na cinta, e uma grossa lança na mão direita, de cujo ferro sahião muitos raios de fogo, e era o seu rosto muito bello, formoso, e bem disposto do corpo, a barba crescida, os olhos reluzentes, e os seus cabellos começavão a embranquecer. O' Augusto*

*que nunca te apartas dos Mandamentos de Deos: Alegra-te em JESU Christo; e lhe dá graças de todo o coração: ama tanto a justiça, como tens sido nomeado na honra, porque Deos te dá perseverança no bem.*

Quando Carlos Magno lê a carta, chorou amargamente, porque estava o Santo Sepulchro em poder de infieis, e mandou ao Arcebispo Turpim que prégasse por todo o Reino tão lastimosas noticias. E por esta causa se resolvêrão muitos Christãos a acompanhar a Carlos Magno para a guerra, e restauração da Cidade Santa.

## CAPITULO XI.

*Como Carlos Magno se partio com um grande Exercito para Jerusalem.*

Mandando Carlos Magno apregoar por todo o Reino, a sua partida contra os Turcos, muitos principaes Cavalheiros, e Senhores grandes se resolvêrão acompanhallo, deixando as suas casas, mulher, filhos, e familia, e se ajuntárão em pouco, mais de trinta mil homens de peleja; e vendo-se Carlos Magno acompanhado de tão luzida gente, zelosa pela Fé de Jesu Christo, partio de París para Jerusalem, com grande esperança de alcançar victoria, e restaurar as cousas santas.

Chegando á Turquia; entrárão em um aspero monte, que tinha quinze legoas de comprido, e dez de largo; e por causa da immensidade de Leões, Tigres, Ursos, Guidos, e outros ferozes animaes, soffreo grande ruina no Exercito, e principalmente de noite; e com a fadiga, e sobresalto dos ditos animaes; perdêrão os guias o caminho, e não sabião o que havião de fazer; e buscando

estrada direita, chegou a noite, e se achá:ão todos cansados, e sem mantimento.

Vendo isto Carlos Magno, mandou que em uma planice, que alli estava, se ajuntasse todo o Exercito, e poz nas entradas os soldados, que lhe pareceo que estavão mais descansados, para se defenderem dos animaes, que com grande furor os accommettião para fartar a fome; e retirado Carlos Magno junto a uma arvore, se encommendou a Deos, e lhe pediu que tivesse piedade da sua gente: e começando a rezar o Psalterio, tanto que chegou ao verso: *Deduc me, Domine, in sencitam mandatorum tuorum*, que quer dizer: — Senhor, guiai-me pelo caminho dos vossos Mandamentos. — Ouvio todo o Exercito uma Ave, que a grandes vozes, e clarissimas palavras disse: — Carlos Magno, a tua petição é ouvida pelo Omnipotente Deos. — Sem embargo de tão grande annuncio, nem por isso deixou Carlos Magno de continuar com a sua devoção; e quando chegou ao verso: — *Educ de custodia animam meam*, que quer dizer: — Senhor, tirai a minha alma da prizão, — disse outra vez a Ave: — Carlos Magno, a tua oração he ouvida. —

Visto, e ouvido este tão admiravel prodigio, mandou Carlos Magno formar o Exercito, e posto na vanguarda, começou a marchar, seguindo a Ave, que o guiou até o metter no caminho direito. E é fama, que ainda agora se conserva a geração daquellas Aves sómente naquelle sitio, em signal de tão soberano caso.

Sahindo o Exercito do monte, se avistou o Exercito dos Turcos, que constava de cem mil homens póstos em tres linhas: e assim mandou Carlos Ma-

gno pôr o Exército em boa fôrma, para entrarem á batalha, a qual foi disputada, cruel, e rigorosamente, e pondo Deos os olhos da sua Divina Misericordia nos Catholicos, os alentou de sorte, que fizeram fugir os Turcos até Jerusalem, onde determinavão resistir, e fazer-se fortes; porém os Christãos os seguirão com tal valôr que entrarão na Cidade juntamente com elles, e passarão á espada todos quantos Turcos lá se acharão. E desta sorte ganhárão os Lugares Santos, que estavam em poder dos Turcos, e ali descansou Carlos Magno alguns dias com a sua gente, dando graças ao Omnipotente Deos de o haver ajudado em tão grande conflicto.

## CAPITULO XII.

*Das Reliquias, que o Imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa, e dos milagres, que fez Christo nosso Senhor.*

Querendo Carlos Magno voltar com o seu Exército para França, lhe offereceo Constantino Imperador de Constantinopla, e o Patriarca de Jerusalem, grandes riquezas de ouro, prata, pedras preciosas, elefantes, dormedarios, camelos, e outros diversos animaes em gratificação de tão grande soccorro; porém Carlos Magno não quiz aceitar cousa alguma, dizendo: Que não tinha ido áquella empreza por riqueza, senão só por serviço de Deos, exaltação da Santa Fé Catholica, e restauração dos Lugares Santos, porque não era justo que estivessem possuidos pelos Turcos; e assim mandou a toda a sua gente que nada aceitassem sob-pena de morte; ao que obdecerão todos: porque só pelejavão em serviço de Deos nosso Senhor.

Vendo o Patriarca que Carlos Magno, nem os seus soldados acceptarão as riquezas lhe disse: — Senhor, já que destas riquezas não fazeis estimação, vos mostrarei, e darei outras, que não tem preço. — Ao que respondeo Carlos Magno: Que teria muito gosto de as vêr, e aceitar; e assim lhe disse o Patriarca que jejuasse Sua Magestade tres dias, o que elle fez com todo o seu Exercito, e ao quarto dia trouxerão doze homens de boa vida as Santas Reliquias.

Antes de Carlos Magno vêr as Santas Reliquias se confessou com o Arcebispo Ebrin, e recebeu o Santissimo Sacramento, e logo os doze homens começarão a cantar as Ladainhas, e alguns Psalmos do Psalterio; e Daniel, Prelado de Napoles, abriu um cofre, aonde estava a preciosa Corôa de Christo Senhor nosso, da qual sahio tão admiravel, e suavissimo cheiro, que todos os que estavam presentes imaginavão que estavam na Gloria.

Vendo Carlos Magno a Sacrosanta Corôa, se encheo tanto de Fé, que com rios de lagrimas se prostrou em terra, e pediu a Deos com grande, e efficaz devoção: Que pela gloria do seu Nome Santissimo quizesse renovar alguns milagres da sua Paixão, e logo virão todos sair da Sacrosanta Corôa immensidade de flôres, e com tão suave cheiro, que ficarão admirados.

Daniel tomando então uma faca muito limpa, cortou pelo meio a Santa Corôa; e ao mesmo tempo, que a hia cortando, lhe sahião novas, e mui cheirosas flôres. E offerecendo-se a Carlos Magno uma parte da Corôa com alguns espinhos, a mandou metter em um cofre de marfim, e tomando-o para o offerecer ao Arcebispo Ebrin, antes que

elle o recebesse o tinha Carlos Magno posto em um lugar muito decente, e logo a pouco tempo virão todos estar o cofre suspenso no ár, e vendo-se ao depois a Santa Corôa, achárão as flôres convertidas em Manná, da mesma maneira que Deos o deo aos Israelitas no deserto; e em quanto se tratava com as Santas Reliquias, fez Deos grandes milagres, sarando coxos, tolhidos, mancos, e leprosos.

Dizia o Exercito todo em altas vozes: — Verdadeiramente que este é o dia da saude, e Resurreição; — porque pela suavidade do cheiro das admiraveis flôres estava a Cidade purificada, e cheia de graça; pois trezentos, e quinze enfermos, que havia nella, se achárão com saude, entre os quaes foi um, que havia dezoito annos que estava cego, surdo, e mudo, e ao tempo que se abriu o cofre, cobrou a vista; ao cortar a Santa Corôa, cobrou o ouvir; e tanto que começou a florecer, cobrou o fallar.

Depois tomou Daniel um cravo dos que cravárão a JESU Christo na Cruz, e com muita reverencia o metteo em um Relicario, e offereceo a Carlos Magno; e logo sarou um mancebo, que desde o seu nascimento tinha toda a parte esquerda secca, e impotente; o qual tanto que se vio com saude, veio com muita brevidade á Igreja, dando muitas graças a nosso Senhor JESU Christo.

Além das sobreditas Reliquias, levou mais uma parte da Cruz de Christo, e o Santo Sudario, e uma camisa de no-sa Senhora, e um panno, em que se envolveo o Menino JESUS nos braços de S. Simeão.

Depois de Carlos Magno receber as Santas Re-



Reliquias, se despedio do Imperador Constantino, do Patriarca, e dos mais Senhores, e partio para Alemanha, e passando junto a um Castello, vio levar um menino morto a enterrar, e mandou que o tocassem com as Santas Reliquias, e logo se levantou vivo; e chegando a Aquisgrão em Alemanha, acudio muita gente a visitar as Reliquias Santas, e por ellas fez Deos os milagres seguintes: cobrãõ vista os cegos, e saude os enfermos sem número, doze endemoninhados, oito leprosos, quinze paralyticos, quatorze coxos, setenta e cinco de gota coral, goloços sem número, e sarãõ finalmente todos, assim naturaes da terra, como estrangeiros.

Forão póstas as Santas Reliquias em uma prodigiosa Igreja, que mandou fazer Carlos Magno na mesma Cidade de Aquisgrão á honra da Virgem Santa Maria, e ordenou, e estabeleceo uma festa cada anno no mez de Junho, e nella mostram as Santas Reliquias, e se ganhãõ muitas Indulgencias: forão presentes ao estabelecimento desta solemnidade, o Papa Leão, e o Arcebispo Turpin, Theofilo, Bispo de Antiochia, e outros muitos.

---

## LIVRO SEGUNDO.

### CAPITULO I.

*Como Ferrabraz veio ao Exercito de Carlos Magno buscar com quem pelejar.*

**O** Almirante Balão, Senhor muito poderoso, tinha um filho chamado Ferrabraz, homem gigantado, de grandissimas forças, e magnanimo coração, era muito deestro em todas as armas e Rei

de Alexandria, e senhor de toda a Provincia de Babylonia até o mar Vermelho, e Jerusalem. Este Ferrabras entrou uma vez em Roma com grande número de Turcos, e levou a Corôa de nosso Redemptor Jesus Christo, e os Santos Cravos, com que foi cravado na Cruz, e outras muitas Reliquias, as quaes, como dissemos no Livro primeiro Capitulo XII., tornou a restaurar Carlos Magno em Jerusalem com grande trabalho.

Chamava-se (como temos dito) este Gigante Ferrabraz de Alexandria, o qual sabendo que Carlos Magno, e os doze Pares estavam em Mormionda com um grande Exercito, se encheo de soberba, e arrogancia, e confiando nas suas grandes forças, e destreza, cavalgou em um soberbo, e arrogante cavallo, e vestindo-se de armas, tomou uma grossa lança, e partio sem companhia para Mormionda; e não achando pessoa alguma com quem pudesse fallar, começou com uma espantavel voz a dizer da manei:a seguinte:

— O' Imperador Carlos Magno, homem cobarde, e sem valôr: Manda dois, ou tres, ou quatro dos mais valentes, e melhores dos doze Pares contra mim sómente, que espero vencer a batalha, e venhão ainda que sejam Roldão, Oliveiros, Tietri, e Urgel de Danoá, que te juro pelos meus Deoses, que não lhe hei de voltar a cara, ainda que sejam seis. E adverte que estou só no campo, e muito longe de meu Exercito, e se isso não fazes, publicarei por todo o Mundo a tua grande cohardia, e dos teus Cavalheiros, e direi que são indignos de se chamarem valerosos. E já que tiveste ousadia, e atrevimento, e valôr para accometter toda a Mauritana, e de ganhar Reinos, e

Provincias, tem esforço para dár batalha a um só Cavalleiro —

Dito isto, atou o seu cavallo a uma arvore, tirou o elmo, ou capacete, e se deitou no chão; e levantando dahi a pouco a cabeça, olhou para todas as partes para vêr se vinha algum Cavalleiro; e tanto que o não vio, começou a dizer com mais altas vozes: — O' Carlos Magno indigno da Corôa que possues: com um só Cavalleiro Turco perdes a honra, que em grande multidão delles muitas vezes tens ganhado: O' Roldão, e Oliveiros: e tu, Urgel de Danoá, e os que vos chamais doze Pares, de quem tantas façanhas, e proezas tenho ouvido; como não ousais apparecer diante de um só Cavalleiro? Tendes já por ventura esquecido o pelejar, ou vos mette medo a minha forte lança? Vinde, vinde todos os doze Pares juntos, que um a um vos não atreveis. —

## CAPITULO II.

*Como Carlos Magno perguntou a Ricarte de Normandia quem era o que tanto o ameaçava.*

Ouvindo Carlos Magno as arrogantes palavras de Ferrabraz, e admirado do seu grande atrevimento, perguntou a Ricarte de Normandia quem era o Turco, que tão atrevidamente, o ameaçava? Respondeo Ricarte: — Senhor, este é o filho do Almirante Balão, Rei de Alexandria, Senhor de muitas Provincias, e riquezas; é o que foi a Roma, matou o Apostolado, e roubou as Santas Reliquias, pelas quaes tens padecido tantos trabalhos; é homem de grandes forças, e muito déstro em todas as armas. — Respondeo então Carlos Magno: —

Pois espero em Deos, Ricarte, que a sua soberba hade ser humilhada, e abatida. —

Vendo Carlos Magno, que nenhum dos doze Pares se movia para a batalha, teve algum enojo entre si, e sem o dar a conhecer, chamou a seu sobrinho Roldão. e lhe disse: — Sobrinho, eu vos mando que vos armeis para ir pelejar com Ferrabraz, que eu espero em Deos que haveis de sahir victorioso.

### CAPITULO III.

#### *Da resposta de Roldão a Carlos Magno*

— Senhor, respondeo Roldão, eu não hei de ir á batalha, porque na ultima que demos, ficámos todos os Cavalleiros moços cercados de cincoenta mil Turcos, e pelejámos com tanto valôr, que matámos a maior parte delles, ainda que com grande trabalho, e feridas dos nossos corpos, como se vê em Oliveiros, que dellas está em perigo de morrer. B quando chegámos á tua presença, disseste publicamente que os Cavalleiros velhos havião obrado muito melhor na batalha, do que os moços; e como assim é, manda os teus Cavalleiros velhos. e verás como se hão com Ferrabraz. —

Quando Carlos Magno ouvio taes palavras se encheo tanto de cólera, que lhe atirou rom uma manopla de ferro, e lhe deo pela cara. Vendo Roldão o seu sangue, lançou mão á espada com grande furor, e maltrataria ao Imperador, se não se mettessem outros Cavalleiros de premeio.

Vendo Carlos Magno tão grande desatenção, mandou que o prendessem, e sentenciassem á morte; e Roldão tirou da espada e disse: — O que chegar a mim, depressa o tirarei deste Mundo, —

e apartado da vista do Imperador, se chegou a elle Urgel de Danoá, e lhe disse: — Senhor Roldão, muito erraste no que fizeste, porque a ti toca obedecer ao Imperador mais que a outro algum nosso companheiro, assim pelo parentesco, como porque sempre te honra mais que os outros. — E como Roldão tivesse já perdido a cólera, disse: — He verdade que tive tanta ira, que certamente o matára, se tu, e os outros não estivessem no meio; mas já estou arrependido, e me peza de o ter enojado. —

#### CAPITULO IV.

*De uma reprehensão do Author a Carlos Magno, e Roldão pela questão passada.*

Quero primeiro, ó muito alto, e poderoso Imperador, fallar contigo sobre as differenças, e questões, que com teu sobrinho Roldão tiveste, pois assim pela tua idade, como pelas Sciencias, de que na tua infancia foste instruido, devias conhecer a preseverança dos velhos, e a subida mudança dos Cavalleiros moços. Porque leuyavas tão publicamente os velhos mais que os moços; pois sabias que Oliveiros estava morrendo das feridas, que naquelle dia recebo? Pois a teu sobrinho que nenhuma multidão de inimigos já mais o atemorizou, nem menos lhe fez voltar a cara? Devias lembrar-te das grandes honras, que tinhas recebido pelas suas admiraveis Cavallerias.

È tu Roldão, que, sendo um Cavalleiro tão nobre, em quem nunca houve temor, nem faltou valentia; donde te procede responder com tanta soberba ao Imperador, de quem tantas honras tens recebido, mais razão era que soffrêras, e que com

tanta descortezia não falláras; e se nada disto te movia a ter paciencia, olháras o exemplo, que nos deixou Isaac da obediencia, que teve a seu pai; e o Apostolo S. Paulo nos diz em uma sua Epistola, que devemos honrar muito aos velhos, e os devemos soffrer como a pais; e se o imperador louvou aos velhos, nem por isso desdourou as proezas dos moços.

### CAPITULO V.

*Como Oliveiros, estando enfermo com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno, para sair á batalha com Ferrabraz.*

Estando Carlos Magno muito triste, e enojado assim de Roldão como porque nenhum dos seus Cavalleiros se offerecia para responder á demanda de Ferrabraz, resolveo o querer armar-se para sair á batalha. Vindo isto á noticia de Oliveiros, que estava na cama perigosamente ferido, teve disso grande sentimento, assim pela discordia de Roldão com Carlos Magno, como por não se achar capaz de ir contender com Ferrabraz.

Mas quando soube que o Imperador se queria armar e que nenhum Cavalleiro se offerecia para ir, movido do insulto que o Turco fazia a Carlos Magno, e a seus Cavalleiros, e desejoso de empregar as suas forças contra os infieis, pela Fé de Jesu Christo, saltou fóra da cama, e estirou os membros para experimentar se poderia soffrer o trabalho das armas, e em quanto se vestio, mandou o seu Escudeiro Guarim que lhe aparelhasse brevemente as armas. Guarim lhe disse: — Senhor, peço-te pelo amor de Deos que não faças tal excesso, porque não estás capaz desta empre-

za: — Oliveiros lhe respondeo: — Faze brevemente, Guarim, o que te mando; pois grande fraqueza seria a minha, se o Turco se fosse sem batalha; e não é justo deixar ao Imperador em tanto aperto, e injuria.

Preparou logo Guarim todas as armas, e depois de se armar Oliveiros, saltou vinte e cinco pés de altura, pelo qual excesso se lhe abrirão todas as feridas, e dellas sahio sangue em abundancia; mas nem por i-so, nem pelos rogos do Escudeito se quiz desarmar, nem deixou de ir á batalha. E logo cingio a espada chamada Alta clara; e preparado o cavallo, se montou de um salto, e ficou mui direito na cella, sem que puzesse o pé no estribo; e posto o escudo no braço, ihe deo Guarim uma grossa lança, e fazendo o sinal da Cruz se encommendou a Deos, pedindo-lhe que pela sua infinita piedade o quizesse favorecer naquella tão cruel batalha, que esperava ter com o mais feroz inhél, que naquelle tempo havia, e assim partio para onde estava Carlos Magno, acompanhado de muitos Cavalheiros, entre os quaes estava Roldão, o qual teve grande sentimento, quando vio a Oliveiros armado, pois sabia que estava ainda muito ferido; e de boa vontade tomaria a empreza da batalha, se não fora o juramento que tinha feito.

Chegado Oliveiros á presença do Imperador, lhe disse: — Senhor, peço-te que me dê licença para responder a Ferrabraz, que tantas vezes me tem chamado, e só com isso serão os meus serviços bem satisfeitos. — Carlos Magno, e os mais Cavalleiros se admirarão do peditorio de Oliveiros, e lhe respondeo que tal licença lhe não dava; pois pedia batalhar com o mais feroz homem

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
do Mundo, estando tão perigosamente enfermo,  
e ferido.

Levantou-te então Galalão, e disse: — Senhor, está ordenado na tua Côrte, que nenhuma cousa que mandasses se revogasse, por onde é justo que Oliveiros alcance a mercê, que lhe mandastes pedir. — Carlos Magno lhe disse: — Galalão, tu tens muito más entranhas, como te tenho dito outras vezes: e pelo que me dizes, deixarei ir Oliveiros á batalha, porém se morrer nella, tu e todo o teu parentesco o hão de pagar com a vida: — mas vendo que não podia negar a licença a Oliveiros, lhe deo uma luva, que Oliveiros recebeu com grande alegria, e se despedio do Imperador, e dos mais Cavalleiros.

## CAPITULO VI.

*Como o Duque Regner, rogou a Carlos Magno que não deixasse sahir Oliveiros á batalha.*

Quando o Duque Regner, soube que seu filho Oliveiros queria ir á batalha, temendo a sua morte, porque estava ferido, e doente, se poz de joelhos diante do Imperador, e lhe disse: — Senhor, peço-te pelo amor de Deos que tenhas piedade de meu filho, e de mim. pois não tenho outro, com quem na velhice me console. E se não te move a piedade, movão te as muitas feridas que tem, pelas quaes está incapaz de pelejar, nem ainda para sustentar as proprias armas. E assim, Senhor, nem serás vingado do feroz Gigante, nem meu filho evitará a morte. —

Carlos Magno lhe respondeu: — Duque, não posso revogar a mercê, que Oliveiros me pediu, eu lhe dei já minha luva em signal de licença, mas

espero no Omnipotente Deos que voltará victorioso. —

Vista a resolução do Imperador, voltou Regner para seu filho, e misturando algumas titubiantes palavras com muitas lagrimas, lhe deu a sua benção, e assim partio Oliveiros em busca do Gigante: sahindo todos a vello, admirados tanto porque estava muito ferido, como porque gostavão de o vêr armado, por ser muito airoso Cavalheiro.

## CAPITULO VII.

*Como Oliveiros fallou a Ferrabraz, e como este o desprezou.*

Chegando Oliveiros aonde estava Ferrabraz, o achou deitado á sombra de uma arvore, e dormindo; e depois de o vêr muito bem, o chamou, e dizendo-lhe: — Levanta-te Turco, e Infiel, toma as tuas armas. monta a cavallo, e vem pelejar, pois que tanto tens blazonado, quero vêr se és tão grande na valentia, como és na fama, e corpolencia. —

Ferrabraz levantou a cabeça, e vendo um só Cavalleiro, não fez caso d'elle, e se tornou a deitar. Tornou Oliveiros a chamallo, e Ferrabraz lhe perguntou quem era, pois tão simplesmente vinha morrer! Oliveiros lhe disse: — Turco levanta-te, e vem pelejar, porque já não é acção de Cavalleiro estar estendido no chão, vendo diante a seu inimigo. —

Assentou-se então Ferrabraz, e disse: — Ainda que és muito pequeno do corpo, fallas muito ousado, e atrevido. Porém se queres viver mais, vai-te embora, porque se profias a pelejar comigo, é

30 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
necessario que primeiro digas quem és, e o sangue  
de donde procedes. —

Respondeo Oliveiros: — Tu não podes saber o meu nome, em quanto eu não souber o teu, e não me pareces nas tuas acções tal, qual mostravas ser nos teus ameaços contra o nobre Imperador Carlos Magno, o qual me mandou aqui, para que dêsse fim a teus dias, ou deixasses os teus falsos Idolos, e crêas na Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, Tres Pessoas, e um só Deus verdadeiro, que é Criador do Ceo, e da Terra, e que seu Filho Jesu Christo, por salvar, e remir o genero humano, nasceo da Virgem Maria nossa Senhora; e quando isto crêas firmemente, mediante o Santo Baptismo, poderás alcançar a gloria eterna. —

Ferrabraz lhe disse: — Quem quer que sejas, fallas com muita liberdade, e atrevimento: Eu sou Ferrabraz, Rei de Alexandria, filho do Almirante Balão, e sou o que destruiu Roma, matou o Apostolado, e levou todas as Reliquias, pelas quaes vós outros os Christãos tendes recebido grandes trabalhos; e pessuo a Jerusalem, e o Sepulciro, aonde foi posto o vosso Deus. —

Oliveiros lhe respondeo: — Ferrabraz. tenho tido grande contentamento de saber quem és, e assim te digo, que agora tenho maior desejo da batalha. Levanta-te, e vem depressa para a peleija, que pelas armas se ha de acabar o nosso pleito, e não por palavras. —

Disse então Ferrabraz: — Christão, rogo-te me digas que homens são Carlos Magno, Roldão, e Oliveiros, porque os tenho ouvido nomear na Turquia. — Respondeo Oliveiros: — Carlos Magno

é poderoso valente; de grande conselho, sagacidade, e prudencia, assim no governo do Reino, como nas facturas da guerra; levanta-te, se não queres que te offenda assim deitado, e arrependerte-has, quando já não tiveres remedio. — Ferrabraz lhe disse: — Porque não mandou Carlos Magno a esta batalha a Roldão, ou Oliveiros, de quem tantas proezas tenho ouvido; ou porque não mandou tres, ou quatro dos doze Pares? — Oliveiros lhe respondeo. — Roldão nunca fez conta de um só Turco, por mais nomeado que fosse, e por te desprezar não quiz vir á batalha; porém se tu vieras acompanhado, com todo o teu Exercito, elle só te viera receber. Não gastes o tempo com tanta prática; porque, senão te levantas para pelejar, faço juramento á Ordem de Cavalleria, que ainda que seja feio, te hei de ferir, e fazer levantar por força. —

Disse o Turco: — Dize-me o teu nome, antes que me levante. — Respondeo Oliveiros: — Eu me chamo Guarim, pobre Fidalgo, e novamente armado Cavalleiro. Esta é a primeira vez, que sirvo a meu Senhor Carlos Magno. — E pondo a lança no recto, ferio o cavallo com as esporas, e fingindo querer ferir o Gigante, do salto do cavallo se lhe abriu uma ferida, que tinha na perna, e sahio tanto sangue, por entre as armas, que lhe perguntou Ferrabraz aonde estava ferido. Oliveiros lhe disse que não estava ferido, e que o sangue procedia do cavallo, que era duro de esporas. E vendo Ferrabraz que o sangue corria pelas juntas das armas, lhe disse: — Guarim, tu não me podes negar que o teu corpo está ferido. Chega-te ao meu cavallo, e acharás no arção da

cella dous vasos atados, que estão com balsamo, que por força de armas os ganhei em Jerusalem, e deste balsamo foi o teu Deos unguido, quando o descêrão da Cruz, bebe delle, que logo sararás de todas as feridas, e ficarás com as tuas forças dobradas. —

Oliveiros lhe disse: — Turco, mais abundante de palavras, que de obras; não me importa a tua bebida, nem me é necessaria; e se não te levantas, como a vilão estendido te darei a morte. — Ferrabraz respondeo: — Isso, Guarim, não é valentia, mas eu creio te arreponderás de entrares comigo em batalha.

### CAPITULO VIII.

*Como Oliveiros ajudou a armar a Ferrabraz, e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era.*

Como Ferrabraz tinha rogado a Oliveiros que deixasse a sua porfia, e não quizesse entrar com elle em batalha, vendo que Oliveiros porfiava, lhe disse: — Guarim, creio que quando me vires levantar, só da minha vista ficarás temeroso. —

Oliveiros já enfadado das suas razões, abaixou a lança, e fez ameaço para lhe dár dizendo: — Levanta-te, vilão. — Então se levantou Ferrabraz com grande furor, e disse: — Por tua vida, Guarim, te peço que me digas que homens são Roldão, e Oliveiros, e a estatura de seus corpos. — Oliveiros lhe respondeo: — Oliveiros é da minha grandeza, nem mais, nem menos. Roldão, quanto ao corpo, é algum tanto menos: mas em coraçào, e valôr da sua pessoa, não tem igual em todo o Mundo. —

Disse então Ferrabraz — Pela fé que devo a Appolim, e Tavalgante, meus muito amados, e venerados Deoses, que me admiro do que dizes; porque se tivera diante de mim des Cavalleiros como tu, não tinha por grande façanha o passallos ao fio da minha espada. — Muito fallas, (disse Oliveiros) porém eu crelo que só de mim tens medo, e por isso dilatas a batalha. Arma-te, e sahe ao campo, que nem a tua grandeza me espautá, nem os teus louvores acreditão.

Então disse Ferrabraz: — Guarim, eu te rogo que te queiras apear, a ajudar-me a armar. — Oliveiros lhe disse: Não crêas que tal faça, pois não me hei de confiar de ti. — Ferrabraz respondeu: — Com muita segurança te podes confiar de mim, que nunca já mais coube no meu coração vileza, nem traição alguma: e saltando Oliveiros fóra do cavallo para o ajudar a armar, lhe disse Ferrabraz: — Guarim, eu te peço que sejas Fidalgo no teu pelejar. — Nesta acção se pôde considerar estar já tocado Ferrabraz do Divino auxilio, e que Deos o queira para seu servo. E Oliveiros lhes disse: — Eu te prometto que o serei sem dúvida alguma. — E assim o ajudou a armar. —

Primeiramente vestio um couro cozido, e por cima uma muito formosa e boa saia de malha, e logo um peito de aço; e em cima de tudo isto um arnez mui resplandecente, guarnecido de muitas pedras preciosas. Vista a cortezia de Oliveiros, lhe rogou novamente Ferrabraz que deixasse a batalha, e que elle lhe offerecia toda a honra della. Porém Oliveiros lhe disse: Turco, não me tornes a fallar mais nisso; porque te hei de levar ou morto, ou vivo a Carlos Magno.

Então Ferrabraz cingio a espada chamada *Plotança*, e tinha outras duas no arçõ da cella, uma chamada *Baptizo*, e outra chamada *Braba*; as quaes erãõ tão bem temperadas, que nenhum ainez, por mais fino que fosse, lhe fez móssa. Estas tres espadas fizerãõ tres irmãos, e cada um fez tres. Chamava-se um dos ditos tres irmãos *Galus*, outro *Munificas*, e outro *Aufiaz*. Este fez as espadas chamadas *Baptizo*, *Plotança*, e *Braba*; e todas estas tres tinha Ferrabraz. *Munificas* fez a espada chamada *Durindana*, que tinha Roldão; e outra chamada *Salvagina*, e outra chamada *Corante*, as quaes duas tinha Urgel de Danoá. *Galus* fez as espadas chamadas *Flanbergue*, e *Alla-clara*, as quaes tinha Oliveiros, e a outra se chamava *Joyosa*, e a tinha Carlos Magno. Estes tres irmãos parece que milagrosamente fizerãõ estas nove espadas, pois nem antes, nem depois fizerãõ outras tão boas, e perfectas.

E cingida a espada disse Oliveiros a Ferrabras que montasse a cavallo; porém elle o não quiz fazer até que não vio a Oliveiros montado; e então Ferrabraz sem pôr pé no estribo, saltou ligeiramente no cavallo, e era cousa espantavel vêr a grandeza daquelle Gigante, que posto a cavallo, e armado, parecia um grande monte, pois tinha quinze pés de comprido: poz um escudo de aço pendurado ao pescoço, com a Imagem do seu Idolo Apollo; e encommendando-se a elle, voltou para Oliveiros com terrivel semblante, meneando a lança, como se fõra uma palha.

Oliveiros então disse: Turco, cuida este dia em ser bom Cavalleiro, porque tenho esperança naqu elle que pelo genero humano padeceo Paixão,

e morte, de te levar morto, ou vivo a Carlos Magno; e posta a lança no recto, lhe disse que se defendesse.

Vendo Ferrabraz que não se escuzava a batalha, fincou a lança no chão, foi para Oliveiros, e lhe disse: peço-te, que me declares se és Roldão, ou Oliveiros, ou algum dos doze Pares, porque a tua grande ousadia, e valôr me faz crêr que és algum delles.

Oliveiros lhe disse: Não sei, Turco, quem te ensinou a conjurar um Christão, pois mais fortemente me não podias obrigar a dizer-te a verdade. E assim sabe que sou Oliveiros, filho do Duque Regner, e um dos doze Pares de França. Disse então Ferrabraz: Por certo que bem conheci no teu modo, e bizarría, que eras outro, e não o que me dizias; e porque vejo as tuas armas tingidas em sangue, que do teu corpo sahe, has de fazer uma das duas cousas, ou retirar-te a curar as tuas feridas, ou beber do balsamo, que já te offereci; porque, se beberes delle, logo sararás; e assim poderás pelejar, e defender a tua vida; e eu terei por cobardia o matar-te, estando tu ferido de outros Cavalleiros.

Senhor Ferrabraz, (disse Oliveiros) agradeço te a mercê, que me fazes; mas tem por certo que não tenho necessidade, nem de me curar, nem de beber o teu balsamo, deixemos praticas, e vamos á batalha, porque esta não se escusa, salvo com condição, que deixes os teus Deoses, e te baptises; e se isto fizeres, alcançarás a vida eterna, e terás por bom amigo ao Imperador Carlos Magno; e eu te prometto de nunca deixar a tua companhia. — Ferrabraz respondeo a Oliveiros: — Não

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
te canses, porque de nenhum modo hei de fazer  
o que dizes.

## CAPITULO IX.

*Como Oliveiros, e Ferrabraz começárão a batalha  
e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros.*

Postos em ordem os dois Cavalleiros, rogou outra vez Ferrabraz a Oliveiros que bebesse do balsamo, porém Oliveiros disse: — Ferrabraz, não te quero vencer por virtude do balsamo, senão com as armas como Cavalleiro. — Dito isto, tomárão ambos campo, e do primeiro encontro ficarão as lanças em pedaços: logo puxárão as espadas, e pelejarão de tal sorte, que entre elles se não conhecia vantagem, do que Ferrabraz ficou muito admirado, ainda que estavam apartados grande distancia do Exercito, com tudo Carlos Magno, e os mais Cavalleiros os vião pelejar.

Vendo o Imperador o perigo, em que estava Oliveiros, entrou no seu Oratorio, onde tinha um Crucifixo, e posto de joelhos com muita devoção, lhe disse: — Meu Deos, e meu Senhor, eu te rogo humildemente queiras ajudar a Oliveiros, que por augmentar a tua Santa Fé, está em grande perigo — Neste tempo estavam os dois Cavalleiros muito ferozes na batalha, de tal sorte, que sahião das armas centelhas de fogo; e estando já cansados, se retirárão para descansar um pouco; mas tornando á batalha, deu Oliveiros tal golpe em Ferrabraz, que toda a pedraria preciosa lhe cahio, e ficou tão atordido da pancada que perdeu as estribeiras, e redea do cavallo, e quasi esteve a cahir por terra. Vendo Carlos Magno, e os seus Cavalleiros este golpe, tiverão grande contentamen-

to, e então disse Roldão: — Oh Oliveiros, meu especial amigo, e companheiro! Provera a Deos que estivesse eu agora em teu lugar, para dar fim á batalha: não porque tu não sejas sufficiente para maiores empresas, se estivessees sem essas graves feridas: mas receio que a falta de forças te abrevie mais depressa a morte, pois o Gigante é muito valente. — Estas palavras ouviu Carlos Magno, e lhe disse: — Roldão, melhor fôra que tu fosses á batalha, porque estavas em saude perfeita, e não Oliveiros, e se elle morrer, nunca me ha de esquecer a tua inobediencia. —

A isto não respondeo Roldão cousa alguma. Ferrabraz tornando em sí, e cobrando os estribos, e redea do cavallo, deitando escuma pela boca, e sangue pelos olhos, tirada a viseira, e chamando pelos seus Deoses, que o ajudassem, se foi para Oliveiros com a espada chamada *Baptizo*, e lhe deo tal golpe, que cortando-lhe os laços do elmo, lho fez cahir em terra, e com o mesmo golpe lhe ferio o cavallo perigosamente, e resbalando a espada ferio uma perna a Oliveiros, o qual ficou deste golpe tão atordado, que certamente cahira do cavallo, senão se abraçára com o arção da cella: e entre sí então disse: — Oh meu Deos, que cruel golpe foi este! Oh Virgem Santissima, roga a teu amado Filho não permitta que eu morra ás mãos deste Turco.

Lê para descansar tirou a viseira, e quando Ferrabraz o viu tão demudado lhe disse: — Oliveiros, nobre Cavalleiro, já sabes como corta a minha espada, e assim toma o meu conselho, vai curar-te das feridas; porque se porhas nesta batalha, não viverás uma hora, e assim marda-me

a Roldão, ou a outro qualquer dos doze Pares, que eu aqui esperarei a pé firme; e isto has de fazer, antes que mais experimentes as minhas forças. —

Oliveiros, todo cheio de cólera, e apertando a espada na mão, lhe disse: — Todavia me ameaças? — E dizendo isto, forão logo avançando um para o outro; e pelejarão tão fortemente, que subião pelo ar as faiscas de fogo, que sahião das suas armas; e sem descansar um minuto, não se distinguião uns golpes dos outros, e fazião tal estrondo, que parecião ferreiros malhando ferro.

Estava Carlos Magno espantado de tão cruelissima pendencia; e entrando no seu Oratorio com perfeita fé, começou a dizer: — O' poderoso Deos, que por nós outros padecesstes Paixão, e Morte, serve-te pela tua Divina misericordia de ajudar a Oliveiros, para que não acabe a vida nas mãos de teu, e seu inimigo. — Neste tempo não cessavão de pelejar, de tal maneira, que Ferrabraz cortou um arco de aço dourado, que tinha Oliveiros ao redor do elmo, e lhe cahio sobre os olhos, e o golpe lhe abriu as armas, e o ferio no peito.

## CAPITULO X.

*Como Oliveiros fez Oração a Deos, que o guardasse, e favorecesse contra o Turco.*

Estando Oliveiros mal ferido, e só com a esperança no soccorro de Deos, começou a exclamar desta maneira: — O' meu Deos, e Senhor, Principio, Meio, e Fim de todas as cousas; tu, que doendo-te da perdição do genero humano, baixaste ao Mundo, e tomas-te humana carne no ventre Virginal da Santissima Virgem Maria Senhora

nossa; e os Judeos, invejosos te cravárão na Cruz, e estando nella te abriu Longuinhos com uma lança o teu Santo Peito, e delle sahio sangue, e agoa, (que é figura do Sacramento) e cubindo nos olhos do cégo Longuinhos, recuperou a vista, que tinha perdida, e crendo em ti, se salvou, e o teu Santo Corpo foi sepultado em um monumento de pedra; e ao terceiro dia resuscitas-te, e á vista dos teus Discipulos, subis-te ao Ceo. Assim, Senhor, como firmemente creio isto, te peço queiras ser em minha ajuda contra este Turco, porque vencido se converta, e creia em ti, e entre no verdadeiro caminho da sua salvação. —

Dito isto, com firme esperanza em Deos. beijou a Cruz da espada, e se moveo para Ferrabraz, o qual tinha ouvido com muita attenção tudo o que Oliveiros tinha dito; e rindo se, disse: — Por tua vida, Oliveiros, te peço que me declares, o que agora dissestes com tanta devoção. — Oliveiros lhe disse: — Provera a Deos, Ferrabraz, que creesses tu em o que eu disse, como eu creio, e que deixasses os abusos dos teus falsos Idolos, e conhecesses o teu verdadeiro Creador, e Redemptor, e recebesses o Santo Baptismo. —

— Nisso não falles, (disse o Turco) porque os meus Deoses são piedosos para quem os chama, e vejo que o teu Deos não te quer ajudar em tão grande necessidade: por onde te dou de conselho, que deixes o teu Deos, e te faças Mouro — Oliveiros lhe disse: — Turco, simplesmente fallas em dizêr-me que deixe ao Creador do Ceo, e da Terra, isso só fazem os cégos do entendimento, aos quaes traz o Demonio enganados, como te tras a ti, e aos teus; e deixemos razões, vamos á bata-

Iha, porque não descançarei até dar-te a morte, ou levar-te preso a Carlos Magno — E logo remettêrão um com outro, com tanta ferocidade, que parecião dois bravissimos leões, e Ferrabraz deo a Oliveiros um tão grande, e cruel golpe, que não podendo suspender a espada, lhe ferio o cavallo na cabeça, o qual, espantado da pancada, largou a correr com tal furia pelo campo, que fez as redeas em pedaços, sem que Oliveiros o pudesse fazer parar. E vendo Ferrabraz que Oliveiros não podia suspender o cavallo, deo de esporas ao seu, e pondo-se diante, o fez socegar.

Quando Oliveiros vio a Ferrabraz junto a si, entendeo que o queria segurar para o ferir, e saltando mui ligeiramente em terra, Ferrabraz lhe disse: — Não creias, Oliveiros, que levante a minha espada para ferir-te, em quanto estiveres a pé, porque tu não tens culpa da falta do teu cavallo; e assim concerta as redeas, e monta nelle, e tornaremos á batalha, se quizeres; e se a queres deixar para outro dia, nesse campo te esperarei sem dúvida. — Oliveiros lhe respondeo: — Ferrabraz, nobre Cavalleiro, não ha de cessar a batalha sem a morte, ou vencimento de um, ou de outro. —

Concertadas as redeas do cavallo, montou Oliveiros de salto nelle com tanta ligeireza, que parecia que voava, e começárão uma escaramuça, rodeando-se um ao outro para melhor se ferirem. Tropeçou nesta escaramuça o cavallo de Ferrabraz e cahio em uma cova, ficando Ferrabraz debaixo, de tal sorte, que não podia sahir para fóra de nenhuma maneira; o que vendo Oliveiros, saltou em terra, e tomando o pelos braços, o ajudou a er-

guer, e lhe disse que cavalgasse, e tornasse para a batalha.

Então cavalgou Ferrabraz ligeiramente no cavallo, e disse a Oliveiros: — A tua bizzarria, e nobreza me faz perder o desejo desta batalha; e assim te peço por mercê que a deixes, e leves a honra della. — Oliveiros respondeo: — De nenhuma maneira a deixarei salvo se quizeres ir prisioneiro a Carlos Magno. — E como Ferrabraz não quiz, continuarão na peleja, e deo Ferrabraz tão grande pancada em Oliveiros, que lhe fez reben-tar o sangue pelos narizes.



## CAPITULO XI

*Como Oliveiros á força de armas ganhou o Balsamo a Ferrabraz.*

Quando Ferrabraz vio voltar a Oliveiros com tão magnanimo coração para a batalha, lhe disse: — Oliveiros, por certo que estou admirado do teu grande valôr, e esforço. Muito quizera que gozasses a tua nobre mocidade, e por isso te tenho pedido muitas vezes que deixasses a batalha; o teu enganado coração arde no desejo de pelejar, desprezando os guipes da minha forte espada, e aborrecendo as minhas razões, e práticas, attribuindo a cobardia o que é generosidade da minha pessoa, ou nobreza do meu Real sangue que me obriga a dizer-te a verdade. E assim, já que tanto foges do que todos os viventes desejão, que é o viver, encommenda a tua alma ao teu Deos, porque o teu cansado corpo já não terá esforço para livrar-se do furor do meu forte braço. —

Ainda não crão bem acabadas estas tão soberbas, e arrogantes palavras, quando Oliveiros, a-

perutando a espada na mão, e coberto com o seu escudo, se foi para Ferrabraz; e levantados ambos os dois valerosos Cavalleiros sobre os estribos, derão tão terriveis golpes; e com tanta força, que ambos cahirão perdidos os sentidos, sobre os arçõs das cellas, e da grande força sincãrão os cavallos os joelhos no chão, e duas partes dos escudos cahirão em terra; e foi o golpe; que deo Ferrabraz, de tal sorte, que resvalando a espada do elmo de Oliveiros, lhe partio o arnez, e o ferio no peito.

Vendo Oliveiros sahir do peito tanta abundancia de sangue, disse: — O' verdadeiro Deos Todo Poderoso; ouve este indigno servo teu, que te chama na sua ultima hora. Não peço, Senhor, o vencimento da batalha, sómente te peço, que esta peccadora alma, resgatada com o teu precioso sangue, não perca a gloria, que promettestes ás tuas creaturas. O' Virgem bemdita, Mãe de Misericordia, roga pelo teu Cavalleiro, que te chama em tão grande necessidade. —

Dito isto, se cobrio com a parte do escudo, que lhe tinha ficado, e foi para Ferrabraz, dizendo: Eia, Cavalleiro, demos já fim a esta dilatada batalha, e procura defender-te, que se fico no campo morto, farei que te não vás gabar a povoado. — Quando Ferrabraz o vio tão demudado, assim na falta, como na côr do rosto, lhe disse: Oliveiros, nobre Cavalleiro, chega te a mim, beberás do meu balsamo, e cobrarás saude, e toda a força, que tens perdido. — Oliveiros lhe disse: generoso Turco, adverte que não hei de beber do teu balsamo, se com a minha espada o não ganhar.

Logo como leões ferozes se foi um para o ou-

tro, e os golpes foram taes que lançarão as armas taes faiscas, que do exercito de Carlos Magno se vio o fogo, que sahia dellas; e Oliveiros acertou em uma peina de Ferrabraz, da qual ferida lhe sahio immensidade de sangue. Vendo se o Turco, com tão grande ferida, se desviou de Oliveiros um pedaço, e bebeo muito depressa do balsamo, e ficou sanissimo, de que Oliveiros ficou muito triste, e com grande furia deo um golpe em Ferrabraz, e cobrindo-se este com o escudo resvalou a espada, e de ceo o golpe até o arção da cella, e cortou as cadêas, em que estavam prezos os barris do balsamo, e cahirão ambos no chão, de que se espantou o cavallo de Ferrabraz, e se desviou de Oliveiros, tanto, que teve lugar de aprear-se, e beber do balsamo á sua vontade, e logo se achou com saude, como se nunca houvesse estado ferido: disto deo Oliveiros infinitas graças a Deos, e disse entre si: — Nenhum bom Cavalleiro deve pelejar com esperanza de taes bebidas. — E tomou os barris, e os lançou em um caudaloso rio; que estava perto. = (E se lê em um livro da lingua Toscana, que falla deste Ferrabraz, que nos dias de São João, apparecem os barris em cima da agua.)

Quando Ferrabraz vio os seus barris perdidos, com grande raiva disse a Oliveiros: — Oh homem simples, e sem juizo? Porque deitastes a perder o que com todos os thesouros do mundo se não pôde comprar? Aparenta-te pois, que entendo que bem os haverás mister: E dizendo isto, se foi para elle com grande ferocidade; e se derão mui grandes golpes; e um, que deo Ferrabraz, foi com tanto impeto, que resvalando a espada do escudo

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
de Oliveiros, lhe acertou no pescoco do cavallo, e  
lho cortou cerceo.

## CAPITULO XII.

*Como os dois Cavalleiros derão batalha a pé, e  
Carlos Magno, rogou a Deos por Oliveiros.*

Como Oliveiros se vio sem cavallo, ficou muito triste, e disse a Ferrabraz: — O' Rei de Alexandria, e valente Cavalleiro, valerosamente te has havido hoje contra mim. Tu te gabaste que a cinco Cavalleiros juntos, taes como eu, darias batalha, e me mataste o cavallo, sabendo que na ordem da Cavallaria está instituido, que o Cavalleiro, que em desafio matar o cavallo ao outro, deve perder o seu. — Ferrabraz lhe disse: — Dizes a verdade, porém bem viste que eu não atirava ao teu cavallo; mas não ficarás queixoso de mim espera que eu te dou o meu, e sabe que é o melhor que á no mundo, e estou admirado como te não despedaçou, tanto que te vio a pé, que assim o tem feito a outros muitos Cavalleiros. — E logo se apeou para lho dar; porém Oliveiros lhe disse: — Não crêas, Ferrabraz, que hei de roceber de ti cousa alguma, salvo o que ganhar por força de armas. —

E apeados os dous Cavalleiros, começarão uma mui cruel batalha, e parecia Ferrabraz uma torre junto a Oliveiros, que era muito menor de corpo, ainda que o não era nos golpes, nem na destreza do pelejar; e continuando na batalha, atirou Ferrabraz com toda a sua força um golpe imaginando acertar na cabeça de Oliveiros; porém elle se desviou para um lado: e não se apartando do seu inimigo, deo este o golpe no chão; e an-

tes que Ferrabraz levantasse o braço, lhe deu Oliveiros um grande golpe, de que ficou atordoado, e sem sentidos; e com a grande força que Oliveiros poz em ferir a Ferrabraz, se lhe adormeceu o braço, e mão, e lhe saltou a espada fóra; e coberto bem com a parte do escudo, que lhe tinha fido, se abaixou para a tomar; porém o Turco; que estava perto, e já alliviado, lhe deu a seu salvo tal golpe, que a pequena parte do escudo, que tinha, lho foz em pedaços, e ficou Oliveiros sem escudo, e sem espada, e o braço atormentado do golpe.

Tudo isto vio Guarim seu Escudeiro, que estava em uma alta Torre vendo a batalha; e com grande choro, e lagrimas entrou aonde estava Carlos Magno, e disse: Que via a Oliveiros seu amo sem armas, e o Turco bem armado procurando dar-lhe a morte. Ouvindo isto Carlos Magno, e Regner Pai de Oliveiros, e os mais Cavalleiros, que estavam todos juntos, ficarão com muito sentimento; e logo Roldão tomou o escudo, e espada, e posto de joelhos diante de Carlos Magno, lhe pediu licença para ir socorrer a Oliveiros; porém o Imperador o não quiz consentir, dizendo que seria estranhado entre os Cavalleiros, porque só por um fóra desafiado.

Entrou logo o Imperador no seu Oratorio, e posto de joelhos diante de JESU Christo crucificado, disse: — Senhor, pela tua infinita Misericordia te peço, que ajudes, e favoreças a Oliveiros, que pela tua Santa Fé está em grande perigo. — Acabada a Oração, ouviu uma suavissima voz, que disse: — Carlos Magno, não te allijas pelo teu Cavalleiro, que ainda que seja tarde, ha

de ganhar a victoria. — Ouvindo o Imperador tão soberano annuncio, deu a Deos louvores infinitos, e com grande alegria sahio para fóra, e contou tudo a Regner pai de Oliveiros, que estava com grande tristeza, e sentimento por seu filho.

Quando Ferrabraz vio a Oliveiros sem espada, e sem escudo, e que não ousava baixar-se a tomar a sua espada, lhe disse: — O' nobre Oliveiros, Cavalleiro de grande honra, por certo que tenho alcançado alguma cousa do que desejava sobre ti, e tu não imaginavas, e assim bem te podes já dar por vencido porque estás sem espada, e não te atreves a tomalla. Mas para que possas lograr-te da tua mocidade, deixa a tua Lei, e adora os meus Deoses que desta maneira poderás evitar a morte, e casar-te-hei com minha irmã Floripes, que é a mais formosa Dama, que á em toda a Turquia: se isto fizeres, antes de um anno voltaremos com um grande Exercito, e ganharemos todo o Reino de França, e te farei corôar Rei del-le; e depois entraremos por toda a Alemanha, e tudo o que ganharmos será teu; e das terras que eu possuo te darei uma grande parte —

Oliveiros lhe respondeo: — Turco, de balde fallas, pois ainda que me desses todos os Reinos, e thesouros do Mundo, não faria tal antes consentira que me despedaçassem todo o corpo, membro por membro, pedaço por pedaço, o que de crepar, nem fugir um só ponto da Lei do meu Deos. Ferrabraz lhe disse: — és o mais obstinado homem do mundo! pois que nenhum perigo, te ha feito mudar o proposito, e assim te podes gabar que nunca homem algum durou tanto tempo diante de mim, nem em alguma batalha fui tão com-

batido, e cançado, como nesta tenho sido; e pelo teu grande valôr uso desta cortezia contigo. Toma a tua espada, e com ella torna á batalha, que eu deixarei o escudo, para que fiquemos ambos iguaes nas armas. —

Oliveiros respondeo: — Nobre Turco, não posso negar a tua cortezia, e nobreza; mas por tudo quanto á do mundo nunca tal farei, porque o meu proposito é acabar a batalha, e esta não terá fim sem a morte de um de nós, ou de ambos juntos: se por cortezia eu tomasse a minha espada, e com ella alcançasse victoria, ou poder sobre ti; como te poderia negar a paz, ou tregoa se me pedisses? É assim faze tudo o que puderes contra mim, porque a minha vida, ou morte deixo nas mãos de meu Redemptor.

### CAPITULO XIII.

*Como Oliveiros ganhou uma das espadas de Ferrabraz, e com ella o venceo.*

Quando Ferrabraz vio que Oliveiros não quis tomar a sua espada, se foi para elle com grande furor: tinha Oliveiros sómente para se defender um pedaço de escudo, e como vio que Ferrabraz levantou o braço para o ferir, atirou lhe com elle á cara, e quebrando lhe a vizeira, de cuja pancada deo Ferrabraz um grande grito, do qual se espantou o seu cavallo, e deo um salto para junto de Oliveiros, e voltando este para o cavallo vio que tinha duas espadas penduradas no arçõ da cella, e lançou mão a uma, que se chamava Baptizo, e voltando para o Turco, lhe disse: Ferrabraz de Alexandria, guarda-te agora de mim, que estou provido de boa espada.

Quando Ferrabraz lhe viu a sua espada na mão, disse a Oliveiros: — Cavalleiro, toma a tua espada, e deixa-me a minha. Oliveiros lhe respondeu: Por certo, Cavalleiro, que não deixarei a tua espada, até que veja se é tão boa como tu dizes, e por isso te aparelha, e vem para a batalha, porque já desejo vêr a bondade della. —

Dizendo isto, se foi um para o outro com coração intrépido, e Oliveiros deo tal golpe a Ferrabraz, que lhe fez fincar os joelhos no chão. e conheceo Oliveiros que aquella espada era muito melhor que a sua, e abençoou ao Mestre, que a tinha feito. E levantando-se Ferrabraz, e tornando para Oliveiros, foram os seus golpes taes, que em pouco tempo se achárão quasi desarmados.

Tiradas as vizeiras para descansar, teve Oliveiros lugar de vêr a cara a Ferrabraz; e vendo o algum tanto demudado, disse: — O' todo poderoso Deos, que grande bem lograria a Christandade se este infiel se fizesse Christão, porque elle, e Roldão, e eu fariamos tremer toda a Turquia: — e voltando para Ferrabraz lhe disse: — demos já fim a esta batalha. — E como ferozes leões se começaram de novo a combater; e Oliveiros deo tal golpe a Ferrabraz, que lhe desarmou todo o hombro esquerdo até o cotovelo: e Ferrabraz lhe meteo a espada pelo elmo até á carne, e lhes foi forçoso desviar-se um do outro.

Conhecendo Oliveiros que Ferrabraz estava já temeroso, e receava entrar á batalha, por ter as armas destruidas do grande golpe, com dobrado coração se chegou a elle, e levantando o braço, e espada, lhe disse: — Nobre Turco, chega para mim, e daremos fim á nossa contenda, e verás

que já não terão os teus Deoses poder para te libertar dos meus golpes. — Ferrabraz lhe respondeo: — Agora verás se o teu Deos tem poder. — e andando-se pelejando, vio Oliveiros que Ferrabraz sempre levantava o braço esquerdo, porque não o ferisse no hombro desarmado; e vio que junto da ilharga lhe saltava uma peça do arnez; e levantando a espada fez apparencia de lhe tirar um talho no hombro; e como o Turco levantou o braço, lhe tirou Oliveiros um revez, e voltando o corpo o ferio na ilharga desarmada.

#### CAPITULO XIV.

*Como Ferrabraz foi vencido, e se converteo, e como Oliveiros batalhou com os Turcos.*

Ferrabraz como se vio com tão cruel, e quasi mortal ferida, illuminado da graga do Espírito Santo, conheceo o erro dos Turcos; e posta a mão esquerda sobre a ferida, disse a Oliveiros: — O nobre Cavalleiro, por honra do teu Deos, o qual confesso ser verdadeiro, e Omnipotente, te rogo que não me deixes morrer, sem que primeiro receba o Santo Baptismo, e depois faze de mim quanto quizeres, pois que me venceste em muito leal batalha; e porque mostravas grande desejo de vêr-me Christão, cuida muito na minha vida, e cura-me esta ferida, que bem vêes que me estou esgotando em sangue, e se não, morrerrei diante de teus olhos, e será minha alma perdida. —

Teve Oliveiros tanto pezar, como contentamento de vêr a Ferrabraz convertido, que com o grande gosto lhe rebentáão as lagrimas pelos olhos, e com grande amor lhe curou a ferida o melhor que pôde. Então disse Ferrabraz: — Oliveiros,

convém muito, para que a minha alma se salve, que montes no meu cavallo, e me ajudes a subir nas ancas, ou atravessado sobre o pescoço, e me leves com brevidade, porque se te detivesses algum tempo, temo que não tenhas poder para valêr-te a tí; nem ao menos para levar-me aonde tanto desejo ir; porque esta manhã deixei déz mil Turcos emboscados de trás deste monte; e, vendo-me vencido, sahião todos contra ti para eu ser resgatado; o que já não quero, senão viver na fé de JESU Christo. —

Quando Oliveiros ouviu isto, teve grande pena, tanto pelo desejo de vêr Christão a Ferrabraz, quanto pelo perigo da sua vida; e logo cavalgou com Ferrabraz, que lhe disse: — Oliveiros, agora tens quatro éspadas, que valem quatro Cidades. — E assim se puzerão a caminho.

Olhando Oliveiros para o monte, aonde Ferrabraz tinha deixado a sua gente, viu sahir um Cavalleiro armado com todas as armas, e o vinhão seguindo soldados, dando vozes, e alaridos. Vendo Oliveiros o tumulto, teve grande sentimento por não ter tempo de pôr a Ferrabraz em salvo; e não menos pezava a Ferrabraz, porque queria ser Catholico; e nesta confusão, disse Oliveiros: — Senhor Ferrabraz, perdoa-me; mas bem vêes que é preciso que te apêes do cavallo, porque não se escusa haver batalha com os Turcos, que vem contra mim, talvez imaginando que te levo por força. — E desviando-se da estrada, pôz Oliveiros a Ferrabraz junto a uma arvore, e tomou o seu elmo, e outras armas, que o acabárão de armar, e se despedio d'elle com muitas lagrimas.

Voltando para o caminho, por onde os Turcos

vinhão, vio vir um muito dianteiro, que foi o primeiro que tinha sabido do monte, e estando Oliveiros sem lança, esperou a seu inimigo, que com uma grande lança vinha para elle; e chegando-se um para o outro, imaginou o Turco ferillo a seu salvo; porém Oliveiros, desviando o corpo, se chegou a elle, e lhe deo tal golpe, que ficou o Turco sem sentidos, e quasi cahindo do cavallo abaixo; e pegando-lhe Oliveiros por um braço, lhe tirou o elmo, ou capacete da cabeça, e lhe deo tal pancada com a maçã da espada, que lhe fez saltar os miolos fóra; lhe tomou a lança, e se foi para os mais Turcos, e nelles fez tal estrago, que senão lhe matassem o cavallo, e despedaçassem as armas, é certo que nenhum ficava vivo, salvo os que fugissem, que tanto ajuda Deos a quem de coração pèleja pela sua Santa Fé.

## CAPITULO XV.

*Como Oliveiros foi preso, e tapados os olhos foi levado á presença do Almirante Balão.*

Achando-se só Oliveiros, e a pé entre tanta quantidade de Turcos, e sem esperança de viver, nem soccorro de Carlos Magno, por não ser sabedor de tal successo, andava entre elles como lobo raivoso, matando, despedaçando elmos, e desguarnecendo arnezes, de sorte que todos os Turcos estão admirados dos seus golpes; porém acudindo tanta quantidade de Turcos, que estando já cansado, e a maior parte do seu corpo ferido, o derrubárão no chão, e lhe atárão as mãos atrás, e tapando-lhe os olhos, o montárão em uma aze-mola, e o levárão ao Almirante, com toda a pressa.

Vendo-se Oliveiros tão mal tratado, e sem es-

perança alguma de soccorro, disse: — O' Carlos Magno, aonde estás agora? O certo é que não sabes a grande necessidade, em que está o teu leal Cavalleiro O' nobre Roldão, se os meus infortúnios tem já chegado á tua noticia, porque tardas com o soccorro? Adverte que me levão aonde, sem temor do teu auxilio, me podem dar vituperiosa morte.

O' Pares de França, porque vos esqueceis do vosso leal companheiro? O' Christãos, os que nas perigosas, e tyrannas batalhas muitas vezes tivestes o soccorro de Oliveiros, apressai-vos, e vinde soccorrer-me. Sempre, amado, e querido Pai, objecto unico do meu coração, cada vez que me vias armado te tremião as carnes com o temor da minha morte; e principalmente quando sabí á batalha com o nobre Ferrabraz, pelo muito amor que me tinhas.

O' misericordioso Deos, serve-te de consolar o meu velho Pai, que hoje perde um só filho que tinha, e guardar a teu servo, e convertido Ferrabraz. —

Era o ruido das gentes tão grande, que o sentião os Christãos; e Carlos Magno, receando o perigo de Oliveiros, sahio com mui pouca gente, e não bem armada, ao campo, e derão tão cruel batalha, que em breve tempo morrerão tres mil Turcos; porém acudio tão grande número delles, que chegando á noite se achárão os Christãos cercados, e muitos mortos, e forão prezos, e maltratados quatro dos doze Pares

Quando Roldão vio que a sua pouca gente estava sem fôrma, e mettida entre tão grande número de Infieis, começou a juntalla, não sabendo

da prisão dos quatro Cavalleiros; mas quando vio que lhe faltavão, formou, e pôz em boa ordem os Christãos, e elle diante, e forão em seguimento dos Turcos, que já hão fugindo com a preza dos cinco Cavalleiros dos doze Pares, e foi tal a matança, que fizeram nos Turcos, que corrião regatos de sangue pelo campo, e os Christãos, que seguião a Roldão, não podião passar adiante por lho impedir a grande quantidade de corpos mortos, e de tal sorte, que lhe impedio o poder alcançar os Cavalleiros prisioneiros. Recolhida a gente por Roldão, se tornarão para o campo, onde tinhão começado a batalha, e estiverão até amanhecer.

### CAPITULO XVI.

*Como Ferrabraz foi achado no campo, e Carlos Magno o fez baptizar, e curar as feridas.*

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno que fossem buscar todos os Christãos, que se achassem mortos no campo, e que fossem enterrados com toda a honra devida aos que crêm na Fé de Christo; e quando vio o número dos mortos, chorou amargosamente, como tambem pelos seus Cavalleiros, que estavam presos em poder do Almirante, e mandou que todos os feridos fossem curados. Feito isto, mandou a Roldão que passasse mostra a toda a gente, e mandasse armar de todo o necessario, e assim andavão os Christãos pelo campo desarmando os mortos para armar os vivos, e tomando os cavallos, que andavão soltos.

Andando nesta diligencia acharão a Ferrabraz junto da arvore, aonde o tinha deixado Oliveiros, o qual, pelo muito sangue, que tinha derramado, estava quasi morto; e alentando-se quanto pôde,

dizia: — O' Jesus consolação dos afflictos, não permittas que assim acabe este convertido Turco. — E os Christãos, com muita piedade o levárão aonde estava Carlos Magno, o qual logo mandou que lhe curassem as feridas; e depois que tomou algum alento, lhe disse Carlos Magno: — O' nobre Ferrabraz, quanto me tem custado a tua vida! Por ti tenho perdido cinco Cavalleiros, que cada um delles é melhor que tu. — Ferrabraz lhe respondeo: — Senhor, em quanto são Christãos, conheço que são melhores que eu; porém no mais não, e em nenhuma cousa lhe devo a primazia se não ao nobre Oliveiros, de quem sou prisioneiro. Eu sou filho do Almirante Balão, e Rei de Alexandria, e de outras muitas Provincias; e tudo hei por bem deixar, só por ser Christão, e servir o verdadeiro Deos. —

Disto tiverão todos grande contentamento, e Carlos Magno lhe disse: — Ferrabraz amigo, eu tenho muita alegria com esta tua resolução de queres com tanto affecto, e de todo o coração, como mostras, abraçar, a Lei de nosso Senhor Jesus Christo; e assim vai para Marmionda, aonde nos esperarás, que eu quero ir seguindo a batalha, e buscar os meus Cavalleiros. — Ferrabraz, então pondo-se de joelhos lhe quiz beijar a mão, e lhe disse: Senhor agora não é tempo para esta empreza, pois tens pouca gente, e está muito cansada; e meu Pai tem a esta hora avisado toda a Turquia para vir á campanha, e por isso melhor te será tornar para terra de Christãos, e fazer provimento de gente, e então poderás fazer o que intentas — A todos pareceo bem o conselho, e voltárão para Marmionda, aonde foi ba-

ptizado Ferrabraz pelo Arcebispo Turpin, e serão padrinhos Carlos Magno, D. Roldão, e o Duque Regner.

## CAPITULO XVII.

*Como Oliveiros com seus Companheiros forão levados á presença do Almirante Balão.*

Forão levados os cinco Cavalleiros com as mãos atadas, e Oliveiros tambem com os olhos tapado-, no Almirante Balão, o qual perguntou a Burlantes seu Capitão, que os trazia presos, qual daquelles era o que tinha vencido a seu filho Ferrabraz? Burlantes lhes respondeo: — Senhor, é este, que traz os olhos tapados, e é entre os Cavalleiros Christãos muito estimado, e sabe que elle só, antes que o prendessem, matou mais de tres mil Turcos; e se o soltassem, era capaz de destruir a metade do teu Exercito. —

Perguntou o Almirante a Oliveiros, quem era, e como se chamava? Respondeo Oliveiros. — Senhor, eu me chamo Egipto, pobre Cavalleiro, aventureiro, somos todos cinco da Provincia de Lorena, e viemos servir ao Imperador Carlos Magno só pelo soldo; é a primeira vez que entramos em batalha. O' Mafoma, (disse o Almirante) que cuidei que tinha cinco Cavalleiros dos principaes de França, e que teria por elles uma chave do Reino! — E logo chamou a seu Camarista Barbaças, e lhe disse: — Faze que estes presos sejam levados ao campo e despidos. seja atado cada um a seu páo, e se lhe dê cruel morte. — Disse então o seu Capitão Burlantes: — Senhor, será melhor enviar embaixada ao Imperador Carlos Magno, para ver se quer dár a teu filho Ferrabraz em troco destes

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
cinco Cavalleiros — Teve o Almirante o conselho  
por bom, e mandou chamar a Brutamonte seu  
Carcereiro, e lhe entregou os Cavalleiros, para que  
os tivesse presos a bom recado, pena de morte.

### CAPITULO XVIII.

*Como os cinco Cavalleiros sendo presos n'um es-  
curo carcere, os visitou Floripes, filha do Almi-  
rante Balão, e da sua grande formosura.*

Tanto que o Carcereiro teve os presos na sua  
mão, temendo que lhe fugissem os não quiz met-  
ter aonde tinha os outros, e assim os metteo em  
uma escura torre, aonde havia immensidade de  
bichos peçonhentos, e os deitou abaixo por uma  
escada de mão; e depois tirada a escada os fechou  
com um alçapão de ferro com tres cadeados mui  
grossos. Estava a torre junto a um braço do mar;  
e quando enchia a maré lhe entrava agoa dentro  
pelos canos, e essa mesma noite ficarão chejos de  
agoa até os peitos, e assim padecêrão grande pre-  
juizo principalmente Oliveiros, porque tinha mui-  
tas feridas, e com a agoa salgada padecia gravis-  
simas dôres; e vendo-se em tão grande afflicção,  
começou a dizer: — O' homem mal affortunado,  
mais te valera não ter nascido, que vêr-te agora  
miseravelmente acabar a vida nesta masmorra. —

Disse então Geraldo de Mondifer: — Senhor  
Oliveiros, consola-te com Deos, que nunca desam-  
parou aos seus Fiéis; e tenho nelle confiança, que  
ainda me hei de vingar desta vil canalha. — Oli-  
veiros lhe disse: — Se eu pudera daqui sahir com  
armas, assim ferido como estou, eu poria ao Al-  
mirante, e a sua gente em tal aperto, que lhe ha-  
via de pezar de me ter no seu Reino.

Estando os Cavalleiros nestas razões, os escuta a Floripes filha do Almirante Balão, e irmã de Ferrabraz, a qual era a mais formosa Dama daquela terra, de idade de dezoito annos, muito prespicaz, e sábia, branca como a neve, as faces côr de rosa, as sobranceiras, e pestanas negras, os olhos grandes, o nariz afilado, a boca pequenina, os beiços côr de rubim, os dentes brancos, a barba quasi redonda com uma cova no meio, os cabellos côr de ouro, os hombros direitos, e mui iguaes, segundo a boa proporção de seu corpo. O vestido que trazia, o qual lhe tinha feito uma fada, ou feiticeira, e tinha tal virtude, que na casa aonde estava não podia haver peçonha de qualidade alguma; e se a havia, perdia logo a sua virtude venenosa; e trazia um habito á Turquesca aberto pelos lados, todo bordado de ouro, e coberto de riquissima pedraria, feito na Ilha de Colcos, e tinha tão suavissimo cheiro, que só com alle podia quem o cheirasse estar tres dias sem comer, nem beber.

Tendo esta nobilissima Senhora ouvido queixar os Cavalleiros prezos, e movida de compaixão e não menos ferida do amor do nobre Gui de Borghona, (como adiante diremos) determinou fallar com elles, para o que mandou chamar o Carcereiro, e lhe disse: — Dize Brutamonte, que homens são aquelles, que em tão estreitas prizões encerraste? — Respondeo Brutamonte: — Senhora, são os Cavalleiros de Carlos Magno, os quaes nunca cessão de destruir a nossa gente: entre elles está um, que venceo a teu irmão Ferrabraz. —

Disse então Floripes: — Brutamonte, abre a porta, que quero fallar com elles. — Respondeo

Brutamontes: — Senhora, não é conveniente que lá vás fallar-lhe: porque o lugar é muito mal cheiroso, e porque teu Pai me tem mandado, pena de morte, que não deixe fallar aloguem com elles.— Disse ella: — Não me repliques, abre a porta, que quero fallar com elles. — Brutamontes disse: — Perdoa-me, Senhora, que não hei de consentir que lhe falles, salvo se sôr diante de mim, porque muita gente boa se destruiu, e ainda morreo, por se confiar de mulheres. —

Incendida Floripes em grande ira, disse: — Villão atrevido, abre a porta, e ouvirás, se quizeres, o que eu lhes disser. — Foi-se o Carcereiro todo temeroso de abrir a porta, e Floripes tomou um bom bastão, e o metteo debaixo do habito, e chamou um Escudeiro, de quem se confiava muito, e com elle se foi para a Torre; e estando Brutamentes esperando-a, tanto que chegou, foi para abrir os cadeados do alçapão, e neste tempo lhe deo Floripes com o bastão na cabeça tal pancada, que deo com elle morto em terra, e tomando-lhe as chaves abriu o alçapão, e mandou ao Escudeiro que lançasse o morto dalli abaixo, o que elle logo fes, do que ficárão os Cavalleiros admirados. —

Morto o Carcereiro, e aberto o alçapão da Torre, mandou Floripes ao seu Escudeiro, que trouxesse uma tocha acesa; e tanto que os vio muito bem, os saudou, e lhes disse: — Cavalleiros, eu vos rogo, pelo amor que tendes ao vosso Deos, que me digais a verdade, do que vos quero perguntar. — Oliveiros lhe respondeo. — Senhora, pelos favores que só da tua vista temos recebido, te promettemos dizer a verdade do que nos perguntares,

e soberanos, ainda que nos fuste o perder as vidas. — Disse Floripes: — Que favor é o que da minha vista tendes recebido, não sabendo se venho para remediar a vossa prisão, ou para sentenciá-vos á morte; pois se a minha vinda se soubesse, é certo que vos causaria maior castigo do que tendes, e assim não me quero dilatar mais nestas práticas; dize-me quem és, e a linhagem doude procedes, e também dos outros que contigo estão, sem que faltes á verdade. —

Oliveiros respondeo: — Senhora, eu me chamo Oliveiros, filho do Duque Regner, vassallo do Imperador Carlos Magno. — Ella disse: — Tu vencestes a meu irmão Ferrabraz? E elle lhe respondeo: — Sim, Senhora, porém foi em muito leal batalha, e de sua propria vontade se fez Christão; e estes Cavalleiros são todos de mui nobre sangue, e nos chamão os doze Pares de França. — Ella perguntou. — Se estava alli Gui de Borgonha? — Elle disse: não está aqui ficou com o Imperador. —

Então disse a formosa Floripes: — Cavalleiros, dais-me todos cinco a fé de fazer o que vos disser, e ajudar-me para nina empresa, que me é necessaria? — Respondeo Oliveiros: — Senhora, por mim, e por todos estes que comigo estão, te dou a fé como Cavalleiros de te favorecer em tudo quanto nos mandares, com tanto que não seja contra a nossa Lei; e se fôr cousa, em que seja necessario ir com as nossas pessoas, manda-nos prover de armas, que para levantar-te com o Reino, e lançar fóra delle os teus parentes, não has mister mais gente que nós outros. —

Floripes lhe disse: — Como fallas assim, Ca-

60 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
valleiro, ameaçando os que estão soltos, estando tú, e os teus companheiros presos, e assim mais vale callar, do que loucamente fallar. — Geraldo de Mondifer lhe disse: — Senhora, é tanto, e tão grande o desejo que Oliveiros tem de servir te, que não o deixa callar, — Floripes lhe respondeo: — Muito bem sabes desculpar o teu companheiro: fícai-vos, Senhores, em boa hora, e não vos entristeçais, que esta noite vos tirarei desta masmorra.

### CAPITULO XIX.

*Como os cinco Christãos forão tirados da Torre por mandado de Floripes, e levados á sua Camara.*

Chegando a noite, foi Floripes só com o seu Escudeiro para a Torre, e levárão uma corda grossa, e um páo mui bem atado nella; e aberto o alçapão, lançárão a corda abaixo, ficando o páo na boca do alçapão, para sustentar a corda, e logo, á rogo de todos, subio Oliveiros primeiro, e depois de estar em cima, se poz de joelhos diante de Floripes, que lhe disse: — E's tu o que estando preso em poder dos teus inimigos os amiaças? — Respondeo Oliveiros: — Senhora, com a esperança de servir-te tenho por grande fortuna o ser teu prisioneiro.

Ella então lhe disse: que subissem seus companheiros; e subidos, os abraçou, e tomando a Oliveiros pela mão, e o Escudeiro diante, forão para a sua camara, cuja entrada era mui rica: tinha tres escadas de ouro, e as portas de marfim com pregos de finissimo éuro, e lavradas á Mourisca, engastadas com pedras preciosas, o tecto da camara tinha pintado o Ceo com todos os

Planetas, e no meio delle estava pendurada a figura de Mafoma da grandeza de um homem, todo de moçoouro; debaixo dos pés, tinha o Sol, e a Lua, e na mão direita dois dardos, fazendo figura de atirar com estes aos Christãos. As paredes erão todas lavradas de fino ouro, e azul, e nellas estavam pintados todos os Reis, e Rainhas dos Mouros, tudo feito com o melhor primor da arte pelos mais insignes Mestres.

Tanto que os Cavalleiros entrárão na camara, ficárão todos admirados de tanta variedade de pinturas, riquezas, e cousas preciosas, e não se sa-ciavão de empregar-lhe a vista, excepto Oliveiros, que só a empregava na formosura, e gostosa alegria de Floripes, e ella lhe perguntou: O que lhe parecia da camara? Oliveiros lhe respondeo: Que a não havia visto, dando-lhe a entender, que só olhava para ella, e não para o lugar da camara; porém ella disfarçou, e mostrou que o não entendia; e logo foi posta uma mui rica meza, e trazidas as iguarias, comêrão os Cavalleiros, e forão servidos á meza de cinco formosas Damas, ricamente vestidas, e Floripes esteve ceando com elles, e sentada na cabeceira da meza em uma rica cadeira de marfim, toda marchetada de ouro, e de muitas pedras preciosas.

Depois de cearem, derão os Cavalleiros graças a Deos, e Floripes lhe perguntou, que era o que dizião: Oliveiros lhe disse, que davão graças a Deos pelos bens, e mercês, que lhes fazia. Ella respondeo, que era bem feito. Levantada a meza, mandou Floripes trazer um cofresinho de unicornio de grande valôr, e de dentro tirou uma caixinha de ouro fino, cheia do Manná que Deos

mandou aos Israelitas no deserto, e tirou um pouco com uma colher de ouro, e deu a Oliveiros, que estava ferido da batalha, dizendo: Oliveiros, come disto, que não te é necessario mais medicina para sarar das tuas feridas, e tomar forças: — elle o tomou com grande reverencia, e ficou sanissimo, dando infinitas graças a Deos.

Logo vierão as cinco Damas com tochas accensas, e levárão os Cavalleiros para onde havião de dormir, e Floripes se despediu delles, dizendo: — Senhores, perdoai, que por agora não tenho outros criados que vos sirvão. — E Oliveiros lhe disse: — Senhora. Deos te pagará o beneficio, que recebemos, e nós em te servirmos. —

Chegada a manhã levárão as Damas cinco vestidos, muito ricos para os Cavalleiros, feitos á Mouriscas, e Floripes mandou a Oliveiros uma roupa de ouro, e sêda forrada de purpura, e tinha toda a roda, boca das mangas, e peçoço bordadas com umas letras Mouriscas. Vestidos todos entrárão no aposento de Floripes, que os estavam esperando para os vêr á Mourisca, e a saudárão com grande reverencia. Então Floripes com risonha alegria perguntou a Oliveiros, se sabia lêr aquellas letras, que estão na roupa. Oliveiros lhe disse que não, e Floripes lhe disse: — Nestas letras está encerrada toda a seita, e lei de Maoma; por isso não sei se te chame Christão, ou Mouro. — Oliveiros respondeo: — Senhora, o habito não faz o Monge, e Deos sómente olha a vantade, com que se fazem as cousas. — Floripes se agradou muito da resposta de Oliveiros, e depois de fallarem em varias materias, tomou Floripes a Oliveiros pela mão, e as Damas aos outros Cavalleiros, e entrá-

tão em uma formosa sala; que era de Ferrabras, e de uma parte estavam com arneses muito luidos, e ricamente feitos; e da outra parte outros com preparados para Gigantes, e havia também duzentas espadas, e mais duzentos punhaes de grande valôr.

Dize-lhes então Floripes: — Eia Cavalleiros, e colha cada um as armas, que melhor o armarem, e as tenham no seu aposento para quando lhe forem necessarias. — Deixarão então os vestidos, e com muita diligencia se armarão.

Vio Oliveiros um altar naquella sala tão alto, que mal o podia alcançar um homem com a mão, o qual tinha um ídolo, ou para melhor dizer, dabo, a quem todos se encommendavão quando se armavão Cavalleiros, e tomando uma lança, saltou mui ligeiramente sobre o altar, e depois descendo, deo uma pequena carreira para uma parte da sala, e nella fincou a lança com tal força, que a quebrou em muitos pedaços. Vendo Floripes isto voltou para as Damas, e lhes disse: — Por certo que estes Cavalleiros são capazes para mui grandes proezas, e já me não admiro do muito medo, que meu Pai tem delles. —

Dando Floripes parte de ter tão valerosos Cavalleiros á sua ordem, a uma Aia velha, que tinha estado preza em terra de Christãos, e por isso os conhecia, e nomeava pelos seus nomes; depois que ouviu o que Floripes lhe disse, lhe respondeo: — Senhora, trata de ordenar algum modo, com que os tornes a metter na prisão, senão adverte que não hei de calar-me, porque estes são inimigos de teu Pai, dos nossos Deoses, e perseguidores da nossa Lei. —

Floripes logo desejou despedaçala; porém dissimulou a sua cólera com muita prudencia, e chamando-a como quem queria em segredo tomar conselho com ella, se forão para uma torre mui alta, e estando ambas sós, fez chegar a velha junto a uma janella, e tanto que a viu descuidada, a deitou della abaixo, e disse: *Vaite maldita*; e veio para onde estavam os Cavalleiros, e as Damas, as quaes lhe disserão, que a sua Aia tinha cahido na rua, e ficára morta. E Floripes por dissimular chorou muito, e juntamente as Damas, e mandou que a enterrassem com grande pompa.

Seguiu-se a cêa e depois de levantada a meza, e dadas as graças a Deos, pelos Cavalleiros, começou a dizer-lhes Floripes desta maneira: mui nobres Cavalleiros, bem lembrados estareis que me promettesteis ajudar em tudo, em que vos houvesse mister, e para isso me déstes a vossa fé. Sabei pois, que haverá dez annos que estando o Almirante meu Pai, e Ferrabras meu irmão em Roma; tive a fortuna de vêr o grande Gui de Borgonha em umas justas, e forão taes as suas proezas, que radicarão em miu um tão firme amor: que nem o tempo, nem as affrontas, nem os dominos; que d'elle tem recebido meu Pai, tiverão já mais poder para mo desarraigar do coração, pelo que tenho despresado muitos Reis, que me pedião. E é tanto assim que quando meu Pai, ou irmão vinhão das batalhas dos Christãos, e contavão o que com elle tinhão passado, se acaso nomeavão os doze Pares, me alegrava, e se ouvia nomear a meu Senhor Gui de Borgonha, me turbava, e mudava a côr do rosto, de tal sorte que temia que pelo semblante conhecessem o meu occulto amor.

E quando meu Pai, e a sua gente choravão a grande perda, que lhes tinhamo feito os Christãos, então me alegrava, e folgava o meu calivo coração, o qual prezo de amor de um só Christão, desejava a victoria de toda a Christandade.

E porque sei, que Gui de Borgonha o ha de estimar muito, por isso tenho feito por vós outros o que tendes visto, e darei modo com que voltareis para vossa terra a salvo, porque leveis minhas recomendações ao Cavalleiro: que estou apparelhada para me fazer Christã, que lhe darei muitas Reliquias, que os Christãos perdêrão, e tudo mais haveis de fazer por mim, certificando-lhe que mais sou sua, do que miinha, e lhe rogai da vossa parte, que me queira recceber por esposa. —

Tiverão os Cavalleiros grande contentamento do que lhes disse Floripes, e Oliveiros lhe respondero: — Na verdade, Senhora, que não podias achar melhores mensageiros, assim descança o teu coração, porque Gui de Borgonha ha de fazer tudo o que lhe pedir mos quanto mais isto, donde tanta honra lhe resulta. — Deixemos agora de fallar dos cinco Cavalleiros, e Floripes, e fallemos do Imperador Carlos Magno.

## CAPITULO XX.

*Como Carlos Magno mandou ao Almirante Balão os outros sete Pares por Embaixadores.*

Estando Carlos Magno muito triste pelos seus Cavalleiros, e temendo que o Almirante os mandasse matar, não ousava fazer-lhe guerra: E assim determinou mandar-lhe uma Embaixada, e para isso chamou a Roldão, e lhe disse: — Rol-

dão, eu quero que vás a Agoas mortas, e digas ao Almirante Balão, que me mande os meus Cavalleiros, e as Santas Reliquias, que lá tem, ou que não cessarei até deita-lo fóra do Reino, e dar-lhe vituperiosa morte. — Roldão lhe disse: — Senhor, o teu conselho não é bom. — Carlos Magno lhe disse: — Não trates de te escusar, porque has de ir levar a Embaixada. — Então disse Gui de Borgonha: — Senhor, adverte bem no que fazes, porque não me parece acertado que Roldão vá dessa maneira ao Almirante. — E o Imperador lhe disse: — Tu tambem has de ir com elle. — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor, sim hirei, ainda que o perigo seja maior. — Disse então Ricarte: — Bom será, Senhor, que mandes a Embaixada, mas manda outra gente, e não os Cavalleiros dos doze Pares, que queres mandar; porque se acaso te succeder algum infortunio, não falte quem te sirva, e te possa defender. — Disse então Carlos Magno muito agastado: — Todos fugis de ir! Pois agora faço juramento a Deos de mandar todos os sete dos doze Pares que cá ficarão. E como todos o virão tão enojado, e teimoso, nenhuno se atreveo a dizer-lhe mais cousa alguma.

Voltados os Cavalleiros para os seus aposentos, se armárão de todas as armas, e montados a cavallo tornárão a vir á presença de Carlos Magno, e lhe disse o Duque de Nemé: — Muito poderoso Imperador, aqui estamos todos os teus sete Cavalleiros, e te pedimos que nos digas o que havemos de dizer ao Almirante nesta Embaixada, que sem descrepar um ponto o faremos. — Respondeo Carlos Magno: — Meus muito amados Cavalleiros: Direis ao Almirante Balão, que me

mande es meus Cavalleiros, e as Santas Reliquias, que tem em seu poder, e que se baptise; e que se isto fizer, lhe prometto que possua, e lögge todos os seus Reinos em boa paz, e me terá por amigo, sempre prompto para o ajudar contra todos seus inimigos: e que não querendo fazer o que digo, tenho feito juramento de o lançar fóra dos seus Reinos, e dar-lhe vituperio-a morte. — Disse Gui de Borgonha: Poderoso Imperador, nós lhe diremos tudo quanto nos mandas dizer, ainda que por esta causa soubesse mos que haviames de perder as vidas. — Pondo-se todos de joelhos, lhe beijarão a mão, e depois voltarão para o lixercito, e se despedirão de todos os Cavalleiros, encomendando se a nosso Senhor Jesus Christo.

## CAPITULO XXI.

*Como o Almirante Balão mandou quinze Reis a Carlos Magno por Embaixadores, para que lhe desse seu filho Ferrabraz, e como os sete Cavalleiros os encontrádo, e matádo qualorze.*

Grande sentimento tinha o Almirante Balão pelo cativeiro de seu filho Ferrabraz, e entendendo que Carlos Magno lho mandaria em troco dos cinco Cavalleiros, que tinha presos, se resolveo mandar-lhe Embaixada, e para isso mandou vir quinze Reis Turcos seus feudatarios, e lhes disse: — Que fossem a Marmionda, onde estava Carlos Magno, e lhe dissessem da sua parte, que sem dilação alguma lhe mandasse seu filho Ferrabraz, e que em troco lhe mandaria os cinco Cavalleiros, que tinha captivos, e que entre elles estava o que vencêra a seu filho Ferrabraz; e que não lho man-

dando, brevemente o hiria buscar com duzentos mil homens, e não descansaria até o não deitar fô:a do seu Reino, e dar-lhe vergonhosa morte. —

Murada, um dos quinze Reis, lhe disse: — Muito poderoso Senhor, a nós não nos convém ameaçar a Carlos Magno diante dos seus Cavalleiros porque são homens muito valentes, e não hão de soffrer os nossos ameaços, mas sómente lhe diremos que te envie a teu filho Ferrabraz, que tu lhe darás os cinco Cavalleiros. — O Almirante disse: — O' cobarde, porque não has de dizer o que te mando! — Respondeo outro Rei: — Senhor, não só o que mandas, senão ainda muito mais diremos; e se acaso acharmos alguns Christãos pelo caminho, nós lhe faremos tal serviço, que os outros nos tenham medo.

Armados os quinze Reis com mui riquissimas armas, e montados em soberbos cavallos, se partirão para onde estava o Imperador Carlos Magno. Passada a ponte de Mantible, espaço de uma legoa, vinhão tratando entre si o modo como haviam de dar a Embaixada; e chegando a um alto, virão vir os Embaixadores de Carlos Magno, e disserão entre si: *Estes Christãos buscão, sem duvida, alguns Turcos para cativar.*

Os sete Cavalleiros Christãos tanto que virão os quinze Reis Turcos, ficárão muito receosos de que atrás delles viria algum poderoso Exercito, ou houvesse grande embuscada, e assim disse Roldão: Senhores, esperai aqui um pouco, que quero vêr que gente é esta, porque me parecem homens muito principaes, e se poder-mos passar sem pelejar, será melhor, para assim fazer-mos com mais brevidade a nossa Embaixada.

Picáron os seis Cavalleiros quietos naquelle lugar, e Roldão se adiantou; e como o Rei Muradas o vio só, deixando o chegar, lhe perguntou: Quem erão os sete, que buscaão em terra de Turquia? Roldão lhe respondeo: Somos Embaixadores de Carlos Magno, e levamos Embaixada ao Almirante Balão. — Disse então Muradas: Vós outros sois ladrões; é necessario que logo deixeis as armas, e atadas as mãos nas cellas dos vossos cavallos, vos levemos ao Almirante; e se acaso trazeis Embaixada, elle vos ouvirá — Disse Roldão: Senhor, eu vos daria as minhas armas de boa vontade; mas os meus companheiros não vos quererão dar as suas, porque são homens mai caprixosos, e de muito valôr. — Muradas disse: Ainda que vós outros fosseis os doze Pares, haviéis laigar as armas, ou morrer.

Roldão lhe disse: Quem sois vós, que tão ricas, e luzidas armas trazeis? Responderão elles: Somos vassallos do poderoso Almirante Balão, e Reis coroados. — Disse então, Roldão: Se vós outros tivessesis juizo hirieis pedir perdão ao grande, e poderoso Imperador Carlos Magno, e prestar-lhe homenagem; mas senão quizerdes ir por vontade, eu vos levarei por força; porque não vos bão aproveitar as vossas luzidas armas. — Dito isto, logo Roldão se cobrio com o seu escudo, poz a lança no recto, e investio com Muradas, que era o mais soberbo; e encontrando-se ambos, com a furia da batalha quebrou Muradas a sua lança no escudo de Roldão, e este lhe metteo a lança pela vizeira, e o matou ficando-lhe a lança inteira, foi para o outro, e lhe metteo a lança pelos peitos, e o matou, e mettendo a mão á espada, pe

leijou com tanto valôr, que antes de chegarem os seus companheiros a soccorrello, matou seis Reis Turcos.

Chegados os companheiros de Roldão, começaram a batalhar, e Gui de Borgonha disse: Senhor Roldão não passes a diante, que eu quero cercar e-tes Turcos de sorte, que nenhum nos escape. — Ouvindo isto um dos Reis Turcos, deixou logo os mais Reis seus companheiros na peleja, e começou a fugir á redêa solta pelo caminho por onde tinha vindo, Ricarte de Normandia foi em seu seguimento. B vendo o Turco que o seguião se desviou do caminho, e se metteo por umas montanhas, e perdendo-o Ricarte de vista, voltou para os seus companheiros, os quaes já tinham matado os quatorze Reis, e disse Roldão: — Estes já nos não hão de fazer mal; mas só me receio daquelle, que fugio, que poderá ser causa de que nós outros não tornemos a vêr Carlos Magno, pois que não podemos deisar de ir dar a Embaixada. — Disse então Gui de Borgonha: Senhores retiremo-nos do caminho, e descansaremos, e também os nossos cavallo, lá determinaremos o que havemos de fazer. —

Apartados do caminho, forão repousar em um verde, e ameno prado, onde deitárão os cavallo a pastar, e assentados para descansar, disse o Duque de Nemé, que era mais velho: — Senhores, a mim me parece que voltemos para o Imperador porque elle não nos ha de culpar, contando-lhe nós o que tem succedido, e para maior certeza levaremos todas as cabeças dos mortos. — Disse Roldão: Senhor Duque, se não queremos perder a honra, que com tantos trabalhos temos

ganhado, convém muito que levemos a Embaixada porque ainda que Carlos Magno com a nossa retirada tenha grande contentamento do que temos feito com tudo não ficará satisfeito da sua Embaixada; e ainda que o ficasse, e nós outros para com elle sem culpa, poderemos ser culpados dos outros, que dirão que nos mandarão fazer uma cousa, e que nós fizemos outra, e quem pôde evitar que digão que nos mettemos em um perigo pequeno por evitarmos, e fugimos de outro maior.

Para que os nossos feitos mereçam ser louvados, é necessario fazer o que nos mandão, e assim queria que levassemos todas as quatorze cabeças destes Turcos ao Almirante, e lhe diremos que erão salteadores, e ladrões que nos querião roubar. — E todos uniformemente disserão: Que assim se fizesse. E desta sorte continuarão o seu caminho para dar a Embaixada ao Almirante.

## CAPITULO XXII.

*Da ponte de Mantible, e tributo que nella se pagava, e como os Cavalleiros Christãos passarão sem pagar, e do que nella aconteceo.*

Tendo já os sete Cavalleiros chegado á ponte de Mantible, disse Urgel de Danoá: Senhores, este é o peor passo, que ha em toda esta terra, porque o rio é muito caudaloso, e não se pôde vadear, e por força se ha passar pela ponte, e esta é mui forte, e grande, que tem trinta arcos de pedra marmore, e duas torres da mesma pedra muito bem lavradas, e cada uma tem sua ponte levadiça com quatro cadêas de ferro mui grossas, e é Governador della um espantavel Gigante, ar-

mado de todas as armas, e tem tres mil Turcos de guarnição; porém no tributo não fallo, por não ter tenção de lho pagar; mas digo isto para que resolvamos o modo de sahirmos bem desta empreza, e continuarmos, a nossa jornada. — Disse Roldão: Senhores, parece-me que ganharemos a ponte desta sorte: eu hirei diante, e direi que levamos Embaixada no Almirante Balão; e se o Gigante disser que não podemos passar, ou pelo tributo ou por outra qualquer causa, então lhe direi que abra a porta para que eu lhe diga a Embaixada, e elle a mande ao Almirante. E se abris a porta, e eu puzer só um pé dentro, vos prometto alvir caminho por onde todos entremos.

Respondeo o Duque de Nemé: Senhor Roldão, não é conveniente dár um golpe para receber outro: e assim eu tomarei por minha conta esta empreza, e farei que todos passemos sem butilha. — Roldão lhe disse: que fizesse o que entendesse. Então rogou o Duque a todos, que não se movessem, e assim lho promettêrão.

Chegando logo o Duque á porta da ponte, chamou pelo Gigante, o qual, lhe abriu a porta, perguntou quem era, e que buscava naquelle Paiz. Respondeo o Duque: Somos mensageiros do Imperador Carlos Magno, e levamos presentes, que ali vem atras ao Almirante Balão. — Respondeo o Gigante. Vós outros haveis pagar o tributo, que se costuma nesta ponte, ou haveis de perder as vidas. — Disse o Duque: Pois dize o que te havemss de dar. Respondeo o Gigante: — Pelo poder dos meus Deoses, que não é pouco o que has de pagar; porque has de dar trinta pares de cães de caça, cem falcões, eem cavallos ajazea-

dos, e por cada pé de cavallo um marco de ouro fino; este é o tributo, que ha de pagar cada um Christão que quizer passar por esta ponte.

E quando não tenha com que pagar; lhe ha de ser cortada a cabeça, e ficar pendurada nas suas amêas.

— O Duque lhe disse: Tudo isso trazemos, sem faltar cousa alguma, e trazemos mais os presentes, que levamos ao Almirante, que tudo ahi vem atrás, e brevemente te chegará, porque nós viemos adiante para fazermos promptas as pou-sadas. —

O Gigante, cuidando que assim era; lhe abriu todas as portas da ponte, e os deixou passar livremente.

È Roldão, que tinha ouvido a astucia do Duque, não podia suster o riso; e indo passando a ponte, estava um Turco todo admirado de vêr os Cavalleiros, e Roldão se chegou a elle, e o lançou da ponte abaixo. Então lhe disse o Duque: Senhor Roldão, Deos nos quer fazer mercê de passarmos esta ponte sem batalha; e tu, Senhor, a não queres accetar, antes nos queres pôr em precipicio de nos perdermos? — Roldão lhe disse: Senhor Duque, se eu imaginára que o Gigante me havia de abrir a porta, como abriu a ti, não passaria, sem pelejar com elle, e vêr se era feroz nos feitos, como na grandeza do corpo; porque então ganhando nós a ponte, tiveramos a retirada mais segura, mas se Deos fôr servido que voltamos para a nossa Patria, prometto que com Durindana lhe hei de pagar o tributo, que nos pede, ou a cabeça para pendurar nas amêas, com lhe cortar a sua.

## CAPITULO XXIII.

*Como os sete Cavalleiros chegarão diante do Almirante Balão, e lhe detão a Embaixada.*

Chegados os sete Cavalleiros a Aguas mortas, aonde estava o Almirante Balão, se puzerão em boa ordem, e assim formados chegarão ao Palacio, e disserão aos Porteiros, que dissesse ao Almirante, que lhe querião fallar da parte do muito Soberano Imperador Carlos Magno. Tanto que o Almirante soube que Carlos Magno, lhe mandava Embaixada, ficou muito alegre, entendendo que lhe mandaria pedir os cinco Cavalleiros em troco de seu filho Ferrabraz. E porque era já tarde, mandou ao seu Mestre sala que lhes desse boa posada, e os provesse de todo o necessario, e pela manhã os trouxesse a Palacio para dar a sua Embaixada.

Pela meia noite, chegou o Rei, que tinha fugido dos Cavalleiros, e entrando no Palacio, não parou senão na camara do Almirante, o qual estava deitado; e quando vio que dos quinze Reis que tinha mandado voltou só um, ficou admirado, e lhe perguntou pelos quatorze companheiros: o Rei lhe disse: muito poderoso Senhor, no caminho encontramos sete Cavallairos Christãos, e nos disserão que trazião Embaixada da parte do Imperador seu amo. E parecendo-nos que seriam salteadores, os quizemos trazer prezos á tua presença, mas elles forão tão valorosos, que matarão em bem pouco tempo os quatorze Reis teus vassallos, e eu escapei de me fazerem o mesmo; os Cavalleiros são os que esta noite chegarão á tua Cór-

te, e assim se te quizeres vingar delles tens agora occasião, e muito legitima causa

Quando o Almirante ouviu tão tristes novas, ficou tão melancolico, que lhe rebentava o coração no corpo, e começou a amaldiçoar-se, e aos seus Deoses com grandes vozes. A que acudio o Mestre-sala; e lhe disse: Senhor, não te afflijas, nem te queixes dos teus Deoses, porque ainda que permitissem que pelos teus grandes peccados inoffressem os teus Reis, Cavalleiros, com tudo são tão favoraveis, e amigos teus, que trouxerão a teu poder os matadores para te vingares delles; e assim debes dar-lhes repetidas graças por tão grande beneficio, descança, que amanhã os trairei a todos prezos, para delles fazeres o que quizeres.

Despedidos o Rei, e o Mestre sala do Almirante, se forão ambos para aonde estavam os sete Cavalleiros Christãos aposentados, e lhe contarão tudo quanto tinha acontecido, e assim resolvêrão tomar-lhes as armas, como fizerão, porque como estavam dormindo cada um em seu aposento, lhes foi facil a empreza, e os fecharão á chave.

Chegada a manhã, foi o Mestre sala, e o Rei com tres mil Turcos armados de todas as armas, e prendêrão a um por um, e atadas as mãos atraz, os levárão ao Almirante Balão, o qual depois de lhes dizer muitas palavras injuriosas com varias ameaças, lhes perguntou; porque tinham matado os Reis seus Embaixadores: Roldão lhe respondeu: Os que matámos não erão Reis nos seus feitos, por quanto, dizendo-lhes nós que vinhamos trazer-te Embaixada, não obstante determinárão matar-nos, ou prender-nos, e por isso fizemos o mesmo que elles nos querião fazer. E assim lhes

trazemos as cabeças, para que, certificando-se de tudo o que passou, segures o caminho aos Embaixadores.

Disse o Almirante: Que demonio vos trouxe; ou mandou entrar nos meus Reinos? — E Roldão lhe disse: Aquelle mesmo, que te ha de lançar fóra delles; e este é o muito poderoso Imperador Carlos Magno, que manda te baptises e lhe mandes os cinco Cavalleiros, e as Santas Relíquias, que estão em teu poder; e que se isto fizeres, que sempre o terás por amigo, e te ajudará contra todos os que te quizerem offender; e se o não fizeres, jura expulsar-te fóra dos teus Reinos: esta é a Embaixada, que te trazemos, agora damos a resposta.

Respondeo o Almirante: Atrevidamente tens feito a tua Embaixada, mas te prometto que não has de voltar com a resposta, porque antes que hoje jante, vos hei de vêr a todos feitos em quartos, e tambem os outros cinco, que cá tenho guardados, por me parecer que por meu filho Ferrabras faria algum troço — Ricarte de Normandia lhe disse: Teu filho tem mais entendimento do que to, pois se baptisou, do que está mui satisfeito, e por todas as riquezas do mundo não hade para cá tornar, nem deixar ao grande Carlos Magno seu Senhor.

O Almirante conhecendo a Ricarte, lhe disse: Muito folgo, que estejas aqui, para que pagues a morte, que destes ao nobre Cavalleiro Corsubel meu irmão. E Gui de Borgonha lhe disse: Muitos Cavalleiros teus temos morto; mas não estão vivos, prezos, desarmados, e com as mãos atadas, como nós aqui estamos, senão em muito leal ba-

talha; e se o querer vèr, manda-nos soltar, dár as nossas armas, e cavallos, e verás que depressa destruiremos todos o teu Exercito, ainda que seja muito poderoso, e então tomarás de nós outros a vingança, que desejás.

O Almirante lhe perguntou como se chamava, e elle disse: Gui de Borgonha. Respondeo o Almirante: Tambem tu pagarás o que contra mim fizestes em Roma, e será a tua morte escarmento, para que outros não sejam tão atrevidos como tu fostes. E logo mandou chamar os Conselheiros Brulante, e Sortibão, e lhes perguntou o que havia de fazer daquelles Christãos.

Respondêrão os Conselheiros: Que fossem arrastados a cavallos, e depois feitos em quartos, e postos pelos caminhos, e as cabeças nas portas da Cidade, e depois ir cercar a Carlos Magno, porque sem muito trabalho o havião de prender; por quanto aquelles Cavalleiros erão os doze Pares, e os que o defendião, e atemorisavão toda a Turquia, e assim ganharemos, Senhor, todo o Reino de França. Respondeo então o Almirante, que lhe parecia bem o seu conselho, e assim se pozesse em execução. Mandou logo o Almirante buscar os cinco Cavalleiros, que tinha na Torre, para em todos juntos se fazer justiça.

## CAPITULO XXIV.

*Como por conselho de Floripes forão os sete Cavalleiros postos com os cinco, e como lhes mostrou as Santas Reliquias.*

Estava Floripes escutando toda a contenda, que seu Pai tinha com os sete Cavalleiros Christãos,

e quando ouviu que mandava vir os cinco, foi com toda a pressa a sua camara, e mandou que se armassem com todas as armas, e deo a cada um uma archa, dizendo que com ellas poderião fazer maior damno ao Palacio, do que com as lanças, e lhes disse desta maneira: os vossos sete companheiros Pares de França, estão com as mãos atadas, e os pés presos com grossas cadêas, no Palacio de meu Pai, sentenciados á morte, e vós outros com elles, para o que vos quer mandar buscar; porém eu vou agora estar com o Almirante meu Pai, e fazer diligencia para vêr se os posso trazer para a vossa companhia; e quando não possa, e ouvirdes as minhas vozes, não sejais preguiçosos em acudir, e não useis piedade, nem misericordia com algum Turco.

Feita a dita prática, se foi logo Floripes para onde estava seu Pai, e fingindo que tinha grande desejo de vêr a morte dos Cavalleiros Christãos, lhe perguntou: Senhor, dizei-me, que homens são estes que aqui estão presos com cadêas? — O Pai lhe responde: querida filha estes são vassallos do Imperador Carlos Magno, e são aquelles de quem tanto damno temos recebido; e assim mando, que estes, e os outros cinco, que estão na Torre, sejam arrastados, e feitos em quartos. — Floripes lhe disse: Senhor, não só isto merecem, e assim bom é que lhes mandes dar outra mais penosa morte, porque seja escarmento para outros; e isto, Senhor, melhor é que se faça depois que tiveres comido: porque, se se fizer antes, não poderás comer á tua hora costumada, e te póte fazer muito damno, porque isto é já tarde; e assim rogo-te nos entregues para os guardar, que eu los

entregarei quando os mandares buscar para o supplicio; porque assim em todos quero vingar as injúrias de meu irmão Ferrabraz.

O Almirante lhe disse: Minha filha, muito bem me parece o vosso conselho, e ali vo-lo entrego. — Logo Floripes disse ao seu Escudeiro que os levasse aonde estavam os outros cinco; e elle assim o fez. Sortibão, que estava presente, não lhe pareceo bem o conselho de Floripes, e disse ao Almirante: Senhor, adverte as grandes desgraças, que tem succedido a homens muito especiaes, por ter confiança em mulheres, e os grandes danos, que pela sua pouca firmeza te lião causado. E assim não te cegue o amor de filha, não seja cauza de alguma desgraça, que quando a quizeres remediar não possas.

Quando a formosa, e constante Floripes ouviu as razões de Sortibão, toda abrazada em cólera, lhe disse: Sortibão, tu és muito atrevido, e fallas como desleal, e intrinsicamente maligno; porque pelas tuas damnadas entranhas julgas as alheias, porém te prometto que esse teu atrevimento não fique sem castigo.

Dito isto se foi atraz do Escudeiro, e dos presos, que já estavam junto da Torre; porque o Escudeiro não ouzou levall-os á camara, onde os outros estavam, por causa da muita gente, que o via, e Floripes chamou o Escudeiro, e lhe disse que trouxesse os presos para a sua camara, que ella queria ser a carcereira. E ainda que muitos a virão, e o avirão, não suspeitarão mal, entendendo que era pela má vontade, que tinha a Sortibão.

Tanto que entrarão os Cavalheiros na camara de Floripes, e acharão os cinco seus amigos ar-

mados de todas as humas, ficatão admitados, e Oliveiros teve grande lastima de Roldão, quando o vio com uma grossa cadêia atada nos pés, e outra na cintura, e as mãos prezas; e assim dos mais companheiros, que logo forão soltos, e se abraçatão com grande amor uns aos outros, e Floripes os andava vendo n um, e um com muito sentido, para vêr se conhecia a Gui de Borgonha, a quem ella muito amava.

Reconhecendo Oliveiros a causa da diligencia de Floripes, e desrjando dár-lhe a conhecer quem ella buscava, disse: Senhor Gui de Borgonha, que te parece do nosso carcere, e do nosso Carcereiro? Gui de Borgonha lhe respondeo: Senhor Oliveiros, digo-te que ainda que o carcere fóra peor de todo o Mundo, não tivera pena alguma de estar nelle toda a minha vida preso, só por lograr a graça, e perfeição de tal Carcereiro; Então lhe disse Oliveiros: Pois a ti, e á Senhora Floripes damos as graças, porque conhecendo que nisto te agradava, nos tiron a todos do mais terrivel carcere de mundo, e nos pôz neste lugar, aondo temos recebido immensos beneficios.

Floripes toda amante, e vergonhosa, fluctuando em uma, e outra cousa, venceo o amor a vergonha; e com uma soberana modestia abraçou a Gui de Borgonha, e lhe deo um dôce beijo no hombro; como era costume entre os Turcos. Gui de Borgonha, reconhecendo a soberania de Floripes, se pôz de joelhos com muita reverencia para lhe beijar a mão, o que ella não quiz consentir.

Roldão, que estava suspenso, disse: — Bem creio, Senhor Gui de Borgonha, que não receberias castigo algum, se neste carcere toda a tua vi-

da estivesse prezo; e elle lhe respondeo: — Senhor Roldão, mais receio eu a sahida, do que tem a entrada, se me houver de apartar do Carcereiro — Floripes, que estava com muita attenção ouvindo os amorous colloquios de seu querido amante, lhe disse com um rizo muito alegre: Senhores, drixemos esta pratica para melhor occasião, e agora tratemos do que a todos convêm.

Tomou logo Floripes a Gui de Borgonha pela mão, e disse aos mais Cavalleiros, que estavam desarmados, que a seguissem, e que os cinco que estavam armados ficassem. E assim levou a todos sete á camara das armas, e lhes disse que se armassem com brevidade, e ella armou a Gui de Borgonha; e depois de armados, os tornou a trazer para onde estavam os cinco Cavalleiros, e os mandou sentar a todos, e ella tambem se sentou chegada a Gui de Borgonha, e lhes disse: muito nobres, e esclarecidos Cavalleiros, já que a vossa fortuna, e a minha dita vos trouxe a tempo que tivesses necessidade das minhas pequenas, e mulheris forças, e porque tenho feito proposito firme, esquecendo-me dos meus Deoses, e do amor de Pni; de salvar vossas vidas; ainda que por esta causa eu perdesse a minha, me atrevo a pedir-vos a fé de me ajudar, em o que houver mister. — Roldão lhe disse: — Senhora, nunca fui ingrato a nenhuma pessoa do mundo, e menos o serei a ti de quem temos recebido todos nós outros tão grandes beneficios; manda-nos o que quizeres no teu serviço, com tanto que não seja cousa, em que vamos contra a nossa Santa Fé, e Lei de Christo, e então experimentarás o grande affecto com que te servimos. —

Floripes se levantou em pé, e lhe rendeo as graças, e voltando para Gui de Borgonha, lhe disse: — E tu que dizes, Senhor? — E elle lhe respondeo: Senhora, nós todos dizemos o mesmo. — Ella lhe disse: Pois Senhor, o que o meu coração mais deseja, sobre todas as cousas do mundo, é servir como legitima mulher ao Senhor Gui de Borgonha, e estas são as mercês, que a elle, e a vós, Senhores, peço de muito boa vontade me farei Christã; eu vos darei as Santas Reliquias, e todo o thesouro do Almirante meu Pai.

Respondeo Gui de Borgonha: Por certo, minha Senhora, que não tinha tenção de casar senão pela mão de meu Tio o Imperador Carlos Magno; mas como principalmente me dizes que serás Christã, eu de boa vontade te acceito por minha legitima esposa, na fórma que manda a Santa Igreja Catholica.

Dom Roldão lhes fez dar as mãos, e disse que a consumação do matrimonio seria quando ella se fizesse Christã. E logo mandou Floripes ás suas Damas que pousessem a meza, e trouxessem de comer, e disse para os Cavalleiros: Senhores, sabrei que o Almirante meu Pai, e Sortibão tem ordenado dar-vos a morte depois que tiver comido; e porque não se effituem os seus máos pensamentos, vos sentai a comer assim armados, para estardes promptos para o que succeder. — Elles assim o fizeram, e a formosa Floripes se sentou junto a seu Esposo.

## CAPITULO XXV.

*Como Lucrafé sobrinho do Almirante, entrou na camara de Floripes e o Duque de Neméo matou.*  
Levantando se a meza, disse Floripes: Senhores,

meu Pai ha de querer comer, e espera por mim, e porque não venha alguém chamar-me, o vos ache aqui, quero ir, e direi que estou indisposta, e não quero comer, e desta sorte tomarei melhor as medidas para o que devemos fazer; mas antes que vá, quero primeiro mostrar-vos as Santas Reliquias; porque, vinda as, com maior devoção possais pedir soccorro ao vosso Deus, por quanto hoje o haveis bem mister. — Dito isto tirou um cofre dourado, no qual estava uma parte da Corôa do nosso Salvador, e um dos cravos com que foi engravado na Cruz, e um paño em que foi envolto o Menino Jesus, e um çapato de nossa Senhora, e nns poucos dos seus cabellos.

Tanto que os Cavalleiros virão as Sagradas Reliquias, se pozerão logo de joelhos, e com muitas lagrimas pedirão perdão a Deus, e lhe rogarão fosse servidos deixallos voltar outra vez á presença de Carlos Magno, e que podessem levar a Fioripes, para que doutrinado na Santa Fé Catholica, mediante o Sacramento do Santo Baptismo, entrasse no número dos escolhidos, e que tambem podessem levar as Santas Reliquias para terra de Christãos.

Feita a oração, disse Floripes a Gui de Borgonha que mettesse as Santas Reliquias no cofre, porque lhe era mais licito do que a ella, por quanto não era Christã. E Gui de Borgonha pediu a Roldão que as mettesse. E Roldão o pediu ao Duque de Nemé, porque era mais velho, e de muito ajustada vida.

Estando os Cavalleiros, e a formosa Floripes, nesta occupação, chegou ao Palacio do Almirante um seu sobrinho, chamado Lucrafé, o qual

veio para vêr morrer os Cavalleiros Christãos, e perguntando por elles, disse o Almirante: Que sua filha os tinha em guarda, até que elle jantasse. Lucrafé lhe disse: Que os queria vêr, por conhecer o Cavalleiro que venceo a Ferrabraz. O Almirante lhe disse: Que fosse, e que trouxesse consigo a Floripes para comer, e depois mandaria vir os Cavalleiros para os mandar justicar.

Chegado Lucrafé á porta da camara de Floripes, e achando-a fechada, deo um empuchão com toda a força, e lhe quebrou a fechadura, e abriu a porta de pár em pár; porém tanto que vio os Cavalleiros Christãos armados, teve grande pezar de ter aberto a porta, e da sua entrada pesou muito a Floripes; e reconhecendo isto o Duque de Nemé, levantou a mão, e com o punho fechado, lhe deo tão grande pancada na cabeça, que deo com ella morto em terra, do que Floripes gostou muito, e lhe disse: Por certo, Senhor Duque, que essa pancada não é de homem velho. O Duque lhe respondeo: Senhora, outras maiores verás, se nos deixares sahir daqui. Ella lhe disse: Brevemente o veremos, pois assim é necessario; quero ir primeiro fallar a meu Pai, que ha de estar esperando este Cavalleiro, porque lhe quer muito, e tinha ordenado casallo comigo. E vós, Senhores, guardai a camara.

Chegada Floripes diante de seu Pai, lhe disse: Que comesse, que ella se achava molestada, por causa do atrevimento de Sortihão. E o Almirante lhe perguntou por Lucrafé. Ella lhe disse: Que ficava fallando com os prezos, e que não esperasse por elle para comer, porque assim lho dissera. Disse então o Almirante que lhe trouxessem o co-

mer, para fazer logo a justiça. E Floripes chegou logo a uma janella, e vio grande número de Turcos armados, do que lhe pezou muito, por lhe parecer que os Cavalleiros lhes não poderiam resistir, e que finalmente virião a morrer, e ella ficaria só, e castigada com aspereza.

Despedida a constante Floripes de seu pai, e chegada á sua camara, disse aos Cavalleiros: — Senhores, vêde se vos falta alguma cousa; pois agora é tempo opportuno para sahir a pelejar; dito isto, sahirão os Cavalleiros da camara, e Rollão diante, e entrados no Palacio do Almirante, encontrou um Rei, que se chamava Corsubel, e lhe abriu a cabeça até o pescoço, e Oliveiros matou a Sortibão, e Gui de Borgonha matou sete Cavalleiros, que estavam nos corredores; finalmente foi a batalha de tal sorte, que não ficou homem algum com vida de quantos estavam no Palacio, senão só o Almirante, que saltando por uma janella, o tomárão os Turcos nos braços. E querendo os Cavalleiros sahir do Palacio para pelejar. Floripes o não consentio porque era grande a multidão dos Turcos. E assim levárão todo o provimento, que havia em Palacio, para a Torre, e nella se fizetão fortes.

O Almirante, mandou logo cercar a Torre, e fez juramento aos seus Deoses de não se apartar dalli sem primeiro fazer queimar aos Cavalleiros, e a Floripes. E dizia: elles virão a acabar a vida nas minhas mãos, porque não tem mantimento mais que para tres dias, e além disto, Carlos Magno não sabe o estado em que estão para os soccorrer; e dado caso que o soubesse, não poderá passar a minha forte Ponte de Mantiblè. E as-

sim duratão na Torre bem pouco tempo. — Forão alistados os soldados, que cercavão a Torre, e se achárão cento e cincoenta mil, e lhe derão fortissimos combates, mas não a poderão render.

Passados os tres dias, e vendo o Almirante que se não rendião, lhe lembrou que Floripes tinha um cinto, e logo mandou chamar um Nigromantico chamado Morpim, e lhe disse: — Morpim, agora convém que mostres o teu saber; — Sabe que minha filha Floripes tem um cinto de grandissima virtude, que em quanto o tiver, nem ella, nem pessoa alguma, que estiver na sua companhia ha de ter fume; e queria que lho furtasses; e se o fizeres, eu te pagarei muito bem. — Morpim lhe disse: — Senhor, isso não é grande difficuldade, descança, e não te afflijas, que á manhã te trarei o cinto. —

Chegada a noite, fez Morpim que um Demonio, o levasse acima da Torre: e depois de lá estar fez certos encantamentos para que Floripes, e todos os que estavam em sua companhia dormissem: aquella noite vigiavão a torre Gui de Borgonha, Ricarte de Normandia, e Urgel de Danoá, porém sobre elles não teve poder o encantamento.

Entrando Morpim na camara, vio a uma parte a Floripes, e as suas Damas, e a outra parte os Cavalleiros dormindo, e bu-cando o cinto com diligencia, o achou, e o cingio ao redor da sua cintura, e acion a Floripes, que estava nua na sua cama, e a descobriu; e vendo-a tão formosa, não pôde estar sem beijalla muitas vezes, e estando nesta contenda, sonhava Floripes que um atrevido Turco a queria deshonestar, dando com os braços para uma, e outra parte, como que se

defendia, e por isso não ousou Morpim chegar mais a ella, temendo que despertasse.

Sahio Morpim da camara, acordou Floripes dando vozes, e a ellas accudirão os que vigiavão, e encontrarão a Morpim, que hia fugindo para o relhado, a Torre, e Gui de Borgonha lhe cortou a cabeça, e tomou o corpo, e o lançou por uma janella na cova da Torre, que estava cheia de agua, e assim se perdeu o cinto; o que Floripes sentio muito, e tambem os Cavalleiros depois que souberão a sua virtude.

## CAPITULO XXVI.

*Como os Cavalleiros, Floripes, e suas Damas padecerão grandes fomes, e os Idolos do Almirante forão feitos em pedaços.*

Vendo o Almirante que Morpim não vinha, ficou muito triste, e sentido, tanto por causa do cinto, como pelo seu mimoso feiticeiro. E logo chamou aos seus Conselheiros, e lhes perguntou o que devia fazer neste caso; e elles lhe responderão: — Senhor, Morpim certamente é morto, e por isso não vem, e assim manda ajuntar toda a tua gente, e daremos um forte combate á Torre, e brevemente serás senhor de teus inimigos, e lhes darás o castigo, que merecem.

Mandou logo o Almirante duzentos mil homens de guerra, combater a Torre com toda a violencia, e durou o combate todo o dia; porém não a poderão ganhar, porque os Cavalleiros Christãos, derrubárão uma parede do Palacio do Almirante, e com as pedras se defendêrão de maneira, que não se atrevião os Turcos chegar a ella; e chega-

da a noite, mandou o Almirante que não cessasse o combate; e animados os Turcos pelos seus Officiaes, e Cabos, intentárão subir, arrumando-se á parede; porém os doze Pares continuárão na defensão com lhas atirar com pedras, e assim os não deixárão chegar, e pela manhã se achárão mais de dois mil Turcos mortos, e muitos mais feridos, e com pernas, e braços quebrados.

Quando o Almirante soube de tão grande mortandade, e destruição dos seus soldados, e viu a fortaleza, com que os Christãos se defendião; começou a embravecer-se de sorte, que lançando escuma pela boca, e faiscar de fogo pelos olhos, com exorbitantes susurros, e vozes, começou a amaldiçoar os seus Deoses. É um dos seus Conselheiros lhe disse: — Senhor não te apaixones tanto, nem enojes aos teus Deoses, que nenhuma culpa tem, e podião castigar-te gravemente, e assim manda fazer escadas, que cheguem ás janellas da Torre, e manda aparelhar a gente com armas, que os cubra, e assim subiremos sem que nos offendão as pedras; entraremos pelas janellas, e os prenderemos a todos, e os traremos á tua presença atados. —

Pareceo ao Almirante bom conselho, e logo mandou fazer cincoenta escadas, e cuberturas para os que subissem não serem offendidos das pedras, e arrumados á Torre começárão uma cruelissima batalha, subindo os Turcos pelas escadas, e vendo Floripes que seis Cavalleiros Turcos sobião por uma só escada, os deixou subir até chegar á janella, e com uma archa de armas deo tal pancada na cabeça de um, que hia dianteiro, que logo cahio morto, e juntamente cahirão os outros

cinco todos mortos. E vendo isto o Almirante seu Pai, começou a arrancar as barbas, e amaldiçoar a hora em que a tinha gerado. Por outra escada subião á outra janella outros seis Turcos, e Ricarte de Normandia tomou um cunhai de pedra muito grande, e o deitou pela escada abaixo, e derubou todos os que subião, e matou muitos, que estavam debaixo; vendo os outros isto, tomárão tal medo, que nenhum se atreveo a subir, e nisto passarão alguns dias; de maneira, que faltou o provimento, e dois dias estiverão os Cavalleiros Christãos, Floripes, e suas Damas sem comer.

Vendo isto Roldão, disse aos outros Cavalleiros: — Senhores, parece-me que a necessidade nos ha de agora obrigar a faser o que antes havíamos de ter feito, por quanto nenhuma gloria ganhámos em morrer á fome encerrados nesta Torre, e assim me parece que nos preparemos para ir buscalla; porque maior louvor teremos em morrer pelejando no campo com os nossos inimigos, do que morrer de fome nesta Torre encerrados. — Pareceo a todos bem este conselho, e resolvêrão de o fater.

Floripes chorando, lhes disse: — Por certo, Senhores, que mui pouco faz o vosso Deos por vós, tendo-vos em tão grande necessidade. E assim se vós outros crêsses nos meus Deoses, sem dúvida já vos tiverão soccorrido. — E Roldão lhe disse: — Senhora, mostra-nos os teus Deoses, que quero ver se nos provém de mantimento, ou nos trazem soccorro de França. — Ella respondeo. — Que sim. E imaginando que havião de crêr nelles, os levou por uma cova debaixo da terra, e no fim della achá ã uma sala maravilhosamente lavrada, e no

meio della estava um grande theatro mui rico, no qual estavam quatro Idolos da grandeza de um homem, feitos de ouro fino massiço; um se chamava Apolim, outro Tavalgante, outro Magor, outro Jupine: a sala cheirava tão suavemente, que ficaram os Cavalleiros admirados.

Vendo isto Gui de Borgonha, perguntou a Floripes quem tinha feito aquelles Deoses. Respondeo Floripes, que dois ourives, os melhores Mestres que se poderão achar. E Gui de Borgonha lhe disse: — Senhora, quem deo a este ouro o poder, que tu dizes que tem? Os homens que os fizeram não são mortaes como nós? Ella respondeo que sim. E Gui de Borgonha lhe disse: — E se nós, Senhora, quizessemos agora fazer outra cousa deste ouro, não poderíamos? — Disse Floripes, que sim. E elle lhe disse: — Logo mais poder tem os homens, que os teus Deoses. E que res vêr como não tem poder algum? — Tirou pela espada, e deo com ella a um delles pela cabeça, e o derrubou no chão, e Roldão com uma archa de armas deo com os outros em terra, e disse a Floripes: — Olha, Senhora, o poder dos teus Deoses. —

O que visto por Floripes conheceo a verdade, pois vio que os seus Deoses nada fasião, e disse: — Agora confesso que não ha outro Deos, senão o dos Christãos, ao qual peço humildemente, que me queira dár lugar para receber o Santo Baptismo, porque a minha alma vá gozar da eterna gloria, e lhe rogo de todo o coração queira tirar-vos de tão grande affronta. — Do qual arrependimento tiveram muita consolação os Cavalleiros.

## CAPITULO XXVII.

*Como os Cavalleiros sahirão da Torre, dêrão batalha aos Turcos, e lhes tomárão a bagagem.*

Estando os Cavalleiros, e Floripes nestas razões, cahio uma Dama desmaiada com fome, e não se achou na Torre, nem no Palacio cousa alguma que comer, para lho poderem dar; do que tiveram grande lastima, e assim determinárão sahir logo a dár batalha ao Exercito do Almirante Balaão; e Oliveiros pedio ao Duque de Nemé que ficasse na Torre em guarda de Floripes, e das Damas, e para lhes abrir a porta quando voltassem. E o Duque lhes disse: Senhor Oliveiros, ainda que sou mais velho que nenhum de vós outros, com tudo não deixarei de fazer o que devo contra os nossos inimigos; e assim quero tambem ir comvosco, e volo peço por mercê. — O que visto, pedirão ao Duque Tietri que quizesse ficar, o que elle acceitou.

Forão logo á camara de Ferrabraz, e tomou cada um sua lança, e se montárão nos cavallos, que tinham ficado do Almirante; e quando entenderão que elle, e a sua gente estavam mais descuidados, sahirão de repente da Torre, e scommetterão com tanto impeto aos seus inimigos, que forão parar em bem pouco tempo á tenda do Almirante, matando, ferindo, e derrubando Cavalleiros. E quando o Almirante vio tal destroço, se armou com brevidade, e tambem seu sobrinho El-Rei Clarim, e os mais Cavalleiros, com quinze mil homens de peleja. Quando Roldão os vio, voltou para os seus companheiros, e lhes disse: — Senhores, agora se nos offerece boa occasião de

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
 alcançar-mos honra. Observemos a ordem, que até agora temos tido, para que um possa soccorrer o outro, e não fique atraz algum, senão assim juntos como estamos: sigamos a nossa batalha, e Oliveiros, e eu levaremos a dianteira.

Estando nesta prática, chegarão os Turcos com grandes alaridos, e levava a diante um Rei Mouro muito valeroso, que tiuha vindo de distante terra em soccorro do Almirante, e se chamava Rappim, e vendo-o Oliveiros vir, lhe sahio ao encontro, e o matou, e Roldão derrubou em breve tempo dezoito Cavalleiros á vista do Almirante, e lhe fez cobrar tanto medo, que logo fugio.

Vendo isto Gui de Borgonha, deo de esporas ao cavallo, e derrubando a uma, e outra parte muitos Turcos, os seguiu até á tenda do Almirante, e pelejou com um grande número delles, que lhe defendião a entrada, e os outros Cavalleiros Christãos fizeram grande mortandade na gente de El Rei Clarião. Vendo Urgel de Danoá que vinhão por um caminho vindo azemolas carregadas de mantimento, o disse a Roldão, o qual chamou Oliveiros, e sem advertir na falta de Gui de Borgonha, se forão ambos aonde vinhão as azemolas, as quaes trazião duzentos homens de pé, e trinta de cavallo na sua guarda; e querendo defendelas, em pouco tempo forão a maior parte delles mortos, e ficarão os Cavalleiros Christãos senhores das azemolas, e as levárão para a Torre pelo meio do Exercito do Almirante.

## CAPITULO XXVIII.

*Como Gui de Borgonha foi preso.*

Ficando Gui de Borgonha só no campo, e ro-

deado de gente d'ElRei Clarião, pelejou a maior parte da noite, e derrubou a Tenda do Almirante, e depois que lhe matarão o cavallo, se achou entre tantos corpos mortos, que não podia, sem tropeçar, dár um só passo; e estando com bastantes feridas, chegou a cahir quando queria amanhecer; e como o virão cahido, o prendêrão, e atadas as mãos o levárão á presença do Almirante.

Vendo-se em poder de seus inimigos, e entendendo que seria a ultima hora da sua vida, começou a exclamar: — O' Jesus Christo, verdadeiro Deos, e Homem, não desampares a tua convertida Floripez, porque consolada de tí, não se desvie do seu bom proposito. O' nobres Cavalleiros Christãos, Deos por sua infinita piedade aos livre da desgraça, que me ha succedido. — ElRei Clarião lhe disse: — Christão, vamos ao Almirante, que elle te mandará enforcar. — Gui de Borgonha lhe perguntou quem era, pois que tanto o ameaçava? E elle lhe respondeo que era ElRei Clarião. Gui de Borgonha lhe disse: — Clarião, muito me ameaças agora, o certo é que só para os prezos tens valôr.

Chegado Gui de Borgonha á presença do Almirante, logo mandou lhe tirassem as armas; como para o desarmar era necessario desatar-lhe as mãos, foi primeiro desarmado das pernas, e lhe puzerão em cada uma grossas cadêas, e o atárão a uma columna de pedra, e depois lhe desatárão as mãos, e o despirão de todas as armas, e estava tal, que o Almirante o não conhecia, ainda que o tinha já visto muitas vezes, e lhe perguntou quem era. Elle respondeo: — Eu sou Gui

de Borgonha, sobrinho do Imperador Carlos Magno, e primo do nobre Cavalleiro Roldão. — O Almirante lhe disse: — Muito tempo á que te conheço, e grandes males me tens feito, e por teus amores entregou minha filha Floripes a Torre a meus inimigos, e a mim me entregaria em teu poder, se os meus Deoses me não guardarão; os quaes te trouxerão ás minhas mãos para que me vingue de ti. Dize-me: Quem são os companheiros, que ficão na Torre, que tão grande guerra me tem feito? — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Os que estão na Torre são nobilissimos Cavalleiros, e muito amados do Imperador Carlos Magno; pelo que não duvides que has de pagar os aggravos que lhe fazes.

Ouvindo isto um Turco, e vendo que o Almirante se enojava, levantou a mão, e quiz dár uma punhada na cara de Gui de Borgonha, e reparando-o com o braço esquerdo, lhe pegou com a mão direita nos cabellos, e o deitou no chão, e lhe pôz um pé no pescoço, e antes que lhe accudissem o affogou. Vendo o Almirante esta acção, disse: — Eu creio que toda esta gente de Carlos Magno é endiabrada: Vêde todos os que fez; estando prezo, é na minha presença.

Gui de Borgonha lhe respondeo: — Se aqui á havido erro, o teu vassallo o causou; pois não é licito dar-me sem teu mando na tua presença, porém parece me que já não á de fazer outra descortezia, e que bastantemente ficou castigado. — E assim atado á columna o tiverão sem comer até o outro dia.

Não conhecerão Roldão, e seus companheiros a sua falta até que entrarão com o mantimento

na Torre; e quando o não virão, esquecendo-se da fome, sairão todos outra vez como desesperados, e entrarão pelo Exército dos Turcos, e em breve tempo matarão mais de tres mil, e allí morreo Bossim de Genova, especial Cavalleiro, e da sua morte pezou muito a todos.

E vendo que pela grande obscuridade da noite se poderião perder, lhes foi preciso voltar para a Torre, onde com lastimosos choros da triste Floripes forão recebidos, a qual puxando pelos seus dourados cabellos, e rasgando a formosura do seu rosto, postrada aos pés de Roldão. beijando-lhos muitas vezes, dizia: — O' nobre Cavalleiro doete do teu leal companheiro, e parente Gui de Borgonha, meu amado, e querido esposo — E Roldão com um nó na garganta, e muda a lingua pelo sentimento da formosa, e lastimosa donzella, não pôde articular palavra, e só lhe pegou pelos braços, e a levantou da terra; e Floripes recen-tida disse. — O' meu pai, se sabes que cousa é amor, não me culpes do que fiz contra ti. Advert-te que este coração. que geraste, é do Cavalleiro, que tens prezo, desde o dia que o ví em Roma, e pois que era seu, não lho podia negar: nem imagines que me arrependo de o ter amado, antes teria em pouco perder a vida, e de boa vontade a déra, só pelo livrar de toda a pena; e se algum paternal amor te ficou, tem compaixão desta triste, e amante filha.

O' soberana Senhora, e bemdita Mãe de Deus, em quem meu senhor, e esposo Gui de Borgonha tem grande devoção, peço-te que ponhas no coração do Almirante meu pai a erença, que no meu coração, tenho já introduzida: porque, con-

HISTÓRIA DE CARLOS MAGNO,  
vertido a teu bemitíssimo Filho JESU Christo,  
não maltrate ao teu Cavalleiro.

Feita esta exclamação com muitas lagrimas, soluços, e suspiros, cahio quasi morta em terra, e privada dos sentidos, a que logo acudirão os Cavalleiros, e depois de varios remedios voltou em sí, e Roldão a consolou dizendo-lhe: — Senhora, pelo amor de Deos te peço que tenhas paciencia, porque o teu Esposo não é falecido, e está certa que antes que á manhã anoiteça, to havemos trazer ou havemos de perder a vida. — E logo mandou trazer o mantimento, que tinham tomado aos Turcos, e achárão muitas viandas cozidas, e assadas, e outres guisados ao uso da Turquia, e pedirão com grande amor a Floripes que comesse; e ella o fez por lhes agradar, e assim comêrão todos, ainda que com pouco gosto por causa do succedido.

## CAPITULO XXIX.

*Como os Turcos quizerão enforcar a Gui de Borgonha, e como os Christãos o restaurarão.*

Chegada a manhã mandou o Almirante Balão chamar todos os seus Conselheiros, e lhes perguntou o que havia de fazer de Gui de Borgonha. E elles responderão: — Senhor, para que aos outros sirva de temor convém que mandes fazer uma forca alta em lugar que os da Torre o possam vêr, e nella mandallo enforcar, e ficarás vingado das injúrias, que delles tens recebido.

Approvado o conselho pelo Almirante, mandou logo levantar uma forca em um alto outeiro, que estava perto da sua Tenda, e mandou embuscar dez mil Turcos, e que ElRei Clarião os governasse.

se, e estivessem promptos para sahir, quando fosse necessario, e mandou atar as mãos a Gui de Borgonha, e tapar-lhe os olhos, por não vêr para onde o levavão, e mandou que o acompanhassem tres mil homens de peleja, e o enforcassem; e quando o tiverão os soldados em seu poder, lhe dêrão muitas punhadas, imaginando que em lhe fazer estes desprezos ficavão bem vingados.

Vendo-se o nobre Cavalleiro tão cruelmente tratado, e esperando já a ultima hora da sua vida, começou a exclamar desta maneira: — Meu Deos, e meu Senhor, peço-te pelos merecimentos de tua Paixão, e Morte que recebas a minha alma na tua Gloria, pois o corpo brevemente se acaba, e me dá paciencia, para que esta morte seja em remissão dos meus peccados. O' nobre Primo Roldão, que más novas levarás a nosso tio Carlos Magno! O' nobres companheiros, encommendo-vos a triste Floripes, minha Esposa, que não haverá quem a console, se vós a desamparais.

Neste tempo estava a formosa, e desconsolada Floripes com os Cavalleiros nas janellas da Torre, quando virão levantar uma forca; e não sabendo para quem era, virão vir os tres mil Turcos que trazião a Gui de Borgonha; e Floripes voltando para os Cavalleiros, se poz de joelhos, e com enternecidas lagrimas lhes disse: O' nobres Cavalleiros, não sejam os vossos corações tão duros, e tyrannos, que consintais que á vista dos vossos olhos seja enforcado vosso leal companheiro. O' nobre Roldão, cuja lança, e espada é horror de toda a Turquia, por aquelle Deos, em quem crês, e adoras, te peço que não desampares esta triste donzella, e que não te esqueças de teu primo Gui

de Borgonha, e meu Esposo, que em tanta affronta está mettido. — Roldão lhe respondeo: — Senhora; tem esperança naquella bemdita Virgem Mãi de Deos, e Senhora nossa, e lhe roga de todo o teu coração que queira ser em nossa ajuda; que em quanto ao sahi-mos em seu favor, não duvides, Senhora, ainda que seja contra nós todo o mundo. — Floripes abraçou a todos, um por um, e antes que sahissem da Torre, fallou Roldão desta maneira: Senhores, e amigos, este é o dia, em que convém muito ganharmos honra, e credito, em restaurar a Gui de Borgonha, nosso parente, amigo, e companheiro, de tão ignominiosa morte, e assim convém muito que vamos todos bem ordenados, e unidos, porque se nos desmandar-mos, é difficiloso sair-mos bem de tão grande multidão de Turcos. Por tanto vos rogo que não vos enganem os vossos valentes corações, que por cobiça de matar vinte, ou trinta, se tire algum da união, que muito aos convém, pois ainda que sejamos poucos no número, seremos muitos no esforço. — Sabindo da Torre, virão os soldados, que trazião a Gui de Borgonha para a foren, e logo disse Oliveiros: Vêde que é muito necessario que vamos tomar a dianteira, e pelejar com todos, por que em quanto pelejamos, não o hão de enforçar, e neste conflicto faremos toda a diligencia porque Gui de Borgonha seja por qualquer de nós, que primeiro chegar, restaurado, e solto. — Approvã-rão todos o conselho, e partirão a toda a pressa.

Quando os Turcos virão vir os Cavalleiros contra elles com tanta furia, que parecião raios despedidos das nuvens, começãrão com grandes alaridos a desinquiatar-se; e logo o seu General Cor-

nifer poz o Exercito em boa ordem, e mandou destacar dez mil homens para se ajuntarem com os tres mil, que acompanhavão a Gui de Borgonha; e logo se poz diante do Exercito, e foi como bom Capitão, receber os Cavalleiros Chri-tãos, não só para pelejar, mas tambem para que não tivessem tempo de chegar antes que Gui de Borgonha morresse.

Quando Oliveiros vio Cornifer, disse: — Senhor Roldão perdoa-me, que eu quero ir receber aquelle Turco, pois que vem tão soberbo. — E indo para elle, o recebeu de sorte, que lhe metteo a lança, e deo com elle do cavallo em terra; e mettendo mão á espada, se metteo por meio dos Turcos como lobo carniceiro entre o gado, e assim se travou uma tão cruel batalha, que não puderão os Cavalleiros por um bom espaço de tempo passar adiante, para ir restaurar o padecente.

Vendo Roldão esta demora, se levantou sobre os estribos, e vio que já subião a Gui de Borgonha pela escada, que estava arrimada á forca, e disse: — Senhores, não nos detenhamos muito, e cada um de vós outros procure seguir-me, porque já Gui de Borgonha, está na escada da forca. — Então todos os Cavalleiros, desprezando o temor de morrer, e postos em boa ordem, entrã-rão pelo meiodos inimigos, e Roldão diante, derubando immensidade de Cavalleiros, desguarnecendo arcezes, e cortando braços, e cabeças, de que trazião as armas ensopadas em muito sangue.

Chegarão em fim ainda a tempo que Gui de Borgonha estava vivo, de que tiverão muito prazer; e em quanto os outros pelejavão, se aprou

Ricarte de Normandia, lhe tirou a corda do peçoço; soltou as mãos, e o abraçou.

Neste tempo sahirão os dez mil Turcos, que estavam na emboscada; e tanto que Oliveiros os vio, tomou pela redéa um poderoso cavallo, que andava solto, e o levou com toda a pressa a Ricarte de Normandia, e lhe disse: — Trata Senhor Ricarte, de armar a Gui de Borgonha com as armas, que ahitens dos Turcos mortos, e venha sem demora para a batalha, porque vem dez mil Turcos de refresco.

Dito isto, voltou para os seus companheiros, e vio a Gerardo de Mondifer a pé cercado de mais de duzentos Turcos, e em breve se poz diante de Gerardo, e ambos pelejarão com grande valôr. Neste tempo vio Gerardo fugir um Turco de Oliveiros, e ficando-lhe a geito, deo um salto, e se poz nas ancas do cavallo, e deitou o Turco em terra, e assim forão ambos pelejando, e até que se ajuntárão com os mais companheiros, e disse Oliveiros: — Senhores, detenhamo-nos aqui um pouco, e esperemos a Ricarte, e Gui de Borgonha, porque estejamos todos juntos para pelejarmos com os Turcos. — Porém, não poderão esperar tanto, que não chegassem os dez mil, que estavam emboscados; e como os Cavalleiros Christãos estavam sem lanças, receárão muito os primeiros encontros: Roldão, e Oliveiros hião diante como amparo dos outros, com os escudos nos braços, e as espadas nas mãos, e nos primeiros encontros matárão o cavallo a Roldão, e um Turco lhe deo um grande golpe no elmo; porém vendo que Roldão levantava a espada para o ferir, quiz fugir o Turco; mas Roldão não lhe deo lu-

gar, porque alcançando-o pelo hombro esquerdo, o partio até os peitos, e deste golpe ficárão os Turcos muito atemorizados, e assim a pé derrubou Roldão em pouco tempo quinze Turcos. E vendo um a grande destruição que Roldão fazia, quiz tomar delle vingança; e querendo-o ferir a seu salvo, lhe atirou de longe com a lança, e Roldão, desviando o corpo se foi para elle com muita ligeireza, e pegando-lhe por um braço o deitou em terra, e logo saltou sobre o cavallo do Turco, e tomando-lhe a lança, começou a deçorrer pelo campo, pelejando com tanta furia, que desbaratava tudo quanto lhe sabia ao encontro, sem ter, nem guardar ordem alguma; porém eacommendou a seus companheiros que não sabissem delia, e que esperassem a Gui de Borgonha, e a Ricarte de Normandia, em quanto elle andava pelo campo vendo aonde estavão os Capitães, e os mais principaes do Exercito do Almirante; e forão os seus golpes tão fortissimos, que todos lhe fugirão.

Tanto que Gui de Borgonha foi armado, cavalgou em um soberbo cavallo, e fez tão grande matança, que Roldão estava admirado, e muitas vezes se esquecia de pelejar, só por vêr quão bem jogava as armas.

Chagando Roldão aonde estava Gui de Borgonha, o abraçou, e lhe disse: — Muito estimo meu primo, que te vingasses dos teus inimigos. — Melhor vingança fizeste tu. — Disse Gui de Borgonha. E estando nesta prática, chegarão os Cavalleiros de fazer uma innumeravel destruição aos inimigos, e Gui de Borgonha os abraçou a todos, agradecendo-lhes o muito, que por elle tinhão obrado

Vendo-se os Cavalleiros Christãos já livres dos seus inimigos, derão infinitas graças a Deos, e disse Oliveiros: — Senhores, vamos consolar a formosa Floripes, e suas Damas, que estão com grande sentimento deste successo. — E Gui de Borgonha lhe disse: Senhor que havemos de fazer na Torre sem mantimento? Melhor é morrer no campo pelejando, e assim sigamos a nossos inimigos, e lhes tomaremos o mantimento, que tem. — E todos forão deste parecer.

Vendo a formosa Floripes de uma janella da Torre que os Cavalleiros hião continuando em seguir o inimigo; começou com grandes vozes a chamar Gui de Borgonha; e o nobre Cavalleiro com os seus companheiros se chegou á Torre, e fallou a Floripes, que estava muito alegre, e lhe disse que era forçoso seguir o inimigo, para lhes tomar o mantimento, e assim se despedirão.

### CAPITULO XXX.

*Como os Cavalleiros Christãos tomárão o mantimento ao Exercito do Almirante, e a Torre foi com grande industria combatida.*

Pozerão-se os Cavalleiros em ordem, e forão buscar a seus inimigos, os quaes entendendo que havião de descansar, tinhão deixado as armas; e vendo o Almirante os Cavalleiros Christãos, chamou com grandes vozes os seus soldados, e lhes disse que se armassem com brevidade, e defendessem o mantimento; e se chegarão todos os Turcos armados ás Tendas, aonde estava o provimento Real.

Conhecendo isto os Cavalleiros lhe derão uma

cruel batalha, que durou até á noite; e como os Turcos não ousavão fugir por medo do Almirante, que os estava vendo de longe, morrerão tantos, que os Christãos andavão já cançados, e cobertos de sangue; e assim entrarão nas tendas do Exército, e achárão doze azemolas carregadas de mantimento; e voltando com ellas para a Torre, achárão o corpo de Bosim de Genova, seu companheiro, e o levárão consigo.

Chegados á Torre, forão nella recebidos com grande alegria, e principalmente Gui de Borgonha de sua amada esposa Floripes, a qual tendo-o nos braços, lhe não dava credito; e deixando-o se prostrou aos pés do nobre Roldão, querendo-lhos beijar, o que elle não consentiu, e lhe pegou nos braços para a levantar, e aos mais Cavalleiros abraçou um por um, dando-lhes repetidos agradecimentos pelo que haviam obrado por seu amado, e querido Esposo. E posta a mesa, ceárão com grande contentamento, e derão graças a Deos por serem tão felizmente succedidos

Não convém deixar de dizer a pena, e sentimento, que o Almirante recebeu quando soube que os Christãos estavam providos de mantimento, porque sempre entendeu rendellos por fome; e arrenegando dos seus Deoses, amaldiçoando a hora do seu nascimento, e a sua má fortuna. estava tão enojado, que nenhum dos seus se atrevia apparecer lhe diante.

Chegada a manhã mandou chamar a seus Conselheiros, e lhe perguntou que se devia fazer, e elles lhe disserão que fizesse aperceber toda a sua gente, e se desse um combate á Torre, porque não era possível que os Christãos tivessem com

104 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
que se defender. E logo se fez assim; porém os  
Christãos se defendêrão valorosamente, atirando-  
lhe com pedras, tijolos, e telhas. Floripes, e suas  
Damas estavam das janellas atirando valorosamen-  
te a seus inimigos com pedras, e disto tinha gran-  
de raiva o Almirante; o qual vendo que no com-  
ba<sup>t</sup>e havia perdido muita gente, e estavam a maior  
parte dos vivos perigosamente feridos, tornou de  
novo a amaldiçoar os seus Deoses, e um Caval-  
leiro lhe disse: — Senhor, creio que quando os  
Christãos entrárão na Torre, perdêrão os seus  
Deoses todo o seu poder, pois em nenhuma coisa  
te ajudão. — O Almirante lhe disse: — Cala-te, e  
não digas taes palavras, que os meus Deoses ain-  
da hão de trazer os Christãos, e Floripes a meu  
poder.

### CAPITULO XXXI.

*Como a Torre foi minada pelos Turcos, e cahio  
uma parte della, e os Cavalleiros quixerão sahir  
á batalha.*

Estava o Almirante tão raivoso contra os Chris-  
tãos, e sua filha, que buscava todos os modos que  
podia para vingar se, e assim mandou chamar um  
feiticeiro, e lhe disse: Se sabia algum modo pa-  
ra ganhar a Torre? Elle respondeo que sim, e que  
ao outro dia pela manhã mandasse preparar a gen-  
te para pelejar com os Cavalleiros, que forçosa-  
mente havião de sahir da Torre, por quanto elle  
a havia de fazer arder.

Chegada a manhã fez o encantador, o qual se  
chamava Malleão, subitamente arder os quatro  
cantos da Torre; e quando os Christãos a virão  
arder, se armárão mui depressa para sahir; po-

tóm Floripes lhes disse que socegassem, que ella bem sabia como aquelle fogo se apagava. E dizendo certas palavras, logo o fogo se extinguiu. Vendo o Almirante o fogo apagado, bem conheceo que era por industria de Floripes, e jurou aos seus Deoses de a fazer queimar, e mandou ao seu encantador, e outros homens engenhosos, que buscassem outros modos para combater a Torre; e logo se fizeram bons, e grandes reparos com rodas, e assim forão rodando debaixo delles, e arrijando-se á Torre, a combatêrão.

Como os Cavalleiros não tinham pedras com que lhes atirar, determinárão salir ao campo, e Floripes lhes disse que esperassem, e foi onde estava o thesouro de seu Pai, lhes trouxe grandes peças de ouro, e prata, e todos os Idolos, que erão de ouro fino, e os Cavalleiros fizeram tudo em pedaços, e com elles atiravão aos Turcos. Vendo os inimigos tantas riquezas de ouro, e prata, deixárão o combate, só por apanhar os pedaços, e desta sorte se matavão uns aos outros. Vendo o Almirante tão grande estrago, assim de gente, como dos seus thesouros, mandou recolher a gente, curar os feridos, e descansar o Exército aquella noite.

Chegada a manhã continuou o combate, e abrirão os Turcos na Torre uma grande brexa, de sorte que cahio uma esquina della. Vendo isto Floripes tomou outros muitos thesouros, e os trouxe, e com elles atiravão das janellas aos Turcos, e sobre o apanhallos houve entre elles uma grande batalha, e muitos mortos. A este tumulto accudio o Almirante, e mandou apregoar com pena de morte, que nenhum Turco se abaixasse a to-

mar do ouro, ou prata, com que lhes atiravão, e lhes mandou secretamente, que descansassem todo o dia, e que de noite minassem a outra esquina da Torre.

Chegada a noite, disse Gui de Borgonha: Senhores, toda a gente está socegada, e o Almirante, a bom tempo chegaremos a dar-lhe má cêa em satisfação de mandar derrubar a Torre. — Resolvêrão todos sahir contra seus inimigos, e entrãrão por entre elles que estavão descuidados de tal assalto; e depois de matarem, e ferirem muitos, se puzerão os Turcos em fugida para onde estava o Almirante ceando com seu sobrinho El-Rei Espolante, que tinha vindo em seu soccorro com muita gente.

Querendo El-Rei Espolante mostrar o seu valôr, se armou com toda a brevidade, e com muito orgulho sahio com toda a sua gente á batalha; e topando-se primeiro com Roldão, e quebrando este a lança no seu escudo, metteo mão á espada, e lhe deo tal golpe na cabeça, que lhe partio o elmo até á carne, e o derrubou do cavallo, e um dos Turcos começou com grandes vozes, e alaridos a gritar, dizendo: — Acudi, acudi Cavalleiros, que El-Rei Espolante foi derrubado do cavallo. — Ouvindo isto Roldão lhe pegou por um braço, e o levou arrastando-o até á Torre.

### CAPITULO XXXII.

*Como os Cavalleiros Christãos determinárão mandar um delles a Carlos Magno, a fazer-lhe saber o perigo em que estavão.*

Havendo estado os Cavalleiros tanto tempo na Torre sem soccorro, e desconfiados da tardança

de Carlos Magno, estavam muito tristes, e assim disse o Duque de Nemé: — Senhores, o Imperador não deve saber aonde estamos, e demais disto, terá o Almirante mandado guardar todos os passos, porque ninguém leve noticia aos Christãos. Pelo que me parecia que um de nós partisse secretamente a Carlos Magno, porque em sabendo aonde estamos, sem duvida que logo ha de ir soccorrer-nos. —

Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor Duque, bem escusado é fallar nisso: por onde ha de passar um só homem, salvo fôr voando? Bem vê: toda a terra cuberta de Turcos, e demais, que ninguém pôde passar senão pela ponte de Mantible, e sabes as fortes guarnições que nella ha: vê pois como passará um homem só, nem ainda muitos, sem grande perigo. —

Vendo Floripes que os Cavalleiros estavam nesta prática, e muito tristes, lhes disse: — Senhores, não vos entristeçais, esperai mais alguns dias, e senão vier soccorro, eu sei que qualquer partido fará com vosco meu Pai, por resgatar este Rei, que temos prezo, porque é seu sobrinho, filho de sua irmã, e senhor de muitas rendas. —

Pareceo muito bem a todos o que Floripes disse, e esperarão alguns dias; e vendo que não chegava o soccorro, e que o mantimento se hia acabando, disse Roldão, que queria ir a Carlos Magno, e com ajuda de Deos lhe traria brevemente o soccorro. Disse então Ricarte de Normandia: — Senhores, bem sabeis que tenho um filho; e como parece, segundo os seus principios, será grande Cavalleiro; e se acaso eu morrer, ou fôr prezo no caminho, tenho quem me vingue, pela

qual razão é mais conveniente que eu vá, do que algum de vós outros; e se vos parecer, logo me porei a caminho, para que antes que se acabe o mantimento, possa vir o soccorro —

O que ouvido, e ponderado, concluirão todos de commum consentimento, que fosse Ricarte, ainda que a todos causava um grande sentimento, pelo evidente perigo a que se expunha, e assim disse Roldão: Senhor Ricarte, antes de amanhecer sahiremos todos á campanha, e depois que vires a batalha embaraçada, desvia-te, e toma o caminho, que has de seguir, que eu te prometto que lhes dê tanto que fazer, que ainda que te vejam, não tenham lugar de te seguir.

O que supposto, levantarão-se duas horas antes de amanhecer, e depois de bem armados, abraçarão todos a Ricarte, e com grande amor o encommendarão a Deos; e indo-se despedir de Floripes, ella o abraçou muitas vezes com abundancia de lagrimas, e trouxe o cofre das Santas Reliquias, que elle venerou com muita reverencia, e derramando infinitas lagrimas se encommendou ao seu Creador, e se despedio de Floripes, e das Damas.

Chegando Ricarte aonde estavam esperando os outros Cavalleiros, se montarão todos nos seus cavallos, e sahindo da Torre acharão toda a gente d'ElRei Espolante guardando a sahida da Torre, e logo se começou uma muito cruel batalha, e os Christãos pelejarão com tanto valôr, que fizeram fugir os Turcos até ás Tendras do Almirante, e Ricarte de Normandia se metteo de tal sorte na Batalha, que quando quiz sahir delia para se metter no caminho para onde hia, não pôde; e não

cessando de matar, e ferir Turcos, deo um grande grito, porque soubessem os seus companheiros aonde estava; e ouvindo-o Oliveiros, se metteo como leão feroz entre os Turcos, e em breve tempo lhe fez caminho por onde passasse; e vendo Ricarte que já queria amanhecer, e achando tempo, e lugar opportuno, se poz no caminho para ir a Carlos Magno.

### CAPITULO XXXIII.

*Como ElRei Clarião seguiu a Ricarte, e este o matou, e lhe tomou o cavallo.*

Posto Ricarte de Normandia no caminho, se metteo por um monte, desviando-se das estradas, e veredas, por não se encontrar com a grande multidão de Turcos, que de todas as partes vinhão soccorrer o Almirante; e indo subindo para um alto monte, e sendo já dia claro, foi visto dos Turcos; e ElRei Clarião, mandou aperceber toda a sua gente para o seguir; e estando Ricarte já em cima do monte se apeou para descansar; e não sabendo que hião em seu seguimento, tirou o freio ao cavallo para pastar, e se arrimou a uma arvore, onde estava muito triste, assim pelo perigo de passar a ponte de Mantible, como pelo cuidado, que tinha de seus companheiros estarem na Torre cercados.

Estando o nobre Cavalleiro desta sorte, vio vir ElRei Clarião em um soberbo cavallo; e sentindo o cavallo de Ricarte, que andava pastando, as pizadas do cavallo do Turco, deixou o comer, e largou a fugir para junto do seu senhor para que se montasse, e Ricarte lhe poz o freio, e se

montou. Quando Clarião vio a Ricarte, lhe disse: — Christão, juro aos meus Deosés de te levar prezo ao Almirante, e não terão os teus companheiros poder para defender te, como fizerão no outro, que levavamos a enforcar. — Ricarte lhe disse: — Tu com toda a tua gente não me pudes-te prender, agora tu só me queres levar prezo? — Clarião lhe disse: — Junto áquelle porto deixo quatro mil homens de peleja, que depressa chegarão aqui, e assim trata de largar as armas, rende-te, que algum partido te fará o Almirante, pois é impossivel que escapes das nossas mãos. —

Ricarte lhe disse: — Pois em quanto não che-gão os teus soldados, trata de ser bom Cavalleiro. — E apontadas as lanças, se foi um para o outro, e se encontrárão com tanta força, que a dois arremessos cahio o cavallo de Ricarte, e levantando-se este com muita ligeireza, puxou da espada, e deo tal golpe no escudo de Clarião, que o partio em dois pedaços; e sentindo as pizadas dos soldados, antes que chegassem, lhe repetio segundo golpe no braço direito, e foi tão forte, que lhe fez saltar a espada fora da mão de Clarião; e pegando-lhe logo pelo braço, o deitou em terra, e lhe cortou a cabeça, e logo montou no cavallo do Turco, que estava mais descansado, que o seu.

Ern o cavallo de Clarião desde a cabeça até meio do corpo mul branco com umas pintas vermelhas, e desde o meio para traz era baio com umas pintas negras: tinha o cabello de um dedo, a cabeça pequena, os olhos grandes, as orelhas mui pequenas, e redondas, os narizes rombos, ns vent-tas mui abertas, e da parte de dentro muito cora-

das, o pescoço curto, e largo, a cola comprida, e as sedas grossas, a cauda grande, e bem coberta, que quando corria, fazia uma grande ala: erá muito ligeiro, e forte, de tal maneira, que correndo déz legoas á redea solta, nunca já mais o virão soado, nem cançado.

Quando Ricarte se vio montado em tão formoso, e galante cavallo, determinou matar o seu, porque não ficasse em poder dos Turcos; porém arrependido, disse: — Bem me tens servido, e não é razão dár-te má paga: Deos te leve a poder de Christãos, e muito me pesará se cavalgar em tí algum Turco, porque poucos cavallos á no mundo melhores do que tu. —

E sentindo o ruido que fazião os soldados de Clarião, se poz a caminho direito á ponte de Mantible; e o cavallo, que tinha deixado, voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo; e quando os soldados de Clarião o virão, imaginárão que Ricarte era morto, e querendo apañhallo, não poderão, e passou pelo Exército do Almirante sem que o podessem tomar, nem ouvirão chegar a elle.

Quando o Almirante vio o cavallo, disse: — O' muito nobre, e valente Rei Clarião, meu amado sobrinho, muito te agradeço o que hoje tens obrado por meu serviço, pois mataste o mensageiro dos Christãos, do qual nos podia vir grande prejuizo, se chegasse ao Imperador Carlos Magno, e lhe dissesse o miseravel estado, em que estavão os seus Cavalleiros. — Não parou o cavallo senão á porta da Torre, e quando os Christãos o virão, lhe abrirão a porta com muitas, e sentidas lagrimas, e disse o Duque de Nemé com grande sentimen-

to: — O' nobre Ricarte, muito leal amigo, muito me peza da tua partida, e muito mais das más novas, que o teu cavallo nos traz! — E Roldão disse: — O' meu leal amigo: muito melhor nos fôra esperar soccorro de Deos, pois não chegava o de Carlos Magno; mas eu te asseguro que a tua morte será bem vingada, e não tornarei já mais a entrar na Torre, nem a espada metterei na bainha, em quanto ao Almirante não cortar a cabeça. —

### CAPITULO XXXIV.

*Como os soldados d' El Rei Clarião o acháráo morto, e o leváráo ao Almirante.*

Seguindo a gente de Clarião a Ricarte, acháráo a Clarião morto no campo, e deixando o seguimento de Ricarte, leváráo o defunto com grande choro ao Almirante: e acudindo este, lhes perguntou por seu sobrinho El Rei Clarião. Respondeo um Cavalleiro: Senhor, em má hora viemos em teu soccorro. Tu perdeste a teu Capitão, e nós perdemos o nosso Rei. Antes que o Turco acabasse de fallar, cahio o Almirante com um grande accidente, pela qual causa se fez doloroso pranto por todo o Exercito.

Ouvindo os Cavalleiros Christãos tão grande alarido dos Turcos, chegáão ás janellas da Torre para saber o que era, e Floripes entendeu logo que El Rei Clarião era morto, e com muita alegria o contou a Gui de Borgonha, e aos outros companheiros, de que todos ficáráo muito alegres, e com esperanza de serem soccorridos.

Tornando o Almirante em si, começou com muita braveza a puxar das barbas, arrancando os cabellos da cabeça, e ameaçando aos Christãos. E logo mandou chamar um Turco caminheiro, chamado Orangel, e lhe disse: — Já sabes como o que matou ElRei Clarião foi por mensageiro a Carlos Magno, d'onde nos póde vir um grande prejuizo; e para evitar este convém que a toda a pressa leves esta carta a Galafre, Governador da Ponte de Mantible, e dize-lhe que estou mal com elle, porque deixou passar os sete Cavalleiros, que me tem destruido, e assim que tenha cuidado não passe o mensageiro, sob pena de o mandar enforcar. Orangel lhe respondeo: — Senhor, descança, que eu ainda que vou a pé, chegarei mais depressa que o mensageiro a cavallo. — Partio logo Orangel, e chegando á porta da Ponte, disse a Galafre: — Eu sou mensageiro do mui poderoso Almirante Balão, e te trago esta carta, e tambem por mim te manda dizer que sob pena de morte não deixes passar a um Christão que leva cartas ao Imperador Carlos Magno de uns Cavalleiros, que estão na Torre cercados e além disto está mal contente de ti, pelos deixares passar, pois que tem destruido toda a Turquia. —

Quando Galafre ouviu o mensageiro, e lêo a carta do Almirante, subio logo em continente á Torre, e tocou uma grande buzina para ajuntar a soldadesca; e logo em um instante se ajuntarão tres mil de cavallo, e infantes, muito bem armados, e sahio o Governador Galafre com elles a correr todo o campo, para vêr se achava o mensageiro de Carlos Magno.

## CAPITULO XXXV.

*Como Ricarte passou o rio Frigor milagrosamente, mediante um viado branco, que o guiou.*

Muito desejoso estava Ricarte de Normandia de levar socorro a seus companheiros, que ficariam na Torre cercados, porém temia muito a passagem da Ponte. E assim estando combatido de mui diversos pensamentos, olhando para uma e outra parte, vio a Galafre com grande número de gente, e se desviou delles, dizendo: — O' Jesus, Rei da Gloria, rogo-te que sejas em minha guarda, e ajuda, para que mediante a Divina Graça, possa trazer socorro aos teus Cavalleiros, que de tantas angustias ficão cercados.

Dizendo isto, vio diante de si três Cavalleiros Turcos, que com grandes vozes o ameaçavam para dar-lhe a morte, dizendo que não lhe aproveitaria o ligeiro cavallo d'ElRei Clarião. E querendo Ricarte escusar a batalha, intentou fugir, confiado na ligeireza do cavallo; mas considerando que pela ponte não podia passar, e menos pelo rio, se resolveo com magnanimo coração a accommettellos; e cuberto do seu escudo, e a espada na mão, arremetteo com todos os três, e lhe sahio ao encontro um Turco soberbo com uma grossa lança, a qual logo quebrou no seu escudo, sem que Ricarte fizesse na cella a mais minima mudança, e hião os cavallos com tal velocidade, que se ajuntou um com o outro, e o Turco com o seu cavallo cahirão em terra; e voltando Ricarte para os outros, deo a um tal cutilada na cabeça, que lha abriu até os dentes, e deste golpe

ficarão todos os outros muito admirados, e medrosos, e não ousavam a accommettello, o que vendo Ricarte, guiou para a ponte, e vendo de longe que a entrada estava muito guarnecida, se retirou sem ser visto, e se metteo em uma Ilha, que estava junta do rio, e alli esteve imaginando o modo que teria para passar.

Mas Deos nosso Senhor, que de todos é o verdadeiro remedio, nunca se esqueceo dos seus servos, e assim lhe mandou um cervo branco, que diante de Ricarte se metteo no rio, e passou para a outra parte, e depois de passar, olhou para Ricarte; e vendo que ainda não se atrevia a passar, voltou o cervo, e atravessou o rio, e chegou junto a Ricarte, e tornou a voltar passo a passo, e lentamente; e olhando para Ricarte, o qual, vendo este prodigio, se encommendou de todo o coração a Deos, e metteo o cavallo ao rio, e foi seguindo o cervo, e a pouco espaço se vio da outra parte sem perigo, desapareceo o cervo, ficando daquelle prodigio todo admirado. Quando os Turcos, que estavam na Torre da Ponte, o virão passar á outra parte, chamarão com grandes vozes a Galafre; e quando este o vio da outra parte do rio, ficou mui triste, e arrenegado, e logo mandou que os soldados de cavallo o seguissem, e prendessem, ou matassem; porque não o fazendo assim, e chegasse a Carlos Magno, que nunca já mais apparecia diante de seu Senhor o Almirante, assim o fizeram mas não o conseguirão. Tanto que Ricarte se vio da outra parte do rio, além de dar infinitas graças a Deos, caminhou a terra do Christãos. Agora deixemos de fallar em Ricarte, e seus companheiros, e fallemos de Carlos Magno.

## CAPITULO XXXVI.

*Como Carlos Magno quiz voltar para França por conselho de Galalão, e seus parentes.*

Estando o Imperador em Marmionda com grande tristeza, porque dos seus Cavalleiros não tinha noticias, mandou chamar Galalão e Geofre de Altoja, e Alberto de Macaire, e outros muitos, e entre elles veio tambem o Duque Regner, Pai de Oliveiros, aos quaes disse: — Amigos, eu estou com uma grande tristeza, e determino deixar a Corôa, e todo o Governo, por quanto quem perdeu taes Cavalleiros, não merece reinar. E assim vos rogo que cada um de vós me dê o seu parecer, e fórma com que saberemos dos nossos Cavalleiros. — Disto teve grande contentamento Galalão, por ser traidor; e ainda que na apparencia mostrava sentimento, disse assim; — Senhor, o meu parecer é que não passes mais adiante, antes manda levar todas as tendas, e nos iremos pouco a pouco para França, e lá mandarás dizer Missas, e suffragios, pelas almas de teus Cavalleiros, porque não crêas que estejam vivos; e tornando para as nossas terras, ajuntarás mais gente, e depois viremos vingar a sua morte, e o Almirante terá junta a maior parte da Turquia para se vingar de ti, pelo vencimento de Ferrabrias seu filho.

Quando o Imperador ouviu o que dizia Galalão, poz a mão na face, e se arrimou ao braço da cadeira, onde estava assejtado, e assim esteve um grande espaço de tempo sem fallar palavra, e entre si disse: — O' desgraçado Rei, que ha de ser de ti, se voltas sem vingar as mortes de teus

Cavalleiros? Já, oh Turcos, se acabáão todos os vossos temores; aquelles, cujos nomes vos fazião voltar as caras, e fugir no maior conflicto da batalha, já vos não lançarão fóra das vossas Fortalezas. Da perda dos meus Cavalleiros já resultará a toda a Turquia os maiores descansos. Já os Infieis estarão livres de sobresaltos: — depois disto levantou a cabeça, e disse aos circumstantes: — Já nós outros que presentes estais, tendes ouvido o conselho, que me deo Galalão, e não me parece digno de receber; por quanto, além de ser contra a vossa, é tambem contra a minha honra. E assim quero o vosso parecer, para vermos qual havemos de seguir — Então respondêrão uns Cavalleiros os da linhagem de Galalão, chamados um Macairo, outro Auberim, e outros mais: — Senhor, adverte que Galalão te dá mui bom conselho. E não faças conta de passar adiante, pois na tua companhia estão mais de dez mil homens, que depois que souberão da morte de Roldão, tem feito juramento de não passar daqui para diante, ainda que tu os mandes.

Ouvindo isto Carlos Magno, deo um grande suspiro, e disse: — O' verdadeiro Deos, não desampares a este triste velho de tantas angustias cercado; porque o conselho destes Cavalleiros não me parece bom. — O Duque Regner, Pai do grande Oliveiros vassallo muito leal, lhe disse: — Senhor, os que te derão esse consello, não te querem bem, nem estimão a tua réputação, e se alguns te não quizerem seguir, serão aquelles que são da sua linhagem, e parcialidade; porém os que desejão o augmento da tua Imperial Coroa, nem te darão tal conselho, nem deixarão de te

guir-te. — Aubertim parente mui chegado de Galalão, lhe disse: — Regner, senão estivessemos diante do Imperador, eu fizera que te custasse caro o que dizes, porque mentes. — E Regner lhe deo uma grande punhada, de sorte, que o derubou em terra: e havia de haver entre elles muita ruina, se o Imperador os não applicára; e a este motim se achárão da parte de Galalão mais de mil e seiscentos homens armados contra Regner; e Ferrabraz, que se achava presente, puxou a espada, e disse: — Juro ao Santo Baptismo, que tenho recebido, que se algum se mover para molestar o Duque Regner, que lhe hei de mostrar como corta a minha espada. — O Imperador mandou que se aquietassem, pena de morte, lhes disse: — Já sinto a falta dos meus Cavalleiros, que como vós outros me vêdes sem elles, me estimais em pouco, nem me guardais respeito. — Ferrabraz lhe disse: — Senhor, peço-te que isto, que atégora tem passado, o perdoes; porém daqui por diante castiga tua gente com justiça; e ao que errar, e se te atrever, não lhe perdoes. E a mim me terás, em quanto viver, por firme columna do teu Reino, e honra. — Carlos Magno lhe perguntou: Qual lhe parecia melhor, se ir para diante, ou voltar para traz? Ferrabraz lhe respondeo: Senhor, o voltar para traz é bom para o descanso da tua pessoa, mas não para acrescentar a tua honra. Então deo Carlos Magno um grande suspiro, e disse: — Prometto de não tornar para terra de Christãos até que saiba noticias certas dos meus nobres, e amados Cavalleiros. — E logo ordenou ao Duque Regner que escolhesse algumas pessoas que fossem com elle ao Reino de França reconduzir mais gen-

E DOS DOZE PARES DE FRANÇA. 119  
te para accrescentar o Exercito, o que logo o Du-  
que poz em execução.

## CAPITULO XXXVII.

*Como Ricarte chegou ao Exercito de Carlos Magno.*

Querendo o Imperador Carlos Magno mandar a França buscar mais gente, e estando já Regner para partir, chegou um Cavalleiro, e lhe disse: Senhor, ahi vem um Cavalleiro apressadamente da terra de Turcos, e pelo modo me parece que traz embaixada do Almirante. — Carlos Magno, sahio logo da Tenda, e tambem o Duque Regner, que alli se achava, e virão vir ainda de longe a Ricarte, e disse Carlos Magno: — Este parece no seu modo a Ricarte. —

Chegado Ricarte ao Imperador, saltou mui depressa fóra do cavallo, e se poz de joelhos, e Carlos Magno lhe disse: — Meu amado, e querido Cavalleiro, sejas bem vindo, que noticias me dás de Roldão, Oliveiros, e dos mais companheiros? Como vens só? Dize-me: são mortos, ou vivos? — Respondeo Ricarte: -- Senhor, dá graças ao Omnipotente Deos, que os á livrado de muitos perigos. É assim, Senhor, todos estão vivos, e não longe de Agoas mortas; mas cercados em uma Torre com mais de cem mil Turcos, e com elles está a virtuosa Floripes, filha do Almirante, e irmã de Ferrabraz, mediante a qual conservamos todos a vida, e te dá as Santas Reliquias, que á tanto tempo buscas. É assim te manda pedir, e tambem os teus Cavalleiros, que te dignes de lhes dár socorro. É a formosa Floripes está com grande de-

sejo de ser Christã. Se tu, Senhor, ganhares a Agoas mortas, e aquella Torre, eu te afirmo que em breve tempo serás senhor da maior parte da Turquia.

Com estas noticias recebeu Carlos Magno uma grande alegria, e lhe disse que Galalão, e seus parentes erão traidores, pois para que os seus Cavalleiros morressem sem soccorro, o querião fazer voltar para traz. E disse: — Dize-me, Ricarte, tem os meus Cavalleiros algum mantimento na Torre? — Respondeo Ricarte: — Senhores, puderão ter para seis dias, e não mais; o qual tomámos com grande perigo, junto ás tendas do Almirante. — Carlos Magno lhe perguntou: — Dize-me, que homem é o Almirante? — Elle respondeo: — Senhor o Almirante é muito feroz; muito valente pela sua pessoa, tem muita gente, mas pouco destra nas armas.

Porém, Senhor, para passar as Agoas mortas á um passo muito perigoso, que é a Ponte de Mantible, que por força a não pasará, nem tenderá todo o poder do Mundo. Porém usaremos de industria, e subtileza. — Carlos Magno lhe perguntou, e que industria poderia haver para passar.

Respondeo Ricarte: — Senhor, haremos cincoenta de nós outros bem armados, e cada um com sua capa grande, que cubra as armas, de modo que pareça que são mercadores, e levaremos quarenta azemelas carregadas de fardos, que pareçao mercadorias, e tu estarás com o Exercio detraz de um oiteiro, que está perto da Ponte; e imaginando os guardas que levamos mercadorias, hão de abrir a porta, e pedir os seus direitos. E então deixaremos cahir as capas, e lhes daremos bata.

lha, e com um sinal, que faremos, acudirás com o Exercito, e com ajuda de Deos ganharemos a Ponte, e daremos soccorro aos teus Cavalleiros.

Este conselho pareceo bem a Carlos Magno, e a todos os seus confidentes, e o Duque Regner deo um grande abraço a Ricarte: este com muito amor o recebeu, e lhe contou tudo o que seu filho Oliveiros tinha passado na Torre, e os muitos, e grandes beneficios que tinha recebido da formosa Floripes.

Tratou logo o Imperador de mandar preparar todo o Exercito para a partida: e Ricarte, que preparasse o necessario para a industria. Logo Ricarte mandou fazer muitos fardos de cousas de Exercito em fórma que parecesse mercadorias, e carregou quarenta azemolas, e pediu ao Duque Regner, e a Hoel, conde de Nantes, que escolhessem cincoenta Cavalleiros dos melhores, e os guiassem, de que o Duque, e o Conde ficarão muito contentes; e armados os cincoenta Cavalleiros, lhes mandou dar o Imperador cincoenta capas grandes, e cada um se cobrio com a sua, e se puzerão a caminho. e diante hião Ricarte, e o Duque de Nantes, e com as azemolas hião alguns homens de pé, e depois hia todo o Exercito com as bandeiras levantadas, e os soldados formados; e assim continuárão a sua marcha para a Ponte de Mantible.

## CAPITULO XXXVIII.

*Como por industria de Ricarte foi a Ponte de Mantible ganhada do Gigante Galafre, que a guardava.*

Teve o Imperador Carlos Magno medo com

que chegou de noite a acampar-se de traz do oiteiro, que estava perto da Ponte, sem ser sentido das guardas della, e Ricarte, Regner, e Nantes forão caminhando para a Ponte com as azemolas carregadas, e com cincoenta Cavalleiros; e quando estes virão a Fortaleza da Ponte, e a grandeza do rio, ficarão admirados, e conhecerão ser certo o que Ricarte tinha dito a Carlos Magno, que a não poderia render todo o poder do Mundo; e Ricarte disse: — Deos nos queira ajudar, porque hoje bavemos de ter batalha com o mais feroz Gigante do Mundo, e com trez mil Turcos, que não se apartão do seu lado. — Regner lhe perguntou: — Senhor Ricarte, como passastes quando vinhas com teus companheiros trazer a Embaixada? — Ricarte lhe contou toda a industria, que o Duque de Nemé tinha ordido.

Chegados já á Ponte, disse Ricarte: — Senhores, eu quero ir diante, e em abrindo o guarda a porta, entrareis vós outros; e quando me virdes lançar fóra a capa, lançaí vós tambem as vossas, e procurai todos ser bons Cavalleiros. Elles lhe responderão — Senhor Ricarte, não tenho receio de que saltemos, nem tão pouco de que se pusermos os pés dentro na Ponte, que não sejamos senhores della. —

Batendo Ricarte á porta da Ponte, chegou o Gigante Galafre, e abriu um postigo mui pequeno, e tinha na mão direita uma archa de armas muito grossa, e aguda: o corpo era demasiadamente alto, os olhos grandes, salidos para fóra, e ensanguentados, os narizes largos, e rombos, a boca muito grande, os beiços grossos, e era muito negro, e mais parecia fantasma, que creatura hu-

mana: tinha as pernas demasiadamente grossas; os pés tortos, e grandes, era muito valente, e feroz.

Aberto o postigo, disse o Gigante a Ricarte: — Dize-me, homem, que buscas por esta terra, e que mercadoria é a que ahí trazes? — Ricarte, mudando a lingua, porque não soubessem que era Francez, lhe disse: — Senhor, somos mercadores, que vimos de Tarrascona, e trazemos muitos pannos de todas as sortes, e queremos ir vendê-los a Agoas mortas: trazemos muitas jóias para offerer ao Almirante; e se tu nos deixares passar, e ensinares o caminho, te daremos das nossas mercadorias, porque não sabemos os passos desta terra, e nenhum de nós outros tem ainda passado aqui. — Galafre respondeo: — Sabei, que eu tenho o cargo de guardar esta Ponte, e toda esta terra, e não á muito tempo que sete traidores, vassallos do Imperador Carlos Magno, me enganarão falsamente, dizendo que levavão embaixada ao Almirante Balão; e me disserão que trazião o tributo, que se havia de pagar, e os deixei passar, e tem feito grande damno, e prejuizo ao Almirante, e por esta causa me á mandado, que, com pena de morte, não deixe passar pessoa alguma, sem primeiro saber quem é, e para onde vai; e assim quero vêr as mercadorias, e saber se sois mercadores. Ricarte lhe disse: Bem me parece que vejas as nossas mercadorias. E entrou logo com Regner, e Nantes; e quando Galafre vio tantos dentro, fechou o postigo por não entrarem mais, e lhes disse que tirassem as capas, porque queria vêr o que levavão. Ricarte se desviou um pouco; e deixando cahir a capa, metteo mão á

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
 espada, e o mesmo fizeram os outros; Ricarte lhe deu um grande golpe na cabeça, mas como nella tinha uma cavcira de serpente, resbalou a espada, e lhe cortou uma orelha; e os outros tambem procurarão de o ferir, mas não aproveitava, pois o dár nelle era o mesmo que dá em uma penhe porque sobre as armas trazia uma pelle de serpente, que era mui dura. Galafre levantou a archa de armas para ferir a Ricarte; mas vendo este vir o golpe, desviou o corpo, e deu a pancada em uma pedra marmore, que entrou por ella mais de um palmo, e dando o golpe em vão, deu um grato tão grande, que ouvirão os Turcos, que estava, da outra parte, e os Christãos fizeram o sinal ao Imperador Carlos Magno, o qual com toda a sua gente chegou com muita brevidade á Ponte; Ricarte abriu a porta, e tambem chegarão os Turcos, e houve entre elles uma grande mortandade.

### CAPITULO XXXIX.

*Como Carlos Magno ganhou a Ponte com a morte do Gigante Galafre, e Alovino, parente de Galalão, lhe quis fazer traição.*

A multidão dos Turcos, que vinha em favor de Galafre para soccorrer a Ponte era tanta, que cobria duas legoas de terra; e vendo Carlos Magno que os Christãos se retiravão, se cobrio com o seu escudo, e se poz diante, e começou a derrubar Turcos para uma, e outra parte, e vendo que Galafre fazia com uma archa de armas grande damno nos Christãos, pediu uma lança, e com ella lhe deu tantos encontros, que o derrubou em terra, e Ricarte lhe cortou a cabeça; quando se

vio no chão, deo um formidavel grito, que foi ouvido na distancia de tres legoas, e acudio muita gente para defender a Ponte: entre a qual veio um Gigante chamado Amfião, e o seguia sua mulher tambem Giganta, chamada Amiota, com dois meninos seus filhos nos braços de idade de quatro mezes, e erão de cinco pés de largo, e bem formados, segundo a grandeza dos seus corpos. E este Gigante se poz á porta da Ponte por onde havião de sahir os Christãos, com uma grande barra de ferro nas mãos, e começou a dizer com horriveis vozes: — Aonde está o velho louco de Carlos Magno? Se quer levar as Santas Reliquias, ou passar a soccorrer os seus Cavalleiros, venha, que a porta está aberta. — Ouvindo isto Carlos Magno, se cobrio com o seu escudo, e foi para accommettello; porém Ferrabraz lhe rogou que o deixasse a elle com aquella batalha, que conhecia melhor aquella gente, e o seu modo de pelejar. E Carlos Magno assim lho concedeo.

Cobrio-se logo Ferrabraz com o seu escudo, e chegou-se ao Gigante o espaço que lhe pareceo que o podia alcançar com a barra, e o Gigante a levantou com ambas as mãos; e fingindo Ferrabraz que esperava a pancada, desviou o corpo, e descarregando o golpe na terra, fez estremecer toda a Ponte; e antes que levantasse a barra outra vez, lhe cortou Ferrabraz os braços de um golpe, e lhe deo outro na cabeça, que lhe cortou o elmo, e o abrio até os dentes, então ganhárão os Christãos a Ponte: porém era tanta a multião dos Turcos, que os não deixavão sahir, e os fizeram retroceder até o meio da Ponte morrendo muitos de uma, e outra parte.

Esforçando-se então Carlos Magno, disse com grandes vozes: — Segui-me, Cavalleiros, que agora é tempo de empenhar as vossas forças; — e postos a seu lado Ferrabraz, Ricarte, Regner, e Nantes, dêrão tanta pancada nos Turcos, e fizeram nelles tal matança, que se virão obrigados a fugir para a Villa; e querendo levantar uma ponte levadiça, para que os Christãos não passassem á outra banda, teve Ferrabraz mão nella de tal sorte, que lhes não foi possível levanta-la, e disse aos outros Cavalleiros, que passassem com todo o Exercito, e que fossem armados para tomar a Villa, e que não perdoassem a nenhum dos seus inimigos.

Mettidos os Turcos na Villa, se quizerão fazer fortes nella; mas Carlos Magno como hia no seu seguimento, entrou, e alguns soldados juntamente com elle; porém na entrada houve grande mortandade nos Christãos, que com pedras lhes fazião os Turcos das janellas, e Torres da Praça; e vendo-se Carlos Magno em tão grande aperto, deo uma voz dizendo: — soccorro Cavalleiros. — Então chegou Galalão, e seus parentes com mil e setecentos homens mui bem armados, e fez alli grandes proezas, e durou o combate da entrada da Praça quatro horas, até que a renderão.

Depois de estar Carlos Magno dentro da Villa, e retirado o partido de Galalão, chegou Alorino seu parente, e lhe disse: — Senhor Galalão, Carlos Magno está na Villa com mui pouca gente, e será maravilha se já mais sahir della, porque os Turcos, que lá estão são muitos, e bem armados. Eu sou de parecer que nenhum do nosso partido o soccorra. E agora temos boa occasião para nos

vingar. E se tu quizeres que nos voltamos para França, levantar-nos-hemos com as Fortalezas, e pouco a pouco seremos senhores de todo o Reino, pois que lá não á pessoa alguma que nos possa contradizer. Galalão lhe respondeo: — Senhor Alorino, é verdade que eu tenho má vontade ao Duque Regner pela injúria, que á pouco nos fez a todos os parentes na presença do Imperador, e não menos a este por se lhe mostrar muito agradavel; porém não me parece que nos podemos vingar da maneira que dizes, sem detrimento das nossas honras, deixando-o em tão grande necessidade em poder dos Turcos. E além disso, póde ser que não nos succeda conforme a nossa intenção, porque bem poderão os parentes, que lá estão, dos que cá ficáião, fazer nos grande damno, porque podem conhecer brevemente a traição.

Estando nesta contenda, chegou Ferrabraz, e perguntando por Carlos Magno, lhe respondeo Alorino: — Creio que já o não verás vivo, porque está na Villa com pouca gente, e entre grande número de Turcos. — E Ferrabraz lhe disse: — E vós outros que fazeis aqui, que não lhe dais soccorro? Certo que bem podeis ser accusados traidores, pois que em tão grande affronta vos esqueceis do vosso Soberano. — E dizendo isto, tomou uma grande archa de armas, e se foi para a Villa dando grandes vozes, dizendo: — Cavalleiros, soccorrei o vosso Rei. — E chegando á porta da Villa, achou Galalão a seu lado com alguma gente.

Vendo que Carlos Magno com a pouca gente que tinha, se vinha retirando para a porta pelejando quanto podia, se metteo Ferrabraz por entre os Christãos, e pouco a pouco foi passando até

128 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
tomar a dianteira, e juntamente com elle hia Galalão, e fizerão os dois tão grande matança nos Turcos, que corrião pelas ruas rios de sangue, e não tiverão os Turcos outro remedio, senão fugir com grandes alaridos, e não contão a sua desgraça, e tomada da Ponte ao Almirante e os Christãos ficarão senhores da Ponte, e da Villa.

## CAPITULO XL

*Como Amiota, Giganta, de quem acima fallamos, matou a muitos Christãos, e como o Almirante soube da tomada da Ponte.*

Com muito grande trabalho, ganhou Carlos Magno a Ponte, e chegada a noite tomárão os Christãos as suas pousadas, e se desarmárão para descansar da grande fadiga da batalha. Havia uma Giganta chamada Amiota, que era mulher do Gigante Amfião, que Ferrabraz matou, sentindo os Christãos estavam descuidados, toda raivosa pela morte do marido, tomou uma visarma a modo de roçadoura, e sahindo da cova, onde habitava, deixando nella os filhos, entrou na Villa com furia tal que matava a todos os Christãos que pelas ruas encontrava; de tal sorte, que se amotinou toda a gente, e se armárão contra ella.

Quando Carlos Magno, sentio o alvoroço da gente, entendeu que serião Turcos, que vinhão em soccorro da Ponte, e se armou com toda a brevidade; e Ferrabraz, e os outros Cavalleiros fizerão o mesmo, e sahirão todos armados; e perguntando o Imperador que era o que tão grande motim causava, lhe disserão que era Amiota, e que sò uma mulher fazia tal alvoroço, e estrago; elle

disse que a queria vêr, e caminhou com os mais Cavalleiros para onde ella estava, e ficou admirado de vêr mulher de tal grandeza, pois chegava com a cabeça até os telhados, e reluzião os seus olhos como fachos accezos; e a escuma, que lhe sahia pela boca, lhe corria pelos peitos até os pés: dava de quando em quando um gemido, que se ouvia a distancia de meia legoa: só o pezo da visarma, ou roçadoura, que trazia, era bastante para derrubar uma forte Torre, e a sua horrenda vista bastava para atemorizar a todos os homens.

Vendo Carlos Magno tão abominavel monstro, se cobrio com o seu escudo, e com a espada na mão quiz ir a accommettella, e Ferrabraz lhe disse: — Senhor, não é honra que çujes a tua espada em uma mulher, nem será cordurá que esperes os seus golpes. Porém eu te direi o modo, que com ella havemos de ter. — E chamando a uns homens, que trazião fundas feitas ao modo da Turquia, mandou que lhe atirassem ás pedradas, e dando-lhe muitas, nunca a ferirão, nem a derrubárão, e era o mesmo que dar em um duro penhasco.

Vendo Ferrabraz que as pedras não fazião effeito, tomou uma funda com uma pedra, e disse: — Feio me parece matar uma mulher, mas não posso vêr diante de mim este demonio. E lhe atirou com a pedra com tanta força, que dando-lhe no pulso da mão direita, lhe lançou a mão fóra do braço, e cahio com a visarma em terra, e deo tal grito, que estremeceo todo o povo, e logo os soldados a acabárão de matar com muitas pancadas. E mandou Ferrabraz que se pozessem

130 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
vigias, e sentinellas na Ponte, e na Villa, os mais  
se recolhêrão a seus quartéis.

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno repartir pelos soldados o saque, que era muito rico, por constar da maior parte dos thesouros do Almirante, que os tinha alli seguros por ser a Praça muito forte, suavizando com este premio o seu grande trabalho, e o Imperador não tomou para si cousa alguma; e indo vêr as Fortalezas, e muralhas da Praça da parte de fóra, vio estar uma grande cova, e nella estavam chorando dois meninos filhos da Giganta Amiota, e os tinha parido de um parto; e sendo de quatro mezes erão tão grandes como um homem ordinario, e logo os fez baptizar, e foi seu padrinho: a um mandou que se chamasse Roldão, e a outro Oliveiros, mas não vivêrão mais de tres dias, de que Carlos Magno teve grande sentimento.

Querendo pois o Imperador passar a diante, por não retardar o soccorro, mandou enterrar todos os mortos e curar os feridos; e chamando a Ricarte, e a Regner, lhes perguntou que gente poderia deixar alli de guarnição? E lhe disserão que a gente que havia de ficar era necessario que fosse leal, porque era muito preciso ter aquelle passo seguro para o que podesse succeder. E assim determinárão que ficassem os dois nobres Cavalleiros Hoel de Nantes, e Riol de Nantes com dez mil Christãos.

Posta a guarnição sahio da Praça o Imperador com toda a mais gente em quatro Batalhões, um governava Ferrabraz, outro Regner, outro Ricarte, e outro tomou Carlos Magno para sua guarda, e deo a Ferrabraz a dianteira, porque sabia

melhor os passos da terra, e a retaguarda deo a Ricarte de Normandia. Postos assim, em boa ordenança se pozerão em caminho; e depois de terem subido um grande alto de um outeiro, separou-se Carlos Magno para vêr o seu Exército, e vendo-o tão luzido, e tão bem preparado, teve um grande gosto, e contentamento, e também porque conheceo que todos vinhão muito desejosos, e com grande vontade de pelejar, e disto deo infinitas graças a Deos.

Neste tempo teve noticia o Almirante da tomada da Ponte, e da Praça da morte dos seus Gigantes, e da perda dos seus thesouros, e logo cahio no chão amortecido; e quando tornou em si do desmaio, disse de-te modo: — O' Mafoma, e como te tem já faltado as tuas forças! Agora conheço o teu pouco poder. Já tenho por louco o que em tí confia. Nunca homem algum te honrou tanto como eu, nem em parte alguma do mundo são as tuas Mesquitas tão ricas, nem tão servidas como as que estão nas minhas terras. A ti só tinha encommendado a minha Torre, e os thesouros, que nella estavam. A ti só tinha encommendado a minha Torre, e os thesouros, que nella estavam. A ti só tinha encommendado que guardasses a minha Ponte de Mantible; e descansado na tua guarda, não puz tanto recato nella, quanto era necessaria, pois me confiava em tí. Nas cousas de pouca importancia me mostrastes os teus affagos, para que nas mais precisas, e necessarias me podesse facilmente derrubar, e assim sempre me enganaste. — Dito isto, tomou uma archa de armas, e com ella despedaçou todos os seus Deoses, e Idolos.

## CAPITULO XLI.

*Como os Cavalleiros da Torre forão grandemente combatidos, e a Torre foi quasi derrubada.*

Rogou Sortibão tão fortemente ao Almirante que se congraçasse, e pedisse perdão a Masoma, que movido dos seus teimosos rogos o fez diante de alguns dos seus Cavalleiros; e por melhor satisfação lhe prometteo mandar de novo fazer a sua Imagem accrescentando-lhe cem arrates de ouro fino, e adornalla com muitas pedras preciosas, porque lhe dêsse victoria contra Carlos Magno, e enviou secretamente espias para saber do seu Exercito, e brevemente voltárão as espias, e disserão que Carlos Magno tinha partido de Mantible, e que vinha apressadamente para dár socorro aos seus Cavalleiros, que estão na Torre, e que trazia pouca gente, mas bem armada.

Sabida a noticia, mandou logo o Almirante preparar a sua gente, e combater fortemente a Torre, antes que o socorro chegasse. Em quanto se ordenava o combate, mandou por todos os seus dominios buscar gente, e começado o combate, dêrão tal pressa, que derrubárão brevemente a outra esquina da Torre, e ainda que morrião muitos, não ousavão apartar-se do conflicto com medo do Almirante, que lhe dava grandes vozes que trabalhassem, e pelejassem. Tinhão os Turcos feito um bastante buraco para entrarem dentro, mas não se atrevião com medo, ainda que o Almirante bem instava que entrassem.

Quando os Cavalleiros virão a esquina derrubada, e o buraco aberto, não ousavão sahir á bata-

lha, dizendo que, em quanto elles pelejavão no campo, poderia a Torre ser arruinada, e perdida.

Roldão vendo o caso mal parado, disse aos mais companheiros: — Senhores, convém muito que vamos pelear com os nossos inimigos, porque não acabem de derrubar a Torre; porém não nos liavemos de apartar della, senão sómente tanto que tenhamos lugar de reparar o buraco. E agora convém sermos Cavalleiros, porque a gente é muita, e o furor do Almirante excessivo. Estai certos, que, se a minha espada Durindana me não faltar, eu farei que á sua gente lhe peze do combate, que hoje nos dérão. —

A todos pareceo bem o conselho de Roldão, e assim determinárão ir á batalha, e Floripes lhes disse: — Senhores, antes que vádes, vos quero mostrar as Santos Reliquias, porque com mais contrito coração rogueis a nosso Deos Jesu Christo, que por sua piedade infinita nos livre de tanta affronta. — E prostrados todos de joelhos em terra, e com innumeraveis lagrimas rogárão de todo o seu coração, que os livrasse de seus inimigos.

Estando neste colloquio, di-serão as Damas que os Turcos subião pela Torre até ás janellas; e como Floripes tinha o cofre nas mãos, chegou a nma janella, e o mostrou aos Turcos, e foi Deos servido fazer alli um grande milagre; pois, tanto que o virão, cahirão todos subitamente em terra; e os que estavam ainda no chão para subir se desviárão da Torre. E vendo os Cavalleiros este prodigio, derão infinitas grças a nosso Senhor Jesu Christo, e Floripes lhe deo muitos louvores, e tornou a levar o cofre para o seu lugar, e voltou para as janellas, aonde estavam os Cavalleiros.

Vendo o Almirante a Floripes junta com os Cavalleiros, lhe disse: — O' Floripes, grande foi a tua ousadia, e luxuria, pois por ella deixaste os teus Deoses. e vendeste a teu Pai, e a todos os meus vassallos, e parentes! Mas estou certo que brevemente te farei deixar o amor dos Christãos, porque a elles. e a ti farei que neste dia sejam queimados. — Ella lhe disse: — Por certo, meu Pai, que não dizes a verdade, porque nunca fui luxuriosa, nem tenho conhecido varão, mas sim encaminhou-me o verdadeiro Deos Jesu Christo para o caminho da verdade, como tambem a meu querido irmão Ferrabraz. Este caminho queria eu que tu tambem seguisses, porque a tua alma se não perdesse. E sabe que por esta causa tenho rogado aos Cavalleiros Christãos que não te matem; porém se os perseguires mais, não terás, poder para lhes resistir, e livrar das suas mãos porque Deos está com elles, como o podes vêr na destruição, que na tua gente tem feito, não sendo mais que dez Cavalleiros.

Teve o Almirante tanta raiva do que Floripes lhe disse, que cahio com um accidente, e Sortibão, e outros Cavalleiros Turcos trabalharam muito pelo consolar; e tornando em si, disse: — O' maldito, e traidor Makima; que pouco é o teu poder. e o meu, pois só a dez Cavalleiros não podemos resistir! Maldito seja aquelle, que em tí se fia e crê. Sortibão lhe disse: — Mui simplesmente tens fallado contra o teu Deos. Tu não vês com quanta abundancia nos dá dos bens temporaes? Porém isto, que agora padeces, o permite pelos teus grandes peccados. Mas pede lhe perdão, para que te favoreça contra Carlos Magno. —

Logo lhe trouxerão uma imagem de ouro fino á semelhança de Mafoma, em cuja cabeça tinha um demonio mettido que respondia a tudo o que se lhe perguntava, tres dias na semana — E posto o Almirante de joelhos, a rogo dos seus Cavalheiros, lhe disse: — O' Mafoma, peço-te, que não faças caso das torpes, e deshonestas palavras, que este attribulado velho disse contra ti; e assim te prometto, em satisfação das minhas culpas, mandar-te fundir pelo melhor Mestre dos meus Reinos, e tornar-te a fazer de novo accrescentando duzentas libras de ouro fino, para que assim sejas mais rico, e respeitado. E mandarei reparar todas as tuas Mesquitas, e te darei muito grandes privilegios. Pelo que te peço me dêes ajuda contra os meus inimigos, e que delles tome vingança; dá-me a tua palavra de fazer o que te peço, que eu ta dou de não faltar ao que te prometto. —

O Diabo lhe respondeo: — Almirante, teus erros são perdoados. Assim não faltes ao que promettes, que eu não faltarei no que me pedes: manda a tua gente, dar outro combate á Torre, que empenharei todo o meu poder para destruir os Christãos, que te perseguem, pois que me quereis fazer mais rico, e respeitado. —

Ouvindo o Almirante o favoravel promettimento de Mafoma, mandou fazer grandes festas por todo o Exercito, tangendo flautas, bozinas, em signal da victoria promettida; e apparelhada a gente, derão combate á Torre com tanto vigor, que uma parte da principal parede cahio, o que vendo Urgel de Danoá disse: — Senhor, é necessario que busquemos outra morada, já que Deus é servido que deixemos esta, e vamos já, porque

136 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
melhor resistiremos aos golpes dos inimigos, que  
á cabida da Torre; saiamos a pelejar com elles,  
já que Deus assim o quer.

Estando já para sahirem se poz Floripes de joelhos diante de Gui de Borgonha, e com muitas lagrimas, e soluços lhe disse: — Senhor, a Torre está por muitas partes aberta, as minhas forças são mui pequenas, e a crueldade de meu Pai grande. E não creês que tomará menos viugança de mim do que de ti, pois por teu amor lhe tenho feito tanto mal. —

Gui de Borgonha lhe disse: — Senhora, não imagines que é tão pouco o amor, que te tenho, porém, sabe que o saber á batalha não se escusa, mas será de maneira, que nem tu, nem as tuas Damas fiquem desamparadas, nem nos apartaremos da Torre mais, que em quanto fazamos desviar o inimigo, porque não acabem de derruballa.

Vendo Floripes o amor de Gui de Borgonha, lhe disse: — Senhor, eu te rogo que me armes a mim, e ás minhas Damas; e com tantas archas de armas hiremos debaixo do amparo de vós outros guardando a tua pessoa —

Ouvindo Roldão os colloquios de Floripes, e disse a Gui de Borgonha: — Amigo, grande é o amor, que te tem esta Senhora, porém não é honra nossa que ella vá á campanha. E assim, Senhora, te peço que não te afflijas, e tem esperança naquelle verdadeiro Deus, porque assim como nos tem livrado de outros maiores perigos, também nos livrará deste. E sabindo da Torre, começarão uma cruel batalha com os Turcos, e fizerão nelles tão grande estrago, que em pouco tempo os lançarão de um dilatado espaço da Torre, e tor-

nando a recolher se sem perigo, acharão Floripes, e as Damas cada uma com sua archa na mão, postas aonde estava a Torre derrubada, de que fizeram grande festejo.

## CAPITULO XLII.

*Como os Cavalleiros souberão da vinda de Carlos Magno, e tambem o Almirante, e como Galatão foi com Embaixada ao Almirante.*

Passarão os Cavalleiros aquella noite com grande contentamento, fallando nas varonis acções de Floripes, e das Damas, pois que com tanto valôr se armarão para defender a Torre; Gui de Borgonha, disse:—Senhores, daqui por diante bem podemos sair sem receio a pelear com o inimigo, pois que temos grandes vigias para a Torre.—E Oliveiros disse:—Senhora, amanhã havemos sair á batalha, e se te parecer, sairás connosco, e tuas Damas, para que mais depressa demos fim aos inimigos.—Ella disse:—Oliveiros, faze tu com que Gui de Borgonha me deixe sair á batalha, que eu prometto que aonde eu estiver, não farei menos do que fizera meu irmão Ferrabraz.—E deste dito fizeram grande applauso.

Chegada a manhã, subio Urgel de Danoá acima da Torre para vigiar os Turcos; e olhando mais ao longe, vio muitas bandeiras, e conhecendo que erão Christãos, desceo muito depressa, e foi aonde estavam os companheiros, e disse: Senhores peço-vos que todos deis muitas graças a nosso Senhor, que tão piedosamente se tem havido connosco, porque um grande Exercito de Christãos vem em nosso soccorro. Ouvindo os Cavalleiros

tal noticia, subirão á Torre, e os acompanhou Flo-ripes, e se lhes dobrou o prazer quando conhece-  
rão o Estandarte, e as Armas do Imperador Car-  
los Magno; e postos de joelhos, derão infinitas  
graças a Deos.

O Almirante que estava junto ao seu Exercito  
com ElRei Corsul, vendo vir o Exercito dos Chris-  
tãos lhe pediu conselho, e Corsul lhe disse: — Se-  
nhor, convém que logo faças apparecer a tua gen-  
te, e lhe vamos dar batalha. — O Almirante ap-  
provou o conselho, e mandou alistar a gente, e  
achou cento e oitenta mil homens de peleja, e en-  
commendados a seus Capitães se puzerão prom-  
ptos para marchar.

Entrou porém naquelle dia Carlos Magno no  
valle, e alli descansou a noite sem barraeas, por-  
que as tinha deixado em Mantible, e chegada a  
manhã, mandou alistar a sua gente, e se achárão  
cincoenta mil soldados, e os mandou preparar  
para a batalha. Vendo Ferrabraz toda a gente  
prompta para pelear, disse a Carlos Magno: —  
pelos serviços, que te hei de fazer, te peço me con-  
cedas uma mercê — Carlos Magno lhe disse, que  
pedisse o que quizesse, que tudo lhe concederia.  
Disse então Ferrabraz: — Já sabes, Senhor, as obri-  
gações, que os filhos devem aos Pais; e ainda que  
meu Pai é Turco nem por isso lhe tenho perdido  
o amor que lhe devo. Pelo que te peço, Senhor,  
que antes que entres em batalha, lhe mandes da  
tua parte, e da minha, um Embaixador, e lhe di-  
gas, que se se fizer Christão, lhe farás toda a hon-  
ra. E quando não queira, que o tratarás como a  
capital inimigo. Carlos Magno disse: Eu folgo  
muito com isto, Senhor Ferrabraz; e pelo grande

amor que te tenho, farei mais este partido: Que de toda a sua terra, e fazenda lhe não tomarei cousa alguma, mas só ficará pagando um pequeno tributo. — Ferrabraz lhe beijou a mão pela mercê. Perguntou a Carlos Magno quem lhes parecia que levasse a Embaixada. Todos votarão em Galalão, porque era muito sagaz.

Galalão armado das armas, e montado em um cavallo, e uma lança na mão, se foi com a Embaixada para o Almirante, e chegando ás primeiras guardas, o quizerão prender; porém como soberão que era Embaixador, deixarão passar. Chegou á tenda do Almirante, e disse que era Embaixador de Carlos Magno, e trazia Embaixada ao Almirante. E dando-se-lhe parte, sahio o Almirante armado, e com uma archa de armas na mão, e lhe perguntou o que hia bu-car ao seu Exercito? Galalão lhe disse: — Carlos Magno, e Ferrabraz teu filho, doendo-se da perdição da tua alma, me mandarão para que te diga que deixes os teus Idolos, e que recebas o Santo Baptismo, como o recebeo teu filho; e crêas em Jesus Christo, Deos, e Homem verdadeiro, Creador do Ceo, e da terra, e que lhe mandes os seus Cavalleiros, que tens cercados, e as Santas Reliquias, que estão em teu poder. E se fizeres isto, te promette, a rogos de teu filho Ferrabraz, que te deixará os teus Reinos, e riquezas, e só lhe pagarás um pequeno tributo; e se o não fizeres, te lançará vergonhosamente fóra de todos os teus Dominios, e te dará infame morte.

Teve o Almirante tanta ira desta Embaixada, que por pouco não perdeu o juizo, e disse a Galalão, ameaçando-o com a archa de armas, que

na mão tinha: — Atrevidamente fizeste a tua Embaixada, e porque és mandado, não te mando dar o castigo que mereces, mas vê não tornes outra vez com Embaixada semelhante, porque te ha de custar a vida. È assim vai-te embora, que semelhante Embaixada não tem resposta.

Vendo um Cavalleiro Turco a cólera, e raiva do Almirante disse a Galalão: Porque outro não se atreva a fallar demasiado, é razão que sejas castigado. E dizendo isto levantou uma maça de ferro com ambas as mãos para lhe dár com ella. Quando Galalão o vio, tomou a lança, e lha meteo pelo peito, e lho passou até as costas, e cahio morto aos pés do Almirante, o qual com grandes vozes mandou que o preudessem, porém Galalão se poz em fugida pelo caminho por onde tinha vindo, e o seguirão mais de vinte mil Turcos; porém como lha bem montado o não puderão alcançar.

Roldão, e os outros companheiros, que estavam na Torre, o virão subir do Exercito do Almirante á redea solta; e conhecendo pelo traje, e modo, que era Christão, disse o Duque de Nemé; Aquelle, tanto pelas feições das armas, como pelo modo das suas acções, parece que é Galalão, que terá vindo com Embaixada ao Almirante. Deos permitta livrallo de tão grande perigo. — Galalão correo sem parar até subir a um alto, que estava desviado do Exercito, e quando se vio em cima parou, e olhou para traz, para vêr os que o seguião, e vio um Turco muito grande de corpo, e armado de mui luzidas armas, e com elle vinha Tenebro, irmão de ElRei Sortibão, e vinhão um bom espaço diante de todos os outros, e com ma-

gnanimo coração os esperou, e encontrou a um com a lança de maneira, que deo com elle, e o cavallo em terra; e voltando para outro, lhe deo tão forte golpe na cabeça com a espada, que lhe cortou o elmo, ou capacete, e a cabeça até os olhos; e vendo a grande multidão de Turcos que o seguião, voltou as redeas ao cavallo, e veio para onde estavam os mais Christãos esperando por elle. Tudo isto o virão os Cavalleiros da Torre, e ficárão mui admirados das proezas de Galalão. Os Turcos que virão o Exercito de Carlos Magno, voltarão logo com muita pressa, e contárão ao Almirante, e a ElRei Sortibão o que tinha acontecido. Quando Sortibão soube que seu irmão era morto, chorou muito, e fez juramento de matar a Carlos Magno, e a toda a sua gente. E o Almirante teve disto algum contentamento, para que com maior esforço sahisse Sortibão á batalha.

### CAPITULO XLIII.

*Como Carlos Magno fez tres balalhões de toda a sua gente; e como accommetterão o Exercito do Almirante, e das valentias que fez.*

Chegado que foi o Conde Galalão á presença de Carlos Magno, e lhe disse a resposta, mandou logo o Imperador, a Ferrabraz, ao Duque Regner, e a Ricarte, que fizessem de todo o Exercito tres batalhões: o primeiro deo a Ricarte; o segundo ao Duque; o terceiro guiárão elle, e Ferrabraz. E postos todos em boa ordem, mandou tocar as trombetas, timbales, e caixas, e os Cavalleiros, que estavam na Torre tiverão disto grande contenta-

mento; e assim marchou o Exercito dos Christãos para o dos Turcos.

Quando ElRei Burlante, e Sortibão, que tinham o cargo do Exercito do Almirante, souberão que vinha o Imperador Carlos Magno, ordenarão tambem tres batalhões, e puzerão a sua gente em boa ordem; e ElRei Burlante pediu ao Almirante Balaão que lhe desse o primeiro Batalhão, e elle lho deu, e disse: Se te encontrares com Carlos Magno, ou Ferrabraz, não os mates, porque os quero fazer queimar com Floripes, e com os que estão na Torre.

Estando nestas razões, virão que o Exercito de Carlos Magno se hia chegando para elles; e logo Burlante o sahio a receber com cento e oitenta mil homens, e adiantando-se do Exercito, começou com altas vozes a dizer: — O' Carlos Magno, aonde estás? Aparta te da tua gente, como eu estou da minha, e comecemos os dois velhos esta batalha. Bem podes vir seguramente contra mim, porque a minha gente não se ha de mover até que não veja o fim da nossa contenda. Não serás digno de louvor, senão fizeres caso desta affronta. Vê que ambos somos velhos, e não queiras que só pelejem os moços.

Ouvindo Carlos Magno as vozes do Turco, tomou logo uma grossa lança, e sahio a campo com o Rei Burlante, o qual lhe perguntou se era Carlos Magno. Elle lhe respondeo que sim. O Turco tomou campo á sua vontade; e encontrando-se com Carlos Magno com toda a força, que os cavallos poderão levar, cahirão ambos igualmente dos cavallos, e ficarão prostrados em terra, sem que em algum delles se conhecesse vantajem; e levantados que foram, mettêrão mão ás espadas, e se

derão taes golpes, sendo ambos velhos, que os moços, que os vião, lhes tinham inveja.

Vendo Carlos Magno que por força de armas não podião ferir o Turco, confiado na sua destreza, que tinha no jogo da luta, querendo-lhe atirar o Turco um talho, se metteo Carlos Magno com elle, e deixando cahir a espada, se abraçou com o Turco pela cintura, e lançou com elle em terra, e com um punhal lhe cortou os laços do elmo, ou capacete, e a cabeça, e se voltou victorioso para o Exército, aonde foi recebido com muita alegria, e se fizeram grandes festejos pela victoria. E logo se montou acavallo, e tomando uma lança, mandou que marchassem todos para diante com boa ordem, e o mesmo fizeram os Turcos.

Chegados uns aos outros, começaram a pelejar com tal vehemencia, que os mortos impedião o passo aos vivos, Carlos Magno, e Ferrabraz fazião tão grande matança nos inimigos, que pelo campo corria o sangue em regatos, e trazião as armas todas ensanguentadas, e foi forçoso aos Turcos fugir até aonde estava o Almirante acompanhado de seis Reis, e cem mil homens de peleja, que ainda não tinham vindo á batalha. Mas quando soube que Tenebro era morto, chorando, e arrepelando as barbas, e cabellos, chamou a seu sobrinho Tempesta, e a Sortibão de Coimbres seu Secretario, e lhes disse: bem vêdes o quanto os meus Deuses me são contrarios em tudo. Eu vejo a minha morte já mui perto, e se me pudesse viugar do Imperador Carlos Magno, alegremente largaria a vida. Pelo que vos rogo, que vejais com diligencia pelo campo se o podeis vêr, e dizer-mo, para que eu me possa vingar na sua pessoa.

## CAPITULO XLIV.

*Como Sortibão foi morto por Regner, e dos progressos que fez o Almirante.*

Mandou o Almirante Balão que a gente que tinha ficado em uma guarda, que erão cem mil homens, fosse repartida em dois batalhões, e que ElRei Tempesta junto com elle governasse o primeiro, e Sortibão de Coimbres o segundo. E chegando ao Exercito dos Christãos começãõ uma cruel batalha, e Sortibão accommetteo com grande esforço a gente do Duque Regner, e matou muitos Christãos; e vendo o Duque que Sortibão andava muito feroz, se foi para elle; e mettendo ambos mãos ás espadas, se dêrão igualmente tão fortes golpes, que em pouco tempo lhe cabirão os escudos no chão feitos em pedaços; e pelejando descobertos só com as espadas, o Duque Regner lhe cortou os copos, e guarda da espada, e os dedos da mão, e lhe segundou com outro golpe na cabeça, que o deitou morto do cavallo abaixo.

Quando o Almirante soube que Sortibão era morto, como desesperado, lançando escuma pela boca, e pelos olhos abundancia de lagrimas, dizia desta maneira: — O' Sortibão, meu especial amigo, e leal Secretario! Porque me deixaste em tempo de tão grande necessidade: Mas como podias tu, meu Sortibão, ter firmeza comigo, se o meu proprio sangue me não teve lealdade! Mas não, estou certo que se tu poderas não me faltáras, e me fôras mais leal que os meus propios filhos. E por isso te seguirei logo, só por estar na tua companhia.

Dizendo isto, pedio uma grossa lança, e como

leão embravecido entrou pelos Christãos, e encontrou com um Cavalleiro com tanta força, que deo com elle, e o cavallo em terra, e logo encontrou com outro, e deo com elle fóra da cella, e começou com grandes vozes a dizer desta maneira: — O' Carlos Magno, aonde estás? Já que na Turquia entrastes a buscar-me, para que agora fogos? Só por me encontrar contigo entrei nesta batalha. Grande honra seria para a tua Imperial Corôa, se com tuas proprias mãos me desses a morte; e grande consolação terá a minha alma; se, antes que eu morra, banhar em teu sangue a minha espada. Vem pois para este velho, que tantas vezes tens ameaçado. Não tenhas piedade de quem da tua gente a não tem.

Dizendo isto, e outras muitas cousas, se cobrio com o escudo, e apertada a espada na mão, não descansava de derrubar Cavalleiros, e Infantes; e vendo um Cavalleiro, que se chamava o Conde Misson, armado de luzidas armas, e conhecendo o Almirante que era pessoa principal, se foi para elle, e o Conde o esperou valorosamente, e dêrão-se tão grandes golpes, que o Conde quebrou a sua espada junto das guarnições, e o Almirante lhe deo tão grande pancada, que lhe fez dobrar o corpo para traz, e juntar a cabeça com a anca do cavallo, e logo o levou prisioneiro, entendendo que com elle faria algum partido com Carlos Magno.

Vendo isto Ferrabraz, obrigado já da grande lealdade, e amor, que aos Christãos tinha, remetteo a redêa solta para o resgatar; mas querendo lho estorvar ElRei Tempesta, e Rubião, e outros Cavalleiros Turcos, puxou Ferrabraz a espada, e

logo matou a El Rei Tempesta, e seis Cavalleiros, que acompanhavão o Almirante, e chegando tomou o Conde prisioneiro, sem fazer mal ao Pai.

O Almirante, desejando conhecello, pela grandeza do seu corpo, lhe disse; — Por ventura és tu meu filho Ferrabraz! — Elle disse que sim. Então o Almirante desejando vingar a morte del Rei Tempesta, feita diante dos seus olhos, como o não pode fazer, por ter seu filho, nem teve esforço para o ferir, cahio amortecido sobre o arção da cela, e Ferrabraz se abraçou com elle por não cahir do cavallo, e neste tempo o quiz ferir um Cavalleiro Christão, mas Ferrabraz o não consentio, e não se apartou d'elle até que se restituiu do accidente. — E vendo Ferrabraz uma grande multidão de Turcos junto ao Estandarte de Carlos Magno, deixou o Pai, e se foi para elles com tal esforço, que em pouco tempo desbaratou a todos.

## CAPITULO XLV.

*Como os Cavalleiros sahirão da Torre, e entrárão na batalha, e como o Almirante foi preso.*

Era tanta a multidão dos Turcos, que não se podia dar fim á batalha pela grande quantidade, que de novo vinha de varias partes; e vendo isto os Cavalleiros, que estavam na Torre, e que os Turcos, que a guarnecião, erão idos para a batalha, montarão muito bem armados nos seus cavallos, e com as espadas nas mãos se mettêrão na batalha; e sabendo isto o Almirante, recoiheo grande parte da gente para lhes estorvar o caminho, porque não se juntassem com os outros, e alli houve uma cruelissima batalha, e foi tanta a

mortandade dos Turcos, que todo o campo estava cuberto de sangue.

E forão os Turcos desbaratados, de sorte que o que mais fugia se imaginava que melhor obrava, mas nem por isso quiz o Almirante voltar as costas aos Christãos, antes os esperou com magnanimo coração; e imaginando dar em um Cavalleiro com a espada na cabeça, lhe cortou o pescoço ao cavallo; e vendo se o Cavalleiro a pé, matou logo alli mesmo o cavallo do Almirante, e logo foi o Almirante de todos conhecido, e a regos de Ferrabraz o não matarão, porém foi prisioneiro diante de Carlos Magno, o qual estava muito contente com os seus Cavalleiros, e elles lhes estavam contando tudo quanto lhes tinha acontecido, o que passarão na Torre, e os muitos beneficios, que de Floripes tinham recebido.

## CAPITULO XLVI.

*Como o Almirante não quiz ser Christão; e Floripes foi baptisada, e casou com Gui de Borgonha.*

Levado o Almirante prisioneiro a Carlos Magno, foi delle muito bem recebido, e lhe mostrou muito amor, e agrado, entendendo que se tornaria Christão, e foi com os seus Cavalleiros á Torre, aonde estavam Floripes, e as Damas; e como Floripes soube da sua vinda, se vestio com os melhores vestidos, que tinha, e se adornou com muitas joias de grandissimo valôr, e o mesmo fizeram as suas Damas, e sahindo a recebe-lo lhe beijarão a mão, e Carlos Magno beijou a Floripes na face, e estiverão alli com grande contentamento até o outro dia.

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno cha-

mar a Ferrabraz, e lhe disse: — Queria, Senhor Ferrabraz, que fallassemos com o Almirante teu Pai, para que, querendo ser Christão, se lhe fizesse por amor de tí toda a honra. — E Ferrabraz lhe pediu que o fizesse elle mesmo. Mandou logo Carlos Magno vir á sua presença o Almirante, e lhe disse desta maneira: — Senhor Almirante, todas as creaturas racionaes devem dá singular honra, e louvor, áquelle, que lhes deo o ser, conhecimento, e vida; assim te rogo, que para a salvação da tua alma queiras deixar os teus enganosos Idolos. • crês na Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, e que recebas o Santo Baptismo, como tem feito teu filho Ferrabraz; e se isto fizeres, além de salvar a tua alma, livrarás tambem o teu corpo da morte, e não perderás as tuas terras, nem fazendas, por amor de teu filho Ferrabraz. Respondeo o Almirante que em nenhuma maneira tal cousa faria. Ouvindo isto Carlos Magno, tirou a espada, e lhe disse: — Senão fôra por amor de teu filho Ferrabraz, brevemente se acabava. O que vendo Ferrabraz, se pôz de joelhos, e lhe pediu que fizesse o que lhe dizia o Imperador, e o Almirante com o medo da morte, disse que se queria baptisar.

Com esta resolução, teve Carlos Magno, e todos os mais grande contentamento, e logo mandou preparar todas as cousas necessarias com toda a magnificencia; e estando já o Almirante junto da pia para se baptisar, lhe disse o Arcebispo Turpim: — Senhor Almirante, negas com puro coração todos os teus Idolos, e crês em nosso Senhor Jesu Christo, e na Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo.

Então o Almirante, tremendo como azougado, e incendiado em chammas vivas o seu rosto, com grande ira, e desesperado disse que não. e cuspiu na pia por desprezo do Santo Baptismo; e levantando a mão deu uma tão grande bofetada no Arcebispo, que lhe fez saltar sangue pela boca, e narizes, e lhe pegou pelos cabellos, e o havia de afogar na pia, senão lho tirassem das mãos.

Vendo isto Carlos Magno, mandou chamar Ferrabraz, e lhe disse: — Senhor Ferrabraz, bem vês o que fez o Almirante teu Pai: não foi tão pequeno o seu erro, que por elle não merecesse a morte por castigo, mas pelo teu amor se lhe tem perdoado. E assim dize o que querês que se faça delle, porque não hei de consentir tal homem entre nós outros. — Ferrabraz lhe disse: — Senhor, peço-te que tenhas paciencia até á manhã, e se então não se quizer baptisar, fazo delle o que melhor te parecer. Esteve Ferrabraz todo aquelle dia e noite rogando a seu Pai que se baptizasse, porém elle nunca o quis consentir.

Chegada a manhã tornou Carlos Magno a pedir no Almirante que quizesse ser Christão, mas elle lhe disse que de nenhuma sorte o faria, e que não lhe fallassem mais nisso, e que queria antes morrer do que baptisar se. Vendo Ferrabraz a grande resistencia de seu Pai em não querer baptisar-se, disse a Carlos Magno que fizesse delle o que lhes parecesse. E logo mandou que o tirassem de diante delle; e os soldados infantos o levárão para o campo, e o matárão.

Morto o Almirante, mandou logo Floripes chamar a Gui de Borgonha, e lhe disse: — Senhor, já é chegado o tempo de cumprir a vossa pala-

150 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
vra. — E Gui de Borgonha lhe disse: que sim. —  
E logo fallarão a Carlos Magno, e elle mandou  
ao Arcebispo que fizesse preparar as cousas neces-  
sarias para o Baptismo da formosa Floripes, o qual  
ella recebeu de todo o coração, sem mudar o nome.  
Forão Padrinhos Carlos Magno, e o Duque Regner,  
e Tiéri Duque de Dardania, e logo o Arcebispo  
os recebeu.

Recebida a formosa Floripes. mandou logo Car-  
los Magno a todas as Províncias do Almirante,  
Decretos, para que todos deixassem os Idolos, e  
crêsem na Lei de Jesus Christo, e se baptisassem,  
promettendo-lhes fazer muitas honras, e mercês;  
quando não quizessem que os faria matar. Ouvi-  
do o Decreto, todos com boa vontade se baptisá-  
rão em pouco tempo.

Depois disto repartio Carlos Magno as terras  
do Almirante, e deo ametade a Ferrabraz, e ou-  
tra a Gui de Borgonha, e os coroou Reis das ditas  
terras, e esteve Carlos Magno nellas até que tudo  
ficou em socego.

## CAPITULO XLVII.

*Como Floripes deo as Santas Reliquias a Carlos  
Magno, e como por meio dellas fez Deos um  
grande milagre diante de todo o povo.*

Tendo já Carlos Magno toda a terra pacífica,  
determinou voltar para França; e chamando a  
Floripes, lhe disse: — Filha, eu me resolvo ir pa-  
ra França, tenho desejo de vêr as Santas Reli-  
quias, que tens, e as quero levar para terra de  
Christãos, para estarem mais bem guardadas, e  
reverenciadas, e tu ficarás nesta terra com teu Es-

poso Gui de Borgonha, e teu irmão Ferrabraz. — Floripes lhe pediu perdão, porque não lhas tinha já mostrando, e logo foi buscar o cofre para lho entregar; e querendo-lho dár; ficou o cofre suspenso no ar entre as mãos do Imperador, e as de Floripes; e isto foi causa de se desarraigár alguma incredulidade, que ella tinha no coração, e dahi por diante ficou mais firme na Fé de Christo, e o Imperador, e os mais, que presentes estavam, se puzerão de joelhos, e chorando com muita contrição dos seus peccados, derão infinitas graças a Deus pelas mercês que lhas fazia.

Tomou o Arcebispo o cofre, e disse: — Na verdade, Senhor, que estas são as Santas Reliquias, que á tanto tempo andamos buscando. — E as tirou todas uma a uma, e as mostrou aos que estavam presentes, e dellas sahio um suavissimo, e admiravel cheiro, do que ficou muito admirada Floripes, porque nunca o sentio de tantas vezes que as tinha tirado, e isto causou a grande virtude do Baptismo, e ficou dahi em diante mais firme na Fé, e tambem seu irmão Ferrabraz.

Estando Carlos Magno de joelhos diante das Santas Reliquias, disse: — Poderoso Deus, que destes victoria contra teus, e meus inimigos, e me deste graça para que achasse as tuas Santas Reliquias, e as tirasse do poder dos inféis; e te peço, que pela tua piedade me ajudes, para que as possa levar para França, e me queira ensinar o lugar onde és servido que estejam. — O Arcebispo benzeo a todas com ellas; e querendo-as metter no cofre, vio Carlos Magno que estavam cubertas com uma enbertura velha, e mandou envolvellas em um rico brocado, e tomou a velha

152 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
cobertura que era de sêda vermelha, e a metteo  
no seu peito.

Postas as Sagradas Reliquias no cofre, disse Carlos Magno a Gui de Borgonha, e a Ferrabraz : — Meus filhos, peço-vos que tinhai os vossos Reinos em muita paz, e serviço de Deos nosso Senhor, e que sempre façais augmentar a sua Santa Lei, e façais justiça a todos os que a merecem, assim grandes como pequenos, e useis de piedade com os innocentes, e tenhai sempre as vossas fortalezas bem guarnecidas, e estimeis muito os soldados, e lhes façais muitas honras, e tambem aos homens letrados, porque estes são as columnas da Fé e aquelles, dos vossos Reinos.

Mandai ensinar aos vossos vassallos todas as Sciencias, e a Doutrina Christã para o que tereis bons, e virtuosos Mestres, Pregadores, Confessores, e homens de boa vida, para que os ensinem. Fazei extinguir toda a heresia, e castigai com justiça aos que errarem; e porque os vossos vassallos vos temão, eu vos quero deixar quinze mil soldados.

Querendo-se despedir Roldão de seu primo Gui de Borgonha, se lhe pôz um nó na garganta, e não pôde articular palavra. Da despedida de Oliveiros, e Ferrabraz não fallo, por não causar mais pena a quem lêr; porém teve Ferrabraz tanto sentimento, que posto de joelhos diante do Imperador lhe pediu que não o apartasse da sua companhia. porque a estimava mais do que ser senhor de toda a Turquia. Porém Carlos Magno o não consentio, e logo se ausentou.

Hindo já Carlos Magno em marcha, lhe cahio do peito a cobertura velha, com que tinhão esta-

do cubertas as Sagradas Reliquias, e os seus vas-  
sallos a virão estar suspensa no ár, e o disserão a  
Carlos Magno, que logo foi com o Arcebispo Tur-  
pim, e este a tomou, e tornou a metter no cofre  
com muita reverencia, que parece que não quiz  
Deos nosso Senhor que daquelle lugar se tirasse,  
nem que pessoa alguma a trouxesse.

---

## LIVRO TERCEIRO.

### CAPITULO I.

*Como o Apostolo S. Thiago appareceo à Carlos  
Magno, e foi guiado de certas Estrellas até  
Galliza.*

**D**EPOIS de Carlos Magno passar tantos, e tão  
grandes trabalhos por augmentar a Fé de  
Christo, determinou deixar as guerras, e recolher-  
se para fazer uma vida contemplativa no servi-  
ço de Deos. Estando uma noite olhando para o  
Céo, que estava muito estrellado, vio umas no-  
vas Estrellas, que de si mostravão fazer algum ca-  
minho; começárão estas desde o lugar de Frisa,  
e passárão por Alemanha a Italia; e entre Fran-  
ça, e Aquitania, e hião por Gasconha, e Navar-  
ra, e acabando em Galliza, as quaes Provincias,  
e outras muitas tinha já Carlos Magno reduzido  
à Fé de Christo com grande trabalho, e todas as  
noites via aquellas Estrellas, e ficava admirado,  
por não saber o que significavão. Depois de ter  
visto muitas vezes aquelle concerto de Estrellas,  
e desejoso de saber o para que erão, se pôz em  
oração, e pediu a Deos que pela sua Santa pie-  
dade lho fizesse saber. Estando uma noite neste

pensamento, vio fóra de horas junto da sua cama a uma homem muito gentil, e de formosa presença; e querendo Carlos Magno levantar-se, lhe disse: — Carlos Magno, socega, não te levantes. — Sabe que sou S. Thiago, Apostolo de Christo, e elle me manda para te dizer, que aquellas Estrelas te servirão de guia para hires a Galliza, aonde está o meu corpo em poder dos Turcos, e é vontade do mesmo Senhor que ganhes aquella terra, e a convertas á sua Santa Fé; e depois de ganhada mandarás fazer um Templo em meu nome, aonde hirão muitas pessoas de todas as partes da Christandade ganhar muitas Indulgencias, e remissão de todos os seus peccados, indo com devoção, e bem confessados, e commungados, e isto durará até o fim do mundo. — E desta maneira appareceo S. Thiago tres vezes a Carlos Magno.

Vendo o Imperador tal mensageiro a louvar a Deos por tão grandes beneficios, dizendo: — Senhor, a uma vil creatura, como eu, fazes tantas honras? — E logo mandou preparar cincoenta mil homens de peleja, e se pôz em marcha pela estrada, que lhe guiavão as estrellas, que de dia, e de noite o acompanhavão, e passou toda a França, e Gascunha. O primeiro lugar que se lhe revelou, e resistio com toda a fortaleza, foi a Cidade de Pamplona, que era muito forte, e estava nella um grande número de Turcos, que sabião muitas vezes a escaramuçar com os soldados de Carlos Magno, e lhe fazião grande desinquietação, e assim durou o sitio tres mezes. Vendo Carlos Magno a grande fortaleza da Cidade, e que a não podia render, senão por um dilatado curso de tempo, se pôz em oração diante de um Crucifixo, que

continuamente consigo trazia, e antes que se levantasse da oração (caso raro!) lhe vierão dizer que tinha cahido parte da muralha da Cidade em terra, sem violencia de pessoa alguma. E conhecendo Carlos Magno que isto tinha sido por providencia de Deos, lhe deo muitas e infinitas graças, e mandou marchar o Exercito, e entrou na Cidade.

Vendo os Turcos que a muralha tinha cahido, ficárão espantados, e muitos delles sahirão por uma porta falsa, e assim desamparárão a Cidade; e entrando Carlos Magno nella, mandou que aos que quizessem ser Christãos não lhes fizessem mal algum, e que aos que não quizessem, os passassem á espada. E vendo os Turcos o grande milagre, que Deos fez na cahida da muralha, a maior parte delles se convertêrão, e pedirão o Santo Baptismo, e o mesmo fizerão os moradores das terras circumvisinhas. E Carlos Magno mandou edificar Igrejas, e lhes consignou grandes rendas, para que Deos fosse adorado, e servido. Depois continuou Carlos Magno o seu caminho até que entrou em Galliza, e deo infinitas graças a Deos, e a S. Thiego por tão grandes mercês.

Conquistou Carlos Magno em Galliza, e em todas as suas Comarcas dezeseis Cidades, e Villas todas fortissimas, e entre ellas a Cidade de Aquitania, aonde se achou o corpo de S. Torcato, que foi Discipulo de S. Thiego, em cuja sepultura estava uma formosa oliveira, que todos os annos, em um dia do mez de Maio produzia flôres, e fructo. Reduzio tambem muitos povos de Portugal á Fé de Christo, uns por força de armas, e outros pelo grande amor, que tinham a Carlos Ma-

## CAPITULO II.

*Trata-se de um grande Idolo, que foi achado  
em uma Cidade.*

Trabalhando Carlos Magno continuamente na destruição das heresias, e querendo edificar um Templo á honra, e nome do glorioso S. Thiago; lhe disserão que nas partes de Andaluzia, em uma Cidade chamada Salcadis, ou Salança em Arabigo, que na nossa lingua quer dizer o lugar de Deos, havia um Idolo que se dizia que Mafoma o tinha por suas proprias mãos feito; e para que a gente desse mais credito a seus enganos, o guardavão os diabos com tanta diligencia, que não consentião que Christão algum entrasse naquella terra para o vêr, espaço de meia legoa; e se acaso alguma ave pousava sobre elle, logo cahia morta, e quando os Turcos o hião adorar, lhes fallava, e respondia a tudo quanto lhe perguntavão, e assim nenhum ousava furtar, nem fazer outros males por temor de que o Idolo os descobrisse Era este Idolo de crystal fino, e tão grande como um homem, e estava posto sobre uma columna de pedra lavrada, e tão alta, que mal se podia divisar o Idolo com a vista, e era de oito quinas, e feito por grandes Mestres, e muito grossa pelo pé, e delgada por cima, e estava com a cara para o meio dia, e tinha na mão direita uma chave, e na esquerda um dardo.

Sabendo os Turcos, já por tradição antiga, que quando o Idolo deixasse cabir a chave, havião de

ser destruidos, e lançados fóra das suas terras, andavão sempre muito medrosos, e fazendo todos os gostos ao Idolo, para que não deixasse cahir a chave. E assim como souberão que Carlos Magno lhe vinha dár batalha, ajuntarão grande multidão de gente, e bem aparelhados, e postos em ordem lhe forão sabir ao encontro, e espera-lo valorosamente no campo. E nesta occasião deixou o Idolo cabir a chave; e quando elles o virão, ficarão muito atemorizados, e tendo já a sua perdição por certa, enterrarão todos os thesouros, e riquezas, e se forão fugindo; e assim entrou o Imperador nella sem resistencia alguma, e mandou derrubar o Idolo, e fazer tudo em pedaços, e povoar a terra de Catholicos.

### CAPITULO III.

*Como Carlos Magno mandou edificar a Igreja S. Thiago de Galliza.*

Depois que Carlos Magno teve ganhado aquella Cidade, e destruido toda a heresia, e derrubado o Idolo, que a tantos povos trazia enganados, se voltou para Galliza, e alli fez fundar um fortissimo Templo em honra, e louvor do Bemaventurado S. Thiago, e distribuindo grande parte das suas riquezas com os pobres, fazendo tambem grandes mercês aos novamente convertidos á Fé de Christo, e esteve naquelle Reino tres annos; e vendo que a terra estava pacifica, e as heresias destruidas, voltou para França.

Chegado a Tolosa mandou edificar outra Igreja tambem em louvor de S. Thiago, e lhe mandou fazer uns grandes sinos, e calices de ouro, e pra-

ta, e riquissimas vestimentas, e ornamentos, e lhe deo grandes rendimentos para sustentação de todo o necessario. Fez tambem um grande Hospital, e outros muitos Conventos. Fundou tambem as Igrejas seguintes: em Aquisgrão mandou fazer uma admiravel Igreja de nossa Senhora. Em Viterbo, mandou fundar uma prodigiosa Igreja em nome de S. Thiago. Em Gasconha mandou fazer outra Igreja a S. Thiago. Em Paris mandou fazer outra Igreja a S. Thiago, e a todas as sobreditas Igrejas enriqueceo com grandes rendas. Não fallamos aqui das muitas Igrejas pobres, que reparou, nem dos muitos Mosteiros, e Hospitales, e tudo isto elle com suas rendas enriqueceo.

#### CAPITULO IV.

*Como um Rei Turco passou o mar com grande poder, e tomou certos lugares dos Christãos, e Carlos Magno os tornou a ganhar.*

Tornando Carlos Magno para França, esteve alguns annos sem guerra, mas nem por isso estava ocioso nem uma hora, antes mandava visitar mui a miudo as Cidades, e terras dos seus Reinos, para saber se erão governadas com justiça, e se os Grandes aggravavão os pequenos; e assim tambem mandava visitar todas as Igrejas, Conventos, e Hospitales, e lhes mandava dár todo o necessario. Estando neste exercicio, um Rei Turco chamado Aygolante veio com cem mil homens, entrou nas terras dos Christãos, e matando a muitos tomou algumas terras, e lugares. Vindo isto a noticia de Carlos Magno, teve grande sentimento, e assim mandou logo preparar cinquenta

mil homens, e depois de bem armados se pôz a caminho, e marchou com o seu Exercito em busca de Aygolante; e chegando duas legoas de distancia aonde elle estava e certificado Aygolante da sua vinda, lhe mandou por um Embaixador dizer que elle tinha cuidado muito no modo que havia, para que não morresse muita gente na batalha, e era que mandasse Sua Magestade certo número de soldados, e que elle mandaria outros tantos; e que não se movesse algum dos dois Exercitos, até que daquella número sómente, ou uns, ou outros fossem vencidos.

Carlos Magno de nenhuma modo queria aceitar o partido, e só queria que pelessem todos juntos, mas os seus Conselheiros lhe pedirão com grande instancia que o aceitasse; e Carlos Magno por lhes fazer o gosto mandou cem Cavalleiros, e se formou o campo entre o seu Exercito, e o dos Turcos. Chegados os Christãos, vierão os Turcos, e começaram a pelejar pela manhã, e durou a batalha até á tarde, e dos Turcos ficou só um vivo, sem algum dos Christãos ter perigo. Ao outro dia pela manhã mandou Aygolante duzentos Cavalleiros muito bem preparados, e Carlos Magno mandou outros tantos, e logo a maior parte dos Turcos morrerão, e os outros fugirão, e os Christãos ficarão sem perigo. Ao outro dia mandou Aygolante mil soldados, e Carlos Magno outros mil, e morrerão a maior parte dos Turcos, e os outros fugirão para o seu Exercito, e os Christãos o seguirão até entrar no Exercito dos Turcos, e logo todo o Exercito de Aygolante se moveo contra os mil Christãos; porém Aygolante os mandou logo suspender, e assim se retirarão os Chris-

tãos para o seu Exercito, sem algum ter perigo, e estiverão tres dias sem pelejar.

Nestes tres dias, que não pelejarão, consultou Aygolante os seus Magicos, e Feticceiros, e lhe dissêrão, que se pelejassem os Exercitos com toda a gente, que certamente ficaria Carlos Magno vencido. Ouvindo Aygolante o prognostico, e vaticinio dos Magicos, ficou muito contente, e usano pelo grande desejo que tinha de o vencer. Mandou logo em continente desafiar a Carlos Magno para entrar á batalha com todo o Exercito, o que Carlos Magno festejou muito, e logo mandou preparar a sua gente, e o dia antes da batalha, estando os Christãos em um campo plano, fincarão as suas lanças no chão, e chegada a noite as deixarão assim ficar até o outro dia. Cheguda a manhã mostrou Deos um milagre; e foi que as lanças de todos aquelles que havião de morrer na batalha se achárão verdes, e floridas, e com a casca, e raizes na terra. E naquelle mesmo lugar estão os corpos dos Bemaventurados S. Facundo, e S. Primivo, em uma Cidade, que o Imperador mandou edificar, e povoar de Christãos, em honra daquelles corpos, em memoria de tão grande milagre, e cada um tomou a sua lança para sair á batalha, e os que as achárão verdes as cortárão junto da terra, ficando nella a raiz, e assim ficarão admirados, sem poder conhecer certamente o mysterio, ainda que bem vião que era milagroso, e só o soube Carlos Magno, por Deos ordenar que lhe fosse revelado.

Postos os Exercitos em boa ordem começárão a batalha, aonde morrêrão trezentos Christãos, e entre elles o Duque Milão Pai de Roldão, e tam-

bem morrerão muitos soldados infantés, e matárão o cavallo a Carlos Magno, o qual pelejou a pé a maior parte do dia, e todos ficarão admirados das suas grandes proezas. E levando já os Turcos o melhor da batalha, (caso estupendo!) entrárão nella os cavallos dos Christãos mortos, e fizerão tão grande matança, e destruição nos Turcos; que, supposto que erão brutos, parecia que obravão com entendimento. Chegada a noite, deixárão a batalha: ao outro dia de manhã foi Deus servido, que aparelhando-se uns, e outros para tornar á batalha, chegarão ao Exército de Carlos Magno quatro Marquezes das partes da Italia, cada um com quatro mil homens; e sabendo isto Aygolante, começou a fugir secretamente até o már, e os Christãos o seguirão, e lhe tomárão todas as bagagens do Exército, as riquezas que trazião, e Carlos Magno mandou dár tudo aos quatro Marquezes que o vierão ajudar, e ao outro dia se despedirão d'elle, e o Imperador se voltou para França, e esteve sete annos sem guerra alguma, vivendo em vida santa.

## CAPITULO V.

*Como Aygolante tornou a ir com o Exército contra os Christãos, e mandou Embaixada a Carlos Magno, e como este lhe foi fallar em traje de mensageiro.*

Viso por Aygolante o soccorro, que da Italia tinha vindo a Carlos Magno, se tornou para a sua terra; e quando soube que Carlos Magno se tinha retirado da guerra para fazer vida santa, imaginou que tinha boa occasião para lhe fazer guer-

rn, e tomar-lhes as suas terras. e assim convocou nove Reis Turcos para esta empreza, e cada um o veio soccorrer com toda aquella gente, que pôde ajuntar, e se achárão em seu serviço duzentos mil homens de peleja, ainda que haviam muitos, que não erão déstros nas armas. Passou Aygolante com esta gente a Gascunha, e logo tomou a Cidade de Ogenea, e alli fez o seu assento, e desejava muito conhecer de vista a Carlos Magno, por vêr a sua fisionomia, porque pelo valôr da sua pessoa já o conhecia.

Sabendo Carlos Magno, que Aygolante tinha voltado sobre os Christãos com tão grande número de gente, não tratando do descanso, nem fugindo do trabalho, ainda que a sua idade já o não permittia, preparou logo a sua gente, e caminhou para dár batalha a Aygolante; chegado que foi a Gascunha, e sabendo Aygolante que vinha com mui lesida gente, lhe mandou logo um Embaixador, e um refresco de tres dormidarios carregados de ouro, prata lavrada, e pedras preciosas de grandissimo valor, e lhe mandou pedir que quisesse ir a certo lugar com pouca gente, que tambem elle hiria da mesma sorte, pois desejava fallar-lhe sobre as cousas da guerra, ou paz. Recebeo o Imperador muito bem ao Embaixador, e sua comitiva, e lhe disse: que dissesse a Aygolante que não tinha dúvida em ir ao lugar assignalado fallar-lhe. Despedido o Embaixador, mandou logo Carlos Magno aparelhar dois mil Cavalheiros, e com elles se foi a um monte, que não estava muito longe da Cidade, aonde estava Aygolante, e deixando as armas, e cavallo. deixou alli ficar a sua gente, e marchou em habito de

correio, ou mensageiro, sómente com um Cavalleiro vestido do mesmo modo, para onde estava Aygolante: e chegado á porta da Cidade forão conduzidos a Aygolante como prezos.

Estando Carlos Magno na presença de Aygolante, lhe disse: — O Imperador, meu Senhor, me manda, para que te diga, que no lugar donde tu lhe mandas dizer, te está esperando com cincoenta homens sómente, e que quando quizeres podes ir fallar com elle. — Aygolante lhe disse: — Que voltasse, e dissesse ao Imperador, que brevemente lhe hiria fallar. — E despedido Carlos Magno de Aygolante, foi pela Cidade vendo muito bem a Fortaleza, e por onde podia ser accommettida; e depois que vio tudo voltou para a sua gente, que estava no monte. ElRei Aygolante partio da Cidade com dez mil homens muito bem armados para ir fallar a Carlos Magno; e sabendo o Imperador que vinha com tanta gente, se foi com os dois mil Cavalleiros para o seu Exercito.

## CAPITULO VI.

*Como Carlos Magno tomou a Cidade, onde estava Aygolante.*

Carlos Magno mandou preparar muito bem a sua gente, e caminhou para a Cidade, onde estava Aygolante; e no monte, donde havião de fallar ambos, achou muito grande multidão de Turcos postos em duas batalhas; houve alli uma cruel guerra, em que forão os Turcos destroçados, e mortos a maior parte delles, e os outros fugirão entendendo que se mettião na Cidade, mas os que estavam de dentro não lhe quizerão abrir as por-

tas com medo dos Christãos, e tambem estava dentro Ellei Aygolante com alguns Principes, e Cavalleiros, e logo mandou Carlos Magno ficar alguma gente sitiando a Cidade, e foi com o resto em seguimento dos Turcos, e matando a todos sem resistencia, voltou sobre a Cidade, e assim esteve tres mezes cercada. E vendo Aygolante que já não podião sustentar a Cidade por falta de mantimento, mandou fazer uma cova, que sahisse ao longe por baixo da terra para fugirem, e em pouco tempo cavá'ão tanto, que pôde fugir toda a gente, e assim sahirão sem serem sentidos, e se mettêrão em outra Cidade.

Vendo os Christãos que não havia gente pelas muralhas, e não se sentia reholiço dentro da Cidade, derrubárão uma porta, e entrárão dentro, e se admirárão quando virão a Cidade só; e achando a cova por onde tinham fugido, se forão logo em seu seguimento, e cercárão a Cidade aonde estava Aygolante, e durou o cerco sessenta dias.

Vendo Aygolante o perigo em que estava, e com tão pouca gente, que não tinha mais que a guarnição, porque o Exercito já estava morto, querendo fazer a contenda summaria, e breve, mandou dizer a Carlos Magno, se queria que ambos só por só fossem pelear a campo, com condição, que se Carlos Magno ficasse vencido, voltaria para França, e não lhe tornaria mais a fazer guerra, e que se elle ficasse vencido, que hiria para o seu Reino com aquella pouca gente, que tinha, e não tornaria já mais a fazer lhe guerra.

Carlos Magno ficou muito contente, e acceitou o partido; porém os seus Cavalleiros de nenhum

modo o quizerão consentir. Então disse Aygolante que fosse a batalha entre duzentos Cavallerio, Christãos, e duzentos Turcos. Escolhido o campo e o dia da batalha, logo no principio dellas fugio ElRei Aygolante encubertamente, e não parou até ás Fronteiras de Aragão, e os duzentos Cavalleiros Turcos todos forão mortos, ficando os Christãos salvos.

## CAPITULO VII.

*Como Carlos Magno foi para França, e como voltou outra vez a dar a batalha a Aygolante.*

Vendo Carlos Magno que em toda a Gascunha não ficava Turco algum tornou para França; e dahi a pouco tempo Aygolante veio desaiar a Carlos Magno, o qual logo mandou chamar a todos os Grandes do seu Reino.

Primeiramente veio o Arcebispo Turpim com dois mil homens; Roldão, com quatro mil; Oliveiros com tres mil; Arrastrago, Rei de Borgonha, com cinco mil; Eugelio Duque, com sete mil; Gafério, Rei de Berdoloé, com sete mil; Guadeboa, Rei de Frisa, com sete mil; Valdevinos, com dois mil; o Duque de Nemé com dez mil; Guarim, com seis mil. Além dos sobreditos tinha Carlos Magno trinta mil, que por todos fazião o número de oitenta e tres mil, e com esta gente partio para Aygolante.

## CAPITULO VIII.

*Das tregoas de Carlos Magno, e Aygolante.*

Chegado Carlos Magno com sua gente ás Fronteiras de Aragão, lhe mandou Aygolante dizer que

mandasse vinte Christãos contra vinte Turcos. O Imperador os mandou, e os Turcos forão todos mortos. Depois forão mandados quarenta de cada parte, e da mesma sorte ficárão os Turcos mortos no campo, sem que os Christãos tivessem perigo. Vendo Aygolante o destroço dos seus soldados, mandou dizer a Carlos Magno que mandasse mil Cavalleiros, que elle mandaria outros mil, com condição, que se os Turcos fossem vencidos, promettia fazer-se Christão, e deixar os seus Idolos. Do qual partido ficou muito contente Carlos Magno.

Chegados os mil Cavalleiros ao campo, começaram a batalha, e fizeram os Christãos uma grande mortandade nos Turcos, e é certo que todos havião de morrer, senão botassem a fugir; dos Christãos morrerão só tres, e ficárão seis feridos, e todos os mais salvos. Quando Aygolante vio isto, disse que a Lei dos Christãos era melhor que a dos Turcos, e fez proposito de receber o Santo Baptismo, e pediu treguas a Carlos Magno, para entrar só, e seguro no seu Exercito, e Carlos Magno lhas concedeo.

No dia seguinte antes do meio dia entrou Aygolante no exercito de Carlos Magno; e sabendo que estava jantando, o quiz vêr comer, por saber o modo como se servia, e vinha principalmente para receber o Santo Baptismo. Estando Carlos Magno comendo, vio os seus Varões, e Cavalleiros sentados com elle á mesa ricamente vestidos, e á outra parte, desviados da meza, treze pobres assentados no chão, e lhas davão o que sobrava da meza. E isto mandava o Imperador fazer todos os dias em louvor de Christo.

Ayrolante, perguntou a Carlos Magno, depois que teve comido, que gente era aquella, que estava na sua barraca, comendo no chão, e tão miseravelmente vestida? Carlos Magno lhe respondeu: — Estes são pobres de Christo, e lhes mando dar de comer por serviço de Deus, e memoria do nosso Redemptor.

Ayrolante lhe disse: — Como, Carlos Magno, trata a gente do teu Deus dessa maneira, que os deixas morrer de frio por falta de vestidos, lhes dá de comer no chão como a cães. e o que te sobra da tua meza; e a tua gente a tens sentada contigo, e mui bem tratada, e servida? Grande injúria fazes ao teu Deus, quando trata mal a sua gente. Dizes que a tua Lei é boa, pelas tuas obras mostras ser má. — E assim ficou Ayrolante tão escandalizado, que não quiz receber o Santo Baptismo, e se foi para o seu Exercito, e mandou desafiá-lo a Carlos Magno.

## CAPITULO IX.

*Da morte del Rei Ayrolante, e da sua gente: como morrerão muitos Christãos por cobiça de levar as riquezas dos Turcos, e um grande milagre que Deus mostrou aos Christãos.*

Quando Carlos Magno, viu que Ayrolante se tornou a ir escandalizado do que tinha visto, lhe pezo muito, e mandou logo buscar todos os pobres do seu Exercito, e os vestio, e ordenou que dalli em diante fossem os treze pobres servidos como sua propria pessoa, e assim se fez em quanto durou Carlos Magno.

O dia seguinte mandou Ayrolante, preparar a

sua gente, e mandou desafiar a Carlos Magno, e postos os Christãos em campo, começaram uma tão cruelissima batalha, que outra semelhante se não vio, nem tinha visto, pois erão os mortos tantos, e os regatos de sangue, que pelo caminho corrião; que impedião os passes aos vivos. E Aygolante ficou morto no campo, os Turcos que ficávão vivos, bolárão a fugir com tres Reis Turcos, que escapárão.

Quando os Christãos se virão senhores do campo, entrárão na Cidade, e matárão quantos nella achárão, porém ao outró dia mandou Carlos Magno, pôr em ordem toda a sua gente, e se pôz em marcha, levando consigo todos os Cavalleiros diante, e deixou ficar atrás a Infantaria, que foi marchando mais de vagar, carregada com muitas riquezas, que achárão na Cidade. E sabendo os tres Reis, que tinham fugido, que Carlos Magno se tinha retirado com toda a Cavallaria; deixando atrás só a Infantaria, se preparárão, e invetirão com ella que matárão sem muita resistencia quatro mil Infantes.

Porém como as novas da morte de Aygolante chegasse a Furre, Principe de Navarra, mandou dizer a Carlos Magno que o esperasse no campo. E Carlos Magno tinha tanta fé no favor de Deos, e tanto desejo de pelejar pela sua santissima Lei, que teve grande contentamento do desafio, e o aceitou com valoroso animo. Assignado o campo, e dia da batalha, se pôz o Imperador em oração, e rogou a Deos que lhe quizesse dár a conhecer os Cavalleiros que naquella batalha havião de morrer.

O dia seguinte, que era o da batalha, vio que

todos os que haviam de morrer tinham uma Cruz vermelha no hombro esquerdo; e tendo Carlos Magno piedade delles, os metteo em certo lugar, e lhes ordenou que não sahisses a pelear.

Sahio logo Carlos Magno á campanha com a outra gente, e deu tal batalha a Furre, que em breve tempo o desbaratou, e matou, e a maior parte da sua gente, e voltando a buscar os seus Cavalheiros, que tinha deixado encerrados, os achou a todos mortos, e conheceo que a vontade de Deos era dár-lhes aquelle dia a sua gloria. a co'za do martyrio, e que tinha feito uma grande simplicidade em lhes queter prolongar a vida, p' is contra a vontade Divina não valem as vontades das pessoas humanas, ainda que sejam testas corôadas.

## CAPITULO X.

*Trata-se de Ferragús, maravilhoso Gigante, que levava os Cavalheiros debaixo do braço; e como Roldão teve batalha com elle, e o matou.*

Depois que ElRei Aygolante, e o Principe Furre forão mortos, e outros muitos Reis da Turquia, e forão as noticias ao Ahm'ante de Babilonia, o qual tinha na sua terra um Gigante, que se chamava Ferragús, mandou logo preparar trinta mil homens de guerra, e em companhia do Gigante os mandou dár batalha a Carlos Magno; e chegando a uma Cidade chamada Vagafre, ou Vagiete; a combatêrão, e tomáráo, e mais alguns lugares dos Christãos, e logo mandou o Gigante dizer a Carlos Magno se queria pelear um a um.

Carlos Magno acceitou o desafio, e determinou ir pelear com o Gigante; porém os seus Caval-

leiros lhe pedirão que de nenhuma maneira tal fizesse, offerecendo-se todos a ir pelejar por elle, dizendo que na sua vida se encerrava a honra de todo o Exercito; e a rogos de todos deixou de ir á batalha, e mandou a Urgel de Danoá, que armado de todas as armas, e montado em um formoso cavallo, sahio ao campo, aonde estava assignalada a batalha, e logo sahio Ferragús olhando para todas as partes, para vêr se vinha mais algum Cavalleiro; e como vio que Urgel de Danoá estava só, se foi chegando a elle sem fazer semblante de batalha, e tomou debaixo do braço, e se foi com elle para a Cidade, sem lhe fazer mal algum, e o mandou metter em uma Torre.

Era este Gigante tão alto como dois mui grandes homens; a cara redonda, e tinha tres palmos de comprido, e outros tantos de largo; os braços, e as pernas parecião umas grandes vigas de largar; tinha a força de quarenta homens, e trazia dois arnezes, ou peitos espaldares vestidos um sobre outro; o elmo, ou capacete tinha tres dedos de grosso; os dedos das mãos tinhão um grande palmo de comprido. Deixando a Urgel preso, tornou para o campo. E sabendo-o Carlos Magno, lhe mandou Reynara de Abéaim, e Ferragús o tomou da mesma fórma, e o levou para a Torre. E tornando para o campo, lhe mandou o Imperador á Constantino de Roma, e o Gigante o levou como aos outros. E tornando para o campo, lhe mandou Carlos Magno dois Cavalleiros, e o Gigante tomou um debaixo de um braço, e o outro debaixo do outro braço, e os levou ambos, e os metteo na Torre, e voltou para o campo.

Vendo isto Carlos Magno, não ousava mandar-

lhe outro Cavalleiro só; e como dois não bastavam, pareceo-lhe feio mundar mais, e nisto estava muito pensativo. Roldão vendo a força do Gigante, estava tambem pouco contente, porque os que tinham levado erão todos bons Cavalleiros; mas, sem temer as forças do Gigante, foi pedir licença a Carlos Magno para sahir á batalha; porém não lha quiz conceder. E havendo estado o Gigante bastante tempo no campo só, e clamando contra o Imperador, que lhe mandasse com quem pelear, ouvindo Roldão as soberbas exclamações do Gigante, tornou a pedir a Carlos Magno que lhe desse licença para sahir á batalha, porque mais honra lhe era morrer nella, que soffrer as importunas exclamações do Turco.

Vendo Carlos Magno que Roldão insistia, e atei-mava em querer ir á contenda, e ouvindo os ameaços de Ferragús, lhe deo licença, e se despedio o famoso Roldão, armado de todas as armas, e montado em um prodigioso cavallo, com grossa lança, sahio ao campo, aonde estava Ferragús esperando, sem lança, e tinha no braço esquerdo um grande escudo de aço, e na mão direita uma espada de demasiada grandeza, conforme á corpulencia, e forças de tão monstruo-o Gigante.

Chegando Roldão ao Gigante, lhe disse que tomasse a lança, e Ferragús não lhe respondeo cou-sa alguma, e se foi para elle, e Roldão não quiz ter vantajem alguma nas armas, largou a lança, e metteo mão á espada, e o esperou com grande valôr. Quiz chegar a elle o Gigante para o levar debaixo do braço. porém Roldão não o deixou chegar, e lhe deo grande golpe no embo; mas nem por isso deix u Ferragús de se ajuntar com elle,

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
e o tomou pelo braço direito, tirou da cella, e  
voltou com elle para o metter na Torre, aonde  
estavão os outros.

Vendo-se Roldão levar de tal maneira, ficou-  
os pés nas ancas do cavallo, e com as mãos pe-  
gou no capacete do Gigante, e se deitou com elle  
do cavallo abaixo, cahindo ambos juntos. O que  
vendo Ferragús, disse a Roldão se queria que mon-  
tasse a cavallo, para pelejar, Roldão lhe disse que  
sim.

Montados ambos, tornarão á batalha, e Roldão  
lhe deu tres golpes successivos, uns atraz de ou-  
tros no elmo; e do ultimo resvalou a espada, e  
lhe matou o cavallo: vendo-se o Gigante a pé, se  
encheo de raiva, e cuberto do escudo, levantou a  
espada quanto pôde para descarregar o golpe: te-  
mendo Roldão a força do Gigante, se desviou del-  
le, e lhe atirou um reves, e lhe deu na mão di-  
reita, e lhe fez cahir a espada. Como o Gigante  
se viu desarmado, ficou uma punhada na testa  
do cavallo de Roldão, e o matou; e vendo-se am-  
bos a pé, continuarão a batalha, que durou até a  
noite, sem que se conhecesse vantagem, e assim  
ajustarão que no dia seguinte se daria fim á batá-  
lha a pé, sem lança, e nesta fórma se retirarão.

## CAPITULO XI.

*Como Roldão, e Ferragús batallardo a pé, e co-  
mo disputarão da Santa Fé, e de que modo foi  
Ferragús morto.*

Chegada a manhã sahirão a campo, e derão a  
pé batalha até o meio dia, sem que fosse algum  
terido; e estando ambos já cansados, pediu Fer-

ragús tregens a Roldão para dormir um pouco, e Roldão lhas concedeo, e logo Ferragús se estendeo no chão; e quando Roldão o vio deitado tomou uma grande pedra, e lha pôz por cabeceira para que dormisse mais descansado. e se assentou junto delle, admirando a sua grandeza.

Tanto que Ferragús despertou, se sentou junto a Roldão, e este lhe disse: — Muito admirado estou, Ferragús, das tuas grandes forças, e como pôdes sustentar, e soffrer o pezo das tuas armas. — Ferragús lhe disse: — Sabe, que tenho a força de quarenta homens, e além disso não posso morrer de ferida senão pelo embito. — E Roldão dissimulando, mostrou que o não entendia. E Ferragús lhe perguntou como se chamava, e de que familia procedia. Roldão lhe disse; — A mim me chamão Roldão, e sou sobrinho do Imperador Carlos Magno. — E lhe perguntou Ferragús que Fé tinha, e que Lei guardava. E Roldão lhe respondeu: — Eu sou Christão, e professo a Lei de Christo, e em defesa della desejo morrer.

Ferragús lhe perguntou mais algumas cousas tocantes á Fé Catholica, e lhe disse: — Tu Roldão és Christão, eu sou Turco, sigo a Lei de Mahoma, e venho da Turquia vingar as mortes dos nobres Reis, e Cavalleiros, que Carlos Magno á feito fazer desta terra. Por tanto, quero que na nossa batalha haja esta condição, e é: que a Lei do vencedor seja havida por boa, e a do vencido por falsa. E ainda que Roldão conhecia que errava em fazer aquelle contrato, com tudo, confiado em Deos, disse que estava pelo ajuste.

Levantárão se logo ambos, e começárão a batalha; e vendo Ferragús que não podia alcançar

a Roldão para o ferir, e sentindo-se já cansado, intentou usar de industria, e manha; e vendo que Roldão lhe queria descarregar um golpe em cima da cabeça, o esperou, confiado no elmo, e quando lhe vio levantar a espada, antes que lhe dêsse o golpe, deixou cair a sua no chão, e abraçando-se com elle o derrubou, e o queria degolar com os dentes, mas Roldão tirou um punhal, que trazia, e lhe metteo pelo embigo.

Quando Ferragús se sentio ferido mortalmente, deo um grandissimo grito; e conhecendo os Turcos que tinha necessidade de soccorro, vierão logo em seu favor; e vendo Roldão que vinhão, tocou a sua corneta, e acudirão logo os Christãos em seu favor; e entrando no campo começárão uma muito cruel batalha, e logo Roldão foi servido de cavallo, e lança. E vendo que uns Cavalleiros Turcos levavão o Gigante para a Cidade, foi atraz delles, e em pouco tempo matou a maior parte, e os outros fugirão, e deixárão a Ferragús, e se mettêrão na Cidade, e Roldão disse a Ferragús se queria ser Christão pois na fórmula do contrato o devia ser. Porém como o Gigante não quiz, lhe mandou cortar a cabeça por uns soldados de pé.

## CAPITULO XII.

*Como Carlos Magno teve batalha com os Reis de Cordova, e Scvilha.*

Quando ElRei de Cordova, e ElRei de Scvilha souberão da morte de Ferragús, e dos outros Cavalleiros, tiverão grande sentimento, e por esta causa mandárão seus Embaixadores ao Imperador Carlos Magno, dizendo-lhe que tinham gran-

de desejo de sahir á batalha com elle; e que se queria ir a campo, que os acharia promptos com setenta mil homens. Carlos Magno lhe respondeo; — Dizei aos Reis, que ainda que não tenho tanta gente, nem por isso deixarei de ir ao campo, E assim se despedirão os Embaixadores com esta resposta.

Feita a eleição do campo, e do dia, mandou o Imperador preparar toda a sua gente, e o mesmo fizeram os Reis Turcos, e mandarão estes fazer dez mil carantonhas, ou caratulas muito feias, umas negras, e outras vermelhas com grandes orelhas, e olhos, e mandarão aos soldados de pé, que cada um levasse uma no rosto, e se pozesse diante do Exército, e cada soldado com uma Ronca, (instrumento medonho, não só aos brutos, mas também aos racionais) e tanto que chegasse a gente de Carlos Magno para os accommetter, tocassem todos juntos as Roncas. Tanto que chegou a gente de Carlos Magno, indo os Cavalleiros diante, e querendo entrar a pelejar, começarão os cavallos a espantar-se, e ter medo das horrendas caraças; porém tanto que ouvirão as Roncas, voltarão a fugir, sem haver quem os fizesse parar; e os Turcos os carregarão com a cavallaria de tal sorte, que fizeram nos Christãos muita matança.

Vendo isto Carlos Magno, mandou recolher toda a gente, e ordenou aos Cavalleiros, que cada um cobrisse os olhos do seu cavallo com um lenço, e lhe mettessem bem algodão pelos ouvidos, e que de manhã accommettessem aos inimigos com boa ordem, e assim o fizeram, e durou o combate até o meio dia, ficando todos os Turcos desbaratados, e só ficarão dez mil homens vivos,

que estavam de guarda a cem carros de bagagem.

Sabendo isto Carlos Magno, se metteo com grande furia por entre elles, e lhos tomou; os Turcos começãrão a fugir, e se mettêrão em uma Cidade, que era d'ElRei de Cordova, e juntamente entrãrão com elles os Christãos; e vendo muitos dos Turcos o grande poder de Carlos Magno, se baptisãrão por sua livre vontade, principalmente um Cavalleiro, e nobre velho, que governava a Cidade, e o baptizou o Arcebispo Turpim; e os mais Turcos, que não quizerão ser Catholicos, forão todos mortos.

---

## LIVRO QUARTO.

### CAPITULO I.

*Como o Arcebispo Turpim consagrou a Igreja de S. Thiago de Galliza.*

**D**EPOIS das guerras, e batalhas sobreditas, vendo a Carlos Magno socegado, determinou ir para Alemanha; e antes que fosse, quiz passar a S. Thiago de Galliza, com pouca comitiva, e foi muito bem recebido de todos, e andou por toda a Provincia visitando os Mosteiros, e Igrejas, que mandou reparar, e prover de todas as cousas necessarias, e mandou fazer algumas devotas Imagens á honra, e memoria de todos os Santos, e Santas, e fez Constituições, e sujeitou todas as Igrejas daquella Provincia a Igreja de S. Thiago de Galliza, e ordenou que todas as casas de Galliza pagassem quatro dinheiros, da moeda, que então corria, de tributo, e que todos os Bispos da dita Provincia fossem sujeitos ao Bispo de S. Tiago.

O Arcebispo Turpin, acompanhado de nove Bispos, por mandado de Carlos Magno, consagrou, e benzeo a dita Igreja no mez de Julho, e foi chamada Igreja de S. Thiago Apostolo.

## CAPITULO II.

*Como Galalão foi mandado com Embaixada aos Reis Turcos Marsilio, e Belando, que estavam na Cidade de Çaragoça; e como na Embaixada foi traidor, e propoz vender a seus Companheiros.*

Neste tempo estavam na Cidade de Çaragoça dois Reis irmãos, um se chamava Marsilio, outro Belando, os quaes havia mandado o Almirante de Babylonia a Hespanha; e estes Reis em sinal de amor tinham enviado grandes dadivas em outro tempo ao Imperador Carlos Magno; e desejando este que fossem Christãos, determinou mandarlhes Embaixada, e fez eleição de Galalão, por ser muito eloquente, e que lhes dissesse que se tornassem Christãos.

Partio Galalão com a Embaixada, para Çaragoça, aonde foi bem recebido dos Reis Turcos; e depois que fez a sua Embaixada, lhe perguntarão por Carlos Magno, e pelos seus Cavalleiros, os doze Pares, e das suas condições, e modo de viver; e nas suas respostas conhecerão que era traidor, se atreverão a fallar-lhe em materia de traição; o que elle logo facilmente consentio, pelo que lhe derão vinte cavallos carregados de ouro, e prata, e outras joias de grande valor.

Vendo-se Galalão tão grandemente premiado, prometteo entregar-lhes os doze Pares, e tambem a Carlos Magno, se pedesse, e lhes disse que man-

dassem o seu Exercito ao porto de Roncesvalhes, e que alli fazia entregar-lhes os doze Pares. E assim determinárão entre todos, que Galalão levasse ao Imperador trinta cavallos carregados de ouro, e prata, sêda, e brocados, e quatrocentas bestas carregadas de bom vinho, e duas mil Mouras formosas em sinal do muito elevado amor, e obediencia.

Oh maldito Galalão, e mal aventurado homem, nasceste de sangue nobre, e por avarento fostes traidor! Sendo rico te moveste por dinheiro! Sendo grande, e nobre te fizeste pequeno, baixo, e vil! Foste escolhido entre tantos, tão grandes Cavalleiros para ir com a Embaixada, e vendes-te a teu Senhor! Se do Imperador tinhas alguma queixa, porque vendes-te aos innocentes Cavalleiros? E se dos Cavalleiros te queixavas, porque vendes-te a seu natural Senhor! E sempre foste traidor, e ambicioso, pois por um quasi nada vendes-te o que valia mais que todo o mundo.

Oh perversa avareza, inimiga de toda a caridade, e da boa virtude, de quantos males és causadora! Por avareza vendeo Judas a Jesus Christo, por avareza foi Adão desobediente ao seu Creador, por avareza foi a Cidade de Troia destruida; e pela avareza vendeo Galalão aos nobres, e virtuosos Cavalleiros.

Levou Galalão os presentes a Carlos Magno, o qual deo credito ás suas enganosas razões, e depois disto, por conselho de Galalão parte com todo o Exercito para Roncesvalhes, por lhe dar a entender Galalão que os dois Reis se querião fazer Christãos, e deo a primeira guarda a Roldão, e Oliveiros, e aos mais dos doze Pares, e levárão

só cinco mil homens, e Carlos Magno ficou atrás com o Exército.

Estavão os dois Reis Turcos em Roncesvalles com noventa mil homens repartidos em dois terços; no primeiro, que estava diante, havia vinte mil homens; e no segundo, que ficava atrás escondido, estavão setenta mil homens, e chegados os Christãos ao primeiro terço o deixárão os Turcos passar; e depois que os colhê ão no meio, começaram uma cruel, e horrenda batalha, e os Christãos estavão já tão cansados, que se virão obrigados a retirar.

### CAPITULO III.

*Da morte dos doze Pares, e de El-Rei Marsirio, e como Roldão foi ferido com quatro lanças.*

Estando os Christãos retirados dos seus inimigos virão vir outro Exército de Turcos, e logo Roldão tocou a sua corneta, mas parece que foi Deos servido que o não ouvisse Carlos Magno, pois lhes quiz Deos dár naquelle dia a corda; e gloria do martyrio, que havia muito tempo lhes tinha guardado para lhes satisfazer os seus grandes serviços, e os quiz comsigo na Bemaventurança.

Poz logo Roldão a sua gente em boa ordem; e lhes disse que sem receio de morrer entrassem na batalha, pois nisso fazião um grande serviço a Deos, e para isso tinhão vindo das suas terras, e vindo os Turcos accommetter os Christãos, locou segunda vez Roldão a sua corneta; e encomendando-se a Deos, entrou na batalha com tanto valòr, que em pouco tempo fez nelles uma grande matança, e elle ficou ferido de quatro feridas

180 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
mortaes, e então chegarão cem Cavalleiros Chris-  
tãos, que seguirão aos outros, e virão de donde  
estava Carlos Magno, sem saberem da batalha; e  
quando Roldão os viu, entendendo que vinha Car-  
los Magno com o Exercito, e com esse pensamen-  
to se metteo outra vez na batalha, sem fórma al-  
guma, e o seguirão os cem Cavalleiros, e todos  
forão mortos, ficando só vivos, Valdevinos, irmão  
de Roldão, e Tietri.

Vendo Roldão a todos os seus companheiros  
mortos, elle tão gravemente ferido, e que Carlos  
Magno não vinha, conheceo que havião sido ven-  
didos; e perdida a esperança de sahir vivo daquel-  
la batalha, e desejando vingar se dos seus inimi-  
gos, tomou um Turco, e lhe pôz a espada na gar-  
ganta, dizendo que o matava senão lhe mostrasse  
ElRei Marsirio. E o Turco com medo da morte  
lhe disse: — Vês aquelle Cavalleiro, que trás a di-  
visa verde sobre as armas, e o cavallo baio, pois  
esse é ElRei Marsirio, e é o que deo grande rique-  
za a Galalão por lhe entregar os doze Pares, e a  
Carlos Magno.

Então Roldão beijando a Cruz da espada, e  
cobrindo se do seu escudo, começou a derrubar  
Cavalleiros Turcos, e infantes, até que chegou a  
ElRei Marsirio, e lhe deo tal golpe no hombro  
direito, que o abriu até á cintura, e ficou morto.

Valdevinos, e Tietri com o medo da morte se  
mettêrão por um monte, e os Turcos tomárão tan-  
to medo a Roldão pelo golpe que lhe virão dár no  
Rei, que não ousavão apparecer-lhe diante. E as-  
sim teve Roldão lugar de sahir da batalha, e se  
deitou no chão no pé de uma penha, ferido com  
quatro mortaes lançadas. E isto não o soube Car-

los Magno até o fim, porque Galalão, por dár lugar aos Turcos, o tinha divertido com jogo das taboas, e outras cousas de prazer, e o Arcebispo Tupim. ElRei Beligado vendo aos Christãos mortos, e temendo que viesse Carlos Magno com o Exercito vingal-os, tomou outro diferente caminho, e logo partio para Çaragoça.

## CAPITULO IV.

### *Da morte de Roldão.*

Estando Roldão ao pé de uma penha, tão gravemente ferido, tinha grande lastima, e sentimento da morte dos outros Cavalleiros, e de todos os Christãos mais que da sua mesma, que brevemente esperava: consolava-se porém por morrerem em defesa da Fé de Christo, e tinha notavel pena de se vêr na sua ultima hora só em um monte, e desamparado de todo o mundo, porém dava infinitas graças a Deos. porque o dia antes se tinha confessado, e recebido o Santissimo Sacramento, que o tinham por costume os soldados de Carlos Magno quando havião de entrar nas batalhas. Louvava muito ao seu Creador, porque lhe dava tempo, e lugar para lhe pedir perdão dos seus peccados; e esperando a morte com muita paciencia, começou a dizer na fórma seguinte:

— Senhor Deos meu, Creador, e Redemptor, Filho da Gloriosa Mãe da consolação: Tu sabes, Senhor, muito bem o que eu tenho feito, e passado, e assim te rogo que os meus erros, e peccados sejam perdoados pelos merecimentos da tua Sagrada Paixão. E não repares, Senhor, nos meus peccados, scião no grande atrependimento, que

delle tenho. E te peço, meu Deus, que me dês paciência na minha morte, e a recebas em desconto dos meus peccados: Tu, Senhor, és piedoso, e misericordioso. Por tanto te rogo que me olhes com olhos de piedade como olhastes ao bom Ladrão, e me perdoes, como perdoastes á Magdalena.

Depois se poz a vêr a sua espada, e disse: — O' espada de grande valôr, e a melhor que nunca foi forjada. Grande esforço me dava sempre que te via: muitos arnezes tens despedaçado, e cortado muitos elmos: contigo tenho morto grande número de Turcos, e Infiéis, nunca já mais me faltastes: nenhum arnez. por fino que fosse, resistio á tua violencia. Com razão me peza deixar-te pois contigo tenho derramado muito sangue de Turcos. Contigo tenho defendido a Fé de meu Creador: Jesu Christo, ao qual peço hum Idemente que mediante a sua Divina graça, aches algum bom Cavalleiro Christão, que te logre, conheça, estime, e use da tua bondade contra os inimigos da sua Santa Lei. —

E tomando a fallar com a espada, disse: — Grande sentimento tenho de deixar-te aqui inteira depois da minha morte, que espero brevemente, só porque te não logre algum Turco, ou Judeo, e por tirar a minha imaginação deste cuidado, te quero fazer em pedaços. — Então se levantou com grande trabalho, e a tomou com ambas as mãos, e deu com ella na penha tantos golpes, que fazendo nella grande destroço, nunca a espada teve o minimo perigo; e vendo que a não podia quebrar, tomou a sua corneta para fazer sinal a algum Christão, se acaso estivesse escondido no monte, e a tangeo duas vezes, e na segunda se lhe

abrirão as feridas com a força, e ficou tão prostrado, que já não podia usar de movimento algum; e chegando, a ultima vez que tocou, a voz da corneta aos ouvidos de Carlos Magno, que estava dahi duas legoas jogando as taboas com Galalão, conheceo que era Roldão o que tangio, e querendo ir acudir-lhe, lhe disse Galalão: — Senhor, Roldão sem dúvida anda cansado, e terá morto algum Urso, Veado ou Javeli, e de contentamento toca a sua corneta que sempre assim o costuma fazer. — E Carlos Magno lhe deo credito, e tornou a continuar o jogo.

Estando já Roldão no fim da sua vida, chegou a elle seu irmão Valdevinos, e com muitas lagrimas sem lhe poder fallar, o abraçou, e Roldão lhe disse: — Irmão, primeiro me matará a sede do que as feridas, e assim busca-me uma pouca de agua. — E logo Valdevinos foi correr todo o monte, e não achou agua alguma, e quando voltou achou Roldão mais morto que vivo, e montando em um cavallo, que pelo monte achou solto, se foi para Carlos Magno, e logo chegou Tietri, Duque de Dardania, e teve de Roldão grande lastima, e querendo lhe dizer alguma coisa, nunca pôde articular palavra em fórma que se pudesse entender, que a tanto o obrigou o sentimento pelo vêr naquelle estado.

Quando Roldão o vio junto de si, recebeu alguma consolação, e lhe disse: — A quem olhas Tietri? Não é este Roldão, teu companheiro? Não é este o Capitão dos Christãos? Não é este o que vencia os ferozes Gigantes? Não é este o que nas cruéis batalhas defendia, e livrava os Christãos? Não é este o inimigo dos Infieis? Não é es-

te o que por defender, e augmentar a Fé de Jesu Christo, nenhum perigo temia deste mundo? Não é este o que a Carlos Magno livrava das affrontas? Este é, porém foi tanta a sua desgraça, que não sómente o privou da companhia dos seus amigos, e parentes, mas na sua ultima hora o desterrou para estas asperas penhas. Não são estes os braços, que quebrarão as grossas lanças? Não são estas as mãos, que davão os fortes golpes, e despedaçavão os finos arnezes, e duros elmos? — E tomando a espada na mão, disse: — O' minha boa companheira, e firme espada. Du' indana, não nego que és de grande esforço. E abraçan'lo se com ella, juntou a boca com a Cruz, e ficou amortecido.

O Duque Tietri, que presenciava este lastimoso espectáculo, não podia suster as lagrimas e começou a desarmar a Roldão, para vêr se lhe dava algum allivio; porém, como vio que entre o corpo, e as armas tudo era sangue coalhado o tornou a apertar, temendo abbreviar-lhe a vida.

Tornando em si Roldão, juntou as mãos, e olhando para o Céu, pedia perdão a Deus do que tinha dito, e disse a Tietri que o ouvisse de confissão, e o fez muito contrito: e depois abraçando-se com a espada, disse: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.* Que quer dizer: nas tuas mãos, Senhor, encomendo a minha alma. E assim a entregou ao seu Creator aos dezesseis dias do mez de Julho do anno do Senhor de oitocentos e dez.

## CAPITULO V.

*De uma visão, que vio o Arcebispo Turpim na morte de Roldão, e do sentimento de Carlos Magno.*

Era o Arcebispo Turpim homem de Santa vi-

da, e estando dizendo Missa, e chegando ao *Memento*, ouviu uma grande, e suave musica, e melodia de Anjos; e pedindo no mesmo *Memento* a Deos fosse servido revelar-lhe porque estavam aquelles Anjos tão alegres, e porque tinham baixado ao Mundo, ouviu uma voz, que lhe disse: — Levamos a alma de Roldão, Virão de Deos, para o Ceo — Acabada a Missa, foi contar o Arcebispo a Carlos Magno, o que tinha ouvido; e estando nesta prática, entrou Valdevinos, puchando os cabellos sem alguma piedade, todo banhado em lagrimas acompanhadas de continuos soluços, e suspiros, e com grandes vozes dizendo que Roldão estava mortalmente ferido junto a uma penha; e que os Christãos, que com elle tinham hido, nenhum escapára.

Quando os do Exercito ouvirão tão triste, e lamentavel noticia, começarão todos a chorar de puro sentimento, e se pozerão todos a caminho, e Carlos Magno foi o primeiro que chegou aonde estava Roldão, e como o vio morto, cahio sobre elle amorticado. E entrando em sí, começou a chorar, e dizer: — O' Roldão, meu amado sobrinho, Principe das batalhas, destruidor dos Turcos, assombro do Mundo, defensor dos Christãos, columna da Igreja, augmentador da Fé Catholica.

Ai desgraçado de mim, que te trouxe a morrer em estranhas terras, e que não morri contigo! Que farei! Ai desconsolado velho!

O' nobre Roldão, tu estás na Santa Gloria perdoravel, e eterna, e eu fico cá na terra, que é valle de tribulação, e lagrimas. Todos os Christãos estão tristes pela tua morte, e os Anjos muito gostosos com a tua alma. E assim esteve dizen-

do estas, e outras razões de grande sentimento até á noite, e mandou levantar as suas tendas, e as mais barracas do Exercito, e fazer grandes fogos para vigiar aquella noite o corpo de Roldão, e pela manhã foi o seu corpo embalsemado e guardado com muita honra.

## CAPITULO VI.

*Como Oliveiros foi achado esfolado; e da morte dos Turcos, e de Galalão.*

Chegada a manhã foi Carlos Magno com o Exercito ao Campo da batalha, e todos tiveram muita lastima da grande multidão de Christãos, que estavam mortos, ainda que havia muito maior número dos Turcos, e achárão ao nobre Oliveiros es-pado em dois páos a modo de Crus de Santo André; e dos dedos das mãos até os dos pés estava esfolado, e tinha doze lanças mettidas no corpo, que pa-savão de uma a outra parte.

Então se renovou o choro, e sentimento em todo o Exercito, e Carlos Magno teve tanta lastima de Oliveiros, que fez juramento de nunca cessar, ainda que soubesse havia de perder a vida, até achar os Turcos de Çaragoça para os destruir, e logo soube que estavam junto do rio Ebro em uns verdes prados descansando, e curando os feridos. E assim em continente pôz o Imperador Carlos Magno a sua gente em boa ordem, e os accommetteo com tal impeto, e esforço, que em pouco tempo morrêrão mais de seis mil, e muitos se afogárão no rio Ebro, por fugirem aos duros golpes dos Christão; e vendo Carlos Magno que tinha muito pouca gente para os seguir, se voltou

para Roncesvalhes, e fez embalsamar o corpo de Oliveiros. E logo examinou toda a sua gente para saber de certo a traição, e sabida a verdade, mandou Carlos Magno que Galalão fosse atado a quatro ferozes cavallos, a cada braço um, e cada pé outro, e depois de hem atado, cavalgáão quatro homens nos quatro cavallos, e cada um partio para sua parte, e todos a um mesmo tempo, e cada cavallo sahio com seu quarto.

## CAPITULO VII.

*Como Carlos Magno voltou para França, e das grandes esmolas que fez pelas almas dos que morrião pela Fé de Christo.*

Depois que Carlos Magno castigou com tanta justiça a Galalão, forão ao campo da batalha buscar os Christãos mortos para os sepultar, e o Imperador fez levar o corpo de Roldão com muita honra em umas endilhas, cubertas de terciro pelo negro, até Bes, ou Bleaves, á Igreja de S. Romão, a qual elle mandou edificar, e mandon pôr em cima da sepultura a sua espada, e a seus pés a sua corneta, que era de marfim, e depois foi trasladado o seu corpo a Roncesvalhes para uma devota Igreja, que alli fundou Carlos Magno em serviço de nosso Senhor Jesu Christo, e memoria daquella cruel batalha; e junto á Igreja se fez um rico Hospital, aonde continuamente se fazem grandes esmolas por todas as almas dos Christãos, que na tal batalha morrião.

Em Bordeos forão enterrados o nobre Oliveiros, Gui de Bõa. Rei de Frisa, Urgel de Danoá, Christão Rei de Borgonha, Guar m Duque de Lorena,

188      HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Godofredo Rei de Bordeos, Eugenio Rei de Aquitania, Lamberto Rei de BORGES, Calocio, e Reinaldos com mais cinco mil homens.

Em Arles forão enterrados o Conde de Langre, Samsão Duque de Borgonha, Naimés Duque de Baviera, Alberto de Bombom, com outros cinco Cavalleiros, e dez mil homens de pé; Constantino de Roma foi pelo már para Roma com outros Romanos. E Carlos Magno lhe deixou grandes rendimentos perpétuos á Igreja, e cemitérios de Arles pelas almas dos seus Cavalleiros, e soldados.

## CAPITULO VIII.

*Como Carlos Magno partio para Alemanha.*

Depois que Carlos Magno fez o sobredito, se partio de França para Alemanha, indo tambem com elle o Arcebispo Turpim; e quando chegou á Cidade de Vienna, porque já estava muito velho, e se ficou alli com licença do Imperador, e Carlos Magno se foi adiante; e chegando a Paris fez chamar todos os nobres do seu Imperio, e todos os Arcebispos, Bispos, e Prelados, e fez fazer grandes Procissões em louvor do seu Creador, e do Bemaventurado S. Diniz, e fez Constituição, e Estatuto, que os Reis, que houvessem de ser de França, fossem obedientes ao Pastor, ou Prelado de S. Diniz, e que não podessem ser coroados sem o dito Pastor, ou o seu conselho, e que o Bispo de Paris fosse recebido em Roma honradissimamente: ordenou que todas as casas dos seus Reinos fossem tributarias á dita Igreja, o constituiu para sempre, que qualquer Christão escrava, que pagasse quatro dinheiros á Igreja de S. Diniz.

Depois de tudo isto fez Novenas na dita Igreja, e posto de joelhos todo um dia, e noite, diante do corpo do Bemaventurado S. Diniz, lhe pedia com grande instancia por todos os que morrerão pela Fé de Jesus Christo, e lhe foi revelado, que todos os que morrerão na batalha de Roncesvalhes estavam na Santa Gloria.

### CAPITULO IX.

*Como Carlos Magno chegou a Aquisgrão de Alemanha, e nella morreo.*

Depois que o Imperador Carlos Magno entrou em Alemanha, foi nella muito bem recebido de toda a gente, e Communidades, e chegando á Cidade de Aquisgrão, foi visitar todas as Igrejas, e Mosteiros della, e as mandou reparar, e especialmente uma Igreja de nossa Senhora, que elle tinha mandado fundar, á qual deo grandes thesouros, e dotou de muitas rendas; e aos setenta annos da sua idade, querendo Deos nosso Senhor dár descanso aos seus velhos, e cançados membros, o chamou para a sua Santa Gloria no mez de Fevereiro do anno de oitocentos e doze.

Da sua salvação escreveo o Arcebispo Turpim, homem de Santa vida, estas mesmas palavras: — Eu Turpim, Arcebispo de Rens, estando na Cidade de Vienna no meu aposento, e rezando nas minhas horas, ví de uma janella uma legião de diabos pelo ár, que trazião grande ruido entre elles; conjurei um, que me dissesse donde vinhão, e porque trazião tão grande arruido? Elle me respondeo, que vinhão da Cidade de Aquisgrão, aonde havia fallecido um grande Senhor; e porque não poderão levar a sua alma, vinhão muito raivosos.

E lho perguntei quem era aquelle grande Senhor, e porque não levá-lo a sua alma? Elle respondeo: que era Carlos Magno; e que S. Thiago lhes havia sido muito contrario. E eu lhe perguntei de que maneira lhes havia sido contrario S. Thiago? E elle me respondeo: Nós outros estavamos peizando os bens, e os males, que neste mundo havia feito, e S. Thiago trouxe tanta madeira, e tantas pedras das Igrejas, que elle havia fundado em seu nome. que pezá-lo muito mais que os males. E assim nós ficámos sem ter poder algum na sua alma. E o diabo subitamente desapareceo.

---

## LIVRO QUINTO

### CAPITULO I.

#### *Trata do nascimento de Roldão.*

**T**ENDO sido Roldão Capitão dos doze Pares, e tão assinalado, não só nas suas heroicas proezas senão também na magnificencia de seu Real sangue, é justo que tratemos o modo do seu prodigioso nascimento, já que tratámos o da sua morte, e é caso! tinha Carlos Magno uma irmã chamada Berta, senhora dotada de todas as perfeições, corporaes, e espirituaes, fundamentos; porque não só era estimada de todas as pessoas do seu Reino de França, senão também dos mais Reinos invejada. por cujo motivo se fazia de seu irmão Carlos Magno mais querida, e zelada, tendo-a sempre muito recatada, (pensão fatal da formosura) tendo-lhe guardas decentes a uma tão soberana Donzella, que assistia em um dos melhores, e mais occulto quartos do seu Palacio.

Amava summamente a Berta o Duque Milão, não menos nobre no seu Real sangue, (supposto que vassallo) como gentil no talhe do seu corpo, e cheio das virtudes mraes, constitutivas de um perfeito Principe, ao qual não menos amava Berta: assim vivião estes dois amantes em uma heroica, e reciproca correspondencia, sem que podessem communicar um a outro a sua pena, pelo recato com que Berta estava! porém como o amor sempre arde, e não deixa criar fumo na sua lava-reda, nem se lhe oppõe sombra alguma, tudo o que é occulto se lhe faz manifesto, pois ainda que é cego, sempre acerta nas suas industriosas manhas para vencer as cousas mais difficiltozas, e tem por brio o sahir sempre victorioso, ainda que seja á custa de grande trabalho.

## CAPITULO II.

*Como Milão se vestio em trage de mulher para ir fallar a Berta*

Na soledade fabricou Cupido o amor mais constante, nella é que se curão os loucos deste achaque, por ser o melhor lugar para o seu curativo. Pensava muito Berta na sua occulta camara do amor, que tinha a seu querido Milão; cuidava muito Milão na sua occulta ausencia do amor, que tinha á sua querida Berta; e como nos verdadeiros amantes causa dobradas penções a ausencia, determinou Milão alliviar-se dellas desta maneira. Resolveo-se, com muito segredo, a vestir-se um dia em trage de viuva, e o podia fazer, por não ter ainda barba, e tomando officio de adella, foi com umas guarnições de ouro a Palacio, e caminhando para o quarto, e camara de

Berta, o deixarão entrar as guardas, por ser mulher, e ir vender, pois só tinham prohibição de entrarem homens (como se as mulheres não fossem as mais daninhas)

Chegado Milão á presença de Berta e feitas as cortezias necessarias, mostrou a sua mercadoria; e estando as Damas descuidadas, lhe declarou quem era, e que amor lhe ensinára aquella traça, de que ficou Berta tão admirada, como satisfeita de vêr em sua presença o que mais desejava, e mandando retirar as Damas, depois de varios colloquios, ajustarão de casar-se, de sorte que Carlos Magno o não soubesse, e assim o fizeram.

### CAPITULO III.

*Da concepção de Roldão, e como Berta foi presa.*

Casados os dois amantes, e facilitada a entrada de Milão no traje de viuva, começarão a viver como casados, e passados alguns tempos se sentio Berta pejada, porém sem embargo da sua grande cautela, não pôde deixar de ser a sua prenhez conhecida, e foi de tal sorte murmurada, que chegou aos ouvidos de Carlos Magno, que como era de compleição colerica, e muito amigo da honra, se indignou de tal maneira; que a mandou sentenciar pela justiça, conforme as suas rigorosas Leis, que a condemnavaõ a morrer, para cujo effeito lhe dobrou as guardas, para que nenhuma creatura entrasse a fallar com ella.

Vendo Berta já tão público, e descoberto o seu maleficio, e que Milão já não entrava em Palacio determinou fallar a seu Irmão Carlos Magno, e assim se foi ao seu quarto, e prostrada de joelhos

a seus pés, lhe disse da maneira seguinte: — Senhor, a principal cousa que te peço, Suprema Magestade, é que ouças as minhas sentidas palavras, sem que te impessa a tua paixão colérica. Bem sei que sou indigna de apparecer deste modo na tua presença pois hei offendido a tua honra; mas confiada na tua clemencia venho pedir-te que te mova o meu arrependimento a ter comigo piedade, e misericordia, moderando o castigo que a Lei dispõe, pois se modera a culpa com não haver feito cousa com Milão, que não fosse consumação de Matrimonio, pois elle é meu Esposo. Eu bem sei que mereço castigo, porém peço te que seja moderado: repara que sou tua irmã e sou casada, e que o fructo, que leaho no meu ventre, é teu sangue, e innocente. —

Carlos Magno, com vos grave, e irado aspecto, lhe respondeo: — Grande atrevimento é o teu. Berta, em vires dessa sorte á minha presença, fazendo mais descuberta a tua culpa, como no teu ventre se manifesta; e sem embargo de dizeres que és casada, isso mesmo faz mais intensa a minha ira. E assim vai-te da minha vista, que contigo não hei de usar senão do rigor da justiça, e o mesmo hei de fazer a Milão. — E logo mandou que a levassem para o mais alto da Torre do Palacio, para ao outro dia se executar a cruel sentença. E Carlos Magno mandou fazer diligencia para prender a Milão, porém não foi achado.

#### CAPITULO IV.

*Como Milão tirou Berta da Torre, e fugio com ella.*

Posta na prizão no mais alto da Torre, só, e

sem companhia a triste Berta, esperando por instantes a execução da rigorosa sentença de morte, e não menos sentida de que Milão chegasse a experimentar a mesma sentença, recorreo a Deus com actos de verdadeira contrição, e á Virgem Senhora nossa, e cahindo n'um grande lethargo, e entre acordada, e adormecida sonhava que seu Esposo Milão a libertava; e assim com voz somnolenta, e lethargica dizia desta maneira: — Ah querido Esposo, quanta gloria dás á minha alma, e em te vêr na minha presença! Cuida muito em me livrar desta masmorra, para que assim seja salva esta innocente creatura, que Deus nos deo mediante a sua Graça.

Milão, que sabia da cruel sentença, que estava para se executar na sua Esposa, convocou aquella noite a seus parentes, e amigos, para resgatar a Berta; e subindo á Torre com toda a felicidade, (que nunca falta nas operações caritativas) acháão a Berta sonhando o que temos dito, e despertando ao mesmo tempo do lethargo, vio aquella multidão de gente, e quando ella conheceo a seu querido Esposo, forão tantos os alentos que recohiou, e jubilos com que louvou a Divina Magestade, e a sua Mãe Santissima, que é impossivel o podellos referir. E logo Milão com os mais tratárão de livrar a Berta, e descêrão da Torre com tal fortuna, que não foi sentida de alguma das vigias.

Tinha Milão preparado dois formosos cavallos, e despedido dos parentes, e amigos, se foi com Berta, e caminhando toda a noite por lugares incognitos, chegarão a sahir dos dominios de França, padecendo sempre muitas fatalidades, e incle-

mencias, dormindo sobre a terra, e duros penhascos, e comendo dos fructos, e hervas cruas, que achavão pelos matos.

Ao outro dia, que se havia de executar tão cruel sentença na innocente Berta, como não foi achada na prizão mandou Carlos Magno ordens muito rigorosas para Berta, e Milão serem prezos, despedindo varios soldados por todos os caminhos com promessas de avantajados premios; porém, por mais diligencia que fizerão, nunca forão achados, pois não quis Deos que a innocencia padecesse martyrio tão rigoroso, e injusto, porque só Deos é o que bem regula a justiça, e a misericordia.

## CAPITULO V.

### *Do Nascimento de Roldão, e da derivação do seu nome.*

Sahidos dos Estados de França os dois Esposos, chegarão á Italia; e desviando-se sempre dos lugares publicos para não serem conhecidos, chegarão a um deserto pertencente, e junto á Cidade de Sena, e achando entre os mais asperos penhascos uma profunda cova, se accommodarão nella, valendo-se para seu sustento das silvestres fructas, e rusticas hervas. Passados poucos dias daquella rustica habitação, começou Berta a sentir as dores do parto, que se fazia mais penoso, por não terem, nem para o seu sustento, nem para enfaiçar o fructo nascido. E assim todo cheio de lagrimas, e suspiros, sahio Milão da cova, e se foi por aquelles campos pedir esmola.

Ausente Milão, começaram a crescer as dores em Berta, de sorte que a fazião andar aos tombos

pela cova; e como estava sò, se vio tão afflicta, que chegou ao ultimo instante da sua vida, sem poder articular palavra. Em fim chegou a parir um menino junto da boca da cova, o qual cahindo sobre a terra, veio rodando por ella um grande espaço até um plano, que estava defronte da cova, por fazer alli uma ladeira, chegando Milão, e vendo aquelles dois espectaculos, sua Esposa como morta, e a seu filho rodando pela terra tomou o menino, e o lavou, e aqueitando uns toscos coeirinhos, que pelo amor de Deos lhe tinhão dado, o envolveo nelles, e lavando tambem Berta a aperitou, e logo concertou a cama com o novo malto, e deitou a ambos nella.

Em quanto o menino dormio, esteve Milão contando a Berta na fórma que o tinha achado rodando sobre a terra todo ensanguentado, porque Berta o não tinha visto, pois quando o pario estava sem sentidos. Quando Berta tal ouviu, começou de novo a dár graças a Deos, de ter livrado aquelle innocente de morrer pagão, e o mesmo fazia Milão, e assim ajustáção de o baptisar, e pôr-lhe o nome de Rodando, (pois rodando nasce) e hoje se chama Roldão, por corrupção do vocabulo. E logo ao outro dia o tomou o Pai nos braços, e o levou a uma Freguezia do campo, e disse ao Cura que lhe baptisasse aquelle menino, que era seu filho, e lhe nascêra no campo andando mendigando, e que a Mãe estava mal do parto. Do que compadecido o Cura, não só o baptisou, pondo lhe o nome de Rodando, como seu Pai lhe havia dito, mas tambem, vendo tão grande miseria, lhe deu uma esmola, e lhe tirou outra pelos freguezes.

Favorecido Milão de tão grande esmola, comprou mantimento mais delicado para sustentar a sua esposa, e chegando á sua cova, contou a Berta o bom successo, que tinha tido com o Cura, e a boa esmola que lhe déra, e pelos freguezes tirára.

## CAPITULO VI.

*Como Milão, foi arrebatado da corrente de um rio levando ás costas a Berta, e esta ficou parada no meio do dito rio, e seu filho Rodando ficou desamparado, e só na margem.*

Sendo já Rodando de quatro annos, se resolverão Milão, e Berta ir com o menino pedindo esmola pelo Mundo, e deixar a habitação da cova; e tomando esta resolução tratárão de caminhar, e chegando a um rio, tomou Milão o menino, e o passou da outra banda, e o assentou na margem, e voltando a buscar Berta, a tomou aos hombros, e indo com ella já no meio do rio, errou o vão, e caminho, e deo consigo dentro em um pégo, e largando-a, ficou esta no meio da agoa, e Milão foi levado da furiosa corrente de tal modo, que a pouco espaço o perdeu Berta de sua vista, ficando solitaria, e desamparada, e flotando desfazendo-se em choro da outra banda. Vendo-se Berta em tão lastimoso estado, sem poder acudir a seu marido, nem se poder mover dentro do rio, por não saber para onde havia de passar, porque se para onde corria o esposo, já o não via, se para onde estava o filho, ignorava o caminho, se para a sua cova, a embargava o deixar o filho naquelle desampato, e miseria. E assim começou a clamar lastimosamente na forma seguinte:

Ah meu Deus! Acuda-me a tua Divina misericórdia sem tão grande desamparo como padece esta tua indigna serva. Bem sei, Senhor, que a grandeza das minhas culpas só merece o rigor da tua grande justiça; porém lembra-te daquella innocente creatura, que fica neste dezerto desamparada, pois que já perdeu seu Pai, não queiras que também perca sua Mãe; acode-me nesta afflicção, e não me desampares. E logo neste tempo cessarão as agoas de tal modo que pôde Berta passar o rio sem embaraço.

Estando já Berta da outra parte, e com Rodando já nos seus braços, começou de novo a lamentar o seu sentimento na perda do seu Esposo buscando-o pelas margens do rio, regando as suas herbas com correntes de lagrimas; e como o não achou se tornou com seu filho para a sua cova, para alli acabar o restante da sua vida.

## CAPITULO VII.

### *Como Rodando foi á Cidade de Sena pedir esmola.*

Estando já a triste Berta na sua cova, lhe disse Rodando: — Não se afflija, que eu tomo por minha conta ir pedir esmolas para nos sustentarmos. Ao que respondeu Berta: — Meu filho, como assim tão pequenino, e de tão tenra idade has de ir pedir esmolas, sem saber caminho, nem carreira, para te desembaraçares destas montanhas? Minha Mãe, grande é a Misericórdia Divina que ensina aos pequenos o que esconde aos grandes. E assim ainda que sou pequeno, Deus me hade ensinar o caminho, pois não creou cousa alguma que de-

samparasse. E assim lanceme V. m. a sua benção, e deixe-me ir, que já são horas, e não temos que comer. Como Berta ouviu as ajustadas razões de seu filho tão pequenino, o teve por grande Mys-terio, e affecto Divino, e assim dando muitas gra-ças a Deos, lhe deitou a benção, e o deixou ir.

Chegado a Sena com o seu saquinho, e entran-do por uma das portas da Cidade, encontrou logo uma grande chusma de rapazes; e tanto que o vi-rão, querendo alguns zombar d'elle, os reprehien-deo com tal modo que logo lhe obedecerão, e o levárão pela Cidade, ajudando-lhe a pedir esmola, e lhe derão do que elles tinham; e tanto que en-cheo o sacco, se despedio já quasi noite, e se foi só, sem errar o caminho para a sua cova.

Assim continuou Rodando no decurso de tres annos, e com tanta felicidade, que não havia me-nino de Sena, que não fosse seu amigo.

Porém, como os rapazes andavão aliandonados no jogo das pedradas, como sempre foi costume em todos os povos, tinham ordinariamente uns com outros varias controversias sobre qual havia de ter da sua parte a Rodando, porque tinham por certeza que o bando, que o tivesse, sempre havia de sair victorioso. E como nunca faltá quem idolatre a inveja, se oppôz á valentia de Rodando um menino dos mais principaes de Se-na, chamado Oldrado, cabeça de um dos bandos, dizendo que Rodando era á sua vista muito fraco, e que assim estimaria entrar com elle em batalha.

Muitos, e a maior parte dos que estavam pre-sentes, entendendo que seria verdade o que dizia Oldrado, abraçárão logo o seu partido, ficando a menos parte sem Capitão, esperando que viesse

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
 Rodando, para lhe contarem o succedido, e pedir-lhe quizesse ser Capitão do seu bando. Neste tempo virão vir a Rodando, e logo o virão buscar no caminho, e lhe contarão o que tinha passado com Oldrado, e lhe pedirão quizesse ser o seu Capitão, o que elle de boa vontade accentou, e logo mandou por um rapaz, como Embaixador, desafiar a Oldrado, para o outro dia seguinte entrarem em batalha, o que Oldrado accentou de boa vontade, porque se achava com maior número de rapazes, e assim se despedio Rodando com a esmola costumada para a sua cova.

## CAPITULO VIII.

*Da cruel batalha que Rodando, ou Roldão deo a Oldrado nos campos de Sena.*

Toda a noite não pôde Rodando dormir com o sentido na batalha; e tomando o seu bordão, sahio da cova, e foi para Sena, e mandou aos do seu bando, que cada um trouxesse uma funda para atirar pedradas, e um páo da grandeza do seu, o que logo fizerão, e juntos todos em um campo, que ficava fóra da Cidade, assentá ão o arraial, e logo começárão, por mandado de Rodando a jogar as lutas, e todo o que lhe parecia mais valente apartava para uma parte, e os mais fracos para outra.

Feito o dito exame, tratou de formar companhias, cada uma sujeita ao seu Capitão, que para esse effito elegeo os de maior valôr, e capacidade, nomeando tambem os mais Officiaes, a quem os soldados obedeces em, e todos a elle como General.

Acabado o sobredito, entrãõ os Capitães, e mais Officiaes em conselho, juntamente com o seu General, e resolvêrão uniformemente todos, que se mandasse desaffiar a Oldrado para a batalha, e assim se mandou a um dos mais valerosos Capitães chamado Arnaldo, õ qual foi armado com o seu bordão, e funda, levar a Embaixada da seguinte maneira: O muito alto, e valeroso Rodando me manda que te diga da sua parte que te está esperando no campo de Sena para te dár batalha; e que se a recusares, te terá pelo mais franco rapaz desta Cidade, e que as armas que tem são estas que trago, nem mais, nem menos. Partindo Arnaldo com a Embaixada para Sena, e achando logo a Oldrado na Praça com alguns rapazes, se chegou a elle, e lhe deo a Embaixada na fórma sobredito de que Oldrado ficou algum tanto suspenso, e temeroso; porém como era nobre, e de coração magnanimo, acceitou o desafio, e respondeo no seguinte modo: Arnaldo, dize ao nobre Rodando, que de boa vontade acceito o desafio, e que me preparo logo com iguaes armas, e vou a buscar ao campo destinado.

Partio logo Arnaldo com a resposta, e no emtanto começou Oldrado a ajuntar o seu partido: e com iguaes armas, lhes fez Oldrado uma prática de valôr, promettendo-lhes vencimento na batalha, e que assim ficaria desvanecido o conceito do grande valôr, que dizião que tinha Rodando, e o seu rancho ficaria rendido, e medroso. Armados os rapazes de Oldrado com a confiança da promessa, que este lhes fazia, sahirão todos em chusma com muita alegria da Cidade, e caminharão para o campo, onde Rodando os estava esperan-

do, e assim que virão o Exercito, fizerão immediatamente alto.

Começou Rodando a alistar a sua gente, e não achou mais que sessenta soldados, e logo os formou em tres linhas, a primeira dos rapazes mais valentes das lutas, a segunda dos mais fracos, e a terceira, que era a retaguarda, tambem dos valerosos, e os Capitães na frente da vanguarda, e Rodando diante de todos. Tanto que Oldrado viu aquella formatura, tambem fez o mesmo, e alistando os soldados, se achou com trezentos, e assim ficava o Exercito de Oldrado parecendo um Gigante á vista de um Pigmeão, que assim parecia o Exercito de Rodando.

Formados os dois Exercitos mandou logo Rodando desafiar a Oldrado, e que mandasse vinte rapazes para jogarem as lutas e que elle mandaria outros vinte, e que todo o que ficasse rendido, ficaria prisioneiro, e não tornaria a pelejar mais aquelle dia.

Levou a Embaixada Arnaldo, e logo Oldrado accitou o partido, e mandou os vinte rapazes, que lhe parecerão mais valorosos, ao que corresponden Rodando com outros vinte, tirados da primeira linha. Chegados os rapazes uns aos outros, começarão a lutar com tanto valôr, que por mais de uma hora não se conheceo vantagem entre elles; porém esforçando-se de novo, ficarão todos os vinte rapazes de Oldrado vencidos, prostrados por terra, e assim ficarão todos prisioneiros de guerra. Vendo Oldrado tal destruição, mandou outros vinte rapazes, e sem embargo de estarem já os de Rodando cançados, com tudo não se quizerão retirar, e assim pelejarão com tão notavel brio; que,

depois de batalharem grandemente ficaram também rendidos, e prisioneiros os de Oldrado, do que ficou este muito sentido, e Rodando muito vanglorioso.

Vendo Oldrado tal destroço, e parecendo-lhe que já não podia vencer a Rodando pela luta, mandou dizer-lhe que queria pelear com as fundas, e pedradas, e que para isso mandasse trinta rapazes, e que mandaria outros trinta, para o que mandou por Embaixador a Jacinto, que era muito cortez, e galhardo. Ouvindo Rodando a Embaixada, consentio logo nella, e assim mandou trinta rapazes escolhidos, e destes no jogo das pedradas; e mandando Oldrado outros tantos, começaram o jogo com tanta furia, que era uma tempestade desfeita, e cada pedrada parecia um curisco; porém todos os rapazes de Oldrado ficaram cahidos, e feridos em terra, e assim foram prisioneiros, ficando os de Rodando victoriosos.

Oldrado, que já tinha no seu coração mais medo que valor, não deixou de entender que já não podia vencer a batalha; porém por não mostrar a sua fraqueza, começou a animar os seus rapazes, dizendo que só vencia a batalha quem ficava senhor da campanha, e que Rodando havia por fim ficar vencido, por ter poucos soldados, e elle muitos. E assim entrou em conselho que pelejassem todos juntos com a luta dos páos, e que na confusão da peleja tomariam melhor vingança, e venceriam a batalha. Feito o dito conselho, todos o approvaram, e assim, sem mandar Embaixada a Rodando deste designio, sahirão todos sem forma, a avançar o Exercito de Rodando, o qual vendo este insulto, mandou todos os seus soldados,

que não se desunissem, nem perdessem a fôrma, a qual fez em um instante de porco espinho, pondo-os costas com costas com os prisioneiros, e elle no meio, para dár as ordens, e aos soldados mais valorosos naquelle jogo mandou que ficassem de fôra cercando o Exercito.

Chegados os soldados de Oldrado armados com os seus páos, cercarão logo o Exercito de Rodando, e foi tão tempestuosa a pancada que jogarão, que em breve tempo se puzerão os rapazes de Oldrado em fugida, por verem o grande estrago que tinham feito os de Rodando, pois estava já o campo cheio de feridos, e atordoados sem que os de Rodando tivessem perigo.

Vendo Rodando a principiada fugida de Oldrado, e desejoso de lhe dár completa batalha, e alcançar total victoria, disse aos seus soldados: — Agora, amigo, agora é tempo opportuno, sigamos todos aos nossos inimigos, que já fogem como fracos, e medrosos do nosso valôr, e não lhe demos quartel, salvo ao que se mostrar rendido, e eu hirei diante, fazei como eu fizer.

Feita esta prática, logo rodando se poz na dianteira, e todos os mais com boa ordem, e forão seguindo o Exercito de Oldrado, e dando-lhe de tal modo na garupa, que em pouco tempo lhe derrubárão, e cativárão todo o Exercito, ficando todos no campo uns feridos, e outros atordoados, porém nenhum morto, e só escapárão vinte, que forão fugindo com Oldrado para a Cidade, sem que algum dos soldados de Rodando tivesse o mais minimo perigo.

Vendo-se os soldados de Oldrado vencidos, e que seu General os desamparou, e enganou, co-

meçarão todos a tender a obediencia aos soldados de Rodando, e fazer-se amigos, acclamando a Rodando por valoroso, e Oldrado por fraco; e dahi por diante todos seguirão o partido de Rodando, e lhe fazião grandes esmolas do que furtavão a seus Pais, e assim se despedio Rodando já quasi noite para a cova muito bem carregado de mantimento.

## CAPITULO IX.

*Como Carlos Magno, vindo de Roma, se apusentou na Cidade de Sena, e do que aconteceu com Rodando, e Berta.*

Vindo Carlos Magno de Roma corôado Imperador, entrou na Cidade de Sena, onde foi recebido com toda a magnificencia, e alegria, e os Cidadãos lhe prepararão umas sumptuosas festas.

É costume entre os Principes mandar que todos os dias se dê esmola aos pobres, e assim se fazia no Palacio de Carlos Magno, em Sena, aonde tambem concorria o menino Rodando, para levar a sua esmola. E acontecendo ir um dia mais tarde, e tendo já sido dadas as esmolas, estavam sómente dois pobres á porta do Palacio, e começando a zombar delle por ir tarde, se enfureceo, e dando-lhes muita pancada lhes tirou as esmolas que tinham, e se foi para a sua cova.

Ao outro dia tornou para Sena, e chegando a Palacio a tempo que o Imperador estava jantando, foi com todo o atrevimento, e chegando-se á meza com uma notavel desenvoltura, pegou em um prato de certa iguaria. e se veio retirando com tal modo, que ficou o Imperador muito gostoso, e todos os Cavalleiros admirados. Porém elle

lhes disse que gostára muito de vêr a graça, com que aquelle menino tomá a aquelle prato. E assim se foi com o prato para a cova; o que ouvindo sua Mãi, ficou muito sentida, e temerosa de ser por aquelle meio descuberta por seu irmão e lhe pedio que não tornasse mais a Palacio, sem lhe dizer a causa, e elle o prometteo fazer.

Logo ao seguinte dia tornou Rodando a Senna, e não lhe soffreo o coração deixar de tornar a Palacio; e estando Carlos Magno jantando, se chegou á meza muito de espaço, e pegou em uma fonte de ourn, que nella estava para recreação do Imperador, e se retirou muito airoso, e o Imperador lhe deo um grande grito, para vêr se largava a fonte com medo, porém Rodando lhe respondeo: — Os gritos dos Reis não me mettem medo. — E se retirou com a preza, sem que alguem o estorvasse.

Vendo Carlos Magno acção tão heroica, logo prognosticou que incluia algum grande mysterio, e assim disse a quatro Cavalleiros, dos que lhes assistião á meza, que seguissem aquelle menino, e soubessem quem era, porém que o não molestassem, e assim o forão seguindo de longe, sem serem vistos de Rodando, até que o virão entrar na cova.

Estando já Rodando mettido no seu aposento contando a sua Mãi o successo, e estando ella reprehendendo-o, chegarão á boca da cova os quatro Cavalleiros; e entendendo que era covil de ladrões, quizerão entrar com violencia para os prender; porém Rodando defendeo a entrada com um páo com tanto animo, e esforço, que ficarão os Cavalleiros admirados, e temerosos de tal mo-

do, que se retirárão um grande espaço, attribuindo que o menino era alguma especie de bruto em fórma humana transformado, pela braveza com que pelejava. Vendo Berta tal successo, e temendo que lhe matassem o filho, sahio fóra da cova; e vendo os Cavalleiros, conheceo que tres erão primos de seu Esposo Milão; e assim, não podendo deixar de dizer quem era, se poz de joelhos prostrada, e cuberta de lagrimas, e lhes deu noticia dos seus desgraçados successos, rogando-lhe com grande extremo que não dissessem cousa alguma a seu Irmão Carlos Magno.

Tanto que os Cavalleiros virão a formosa Berta tão desconhecida, e descomposta de vestiduras, que mais se póde dizer que estava núa, por ter só uns pobres trapinhos vestidos, ficárão tão cheios de lastima, e sentimento, que não pudérão suster as lagrimas, lhe promettêrão ser o seu patrocínio, e assim partirão tres a dár noticia a Carlos Magno do successo ficando um em companhia de Berta, e Rodando.

Chegados os tres Cavalleiros a Palacio, logo o mais velho se poz de joelhos diante d'elle, e lhe disse deste modo: não me póde negar Vossa Magestade que humildemente te peço me dêes palavra de perdoar um antigo aggravo, e receber na tua graça a quem por este Senhor humildemente a pede. —

Ouvida pelo Imperador aquella compendiosa oração, lhe disse que se levantasse, e que lhe outorgava tudo quanto pedia. E logo o Cavalleiro lhe disse o que tinha succedido; e sem embargo que Carlos Magno ficou, depois de saber o que era, com pezar de ter concedido o favor, com tu-

do, não pôde faltar ao que tinha promettido, e assim mandou fazer vestidos para sua Irmã, e sobrinho, e todas as Damas de Palacio, que acompanhavão a Imperatriz, se vestirão de custosas galas, e o mesmo fez a Imperatriz, que mais que todos estimou esta fortuna. e toda a nobreza da Cidade fez o mesmo, e assim foi a Imperatriz, e Damas, e toda a Córte, buscar a Berta e a Rodando.

Chegando á cova, entrárão os Cavalleiros primos de Milão, e disserão a Berta que o Imperador lhe perdoára, e que vinha a Imperatriz com toda a Córte, a conduzilla para Palacio, de que Berta ficou muito contente. e lhes deu os agradecimentos pelo beneficio do seu patrocínio, e logo entrárão tres Damas com os vestidos para comporem a Berta, e Rodando; e depois sahirão da cova, que havia sete annos que servia de sepultura á sua soberania.

Chegou em fim aos braços da Imperatriz, aonde foi recebida com as maiores demonstrações de amor, e mettendo-a oa sua carroça, e a seu filho Rodando, partirão para Sena; e entrando em Palacio n estava esperando Carlos Magno, e ella se pôz de joelhos, pedindo-lhe perdão; e lhe tomou a benção, e logo mandou Carlos Magno fazer públicas festas em seu obsequio, e passudas as festas partirão para França.

## CAPITULO X.

*Como Rollão foi armado Cavalleiro por seu Tio Carlos Magno.*

Depois que Carlos Magno chegou a França,

começou a examinar em varias materias, e tambem nas de guerra a seu sobrinho Roldão, porém elle as sabia melhor do que elles, porque em todas era insigne, principalmente na Arte de Cavallaria, Justas, e Torneios; e era tão valente, que não havia quem com elle quizesse jogar as Intas, ainda que fosse o mais valente homem.

Vendo Carlos Magno tantos prodigios em seu sobrinho, logo tratou (ainda que não tinha idade completa) de o armar Cavalleiro, para o que convocou toda a Côrte, e todos uniformemente o consentirão, e foi o dia de maior applauso, e festejos que já mais houve.

Armação Cavalleiro Roldão, sendo de nove annos, na fórma costumado, se mandarão apregoar as Festas, Jústas, e Torneios feitas em seu applauso; para o que concorrêrão os melhores Cavalleiros, não só do mesmo Reino, mas tambem dos Estrangeiros.

Chegado o dia da festa, sahio Roldão acompanhado dos melhores, e mais luzidos Cavalleiros da Côrte, e veio ao lugar destinado para o festejo, que era uma praça muito formosa, a qual estava adornada com a melhor arte, que podia formar a arquitetura humana, e toda cheia da melhor Fidalguia; e Nobreza.

E feitas as mais ceremonias necessarias, que serão as cortesias, que fizerão ao Imperador, á Imperatriz, a Berta, e as Damas, começarão a jogar as Justas desta maneira: sahio Roldão ao campo em um formoso, e soberbo cavallo, vestido de luzidas, e resplandecentes armas, ao qual sahio logo um Cavalleiro Genovez muito valente, e brioso, e ajustando-se ambos, forão taes os golpes

que Roldão lhe deo, que a breve espaço o desmontou, e logo sahio outro Cavalleiro Italiano, que da mesma fórma foi por Roldão vencido. Sahio um Cavalleiro Saboiano, que foi desmontado: finalmente forão sahindo todos os mais Cavalleiros, que estavam na Praça, cada um por sua ordem, como é estilo na Cavallaria, e todos ficarão por Roldão vencidos; e assim foi aquelle dia o de maior gosto, que teve Carlos Magno, e desta torte lhe cresceo tanto o amor do sobrinho, que chegou ao maior augmento da sua estimação.

Acabadas as Justas, e Torneios, deo Carlos Magno quinze dias de banquete aos Cavalleiros, e todos publicáção, que aquelle menino havia de ser o assombro de todo o Mundo, e que nelle tinha Carlos Magno uma firme columna do seu Imperio, e que por elle havia de ser de todos venerado, e temido. E este foi o nascimento daquelle grande Heróe afamado.

# SEGUNDA PARTE

DA

HISTORIA DO IMPERADOR

# CARLOS MAGNO,

E DOS DOZE PARES DE FRANÇA.

**DIVIDIDA EM 4 LIVROS.**

## PROEMIO.

**A** Vida do Imperador Carlos Magno; que na primeira Parte se divulgou com tanto applauso, se continúa nesta segunda; começa nos successos, que houve depois da consagração de S. Thiago, pegando no primeiro Capitulo do quarto Livro, advertindo que tudo o que na primeira Parte se refere desde o segundo Capitulo do Livro quarto por diante, foi succedido depois de passarem os feitos, que são assumpto deste segndo Tomo, o qual se divide em quatro Livros.

### NO PRIMEIRO LIVRO.

Se trata das festas de Paris, da guerra civil dos Pares, e de como o Imperador voltou a Hespera-

na em ajuda de Galafre, batalhou com Abderraman, e o venceu; da barca de Pontable, e da cova Tristefea.

### NO SEGUNDO LIVRO.

Se trata de como Oliveiros veio livrar Roldão da cova: dos trabalhos, que nella passou Roldão, e Angelica, e das batalhas, que deo Abderraman a Tristefea, e da batalha de Carlos Magno, e fuga de Abderraman para a Etiopia.

### NO TERCEIRO LIVRO.

Se trata da conquista de Cordova, feita por Carlos Magno, e da morte de Fredegundes, e da horrivel batalha, que houverão os Cavalleiros com as serpentes, dos Gigantes Batrocás, e Parrafús; e da traição que Bradamante, e Brutamonte querião fazer contra Toledo.

### NO QUARTO LIVRO.

Se trata das guerras de Aliadús, por már e terra; da Ilha Cofornia; das labaredas do Ethna, e da ajuda que Carlos Magno deo a Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca; de como Abderraman tornou a Hespanha, e foi morto, do casamento de Roldão, e Carlos Magno.

---

**LIVRO PRIMEIRO.****CAPITULO I.**

*Como o Imperador Carlos Magno, vencidos os Reis de Cordova, e Sevilha, e consagrada a Igreja de S. Thiago, veio para Paris.*

**D**EPOIS que o Imperador Carlos Magno venceu aos Reis de Cordova, e Sevilha, e por este modo deixou debaixo da Religião Catholica toda a Hespanha, como dissemos no fim do terceiro Livro da primeira Parte, determinou passar a Alemanha a cuidar nos negocios do Imperio; mas antes que parti-se foi com o Arcebispo Turpim, acompanhado de nove Bispos, (como dissemos no principio do quarto livro) consagrar a Igreja de S. Thiago.

Chegado a Alemanha, andou por ella dois annos dando Leis por todas as terras do Imperio, pertencentes ao bom governo; e no fim tendo já muitos desejos de ir vêr a sua Patria, França, de que havia tantos tempos andava ausente, se despedio dos Senhores de Alemanha, e partio para Paris acompanhado dos seus Pares de França. com os quaes sempre caminhava; e os que então acompanháráo erão os seguintes:

Roldão, Conde de Cenobia, filho de Berta, irmã de Carlos Magno, e do Duque Milão, como consta do quinto livro da primeira Parte. Oliveiros, filho do Duque Regner de Hens; Guarim Duque de Lorena; Gui de Borgonha; Ricarte, Duque de Normandia; Tietri, Duque de Dardania; Lamberto, Principe de Bruxellas; Urgel de

Danoá, Rei de Daria; Guadeboa, Rei de Frizia; Hoel, Conde de Nantes; Nemé, Duque de Baviera; Jofre, Senhor de Bordeos; Bosim de Genova, o Galalão, que no fim foi o traidor.

Acompanhado de tão excellentes Principes, e valerosos Cavalleiros entrou o Nobre Cavalleiro Carlos Magno triunfante na Côrte de Paris, onde foi recebido de todos os Cavalleiros, Cortezãos, e de todo o povo, com aquelle amor, e gosto, que seu bom governo, e assignaladas victorias tinham bem merecido.

## CAPITULO II.

*Das festas, que fizeram os Pares em Paris, por obsequio á chegada de Floripes.*

Chegando Gui de Borgonha á Côrte de Paris com sua esposa a formosissima Floripes, foi grande o gosto de Carlos Magno, e os Cavalheiros tiveram disso, e assim mesmo quiz o Imperador fazer-lhe um obsequio grande, e mostrar-lhe a magnificencia da sua Côrte, para o que mandou publicar por todo o Reino umas Justas, que queria se fizessem na sua Côrte.

Correo a noticia por toda a Europa, e a Côrte de Paris começou a encher-se de Principes, e de excellentes luzimentos; porque todos os estrangeiros á porfia vinhão riquissimos de joias, bordados, e pedrarias, como quem vinha apparecer na maior função, que então havia no Mundo.

Não era menos o lustre dos Cavalleiros Francezes, mas entre todos só Roldão não cuidava em preparos, e quando lhe dizião os outros o fizesse, respondia que estava muito doente, e debilitado

de forças, e que por essa causa não podia entrar nas festas, e um dia que Ricarte de Normandia, estando só com elle, o apertou muito para que entrasse, Roldão dando um profundo suspiro do intimo do seu peito, lhe disse:

— Senhor Ricarte, em fé de grande amizade, que entre todos os Paladines tenho contigo, me resolvo a declarar te um segredo, que conservo no meu coração, e que e a causa de eu não entrar nas festas, que se fazem a Floripes; e vem a ser, que haverá um mez entrou no meu Palacio um Turco com varias preciosidades a vender, e entre ellas vinha o retrato de uma Dama tão formosa, quanto só á vista podereis bem conhecer. Perguntei lhe de quem era, e me respondeu que era de Angelica, filha de Abderraman de Cordova, e neta daquelle Velho Rei, que vencemos á tantos annos.

— Comprei-lhe o retrato, e pondo o na minha camara, aonde todos os instantes o via, se me foi accendido um tal amor á Princeza, que representa, que passando a loucura esta vontade, estou dias, e noites pasmado a olhar para a pintura; e desesperado de que seja filha de um infiel uma belleza tão rara, e por esta causa esteja impossibilitada para ser minha. Ricarte o consolou, e promettendo-lhe segredo, se despedirão.

Entretanto se fazião todos os preparos para as festas; e chegado o dia, estava o terreito, aonde havião ser as justas, rodeado de camarotes, tendo na frontaria o Palacio Real, em cuja janella, toda entalhada de ouro, estava Carlos Magno com Floripes á sua mão direita, mui bizarra, e formosa, e por todas as mais janellas, e camarotes muitas Damas, e Cavalleiros.

## CAPITULO III.

*Como se fizeram as justas, e de dois Cavalleiros, que entráráo na Praça desconhecidos, e do que disseráo.*

Começárão n entrar os Cavalleiros na Praça, ricamente vestidos, montados em soberbissimos cavallos, e rodeados de innumeraveis criados; tomárão os seus postos; e fazendo, por ordem dos padrinhos, sinal para investirem se accommettêráo uns a outros fazendo sortes bizarras.

Ricarte investio tão furioso, que mettenlo a ponta da lança pela testa do cavallo contrario, lha passou até tocar a ponta no peito do Cavalleiro. Urgel de Danoá pôz a ponta da lança nos peitos do seu competidor com tão violenta carreira, que, não lhe passando as armas, por serem finisimas, o fez recuar com o mesmo impeto que levava, até marrar com o cavallo, e Cavalleiro na trincheira contraria. Lamberto de Bruxellas quebrando-se-lhe a lança no escudo de seu competidor, lhe deo com a haste que lhe ficára na mão tal pancada no hombro direito, que as armas de toda aquella parte, e mais seu dono vierão a terra.

Gui de Borgonha luzia, como quem estava á vista de sua esposa. Oliveiros, Guarim, e todos os mais se haviam como costumavão; e sendo muito grande o valór, e desembaraço dos Cortezãos, e Estrangeiros, os Pares levavão vantajem a todos com tanta admiração dos Estrangeiros, como inveja dos Cortezãos.

Neste tempo entrou pela porta esquerda da Pra-

ça um Cavalleiro de uma estatura quasi de Gigante, e vestido de armas pretas, e no escudo pintado um comprido Acipreste com a raiz para baixo, do mesmo comprimento que a arvore tinha para cima, com esta letra:

*Se o corpo cresceo agigantado  
As raizes do affecto, que se oculta,  
São do mesmo tamanho da estatura.*

Vinha montado em um cavallo baixo, com cabellos pretos, e formoso no feitio, grande no corpo, e tão feroz no aspecto, que verdadeiramente deitava fogo pelos olhos, e fomegava pelas ventas, que parecia uma bravissima serpente. Chegou no meio da Praça, e firmando-se com bizarro continente sobre a sella, disse estas palavras, em voz que todos poderão bem ouvir.

— O' vós outros que divertidos, e alegres estais festejando os vossos triumphos, sem teres a quem dedicar os vossos festejos, e bizarrias, haveis de confessar todos que só merece tudo Galliana; e quem assim o não fizer, prepare a sua vida para ser sacrificio á sua formosura.

Ao tempo que hia acabando a prática, entrou pela porta direita da Praça outro Cavalleiro, armado de armas amarellas, de estatura proporcionada, e talhe tão airoso, que a todos levava os olhos. Vinha montado em um cavallo murzelo com arreios de ouro, e pedrarias; e o Cavalleiro trazia no escudo um Gyrsol inclinado para uma Angelica com esta letra;

*Nem por olhar para ti  
Deixo de ser Gyrsol.*

Parou defronte do outro ao tempo que elle acabava a pratica; e firmando-se na sella, lhe respondeo assim:

« Se cuidas, barbaro Gigante, que com o exercicio da guerra temos esquecido as galantarias de amor, enganaste-te, e saberás que a Dama, a quem se devem os trofeos destas justas, e a quem a tua Galiana á de ceder a victoria, é a sem pár Angelica; e assim confessa logo esta por mais digna, senão queres perder a vida nos fios da minha ardente e pada.»

#### CAPITULO IV.

*Como os dois Cavalleiros se investirão, e batalhárão, e da discordia que entre os Pares, e os Principes Cortezãos houve por este motivo.*

Apenns acabou de fallar o Cavalleiro, quando o da agigantada estatura metteo as esporas no cavallo, embaraçou o escudo, calou a vizeira, e enristada a lança, partio a investillo: pôz elle tambem a lança em riste, e accommettendo se ambos a todo o galope dos cavallos, parecião duas settas, que furiosamente se disparavão; quebrárão-se as lanças nos fortissimos escudos, e metteo mão o Cavalleiro de Angelica a uma rica espada, o de Galiana a um cortador alfanje, e se começárão a dar desapiedados golpes; o da espada desca:regou sobre o contra io nna entilada, e lhe lançou em terra todo o escudo: acudio com outra sobre o hombro esquerdo, e levou-lhe todas as armas da quella parte: deo-lhe terceira sobre o elmo, e fez-lhe marrar com a testa no pescoço do cavallo. Vendo-se o Cavalleiro de Galiana tratado desta

maneira estando já sem escudo, pegou com ambas as mãos no alfanje, e descarregou ao través do elmo tão desmedido golpe no contrario, que o deixou atordado e abraçado, para não cair, ao pescoço do cavallo: deu-lhe segunda sobre as costas, e fez pôr o cavallo os joelhos em terra. Tornou a si o Cavalleiro de Angelica, e daqui começão de novo a fôr-se por espaço de duas horas, sem se conhecer vantagem de alguma das partes, com pasmo de todos os que vião tão desusada batalha.

Vendo o Cavalleiro Gigante que não polia á força de armas levar a melhor do seu inimigo; fiando-se nas suas desmedidas forças, e corporencia, largou o alfanje, e assim mesmo ao cavallo se abraçou com elle: fez o da espada o mesmo, e começão a empurrar se assim um a outro de tal feição, que os cavallos acuavão com a força que os Cavalleiros fazião; e depois de lutar assim muito tempo, o Cavalleiro de Angelica pondo todo o ultimo de suas forças, fez bater o outro ao chão com cavallo, e tudo; mas como estava abraçado com elle, veio sobre este tambem a terra.

Com a violencia das quedas se desapertão a ambos as vizeiras; e conhecendo-se que o de cima era Roldão, e o debaixo começou a gritar que lhe acudissem, porque era um Embaixador, que trazia para Carlos Magno uma Embaixada da ultima importancia: estando desta sorte os dois Cavalleiros, entrão os Pares por parte de Roldão a castigar o atrevimento do outro; os Cavalleiros da Côrte, começão a defender o Estrangeiro, dizendo que como a Embaixada, se lhe devia guardar immuniidade; mettêo mão ás espadas, e co-

meçãõ a batalhar com os Paladines: estes que dos seus golpes faziãõ bem pouco caso, se defendião, e offendiãõ por modo. que em menos de meia hora não havia no campo quem lhes resistisse, ficando mortos oitenta e fugindo os outros, sem embargo dos Pares serem só quatorze, e os Principes mais de trezentos.

O Imperador quiz para exemplo castigar os Pares, e os mandou presos para uma Torre: e o Cavalleiro de Galiana, pediu licença para lhe fallar, e o Imperador lha deo.

## CAPITULO V.

*Como o Cavalleiro de Galiana deo a sua Embaixada, e entregou ao Imperador uma carta do Rei de Toledo*

Fallou o Cavalleiro de Galiana desta maneira: — Senhor, eu sou Bradamante, vassallo de Galafre Rei de Toledo, depois que tu te ausentastes de Hespanha, deixando vencido El Rei de Cordova, este morreo de paixão, e um filho seu muito valente chamado Abderraman entrou a governar, e fazendo muitas guerras, tem conquistado muitas Provincias; e fazendo-se senhor de muitas forças, vem agora contra o meu Rei Galafre, o qual confiando só na tua protecção a sua defenza, te pede que o ajudes contra o filho daquelle, a quem já vencestes; isto o verás melhor nesta carta: — Recebeo o Imperador a carta, dizia assim: — Altissimo Senhor Imperador. Eu Galafre Rei de Toledo vos envio muito saudar, como áquelle a quem muito estimo. Senhor, faço-vos saber como meu primo El Rei de Cordova quer vingar em mim as

injúrias, que vós fizestes a seu Pai: elle tem-se feito em armas o mais poderoso de quantos seguem a *Mafoma*, porque sempre tem tido em seu favor a fortuna: eu só no vosso favor fio o meu amparo: espero não negueis o patrocínio a quem vos busca necessitado: Bradamente meu Embaixador vos informará de tudo, e eu espero que na brevidade tenha da vossa mão o que pertendo.

Tanto que o Imperador lêo a carta, disse para Bradamente: — Pois como, sendo tu Embaixador viestes deste modo ás justas? — Bradamente lhe respondeo: — Senhor, eu tive no caminho noticia de que fazias estas festas; e como na minha terra é estilo nestas occasiões defender cada um a Dama a quem serve, quis encuberto defender a minha.

Respondeo-lhe o Imperador: Valha-te a lei de Embaixador para que nesta occasião não vingue em ti as mortes de todos os Príncipes, de que tens sido a causa; vai-te, e dize ao teu Rei, que eu hei ajudallo.

Foi-se Bradamente, e o Imperador informando-se de toda a causa da discordia, que houve, achou que os Pares não tinham culpa, e lhes perdoou; e para lhes dár a saber o que tinha prometido ao Embaixador de Galafre, lhe disse a todos juntos: — Sabereis que é vontade de Deos que tornemos ás armas pela sua Fé; e bem mostrou sua Divina Magestade o muito, que se scandalisa de que na paz percamos o tempo, que na guerra podiamos aproveitar em seu serviço, pois tão desgostoso fim teve o festejo que fizemos. Eu prometti a Galafre de Toledo ajudallo contra Abderraman de Cordova, e assim com toda a força se trate lo-

go de fazer gente, para que sem demora executemos a empreza. — Aceitáão todos com a mais boa vontade o que o Imperador lhes ordenava, como homens de pelear fazião a sua vida. Mas Oliveiros disse: — Senhor, parece-me que para o Rei de Cordova não é necessario tanto esforço, pois vê a facilidade com que nas guerras passadas lhes tirámos a Corôa. —

Carlos Magno lhe respondeo: — O Rei, que vencemos era Pai deste, e morreo de paixão: ficou governando seu filho, que com o animo guerreiro, que tem, não se conhece hoje homem mais valente em toda a Turquia, e assim muito mais nos é necessario para vencello, do que tu imaginas. — Calou-se Oliveiros, e logo se começou a levantar gente por toda a França e Alemanha; e em breve tempo ajuntou um exercito de trinta mil homens de boas tropas, resolutos, e valentes.

## CAPITULO VI.

*Como os Cavalleiros da Còrte puzerão fogo ao quarto dos Pares, e estes quáo milagrosamente se livrarão do incendio.*

O Imperador, tanto que teve junta a gente para a guerra, chamou os Pares à sua Camara, e lhes disse o dia da partida; e tanto que chegou a vespera deste, os convidou a cear no seu Palacio, e lhes deo nelle um quarto, aonde dormissem todos juntos, o que fizeram.

Os Cavalleiros da Còrte, que sempre andavão com os olhos na sua vingança, como virão que esta noite era a ultima, que para ella lhes restava, porque no dia seguinte hião os Pares para a

guerra, fizeram seu conselho, e assentárão pegar fogo ao quarto aonde os Pares dormião, visto que, por estarem todos juntos, era a occasião tão boa; e pondo por obra o que tinhão imaginado, njuntárão bastante pês, alcatrão, e enxofre, e tanto que foi uma hora depois da meia noite, forão por quatro partes diferentes, e sem reparar no damno, que podia vir ao Paço todo, pozêrão fogo ao quarto; e para disfarçar, e conseguir o seu intento, forão fazer o mesmo em outras partes da Cidade.

Começou o fogo a subir pelas janellas dos Pares, e pezando-se no tecto, em muito breve tempo estava o quarto todo que parecia uma fogueira. Os Pares, que dormião bem descuidados de semelhante accidente, acordárão suffocados do calôr, e fumo, e se vião em ancias de morte, sem poderem respirar. Mettêrão-se na ultima casa, a que não tinha chegado o fogo, mas pouco lhes durou este allivio, porque logo as chammas forão entrando, e os Pares encommendando se a Deos, vendo-se sem remedio humano, esperavão a morte por momentos.

O incendio, como era tão arrebatado, logo foi sentido; e sabendose que era nõ Paço, acodirão todos; e o mesmo Imperador tanto que soube que era o quarto dos Pares o que ardia, veio assistir logo. Subirão varios homens aos telhados a todo o risco, e forão derrubando o tecto das casas, aonde os Pares estavam; e cahindo-lhe em cima telhas, traves, e calça, os maltratárão muito; mas este accidente, que parecia contrario, foi todo o seu remedio.

Porque os homens, que tinhão subido, forão-se

desanimados, e Roldão, levado de um espirito valente pegou em uma trave das que tinham cahido, e disse para Urgel de Danon: — Isto não tem remedio, se nós havemos morrer como ratos na ratoeira, mais virtude é morremos na diligencia de salvar a vida, ainda que a não consigamos: atemos estas traves de ponta em ponta, como melhor podermos, e subindo todos por ella acima até os telhados, de lá a tomaremos em hombros, e lançando uma ponta á rua, nos guindaremos por ella abaixo.

Respondeo Urgel: — Senhor Roldão: o feito é muito arriscado, porque nos é preciso caminhar por entre chaminas; mas senão á outro remedio, melhor é morrer de atrevidos, que de cobardes, e temerosos. — Os mais Cavalleiros se resolvêrão ao mesmo, e atárão sete traves de ponta em ponta, que ficou em um comprimento que bastava, e encostando-a ao telhado, subirão por ella acima, de lá a pucharão para cima, e a levárão em hombros pelo telhado adiante, ate uma parte de onde a pozeirão do telhado á rua; tudo isto com indizível trabalho, porque o fumo, e os telhados quasi cahindo, os fazião estar no ultimo perigo.

A este tempo já Roldão se hia guindando pela trave abaixo por entre as labaredas, e logo atrás delle os outros Pares; e pegando-se á trave, se lhes queimarão as mãos, outras vezes escorregando se lhes raiçavão nos muitos préços que as traves tinham, mas em fim chegarão abaixo mais mortos que vivos, com tanto gosto como admiração de todos. O Imperador dando graças a Deus pelos vêr livres, os mandou curar: apagou-se o fogo, sem fazer muito mais damno, e os outros fogos

das mais partes tambem se tinham apagado; e ainda que se murmurava serem os Príncipes a causa de tudo, niogue[m] se atreveo a publicá-lo.

## CAPITULO VII.

*Como Carlos Magno partio com os Pares para Hespanha, e como elles se adiantarão do Exercito, e forão t[er] com a barca de Pontable.*

Estiverão os Cavalleiros curando se. e convalescendo: e como estiverão bem sãos deo o Imperador principio á sua jornada, e poudo o Exercito em marcha, o dividio em tres corpos, cada um de déz mil homens; e em uma segunda feira, depois de ter ouvido Missa, e todos os Cavalleiros, deixando o governo da Córte á formosa Floripes, marchou com os seus Cavalleiros para Hespanha.

Hião todos os Pares muito desejosos de toparem com inimigos, para exercitarem as suas forças, que tinham folgadas á tantos annos; e Roldão hia de mais a mais muito desejoso de chegar á vista de Timorante, aonde elle sabia que estava a Cova Tristefea. que era a prizão da sua Angelica; e como o Exercito em razão da muita gente, caminhava vagaroso. todos desejavão adiantar-se, e Roldão fallou ao Imperador, e lhe disse: — Senhor, bem vês como este Exercito marcha de vagar, e nós estamos já muito desejosos de chegar as mãos com os Turcos, e assim te pedimos licença para nos adiantarmos do Exercito, e ir reconhecendo as estradas, a vêr se topamos inimigos — Carlos Magno estimando o valôr, e resolução dos Pares, lhes concedeo a licença, que pe-

dião, e elles forão-se adiantando, e o Exercito continuou com as suas vagarosas marchas a jornada.

Apartados assim os Paladines do Exercito, andarão uns poucos de dias sem encontrarem cousa alguma, que se possa contar, até que em uma manhã pelas nove horas, entrarão em um valle, não muito grande, rodeado por todas as partes de altissimos montes, povoados de Aciprestes, Cedros, e Louzeiros, que fazião aquella terra a mais triste, e temerosa do Mundo. Contavão por todos os ramos muitas aves tristes; e o valle era cortado pelo meio de um rio com as aguas verdes, feias, e tão arrebatadas, que se hião despenhando de cancho em cancho a fugir dos olhos.

Ficárão os Cavalleiros confusos de vêr tão horrendo, e temeroso sitio, que parecia na verdade toda aquella campina uma ante-sala do Inferno, e o que mais os pasmava era vêr pelos troncos das arvores gravados em letras Turcas muitos nomes de homens Christãos, e alguns que conhecêrão: forão caminhando e a poucos passos lhos impedio o rio, que de parte a parte atravessava o campo, sabindo por entre os outeiros de uma parte, recolhendo-se por uma quebra dos da outra.

Parárão confusos de vêr que nem o rio tinha barca, nem havia ponte, nem deixava vadear-se, pelo arrebatado da corrente; mas depressa se desenganarão porque pelo rio abaixo vinha com a buzina na mão um disforme Gigante, que montado em um medonho cavallo marinho de formidavel a peeto, trazia preza de uma cadêia de ferro uma barca muy grande, e de um extraordinario feitio.

O Gigante era da especie de uns, que á na Perintonia, e se chamão Troaclezes os quaes tem um corno na testa, e as orelhas logo por cima das pestanas, e são tão velozes, que parece que voão quando correm. Vinha armado de ferro, e trazia cingido um cortador alfanje, e para a outra mão tinha uma archa de armas. Tinha sete covados de altura, e a sua proporção era muy bem formada: o cavallo marinho, em que montava, era de tamanho capaz para sustentar semelhante corpulencia, todo de côr negra; e tanto vivia, e caminhava pela terra, como se alimentava, e andava pela agua.

Tanto que os Cavalleiros tiverão bem percebido nas circumstancias de tudo assentáão logo que tinha chegado a occasião de combater, que tanto desejavão e puzerão-se em ala na margem do rio a vêr o que determinava o Gigante.

### CAPITULO VIII.

#### *Da Barca de Pontable, e do que passarão os Cavalleiros com o seu Gigante.*

Vinha o Gigante da fórma que dissemos pelo rio abaixo; e tanto que chegou a vêr os Cavalleiros, parou em distancia que elles podessem bem ouvir, e lhes disse: — Quem sois vós, ó pequenos Cavalleiros, que, ou muito ignorantes, ou demasiadamente atrevidos, ousastes chegar a estes Paizes! Logo dizei-me quem sois, porque vos tenho de fazer alimento deste cavallo, e quero saber os vossos nomes para os escrever nessas arvores como ali estão os muitos, que tereis visto; e que, como vós haveis de ser, forão tambem sustento deste monstro.

Ouvirão os Pares a soberba falla do Gigante, e por todos lhe respondeo Roldão: — Não te pareça, barbaro, que tememos os teus ameagos; e para que melhor o entendas, saberás que somos os Pares de França, tão costumados a vencer arrogancias, como te terá dito a fama das acções, que temos feito. Agora diz nos tu que Paiz é este que pizamos. — Respondeo o Gigante: — Estas terras chamão-se os Paizes de Curbele. este rio é o Lenteo fumoso. e esta barca se chama a barca de Pontable, da qual eu sou arraes, e ao mesmo tempo Alcide do Castello que fica da outra parte do rio, e estou aqui com ordem de Ahderraman para defender este passo a todos os Christãos, que aqui vierem; os quaes, tanto que chegão os come o meu cavallo: e os seus nomes se escrevem naquellas arvores; e dizendo isto levantou a archa de armas, e veio para a praia.

Roldão cego de toda a sua cólera puchou pela sua espada Durindana, e acavillo, como estava, se metteo ao rio a investir o Gigante. Levantou este a archa de armas, e a descarregou sobre Roldão com potente força; mas, falseando o golpe, o descarregou na agua, e levantou tal espadana, que cobrio Roldão, e o seu cavallo não appareceo mais. Os Pares não quizerão acudir lhe, mas os cavallos espantados do Gigante, e cavallo marinho, fugirão desenfreados pelo campo: julgou o Gigante que os Pares fugião de medo; e apeando-se do cavallo marinho, atou a cadeia da barca a uma arvore, e correo atrás dos Cavalleiros com tanta ligeireza, que encarando com o Duque Nemé, o deitou por um braço do cavallo abaixo. Lamberto de Bruxellas, e Hoel de Nantes, vendo

o perigo do Duque, quizerão acudir-lhe; mas os cavallos tinham contudo tal medo, que não havia domallos: apráão se e se forão contra o Gigante, e mais Gui de Borgonha e Tietri, e todos cinco entráão com elle em batalha. O Gigante levantando a archa de armas contra Tietri, lhe acertou uma que o deixou por morto, deo outra nos peitos ao Duque, e lhe fez o mesmo. Vendo isto Lamberto, Hoél. e Guido, empenháão se com o ultimo das suas forças, mas nada valia á ligeireza do Gigante.

A este tempo tinham acodido á praia Oliveiros, Urgel, Ricarte. e Guarim, a vêr se apparecia Roldão; e depois de um espaço grande. veio a cima da agua um vulto, que com ancias de morte nadava; e pegando-se á cadeia da barca cahio na praia: era Roldão, e os companheiros virando-lhe as pernas para cima, vomitou toda a agua, e tornou a si; e vendo o perigo de todos, e que o seu cavallo era morto, tomou o freio do cavallo marinho, e montado nelle correo contra o Gigante. A este tempo estava no chão Gui de Borgonha, e Hoel; só Lamberto se defendia, mas tão cansado que a não acudir em os outros, lhe succederia o mesmo. Roldão no cavallo marinho começou a batalha com o Gigante; e deo lhe uma cutilada na mão da archa; que lha decepou quasi toda: ferido assim o Gigante, deo tão forte grito, que os cavallos começáão de novo a espantar-se, mas levantando do braço ferio a Roldão ao traves do escudo, e lho deitou a terra; mas Roldão descarregou com a Durindana tal cutilada sobre o Gigante, que sahirão faiscas: veio o Gigante a terra com tanta violencia, que parecia uma montanha

230 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
que cahia. Quiz Roldão a aba lo de matar, mas  
o Gigante lhe disse: — Cavalleiro, se queres a  
saude de todos os teus companheiros, que ali vês  
estirados, dá-me a vida, que eu os curarei. —

Respondeo-lhe Roldão: — Como lhe dás a vi-  
da? — Disse-lhe o Gigante: — Tenho um pouco  
de balsemo de Ferrubras, que elle me mandou á  
annos, e com elle os hei de curar. — Disse-lhe  
Roldão: — Eu te dou a vida, para que os cures;  
mas se isso é traça para te escapares, olha que o  
não has de conseguir, porque ás minhas mãos has  
de morrer. — Tornou o Gigante: — Para que ve-  
jas que o que digo é verdadeiro, vamos para o  
meu Castello, que eu nelle não só os curarei, mas  
vos contarei que sois os primeiros Christãos, que  
passais a barca de Pontable.

## CAPITULO IX.

*Como os Cavalleiros passarão a barca de Pontable  
e curados os feridos combaterão o Castello*

Levantou-se o Gigante, como pôde, e os Pa-  
res, que estavam máos, tomando em braços os fe-  
rtillos, forão para a barca, aonde se mettêrão to-  
dos; e o Gigante, ainda que tão ferido, montou  
no cavallo marinho, e mettendo se tambem na  
barca os cavallos dos Pares e foi o Gigante guian-  
do pelo Lenteo abaixo. Chegárão á praia da ou-  
tra parte, e desembarcados virão o soberbo Cas-  
tello de Pontable, de que era Alcalde o Gigante.

Quis este que elles entrassem no Castello para  
curar-se; mas os Cavalleiros, receand o alguma  
traição, o não quizerão fazer, e lhe disserão que  
trouxesse fóra o balsemo. Disse o Gigante que

mellhor era hirem para dentro; mas Roldão desconfiado deste mesmo empenho do Gigante lhe pôz a espada nos peitos, e lhe disse: — Barbato; tu queres ser traidor, manda logo logo buscar aqui o teu balsamo, senão ás minhas mãos has de acabar.

Ficou o Gigante atemorizado, e tocando a sua buzina, chegarão ás amêas do Castello dois mil homens de peleja, e o Gigante lhes disse trouxessem a redoma do balsamo, que estava com guardas em uma torre do Castello: trouxerão-na logo, mas o Gigante, como fazia tudo isto para mais enganar os Pares, disse a um soldado que passasse palavra á guarnição, para que em elle tocando outra vez a buzina, sahisse do Castello a dar batalha áquelles Cavalleiros.

E dahi, pondo a redoma á boca, quiz ser o primeiro que bebesse; mas Oliveiros, e Roldão, vendo esta descortezia do Gigante, e conhecendo que elle queria beber primeiro para ficar primeiro são, e os vencer. ao me-mo tempo Roldão, e Oliveiros lhe mettêrão as espadas pelos peitos, e derão com elle em terra: elle com ancia da morte pegou da buzina, e a tocou, para que os seus lhe acodissem, mas recebendo outras feridas. ficou morto.

Logo em continente sahio do Castello toda a soldadesca, e começou com os Cavalleiros uma muito cruel batalha: os Pares que estavam feridos bebêrão do balsamo, em quanto os outros pelejavão, e em breve forão todos sãoes, e começarão a batalhar. Irão muito esforçados os soldados do Castello; mas os Pares os derrubavão para uma, e outra parte.

De cima das muralhas estavam muitas Turcas mulheres dos soldados, as quaes lançavão breu e pez ardendo sobre os Cavalleiros; mas como os soldados erão mais, sobre elles cabio tudo. Entre todos os Pares só Roldão estava a pé, porque quando cahio no rio se lhe tinha affogado o seu cavallo; e chegando á margem do rio, montou de um salto, sobre o cavallo marinho, e entrou a fazer nos Turcos cruel matança.

De sorte que em muito breve tempo não houve quem lhes resistisse. Vencida a batalha, entráção no Castello, o qual era muito espaçoso, e bem obrado: alli estiverão os Pares uns poucos de dias descansando, e se divertião em andar pelo rio na barca, e os Turcos prisioneiros, e as Turcas se passavão de que chegasse tempo em que Christãos andassem tanto á sua vontade por aquelles Paizes, e dizião que o Imperio de Masoma se queria arruinar.

Os Pares tanto que passáão estes dias, tiráão da cavalhariça do Gigante cada um seu cavallo, que os tinha dos melhores do Mundo, com jaezes riquissimos; e montados nelles derão ao andar por aquelles campos fóra a encontrar mais inimigos. Roldão hia deseioso muito de chegar a Timorante, para vêr se podia fallar á sua Angelica.

## CAPITULO X.

*Do que aconteceu nos Cavalleiros, quando sahirão do Castello de Pontable.*

Sahirão os Pares do Castello de Pontable, e tudo em fallarem nas forças, destreza, e valentia do Gigante, o qual era o mais forte que até alli

tinhão visto. Andarão dois dias por aquellas terras sem encontrarem com a digna de contar-se, até que ao terreiro virão ao longe uma grande poeira; e chegando mais de perto, era um rebanho de mais de duas mil cabras, conduzidas por um Cabreiro com varios criados, e alguns cincoenta cães de guarda; encaminharão-se os Pares para o Cabreiro; mas elle, assim que tal vio, deitou a fugir, e os criados com toda a pressa.

Seguirão nos os Cavalleiros para se informarem delles, mas immediatamente se virão assaltados pelos matins, que guardavão o gado; os quaes se lançarão contra os Cavalleiros com a maior furia do Mundo: o primeiro, a quem chegarão foi a Gui de Borgonha, e ferrando-lhe na cauda, nas clinas, nos beiços, e nas orelhas do cavallo, o fizeram logo correr desesperado pelo campo até dar em terra consigo, e com seu dono.

Sucedeo o mesmo aos mais Cavalleiros, e conseguindo a muito custo matar os cães todos, os quaes pelas armas de ferro lhes não tinham feito muito damno, quando de improvizo se virão assaltados por um pé de exercito de mais vinte mil Turcos, governados por um Arabio muito valente chamado Almedrol, e estes todos vinhão para defensão das margens do Rio Lenteo, e da harca de Pontable, que por occasião da guerra a queria Abderraman bem defendida.

Foi tão repentino o assalto, que não tiverão os Pares tempo de buscar os cavallos que tinham espalhados pelo campo; e a pé mesmo, como estavam, se forão defendendo. Investião-nos os Turcos com barbara furia; mas os fortissimos Paladines a pé se defendião das lançadas, e se sus-

tentavão firmes contra os encontros dos cavallos, que muitas vezes marravão com elles peitos a peitos: era todo o seu ponto matar alguns Cavalleiros, e aproveitar-se dos seus cavallos, mas uida que matavão muitos soldados, para montar nos cavallos, lhes não dava lugar a multidão dos ioimigos.

Pasmava-se Almedrol de vêr tão grande resistencia em uns homens, que estavam a pé; e virando-se para Oliveiros lhes disse: — Homem, dize-me quem és tu, e estes companheiros, que com tanto estrago dos meus soldados te defendes? Eu quero fazer treguas comvosco, e vos prometto a vida, se vos entregares prisioneiros. — Respondeo lhe Oliveiros: — Nós somos os Pares de França, e não só nos não havemos de entregar prisioneiros, mas havemos vencer-te, e a toda a tua gente a pé, assim mesmo como estamos: — e dizendo isto deo em Almentrol uma tão grande cutilada, que lhe fes dár com o rosto no sepinho da cella, e deitou muita quantidade de sangue pelos narizes, e pelos olhos.

Vendo-se Almedrol tratar assim, enfureceo-se grandemente, e começou a cavallo a ferir a Oliveiros; mas este muito ligeiramente se defendia, e dando uma cutilada no pescoço do cavallo lho cortou cerceo, e veio Almedrol a terra: acodirão-lhe muitos dos seus, e se continuou a batalha tão desigual, como violenta, por mais de seis horas, sem se conhecer vantagem de alguma das partes; porque ainda que os Pares matavão muitos, erão os inimigos tantos, que sempre tinhão gente de refresco: até que pelo meio da tarde, conhecendo os Turcos que aquelles homens, além de serem

tão valentes, brigavão como desesperados; entendendo de mais a mais que estavam ajudados de alguma feiticeira, e que daquella batalha não podião esperar algum fructo, deixáão a peleja, fugindo á redea solta, ficando doze mil mortos no campo, que tantos acabárão naquelle dia ás mãos dos Cavalleiros.

Com a fugida dos Turcos poderão estes montar a cavallo; e seguindo-os matárão muitos no alcance e prendêrão outros, e entre elles seu General Almedrol, que hia mui ferido, e os Cavalleiros o não estavam menos; e todos como podêrão se curárão com aservas do campo. Depois disso disserão os Pares a Almedrol que os informasse de todo o estado das cousas de Abderraman; e elle, temendo a morte, prometteo fazê-lo com toda a verdade.

## CAPITULO XI.

*Como Almedrol dá conta das cousas de Abderraman, e da cova Tristefea, aonde estava Angelica.*

Disse Almedrol aos Cavalleiros: — Senhores, quanto aos seus exercitos, elle tem mais de um milhão de soldados por todos os seus Reinos, com muitos Reis seus vassallos; mas o que agora marcha contra Carlos Magno, e contra Galafre, terá trezentos mil homens, e além disso tem muitos tigres, camellos, e matins de que se serve na frente dos seus exercitos, mas não vos saberei dizer aonde irá elle agora com a sua gente, porque á oito dias que sahio de Timorante, sem dizer para onde marchava; e a mim me mandou com estes

soldados, que destruístes, a guarnecer as terras de Corbele, e barca de Pontable. —

Quando Roldão ouviu fallar em Timorante, ficou muito alvoraçado, e perguntou a Almedrol: — Dizei-me, quanto é daqui a Timorante? — Respondeo Almedrol: — O Castello de Timorante é daqui quarenta legoas. He muito forte, e nelle mandou Abderraman que fosse a principal praça de Armas do seu Reino, e ahi tem todas as suas riquezas, armas, e thesouros: tem uma legoa de muralha em redondo, e por ella cincoenta Torres. No meio da praça á um terreiro, e nelle outra Torre, a par da qual é a boca da cova Tristefea.

Esta cova mandou Abderraman fazer por conselho de Fredegundes, que é uma sobrinha sua, a qual por odio mortal, que tinha a uma filha unica de Abderraman, chamada Angelica, fez abrir aquella cova, e metter dentro della a triste Princeza, dizendo ao Pai, que um Principe estrangeiro se havia namorar della, e a havia tirar do Reino, e nella habita Angelica á tres annos.

A cova dentro é muito espaçosa, com quartos, camaras, galerias, todas adornadas de riquissimas alfaias: está Angelica servida só de Damas, e tem pena de morte todo o homem que se achar dentro: Brutamente, que é o Governador de Timorante, e o soldado mais valente de Abderraman, é o que tem a chave do alçapão da cova; e de dentro a tem uma velha chamada Zalabarda; e só estes dois tem ordem, e poder de chegar á porta, ella de dentro, e elle de fóra. —

Ouvirão os Pares com muita attenção tudo o que disse Almedrol, e assentárão comigo de se irem incorporar com o exercito de Carlos Magno,

antes que Abderraman com todo o seu poder se encontrasse com elle; mas Roldão, que não estava para outra cousa, mais que para livrar da cova a sua Angelica, disse aos Cavalleiros, que fossem, como dizião, para Carlos Magno, mas que elle os não podia acompanhar, porque tinha de livrar Angelica da cova, ainda que lhe custasse a vida.

Disserão todos os Pares que estranhavão muito houvesse nelle mais cuidado para o seu gosto, que para o bem de todos, e elle respondeo: — Senhores, a minha pessoa não faz falta, aonde estão as vossas: ide, que eu não posso acompanhar-vos, e parece-me que maior serviço farei a Carlos Magno em ir para onde quero, que em ir comvosco. — Como Roldão ateimou tanto, callárão-se os Pares; e só Ricarte de Normandia lhe disse: — Senhor Roldão, se esse é o teu intento, eu hei de acompanhar-te, porque bem te lembrarás da palavra, que te dei de não te deixar em successo algum do teu amor.

Tudo isto se fallou ás escondidas de Almedrol, a quem se deo liberdade, e Roldão se conformou com o que disse Ricarte, e ainda que muitos Pares se offerecêrão para irem com Roldão, elle não quiz acceitar; e indo os Cavalleiros todes para a parte de Toledo, Roldão, e Ricarte forão para a banda de Timorante: aquelles a ajuntar-se com o exercito de Carlos Magno, estes para entrarem na cova, e libertarem Angelica.

## CAPITULO XII.

*Como Roldão, e Ricarte se apartárão dos mais companheiros, e do que lhes succedeo até entrarem em Timorante*

Apartados assim Ricarte, e Roldão dos mais

Cavalleiros, forão procurando o Castello de Timorante, disse Roldão para Ricarte: — Parece-me, Ricarte, que vás agora no teu coração dizendo muitos males desta minha resolução. — Respondeo-lhe Ricarte: — Enganas-te, Senhor Roldão, que antes te louvo o desejo de libertar uma Princesa tão afflicta, o que só reparo é que parece temerario o nosso intento, pois vamos sós por uma terra de inimigos, sem sabermos o caminho, e ao depois sem sabermos o modo de faser o que queremos.

Respondeo Roldão: — Nos perigos, Senhor Ricarte, é que se conhecem os animos, e os que nós passámos nas terras do Almirante Balão tambem forão muito, e mais quiz Deos que sahissemos livres de todos. Respondeo Ricarte: — Fui em qual-quer fortuna hei de ajudar-te, não só com os braços, mas tambem com a industria; porque bem sabes que na ponte de Mantible fui eu quem deo entrada a todo o nosso Exercito. —

Ao quarto dia de jornada avistárão ao longe uma grande fortaleza, e ao pé dos muros da banda de fóra havia muito grande poeira, e fumaça: logo entendêrão que alli devia ser o Castello Timorante, e caminhando mais apressadamente, encontrárão uns soldados Turcos, muito bem montados, os quaes conhecendo ser os Pares Christãos, os investirão; mas os Pares matárão logo quatro, e fugindo os outros, corrêrão atraz delles, os apañárão vivos, e Roldão lhes perguntou que Castello era aquelle, e os ameaçou com a morte, se lhe não fallassem a verdade.

Confessárão logo que aquelle era o Castello de Timorante, e que alli estavam fóra dos muros en-

sinando se a investir muitos animaes ferozes, e a picar cavallos, tudo para as tropas de Abderraman. Perguntou-lhes Roldão: se tinha muita gente a praça? E elles disserão que tinha trinta mil homens de guarnição, fóra doze mil de cavallo, que servião de correr o campo; e que o seu Governador Brutamonte andava fóra dos muros, e tinha mandado fazer jantar para toda a soldadesca, e erão seiscentos e cinccenta caldeirões, que estavam em cima do lume os que fazião a fumaça toda.

Disse Roldão para Ricarte: Que te parece fazamos destes homens? Porque matallos parece tyrannia, e se os deixamos vivos podem descobrir-nos. — Disse Ricarte: — Pelo pouco não se ha de perder o muito: estes são inféis, e muito certo é que nos fação traição, e assim parece-me que os matemos: porque se nos descobrem, é muito o que se perde. — Fizerão-no assim, e Ricarte disse para Roldão: — Senhor Roldão, estamos chegados ao lugar, que queremos, e aonde necessitamos toda a cautela, e industria; e assim mudemos os trajes com estes Turcos, e os jaezes dos nossos com os dos seus cavallos, para entrar-mos, sem que nos conheção.

Fizerão-no assim, e como ambos sabião fallar a lingua Turca, foi facil introduzir-se pelas portas da Praça, onde estiverão observando muito bem tudo, e virão que a cova era fechada com dois alçapões de bronze, cada um com tres chaves, que tinha Brutamonte; e que quando da cova querião alguma cousa, puchava Zalabarda por uma corda, que hia prender em um sino, que estava em uma amêda da Torre, que guardava a por-

ta da cova: então acodia Brutamente a vêr o que se lhe ordenava.

### CAPITULO XIII.

*Como Ricarte de Normandia deo traças para Roldão entrar na cova Tristefea.*

Tendo os Pares observado muito bem tudo, disse Roldão: — Por certo Senhor Ricarte, que entrar eu nesta cova é cousa impossivel: abrasasse-me o coração de vêr que ha de ficar Angelica nella preza sem eu podêr libertalla. — Respondeo Ricarte: — As difficuldades, Senhor Roldão, não se chamão impossiveis: é verdade que estando esta cova no meio de um Castello bem guarnecido de inimigos, e tendo tantas vigias, e tantas portas, mui difficultoso é entreres nella; mas tudo vence a diligencia: deixa o negocio á minha conta, e tu te verás mui cedo com a tua Dama.

Começou Ricarte dissimuladamente a tomar amizade com um Turco ourives, e depois que com muita industria ganhou a sua vontade, lhe disse que queria lhe fizesse um leão de ouro, do tamanho de um homem, deo por dentro, e que todas as juntas de mãos, braços, pernas, e peçoço havião ter mólas, com que se pudessem bem dobrar, e hular, feito com a maior perfeição: disse-lhe mais que dentro lhe queria metter azougue, e fazer varias invenções, com que vendesse aquella peça que por muito dinheiro a Abderraman.

Para se fazer o leão de ouro lhe deo muitas joias de preço, que tinha trazido do Castello de Pontable, com que o ourives se deo por bem sa-

feito, e Ricarte lhe disse que era mercador do Egypto.

Tudo isto mandou fazer Ricarte ás escondidas de Roldão, o qual se via cada vez mais afflicto pelas difficuldades que encontrava para entrar na cova; e dizia muitas vezes a Ricarte, que se fossem para o exercito, porque alli não erão para cousa alguma de proveito, vistas as impossibilidades que havia para livrar aquella Dama. Mas Ricarte, que sabia muito bem o modo, porque elle havia entrar dentro, tudo era dizer-lhe que esperassem mais.

Emfim feito o leão, como Ricarte queria, chamou Roldão, e contando-lhe o que tinha mandado fazer, assim lhe disse: — Dentro deste leão te has de metter, e eu fingindo me Mercador hei de ir com elle a Brutamonte, o qual ha de querer comprallo para Angelica, e entrarás dentro.

Ficou Roldão suspenso; e depois disse: — A industria e do teu juizo, e o empenho de tua amizade; mas temo que seja mal succedida, porque quem nos dá a nós o seguro de que Brutamonte o compre. — Respondeo Ricarte: sei que Brutamonte tem ordem de Abderraman para buscar para Angelica todos os divertimentos, que puder ter dentro da cova; e uma cousa tão rara como um leão Magico, não é para deixar-se de querer —

Disse Roldão: — Ainda que eu entre com bom successo, como poderei sahir? — Respondeo Ricarte: — Tendo tu segura a vontade de Angelica, podem fingir que vem o leão a concertar: — Roldão o abraçou, e lhe disse: — Sò tu no mundo foste verdadeiro amigo.

## CAPITULO XIV.

*Como Roldão mettido no leão entrou na cova.*

Tinha o leão uma porta na barriga, que se abria por dentro, e fôra, e tão subtil, que só quem soubesse o segredo a percebia: por ella metteo Ricarte, a Roldão e ajustando os braços, e pernas pelas do leão, e cabeça, e mais partes da mesma sorte, fechou a porta, e ficou Roldão dentro á sua vontade, porque para vêr tinha o leão furado os olhos, e para respirar os narizes, e a boca: estava de bruços, mas sobre os do leão descansava os peitos, cabia-lhe dentro a sua espada: desta sorte com as molas, que o leão tinha nos braços, e pernas, movendo Roldão os seus, parecia era o mesmo leão que se movia por si.

Prendeo-lhe Ricarte ao pescoço uma cadêa de ouro, e vestido de mercador sabio com elle pelas ruas de Timorante; foi infinito o número de gente, que foi acompanhando uma cousa tão nova: e chegando defronte do Palacio de Brutamonte; este, que de uma janella via toda aquella gente junta, informando-se do que era, mandou que o mercador subisse acima.

Subio Ricarte, e o leão pela escada; e chegando á presença de Brutamonte, este lhe perguntou, como era aquillo, e elle quem era? Ricarte lhe respondeo, que aquelle leão era obra de um famoso Magico chamado Sortibão, o qual fôra em serviço do Almirante Balão; e que o tinha comprado em o Egypto, onde era mercador, para o ir vender a Abderraman.

Disse-lhe Brutamonte: — Eu quero-te comprar

este leão para sua filha, e assim disse por quanto o queres vender. — Disse-lhe Ricarte: — Senhor, o preço são dois milhões. — Brutamente lhos mandou logo dar, e mandou que conduzissem o leão para a cova Tristefea, e chegando elle á porta, tocou uma buzina, e acudindo de dentro a Porteira, lhe disse Brutamente: — leva por essa cadêia esse leão á Senhora, para que se divirta. —

Fechou a porta, e ficou o leão dentro, e desta sorte fez Ricarte que o mesmo guarda da cova fosse quem mettesse a Roldão dentro nella: do que lá passou, fallaremos no segundo Livro, que agora havemos vêr o que obrarão os mais Cavalleiros até se ajuntarem com Carlos Magno.

## CAPITULO XV.

*Como os Cavalleiros apartados de Roldão houverão batalha com o exercito de Abderraman.*

Os mais Cavalleiros tomáão pelo caminho de Toledo, para se ajuntarem com Carlos Magno o mais breve que podessem, e caminharão naquelle dia com tanta diligencia, que fizeram vinte e duas leguas de caminho. Hião todos mui tristes pela falta de Roldão, cujo perigo consideravão, e sentião muito.

Andarão desta sorte muitos dias, e em um delles pelas nove horas da manhã avistárão ao longe muito luzir das armas, e ouvirão muito soar de trombetas, e tambores: forão-se chegando mais no pé, e pelos turbantes conhecêrão ser Turcos: pelo grande número entendêrão ser o exercito de Abderraman. Os Cavalleiros houverão grande

prazer de ser chegado o tempo, que medissem as suas espadas com todo o exercito, e ainda que em este muito grande, e os Pares em outras occasiões tinham evitado batalhar com outros mais pequenos, nesta se houverão com tão grande constancia, que firmando se nas cellas se pozerão em ordem a esperar os inimigos, os quaes erão tantos, que tomavão todos aquelles montes, e campos —

Vinha adiante Abderraman montado em um valente cavallo, e Fredegundes em um branco palafrem ao seu lado direito, bizarramente vestida, e o exercito todo, que se compunha de trezentos mil homens se dividia em seis corpos, cada um governado por um Rei.

Levava na vanguarda vinte mil animaes ferozes, como camelos, tigres, elefantes, e mastins, os quaes todos servião de os lançar adiante aos inimigos, e para os destruir sem perigo dos soldados, ou ao menos para os embaraçar, e cançar muito: hião ajoujados quatro, e a cinco, conduzidos por negros da Etiopia. Na retaguarda marchava a bagagem, que era a mais numerosa, e muito rica, e abundante, que em Hespanha se havia visto.

Chegou Abderramon defronte dos Cavalleiros, e mandou vinte homens a informar-se de quem erão, mas os Paladines não deixárão vivo quem lhe levasse a resposta. Picou se disso Abderraman, e mandou um corpo de cem homens, que prendessem os Pares, porém estes com pouco mais trabalho fizerão dos cem o que tinham feito dos vinte. Quando isto vio Abderraman, ficou como tonto, de que tão poucos homens vencessem com

tanta facilidade a tantos; e disse para F'redegundes: — Estes são os Pares de Carlos Magno, que valôr semelhante só nelles cabe; mas eu darei fim delles. — E dizendo isto, mandou soltar lhe quarenta mastins, e trinta tigres; mas os Paladines, que já de outra vez tinham brigado com estes inimigos, os desbaratárão logo; e o mesmo fizeram a mais mil animaes, que lhes mandou deitar, até que se resolveo Abderraman a investillos em pessoa com todo o seu exercito, não querendo já aventurar mais séras, nem mais homens divididos: mandou com os lados do exercito fazer uma meia lua; com que os apanhassem no meio e desta sorte os colhesse ás mãos, que já não se contentava com matallos, senão com lhes dár martyrio.

## CAPITULO XVI.

*Como Abderraman, cercando os Pares os não pôde vencer, e se retirou.*

Feito o cerco de todo o exercito, e mettidos os Cavalleiros no meio, mandou-os Abderraman ao mesmo tempo investir por todos, e tocando-se as trombetas, foi tal a nuvem de lanças, que junto ao luzir das espadas, fazia aquelle accommettimento o retrato do inferno: esperárão nos os Pares com constante animo e revestindo-se logo de toda a corage dos seus peitos, antes de chegarem de todo os inimigos, se lançárão pelo meio delles com tal furia, que tendo as lanças em riste, cada um abriu uma estrada por onde ia, sem lhe poderem fazer os Turcos alguma resistencia.

Reforçarão-se os Turcos sobre elles, e bramava Abderraman de braveza, sendo tanta a sua cóle-

ra, que deitava espuma pela vizeira; e se resolveo elle, e os seus Reis a entrar tambem na batalha; e quando hião para o fazer, os deteve Friedegundes, e lhes disse: — Senhores, parece-me que não fazeis bem em entrardes nesta batalha em pessoa, ella dura á seis horas; e ainda nenhum é morto, e dos nossos tantos. —

— A noite è chegada, parecia-me que ajudados della fizessemos uma contra-marcha, e buscase-mos com toda a diligencia o exercito de Galafre, antes que se ajuntasse com o de Carlos Magno. — Desesperou-se Abderraman com este conselho; mas vendo que era o mais acertado, se resolveo, tanto que foi noite, a fazer a contra-marcha com o seu exercito, e marchou contra Galafre, que pelas suas espias sabia estava já perto

Bem vontade tiverão os Pares de segu-lo, mas estavam mui cansados, e se contentarão com ter morto naquelle dia quarenta e cinco mil homens; e derão graças a Deus por tão bom successo, mas forão obrigados a ficar no campo com as armas vestidas, e as feridas abertas; porque nem para se curarem, nem para se vestirem lhes deu lugar o receio de que tornassem os inimigos: e ficando todos á vigia, então é que conhecerão o muito que lhes tinha custado aquella victoria.

## CAPITULO XVII.

*Como Abderraman com o seu exercito encontrou o de Galafre, e o destrou*

Galafre, contra o qual era a guerra toda tendo mandado fazer a Carlos Magno a petição, que dissemos no Capitulo quinto, e sabendo em res-

posta que elle se determinava a ajuda-lo, sahiu de Toledo com todo o seu exercito para o esperar, e se entrincheirou muito bem em um dilatado campo chamado Floresta escura, e ficavão lhenas costas uns ullissimos montes; e por diante fez uns muros de terra, com que se deo por bem defendido, em quanto elle não chegava; o exercito tinha setenta mil homens, e de todos era General Bradamante, aquelle que nas justas batalhou com Roldão, como já vimos em o Capitulo quarto.

Esteve naquelle sitio muito tempo, e delle fazia avisos reptidos a Carlos Magno, para que apressasse a marcha do exercito. Abderraman tendo se retirado dos Cavalleiros, engrossou o seu eou tropas suas, que se lhe forão ajuntando no caminho, e tornou a fazer o número de trezentos mil homens, com os quaes avistou em uma madrugada as trincheiras de Galafre, e arabos mandarão partidas fóra a reconhecêr-se; e sabendo Galafre que era Abderraman, pôs o seu exercito em batalha dentro das trincheiras; porque Abderraman, sabendo que era Galafre, marchou a destrui las.

Tanto que chegou á distancia proporcionada, mandou a Galafre um Trombeta, que lhe deo este recado: — Rei Galafre, o muito alto, e poderoso Abderraman, Rei, e Senhor de Cordova, Sevilha, e de Alcantara; Rei de Mauritana, Padojo, Prepontida, Mildafar, Reslandio, e Sortibão de Mingrelia, te avisa que logo entregues as tuas armas, os soldados, e os teus Reinos para fazer delles muito a seu sabor, porque a sim haverá contigo misericordia; e quando não, que traz

218 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
trezentos mil homens, e dezoito mil feras de pe-  
leja, com que pôr a ferro, e sangue toda a tua  
gente.

Muito foi o temor que Galafre teve deste re-  
cado, porque bem viu que com setenta mil Mou-  
ros não podia resistir a trezentos mil Turcos: mas,  
pelo não dár a conhecer, respondeo ao Trombeta:  
— Tu, senão sôras Embaixador, aqui havias pa-  
gar o atrevimento desse recado; mas dize ao teu  
Rei que Galafre brevemente se verá com elle na  
campanha, e lhe mostrará qual é que ha de lar-  
gar as armas. — Foi o Trombeta com a resposta,  
e Abderraman mandou logo a um Rei, chamado  
Rabecão, que com os seus cincoenta mil homens  
investisse as trincheiras; e a outro chamado Te-  
labrel, que com os seus cincoenta mil subiu os  
montes, e pelas costas investi-se o exercito de Ga-  
lafre, e elle só ficou com duzentos mil homens go-  
vernados por outros quatro Reis.

Começou desta sorte a batalha, e Rabecão lo-  
go rompeo as trincheiras, e se batalhou com os  
inimigos. Telabrel gastou mais tempo em subir  
os montes, mas por fim ás oito horas da manhã  
ambos estavam já em batalha; Rabecão contra  
quarenta mil homens que tomou a si Galafre, e  
Telabrel contra trinta mil, com que ficou Bra-  
damante. Era cruel a peleja, porque de ambas  
as partes se procurava com muita ância a victo-  
ria; e o exercito de Toledo, ainda que tinha trin-  
ta mil homens menos, fazia tal resistencia, que  
Abderraman mandou terceiro Rei, chamado Ca-  
vernol, com outros cincoenta mil homens, os quaes  
entrando pelas trincheiras já rotas, pozirão em  
confusão todo o exercito de Galafre.

Fazia este pela sua pessoa admiraveis progressum, e animando os seus soldados com a voz, e com o exemplo, parecia um raio entre os inimigos. Bradamante seu General. fazia o mesmo; mas como os contrarios erão tanto., foi esfriando o exercito de Galafre, e por fim de contas virá-rão de todo as costas os soldados, e o deixárão, e a Bradamante sós no campo. Os inimigos, parte rodeárão estes dois, parte seguirão os soldados, em os queres forão fazendo por toda aquella campina inexplicavel destroço. Bradamante. e Galafre rodeados de Turcos, procuravão vender catas as vidas, mas já havia muito pouca esperança, que por toda a parte solemnisava já a victoria de Abderraman.

### CAPITULO XVIII.

*Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre, batalhou com Abderraman.*

Assim se achava Galafre na ultima desgraça, perdida a victoria, e em vespervas de perder a vida, quando começou a apparecer o exercito de Carlos Magno, descendo pelos Montes; e tanto que chegou ao razo, se formou em batalha, e apresentou a Abderraman, e aos tres Reis. que ainda estavam com cento e cincoenta mil homens, e um se chamava Guarte, outro Christa, e outro Talardo. O exercito de Carlos Magno era de trinta mil homens; e como os Pares estavam ausentes, a todos governava o Imperador em pessoa.

Investio a Abderraman, tanto que se formou, sem embargo de ser o poder tão desigual, e logo começou a mostrar aos inimigos a differença, que

250 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
hia de Mouros a Francezes. Misturarão se os dois exercitos, e se fez tão cruel, e sanguinolenta batalha, qual nunca se tinha visto em Hespanha. Retumbavão os écos dos golpes nas concavidades dos montes, e as espadas ferião fogo nos elmos, e era tal a gritaria, confusão, e alarido, que estava aquelle campo o Theatro mais horrendo. Topou-se Carlos Magno com Abderraman corpo a corpo, e começaram a batalhar sem se conhecerem, e o Imperador dava bem que entender a Abderraman: de um golpe lhe fez em quatro partes o escudo; segundou com outro, e cortou-lhe o soberbo martinete do cavallo; deo-lhe o terceiro por um hombro, e logo lho desarmou de todo.

Vendo se Abderraman tratar assim por aquelle Cavalleiro, começou a ferillo; acudirão ao Imperador dois Cavalleiros Francezes, chamados Mulliner, e Bittenou; mas chegando por parte de Abderraman Christa, e Talardo, ficarão os dois Cavalleiros mortos, e os tres potentissimos Turcos continuarão a apertar o Imperador, que ainda assim galhardamente se hia defendendo: mas vendo-se neste aperto, então se lembrou dos seus Pares, e disse em voz alta: — Oh nobres Cavalleiros! Não me vira eu neste aperto se vos tivera aqui comigo. —

Abderraman conhecendo o Imperador lhe disse: — Nobre Carlos Magno, o teu mal é sem remedio, já os teus Pares te não podem dar ajuda, porque eu os matei nos campos de Rostile, sendo com elles em batalha; e assim, se queres a vida, entrega-te prisioneiro de guerra. — Quando Carlos Magno tal ouviu, ficou tão suspenso, que por pouco não cahio do cavallo abaixo; e pondo

os olhos no Ceo, rompeo nestas palavras: — Valha-me, Deos Omnipotente, a vossa misericordia: é possível Imperador desgraçado, que chegasses a tanta desventura? — Espalhou-se logo por todo o exercito a voz de serem os Paladines mortos, e esta noticia poz tal desmaio em todos os Francezes, que começárão a fugir sem acordo, nem ordem alguma, porque ainda que não tinham os Cavalleiros em sua companhia, a esperança de que chegarião era quem os alentava.

Seguirão os barbaros o alcance dos Catholicos, e Abderraman vendo em um dia na sua mão duas victorias, disse a Carlos Magno: — Imperador Christão, bem vês como te desampara o teu Deos, mortos os teus Cavalleiros, destruidos os teus amigos, e perdido o teu exercito; nas minhas mãos estás, para fazer de tí o que quizer; mas para que vejas que tenho sangue tão Real como tu, dá-me as armas, que eu te darei a vida. —

Considere-se agora como ficaria o pobre Imperador só entre seus inimigos, mortos (ao que entendia) os seus Cavalleiros; e o seu exercito desbaratado todo, perdida, e offuscada já aquella gloria, com que tinha feito tão respeitado o seu nome! mas levado de um espirito heroico, fervendo nas suas veias o valoroso sangue, disse contra Abderraman:

— Barbaro Rei, os revezes da fortuna não diminuem os quilates da valentia, eu sou Carlos Magno, aquelle que ainda não fui vencido. — E dizendo estas palavras, investio com Abderraman, Christa, Talardo, e todos de tal sorte que nenhum lhe parou diante. Galafre, e Bradamante que ainda sustentavão no conflicto, acudirão áquella

229 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
parte, e unidos com Carlos Magno buscavão todos tres a morte, ou a liberdade.

Fazião valentias incríveis, mas como erão tão poucos contra tantos, aproveitavão pouco, ainda que matavão muitos: os seus dois exercitos hião desbaratados; elles, cheios de feridas, se vião quasi despenhados das cellas; em fim de toda a parte estavam cortadas as esperanças; mas a misericordia Divina, que no melhor tempo dá aos seus ajuda, não faltou ao seu Imperador nesta tão grande miseria, em que se vio, para maior gosto, e gloria sua.

## CAPITULO XIX.

*Como os Cavalleiros chegarão á Floresta escura, e batalhando com todo o exercito o vencerão.*

Apparecêrão os Paladines na Floresta escura, e virão de longe aquelle estrondo de armas, e tanto que se certificarão da perda dos Christãos, se mettêrão tão furiosos por entre os Turcos, que parecião mais séras que homens.

Os Cavalleiros, sabendo que o desalento dos seus nascêra de os imaginarem mortos, começãrão a bradar por elles, para que os ouvissem, e cobrando todos com a sua vinda novos brios, fôrão fazendo indisivel estrago nos contrarios.

Accendeo-se a batalha, como de novo; mas com mais estrago que no principio, porque havia demais os Cavalleiros no campo: Urgel de Danoá emparelhou-se contra El Rei Telabrel, e lhe metteo a lança por um olho que lhe sahio o ferro pelo toutiço e deu com elle morto do cavallo abaixo; acodirão infinitos Turcos, e Urgel se desembaraçou de todos, ferindo, e matando como

desesperado, mas rodeando-o outros sobre outros se vio peado, e foi prezo, sem darem tino de tal os seus companheiros. Hoel de Nantes matou a ElRei Garte com uma cutilada, com que o abriu até os peitos: Gui de Borgonha investio com os soldados d'ElRei Cavernol, que todos brigavão com lanças, e erão tantas as que lhe atiravão, que todo o escudo trasia cravado dellas.

Carlos Mngno, que, rodeado dos inimigos, estava já nos ultimos alentos, não sabia que tinhamo chegado os Cavalleiros, quando de repente vio ao seu lado Guarim de Lorena, e Tietri de Dardania, e com o alvorceço de tão feliz successo parece se lhe augmentaão as forças; em fim, os Turcos descorçoados de todo perdêrão o animo, e fugirão; levando porém consigo presos a Urgel de Danoá, e a Guarim de Lorena, do que não derão fé os seus companheiros.

Seguirão os Catholicos, e Mouros de Galafre a victoria por grande espaço, e no alcance matarão mais soldados, que em todo o dia. Olivetros matou a ElRei Christa, e Raberão, dos Reis que trazia Abderraman ficou só vivo Talardo, com o qual, e Fredegundes fugio a todo o correr dos cavallos; e lia Abderraman tão triste, e desesperado de perder a victoria, que por duas vezes tinha vencido, que se não fóra Fredegundes se matára.

Carlos Magno vendo-se passar em um instante da maior desgraça á maior ventura, se pôs de joelhos, e todo o exercito a louvar a Deus por tão assignalada victoria, e dahi abraçou os Paladins com tanto gosto, que o não podia então ter maior no mundo; mas vendo que lhe saltavão Roldão,

254 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Ricarte, Urgel, e Guarem, dos primeiros lhe dá-  
rão conta os Pares, mas os segundos logo enten-  
dêrão serem mortos, ou captivos; e este pezar lhes  
diminuiu toda a alegria do vencimento. Galafre  
tambem deu graças a Deus ao seu modo, mas por  
chegar a noite se recolhêrão nas tendas os solda-  
dos, ficando vigias por amor dos inimigos, os quaes  
caminhárão toda a noite em direitura a Timoran-  
te a refazer-se de muita mais gente.

Esta foi a victoria da Floresta escura, que du-  
rou desde as sete horas da manhã até ás sete da  
tarde. Morrêrão de Abderraman cento e oitenta  
mil hõmens, e de Carlos Magno, e Galafre trinta  
e seis mil: os dezoito mil animaes todos ficárão  
no campo: o despojo era grandissimo, mas estava  
alagado em sangue tudo.

## CAPITULO XX.

*Como Carlos Magno, deixando para outro tempo  
o soccorro de Roldão, entrou triunfante em To-  
ledo.*

Amanheceo, e Carlos Magno disse aos Caval-  
leiros: — Amigos, bem sabeis do meu affecto, que  
se fõra Senhor de mil mundos, todos repartira  
com vosco: muito vos agradeço esta victoria, que  
me tendes dado, mas como Roldão se acha em  
tão grande perigo, quizera que nesse particular  
me desseis tambem o vosso conselho. — Respon-  
dêrão todos, excepto o Duque Nemé: — Senhor,  
já que nos fazes a honra de te aconselhares com-  
nosco, parece-nos que em todo o caso se acuda a  
Roldão, e Ricarte, que estarão no ultimo aperto:  
— mas o Duque Nemé, que era mais velho, e mui-  
to prudente, e experimentado, disse:

Senhor, attende ao meu conselho: vamos a Toledo, reforçemos o exercito, e viremos então com maior seguro conseguir o nosso intento.

Approvou Carlos Magno este conselho, ainda que contra vontade dos outros; e entrárão pela Cidade triunfantes com geral contentamento de todos: forão-se direitos ao Paço, e na primeira sala delle estava a filha de Galafre, chamada Galiana, em nome da qual batalhou Bradamante nas justas de Paris.

Era formosissima esta Princesa, e como tal pertendida de muitos Reis, e Principes de Hespanha, e Africa; mas entre os principes era Bradamante o que mais a pertendia, ainda que era o que menos alcançava: estava pois esta senhora vestida de brocado branco, e ouro, á moda Turca, e rodeada de cincoenta Damas suas, todas de inextinguivel belleza.

Tanto que avistou Carlos Magno, pôz-se de joelhos, e as Damas todas para beijar-lhe a mão, levantou a Carlos Magno nos braços, e Galiana o saudou com palavras tão discretas, e corteses, que Carlos Magno se admirou de tanta descripção, e galanteria; o que tudo junto á sua muita formosura, foi causa de que logo o Imperador se agradasse della.

Galafre não cabia em si de contente por ter a Carlos Magno na sua Corte, preparou-lhe mil divertimentos; e ao mesmo tempo nenhum se descuidou de refazer o seu exercito; só Bradámante vivia triste, porque vendo que Galiana favorecia a Carlos Magno, raivava de ciumes, e esta forão causa de não pequenos males.

## LIVRO SEGUNDO

## CAPITULO I.

*Do que se passou em Toledo, e como Oliveiros sahio sem licença do Imperador a soccorrer os Cavalleiros de Tinerante.*

**P**OR todo o modo se divertia o Imperador em Toledo, já com a conversa de Galiana, já com as muitas festas, que a Côrte lhe fazia; os Pares vivião na Côrte com indiziveis applausos, como aquelles que no Mundo melhor que ninguem os merecião, mas sempre cuidadosos da ausencia de Roldão, e de Ricarte, e não menos da perda de Guarim, e Urgel de quem não sabião se erão mortos, ou prisioneiros. Entre todos os Pares era Oliveiros quem menos soffria esta demora; e vendo que as levas de gente não chegavão ainda, e que o Imperador sem chegarem não podia sair a campanha nem para elles irem sós queria dár licença, se resolveo n sair ás escondidas sem ella, a acudir, ou ao menos acompanhar aos seus amigos, que estavam em Tinerante.

Bem via Oliveiros não fazia bem em sair sem licença do Imperador, e o perigo a que se expunha em ir tão só; mas vencendo o valôr ao perigo, e a obediencia á amizade, preparou ás escondidas o seu cavallo com jaezes Turcos, nada ricos, e prevenio-se de vestidos tambem Turcos, e de pouco prego, com o seu Turbante, que parecia propriamente um Turco, e cingindo a sua espada Altaclara, foi uma noite á sua cavallaria

ça sem dizer a ninguém coisa alguma, e montado no cavallo sabio de madrugada, quando já as portas da Praça estavam abertas, e se foi direito ao Timorante.

Tanto que esteve fóra olhando para a Cidade disse: — Nobre Carlos Magno, não te offendas, que o ser amigo para com Roldão não é ser traidor para contigo; e eu sei que se tu foras eu, haviás fazer o mesmo. — E olhando para o Céu, disse: — Deus, e Senhor meu, eu vou só pelo meio de meus inimigos, fazei que elles me não conheçam. — E dizendo isto, virou o cavallo, e foi-se seu caminho. Atravessou a Floresta escura, aonde tinha sido a grande batalha, e viu ainda depois de tanto tempo a terra humida, e vermelha do sangue; passou uns montes altíssimos, que havia; e caminhando da outra parte, achou diante de si um Forte feito de terra, e bem guarnecido de soldadesca: este, e muitos mais dalli até Timorante tinha mandado pôr Abderraman, para impedir, ou ao menos retardar o Exército inimigo; e erão tantas dalli por diante as sentinellas, embuscadas, cortaduras, vallas, e fortalezas, que todo o caminho se podia chamar um Castello continuado.

Oliveiros hia bem disfarçado em trajes de Turco: pediu licença ao Governador do Forte, e lha deu, e assim mesmo os outros, até que em uma valla funda, guarnecida de uma forte trincheira estava um Capitão, que suspeitando mal de Oliveiros o não quiz deixar passar. Disse-lhe Oliveiros em lingua Turca: — Senhor Capitão, eu sou um Turco, vassallo de Abderraman; levo-lhe ao Timorante um importante recado; e assim te rogo me deixes passar. —

Teimou o Capitão, e mandou que prendessem Oliveiros. Disse lhe este: — O' Capitão, a mim ninguém me prende; porque quando a tua cortezia se não vença das minhas razões, eu estou costumado a castigar atrevimentos. — Mais se irritou o Capitão de tão soberba resposta, e mandou a todos os soldados que o prendessem, mas como por todos aquelles campos havia soldados, não quiz fazer resistencia, e assim escolheo antes fugir, que brigar.

A trincheira tinha um covado de altura, e outro de largura, e logo se seguia a valla com tres varas de fundo, e seis de largo: recuou pois Oliveiros o cavallo quatro passos, e mettendo lhe as esporas deo um salto, com que venceu a trincheira, e cahio dentro na valla, e desta sem perder tempo deo outro pulo, com que saltou acima da outra parte, e mettendo de galope desapareceo em um instante. Ficáão os Turcos atonitos de uma acção, que tinham por impossivel, e o Capitão mandou aviso a outros Fortes, para que não deixassem passar aquelle homem, mas todos chegavão a tempo que já tinha Oliveiros pasado.

Tanto que se vio em parte, aonde podia ajudar, ou morrer com os companheiros, informou-se logo disfarçadamente de como estavam os companheiros; e antes que digamos o que fez, è necessario dizer o que Roldão passou, desde que no Capitulo quinze do livro passado nos apartámos delle para então, se entender melhor como Oliveiros se houve.

## CAPITULO II.

*Como Roldão passou em Tristefea os primeiros dias, e das práticas que teve com Angelica.*

No livro passado, Capitulo quinze, ficou Roldão dentro do leão de ouro, mettido já dentro da cova, levando-o Zalabarda pela cadêa a apresentar n Angelica: recebeo esta com muito contentamento um mimo tão extraordinario; e ainda que no principio teve medo, o perdeu logo, e mandou metter o leão no seu quarto, para quando estivesse só se divertissem em vê-lo passear.

Tanto que foi noite, e Angelica recolhida na sua camara ficou livre das suas Damas, abriu Roldão a porta do leão, e sahindo por ella se pôs em pé no meio da casa. Tanto que Angelica tal vio, foi tal o susto, que cahio desmaiada nos braços de Roldão: ficou este posto na maior consternação do Mundo, porque ou Angelica morria do desmaio, ou se vivesse era possível que gritasse, e o descobrisse, neste susto se encommendou a Deus muito do seu coração; e estando ainda Angelica desmaiada, a assentou em uma cadeira, e se pôs de joelhos ao pé della a contemplar a sua formosura, e tirando o retrato, que della tinha da algibeira achou que era Angelica muito mais formosa vista, que retratada.

Tornou n si a desmaiada Princeza, e antes que pudesse gritar, lhe fallou Roldão assim; — Bemhora, não te cause susto vêr-me aqui por um modo tão estranho; porque em próda tua pessoa é que venho desta sorte: vi em um retrato teu (que é este que aqui tens) a tua formosara, e

logo me cativou tanto o coração, que determinei livrar-te deste cativoiro á custa da minha mesma vida. Eu sou Roldão, sobrinho do grande Carlos Magno, e um dos Pares de França; e assim bem te podes fiar da minha nobreza, e da minha afeição, que não faça cousa alguma em offensa da tua pessoa. —

Estava Angelica com os olhos pregados em Roldão, e como elle era de bella presença e muita vontade lhe ouviu as expressões, e lhe respondeu: — Pois, Senhor Cavalleiro, como te atreveste a uma cousa tão arriscada pelo meu amor, tendo o teu Rei guerra declarada com meu Pai? Virás tu aqui para me fazer algum mal?

Roldão lhe disse: — Senhora, eu te juro pelo meu Deus, pela Ordem da minha Cavallaria, e pela Cruz desta minha espada, que não tenho outro intento mais que livrar-te deste cativoiro, só para ter a gloria de que não viva em desgosto uma senhora, a quem eu tanto estimo; e se disto te não fias, e suspeitas de mim alguma cousa aqui te entrego a minha espada, mata-me com ella ou eu me metto no leão, e manda-me para fóra.

Então Angelica, saltando-lhe pelos olhos umas lagrimas de alegria, ainda nem bem certa, nem já duvidosa, deitou os braços ao pescoço de Roldão, e lhe disse: — Pois, Senhor Cavalleiro, se o vosso amor é dessa qualidade, eu o admitto; mas tende entendido, que no mesmo instante que tentares alguma cousa contra o meu credito, vos descubro: mettei-vos no vosso leão, e eu vos porei em uma casa fechada aonde estejais, sem que alguém vos veja, e ali praticaremos o que fór preciso para sabirmos daqui ambos.

Ao outro dia mandou guiar o leão para uma casa, donde tinha o seu thesouro, e guardou a chave della; e aqui, todas as vezes que havia lugar, fallava Angelica a Roldão, e gastavão muitas horas em finezas, e requiebrós. accendeo-se no peito de Angelica um casto amor a Roldão, e augmentando-se em Roldão cada vez mais o amor de sua Angelica.

Vivia Roldão tão embellezado nestas coisas, que por lograr a companhia de Angelica se hia esquecendo de liberta-la: tratáão o modo de sahirem, que era fallar Angelica á porteira Za abarda, a qual tinha muita industria; e fiando-se della podia-se conseguir a empreza.

### CAPITULO III.

*Como por industria de Zalabarda sahio Angelica de Tristefea.*

A esta velha pois se chegou um dia Angelica, e deitada aos seus pés banhando-lhos em rios de lagrimas, lhe disse que dalli se não havia levantar sem que lhe concedesse o que lhe queria pedir: dovi-lou Zalabarda conceder sem saber o que era, mas Angelica chorou, pediu, e rogou tanto, que Zalabarda vendo aos seus pés daquella sorte uma Princeza, a quem queria muito, lhe disse, que ella lhe concedia o que quize se: prometteo-lhe Angelica todas as suas riquezas, e Zalabarda lhe disse: — Senhora, já está concedido o que queres, falta agora que mo digas.

Contou-lhe então Angelica tudo, e Zalabarda ficou tonta da trama da do leão, e esteve para tornar a traz com a sua palavra, e descobrir tudo;

mas Angelica entendendo isto cahio com um desmaio, e Zalabarda então de puro dó de uma tão afflicta Princeza, se resolveo de todo a fazer-lhe o que pedia, e entre ellas, e Roldão se tratou a sahida desta forma.

Dentro do leão de ouro se havia metter Angelica, e Zalabarda o havia levar pela cadêa à porta da cova, de onde o tirasse Brutamonte; e da mão d'elle o comprasse Ricarte de Normandia, em cuja casa estaria Angelica escondida, e se devia fiar da industria de Ricarte, que tanto que visse o leão fóra o comprasse a todo o custo, entendendo que dentro nelle havia vir, ou Angelica, ou Roldão.

Depois de Angelica estar fóra, havia então Zalabarda em uma noite sinalada pelas duas horas tocar com muita pressa o sino; e acodindo Brutamonte, ao abrir da cova subiria Roldão fiado no escuro.

Tudo isto tinha infinitas contrariedades, mas como não havia outro remedio, foi preciso deixar muita coisa nas mãos da fortuna.

Sahio pois, como se tinha determinado, Angelica dentro do leão de ouro e Zalabarda, o entregou a Brutamonte com um recado fingido da parte de Angelica, em que lhe dizia vendesse aquelle leão logo, porque tinha tido muitas noites sonhos, era que se lhe pronosticavão infellicidades por amor d'elle, e que advertisse era seu gosto que o vendesse. Brutamonte lhe respondeo que assim o faria, pois era gosto de sua Alteza.

Ricarte, que andava á espreita tanto que vio sahir o leão, julgando logo, como esperto, que dentro d'elle só podia vir ou Angelica ou Roldão,

se foi ter com Brutamonte para lho compiar, dizendo que o queria levar ao Rei de Lapónia, donde havia fazer os maiores interesses: concertáram-se em dois milhões, que Ricarte deo logo a Brutamonte, e levou o leão para a sua pousada.

Angelica que estava dentro nelle viu tudo isto; e além da oppressão, com que já estava, era indizível o susto que tinha se seria aquelle homem o mesmo Ricarte de Normandia, ou por desgraça outro: mas Ricarte a livrou de susto, porque tanto que a teve fechada no seu quarto, abriu a porta do leão, e a tirou para fóra: e admirando-se muito da sua rara formosura, lhe disse:

— Senhora, já sei que tu és Angelica, agora é preciso que saibas que eu sou Ricarte de Normandia, para que vejas estás comigo segura. — Tanto que Angelica tal ouviu, banhada em um dôce pranto, nascido do seu contentamento, lhe deo os agradecimentos do muito que se tinha arriscado a seu respeito; Ricarte lhe perguntou por seu amigo Roldão, ella lhe deo conta do que estava tratado, e quando era a noite que havia á porta da cova ser necessaria a sua assistencia: em fim Ricarte lhe deo o melhor comodo que podia, e se poz a esperar a tal noite, que era a que havia de dár fim a uma empresa tão grande.

#### CAPITULO IV.

*Do que succedeo a Ricarte, e Roldão, querendo este sair da cova.*

Chegou a tal noite, e tanto que deo uma hora, foi Ricarte para a Praça aonde estava a porta Tristefea, e pontualmente ás duas se tocou o sino

com muita força: Brutamonte assim mesmo, como estava, só com um manto á Turca, com o seu alfange foi vêr o que era: abrião-se os dois alcapões da cova; e ao tempo que Zalabarda começou a dár um recado fingido de Angelica, lia sahindo Roldão pelo lado da cova, mas com tão pouca fortuna, que o advertio Brutamonte, e pondo-lhe o alfange nos peitos lhe perguntou quem era.

Respondeo Roldão em lingua Turca, que muito bem sabia, que elle era um soldado daquella fortaleza; e vendo a pressa, em que fôra chamado, viera acudir lhe, se necessitasse de alguma coisa. Disse-lhe Brutamonte: — E a ti quem te metten com os meus perigos? Melhor soldado foras, se observasses a lei de não chegar aqui, porque te livravas agora de morrer: — e dizendo isto gritou ás sentiaellas que viessem prender aquelle soldado. Quando Roldão vio isto em taes termos, e Ricarte, que estava ouvindo tudo, affastado, resolvêrão fiar o seu livramento nas espadas, visto querer a fortuna reduzillos a uma necessidade tão extrema.

Chegarão os soldados para prender a Roldão, mas elle levando da cinta a Durindana, se pôz em resistencia, e das primeiras duas cuteladas deixou dois soldados sem vida. Puchou do seu alfange Brutamonte, e acudio por parte de Roldão Ricarte, e se começou á porta da cova uma cruel batalha. Acodirão mais soldados da fortaleza mas nelles matavão os dois Cavalleiros muito á sua vontade.

Brutamonte, e Roldão vierão a braços, mas com tanta infelicidade de ambos, que escapam-

do-lhe os pés foram rodando pela escada da cova abaixo, que tinha cento e quarenta degrãos, todos de marmore finissimo, e Roldão, como lia armado, fazia por elles tal estrondo que parecia se abria a terra com elle; e retumbando o éco pelas abobadas da escada, se ouvirão os baques na fortaleza toda: ficarão em baixo ambos amortecidos, e á porta da cova ficou Ricarte só sustentando toda a força da peleja.

Zalabarda querendo acudir a Roldão para que tornasse a si, e matando Brutamonte viesse dar ajuda a Ricarte: como era escuro, se equivocou, e deo a cheirar um espirito a Brutamonte, e tornou este logo a si, e sem advertir em Roldão se foi pela escada acima a vêr o que devia obrar; e achando que Roldão tinha ficado em baixo, se tornou lá, e mettendo lhe o alfange pelo corpo, quatro vezes o deixou por morto, e veio fazer o mesmo a Ricarte.

Andava este na boca da cova ainda brigando, e tinha ao redor de si tantos corpos mortos, que não podia bem mecher-se, e pelos degrãos da escada corria uma levada de sangue. Era já manhã, e Ricarte estava desfalecidissimo; e não podendo já soffrer a multidão que carregava sobre elle, se deixou cahir pela escada abaixo, e Zalabarda fechou muito depressa a porta, e o deixou dentro: quis Brutamonte arrombar a porta logo para matallo, mas lhe impedio outro successo.

## CAPITULO V.

*Como se descubrio todo o segredo, e Angelica foi preza na Torre da Lua.*

Aquelle ourives, de quem Ricarte se tinha fia-

do para fazer-lhe o leão, vendo o negocio em tão máos termos, e temendo que lhe viesse algum damno, tanto que soube como o que brigára não era mercador, mas sim Ricarte de Normandia, um dos doze Pares de França, se foi ter com Brutamonte, e lhe disse todo o segredo do leão de ouro, e como aquelle homem lho tinha mandado fazer oco por dentro, e que tudo era sinal de alguma traição.

Quando Brutamonte tal ouvio, foi-se com toda a soldadesca á casa, aonde morava Ricarte, e Angelica, que estava á vigia, e já pelas vozes entendia tinha succedido alguma desgraça, se meteo no leão muito depressa; mas chegando todos, o ourives traidor abriu a porta, e sabio para fóra a triste Angelica, tão envergonhada, e tão temerosa, que sem atinar no que dizia, só em chorar atinava, mas revestindo-se de uma natural soberania, disse para Brutamonte: — Que é isto, Brutamonte? Como sabendo tu que eu estava nesta casa, te atreveste a profanalla com tanta soldadesca? Assim se perde o respeito a uma filha de Abderraman? É esta a tua lealdade? Não tiveste valôr para me vir prender só? É brio descobrir assim a falta de uma Princeza como eu? —

Brutamonte lhe respondeo: — Senhora, eu vim a esta casa examinar as traições, que neste leão se encobrião, mas nunca entendi fosse deste tamanho; que a prevenir tal, saberia vir só; mas já que não tem remedio, deixe-se sua Alteza prender, e deixe á minha conta o modo, e decencia da sua prizão. — Angelica não fallou mais palavra, e Brutamonte a conduzio para uma das torres daquella fortaleza, chamada a torre da Lua, e

Brutamonte expedio logo proprios a dár conta a Abderraman ao exercito.

Ao tempo que isto succedia fóra da cova, estavam nella Roldão, e Ricarte cheios de feridas, e Roldão tornou a si e vendo-se com aquellas estocadas, perguntou quem lhas tinha dado, e Zalabarda lhe respondeo que Brutamonte, porque ella tivera a equivocação de espirito que dissemos; e tirou então Roldão o balsamo de Ferrabraz, que lhe tinha dado o Gigante de Pontable, e com elle se pôz são, e mais Ricarte.

Mas que importava esta melhora se elles vião o perigo, em que estaria Angelica? Roldão levado do seu amor, e vendo que elle fóra a causa de se vêr em tal perigo a sua Angelica, pegou na sua Durindana, e acompanhado de Ricarte subio a escada da cova para morrer ao menos na defesa da Princeza; mas achando a porta tambem por fóra fechada, maldisse a sua fortuna, e fez cousas dignas de tanta pena, que Zalabarda, de pura compaixão que delle tinha, chorava como uma criança; mas estando assim parados á porta da cova, ouvirão umas vozes fóra, que dizião: — Vai Angelica para a torre da Lua preza. —

Quando Zalabarda entendeo que a torre da Lua era a prizão de Angelica, pegou em Roldão, e lhe disse: — Alviçaras, Senhor Roldão, que nos depara a fortuna um modo de livrares a Princeza: saberás que para a torre da Lua, para onde ouviste que vai preza a tua Angelica, á uma mina dentro nesta cova, a qual em outro tempo mandou fazer um Rei de Cordova para certo fim: esta mina não está acabada; mas rompendo o que falta, conseguireis fallar a Angelica. —

## CAPITULO VI.

*Como se fez a mina para a torre da Lua, e da batalha que deu Brutamonte aos dois Cavalleiros.*

Quando Roldão ouviu isto abraçou a Zalabarda, que logo lhe ensinou um boqueirão mui grande, que seguia por baixo mesmo da terra, e todo de abobadas fortissimas, como era o resto da cova. Começarão os dois Pares com as suas potentes forças a trabalhar na mina, e estimulado um dia amizade, outro do amor, diz a historia que arrancavão penhascos de muito mais de cincoenta arrobas de pezo.

A este tempo Brutamonte tanto que teve Angelica preza, foi com soldadesca á porta da cova, e a arrombou para acabar de matar a Ricarte, e vêr o que havia dentro: correo os quartos todos, e não achando algum dos Paladines pôz um alfange ao pescoço de Zalabarda para que lhe dissesse aonde elles estavam; e a maldita velha com o medo da morte apontou para a mina, ainda que encobrio lia dar para o quarto de Angelica, e só disse a fazião os Pares para fugirem por ella, o que lhe servio de muito, como se verá adiante.

Mandou logo Brutamonte a doze soldados que investissem a mina; e os Pares, que estavam dentro occupados na fadiga, que dissemos, vendo aquillo se aturárão contra elles, e os matarão logo: mandou Brutamonte mais soldados, mas como pelo meio da mina adiante só cabião dois emparelhados, os matavão os Pares logo com as espadas,

com os penedos, e com instrumentos de ferro que tinham achado na mesma mina.

Mandava Brutamonte mais soldados, mas não querião já obedecer-lhe, nem os mortos, que havia davão lugar a que passassem os vivos, mas Brutamonte vendo isto mandou fazer um entulho de pedra, e calça á porta da mina muito forte, para que os Pares de dentro impedidos dos mesmos Turcos, que tinham morto, depois do entulho que havia feito, ficassem enterrados em vida na mesma cova, que buscáráo para sua defensão; e deixando neste miseravel estado os pobres Cavalleiros, se sahio a cuidar no governo da fortaleza.

Vendo os Cavalleiros de todo perdido o negocio a que vierão, Angelica em poder de Abderraman, elles enterrados em vida e summamente cançados; consolando se um ao outro, se puzerão a esperar a morte com a maior constancia.

## CAPITULO VII.

*Como Urgel, e Guarim entráráo em Timorante presos, e Abderraman vencido.*

A este tempo chegáráo a Timorante Urgel do Danoú, e Guarim de Lorena, que como dissemos, tinham sido presos na batalha da Floresta escura; e ainda que esta chegada deo aos de Timorante esperanza de ter vencido Abderraman na batalha, assim mandou Brutamonte os Pares para uma torre carregados de ferros: ao outro dia pelas tres horas da tarde chegou Abderraman em pessoa a desenganallos desta má suspeita.

Entrou no seu Palacio, e depois de se ter es-

hoteando, e dado mais de quatro cabeçadas nos postigos das janellas, sentando-se em uma cadeira, rompeo nestas palavras:

— Oh se quizesse a fortuna que eu visse arder nos infernos a Mafoma, ainda que fosse á custa da minha mesma alma! Como eu teria por mimo qualquer chama de fogo, só por me vêr vingado deste bruto. —

— Ah pobre Abderraman! — e dizendo isto começou a chorar, e todos os circumstantes cheios de dó fazião o mesmo, e era tal a lamuria com que se suspirava, que dizem graves Authores tomára daqui principio a moda das Carpideiras, que ainda hoje se usa em Malta, em Creta, em a Natália, etc.

Para alliviar de alguma sorte o seu sentimento, perguntou por Angelica; mas dando-lhe Brutamente as noticias que estão ditas, então é que o triste Rei assentou consigo fazer algum despropósito; e vendo-se de todas as partes combatido da desgraça, se levantou da cadeira para se ir laçar por uma janella fóra.

Mas ao tempo que hía na maior furia, passando por um espelho, para onde olhou por acaso, começou diante delle a dár tão grandes rizadas, que se até allí erão grandes os seus prantos, maiores erão agora os seus risos: ficarão pasmados todos de vêr uma mudança de affectos tão estranha, e tão repentina; e indo todos a olhar para o espelho, a todos succedeo o mesmo.

Entre toda esta risonha sociedade, só Fredegundes estava muito sizuda, e depois que o rizo deo lugar a que fallassem todos, que foi passada meia hora, lhe perguntárão porque só ella não ri

ra: ella respondeo: — Senhores, as minhas magicas me servirão agora mais que nunca: eu vi a desesperação, em que Abderraman estava, e que a sua morte era a nossa ultima ruina; fingi naquelle espelho a graciosa figura, que nelle visteis. —

Disse então Abderraman: — Só tu poderás fazer cousas tão proveitosas, porque eu me vejo mais desaffogado: — Disse-lhe então Salgueirão de Lisboaes, que era um Capitão muito valoroso: — Senhor, o primeiro que has de fazer, é applicares a ira de Mafoma a quem dissestes tantas injurias. — E Abderraman assim o fez descalço pelas ruas em procissão, e mandou dár aos pobres doze milhões de ouro, e fes outras obras de caridade, e dahi mandou ordens a todos os seus Reinos, para que logo lhe mandassem todas as tropas.

## CAPITULO VIII.

### *Como Oliveiros sollou o Guarim e Urgel.*

Nestes termos estavam as cousas de Timorante: Roldão, e Ricarte sepultados em vida; Urgel, e Guarim presos em uma Torre; Angelica da mesma sorte, e Abderraman cheio de cólera, mandando fazer gente por toda a parte para acabar de uma vez com toda a Christandade, quando Oliveiros entrou na Praça do modo que no Capitulo II., deste livro; informou-se de tudo o que passava, e se resolveo a libertar primeiro Urgel, e Guarim, para com elles ser mais facil livrar Ricarte, e Roldão, no caso que ainda estivessem vivos; chegada a noite, foi para a muralha da Torre, aonde estavam os dois amigos, a qual era altis-

sima, e pondo a espada na boca, e o escudo nas costas, foi atrepando por ella acima de pedra em pedra, cousa que só o seu valôr, e destreza podia conseguir.

Chegou a uma sentinella, e cortando lhe a cabeça, vestio a sua farda, e se foi para a porta da prizão, e com os guardas que estavam armou em lingua Turca uma notavel conversa: pelo decurso della fingio ser homem de muito pouco somno, os guardas, que estavam perdidos d'elle, lhe recommendarão que tomasse sentido nos prezos, e se deitáram a dormir mui descansados: e aproveitando-se da occasião, como da maior fortuua, os matou a todos; e abrindo as portas da prizão achou os dois Cavalleiros cada um prezo a seu cepo com fortissimas cadêas, carregados de ferros, e tão desfigurados, que apenas pô-le conhece-los.

Quando os prezos conhecêram Oliveiros, não cabião em si de gosto; levantáram-se para abraçá-lo; mas com o pêzo das cadêas, cabião em terra, fazendo tal estrondo, que se os guardas não estivessem mortos, sem dúvida os despertára. Quebrou então Oliveiros as cadêas, e soltando os dellas os abraçou: mas a sahida para fóra é que lhe dava cuidado, porque os dois não estavam capazes de descer pelo muro; mas Oliveiros, nunca desmaiando, atou umas ás outras as cadêas das prizões, e as lançou a prumo do muro abaixo, prendendo em uma amêa a ponta de cima, e dahi pôz Guarim ás suas costas, e descendo com elle o pôz em baixo; tornou acima por Urgel, e fez o mesmo, tudo com mui custo e indisivel trabalho.

Logo forão direitos a Tristefea; e como as por-

tas da cova estavam escaladas, entráram dentro, e correndo tudo forão dar com o entulho, que mandára fazer Brutnmonte, e começáram logo a tirar as pedras: e Urgel, e Guarim, refazendo-se de comer, que acháram em um quarto da cova, poderão bem ajudar a Oliveiros.

## CAPITULO IX

*Como Roldão, e Ricarte sahirão da mina, e a continuarão até o quarto de Angelica.*

Necessitava muita pressa a diligencia de desentulhar a mina, porque chegada a manhã havião apparecer as guardas mortas, e Guarim, e Urgel não apparecerem, e em mui certo se buscasse tudo, principalmente a cova, e sem se dár a descanço trabalharão de tal sorte, que antes de romper a manhã chegarão a desentulhar tudo, aonde estavam os dois companheiros mais mortos que vivos.

Não se pôde encarecer a alegria, que receberam os de fóra de vêrem ainda vivos os dois amigos: trouxerão-lhe logo de comer que havia, e refazendo-se de forças, assim como fizeram os dois prezos, se derão reciprocos abraços, e parabens uns a outros.

Mas Roldão, que só cuidava no perigo de Angelica, disse: — Senhores, antes que resolvamos cousa alguma, é bem que cuidemos em libertar Angelica, porque é uma Princeza, e por amor de mim está em perigo a sua vida: agora que somos cinco acabemos a mina mais depressa, ficando tres á boca della para resistir a quem vier, e os dois trabalhando até acabar. —

A todos pareceo bem o que dizia Roldão, e trabalhando na mina Ricarte, e Guarim, se puzerão a defender a entrada Oliveiros, Urgel, e Roldão, e não contentes com defender a boca da mina, achando era mais acertado defender a porta da cova, para que esta ficasse toda por sua, se puzerão a ella, armados das suas armas. Urgel, que as não tinha tomou uma maça, que achou na cova, e de uma pedra de moinho que havia no entulho fez rodella, que talera a valentia que tinham os Pares naquelle tempo.

Chegou em fim a manhã, e tanto que se achá-rão menos na Torre, os dois Cavalleiros, entrou a buscar-se tudo, e o mesmo Abderraman em pessoa, acompanhado de Brutamonte, de Salgueirão de Lisboaes, e de muitos soldados veio resistar a cova; mas achando á porta da banda de dentro os tres Paladines, começou com elles a batalhar; mas como elles estavam no estreito da entrada, dava-se-lhes pouco de toda a sua soldadesca, que era em grande numero.

Durou toda a manhã a peleja, sem Abderraman ganhar um palmo da entrada, e já tinha muitos soldados seus mortos á porta; a este tempo acabárão os outros dois a mina, e sahindo por baixo do pavimento ao quarto de Angelica, que nelle estava só fechada, lhe fallou Ricarte, a quem ella conhecia, e lhe disse: — Que Roldão lhe pedia viesse com elle por aquella mina abaixo, para que assim estando na cova com elle, e mais quatro Pares que tinham chegado, viesse defendida da furia de seu Pai.

Obedeceo ella, e Ricarte ferio com a sua espada lume, e pôz fogo a toda a casa, para que, quei-

mando-se, julgasse Angelica morta nas chainvas, e se entulhasse a boca da mina.

Quando se soube do incendio, acendirão todos a elle; e Abderraman sabendo era no quarto de sua filha, largou a batalha da cova, e todos foram a acudir-lhe: chegou Angelica pela parte de dentro: louvarão todos a idéa de Ricarte em pôr fogo ao quarto, e todos os Pares se pozerão a defender a porta.

## CAPITULO X.

*Como os Pares viverão com Angelica na cova, e furtarão os mantimentos da Praça.*

Desta sorte começarão os cinco Cavalleiros a viver na cova com Angelica, até que Carlos Magno chegasse com o seu Exercito: continuamente estavam dois á porta armados, e entre tanto descansavam os tres, e assim se hião revezando de noite, e dia.

Abderraman vendo que não apparecêra Angelica, entendeu que estava morta, e chamava se o mais desgraçado Rei do Mundo; ordenou que logo se dêsse uma investida á porta, para que ou morressem todos os seus soldados, ou os Cavalleiros; mas Salgueirão lhe disse: — Senhor, vê que assim é perderes muitos soldados, melhor é que a estes homens aqui encerrados se lhes faça um voreo, para que sem perda da tua gente os vença a sua fome.

Fê-lo assim Abderraman, mas os Pares passados quinze dias, vendo que se lhes acabavam os mantimentos, ficando dois á porta, sahirão Roldão, Oliveiros, e Guarim, e degolando os soldados do cerco, se foram a um armazem de manti-

mentos, e o arrombárão, e tirárão delle quanto poderão levar: acudirão todos os soldados, mas os Paladins por entre os alfanges se recolhêrão com o que npanhárão.

Dahi a oito dias fizerão o proprio, e tantas vezes o fazião, que Abderraman se dava aos demônios, e dizia que aquelles homens estarão enfeitigados, e nem ainda na sua cama, no seu palacio, chrio de guarda, se dava delles por seguro, e pedia tropas a todos os seus Reinos.

## CAPITULO XI.

*Como chegando a Abderraman os soccorros, deo batalha aos Cavalleiros.*

Assim passavão os Cavalleiros os dias nada seguros, porque a tardança de Carlos Magno os punha no ultimo risco; nem elles tinham modo de avisallo. Roldão, como estava na companhia de Angelica, hia passando gostoso, até que forão chegando a Abderraman os Reis, que tinha mandado vir com os soccorros, e erão vinte e dois; com oitocentos mil homens de guerra, e sete mil Elefantes. Chamou-os a todos Abderraman a conselho, sobre o que devião fazer com os Cavalleiros da cova, e todos asentárão, que por credito se devia de acabar com elles a todo o custo; porque era injúria de Abderraman ter dentro em uma sua Fortaleza os seus mesmos inimigos, fortificados; e que, vencidos elles, sahiria então com todo o poder sobre Carlos Magno.

Pareceo bem a Abderraman o conselho, e logo começou a investir pela boca da cova com muita gente de guerra.

Todo aquelle dia passáão os Cavalleiros naquella casta de batalha, e Abderraman se dava aos demonhos por tão grande resistencia, e os Reis que tinham vindo, todos se pasmavão de semelhante valor, e dizião que aquelles homens tinham o demônio no corpo. Ao outro dia, enfurecido Abderraman, continuou a peleja, e mandou vir muitas massas de lêz, breo, enxofre, e alcatrão, e pondo-lhe fogo, fez correr uma quantidade muito grande desta materia ardente pelas escadas abaixo, para abrazar assim os Pares; mas elles, quando vinha a enxurrada de fogo affastavão-se, e neste tempo por amor della, nem os inimigos podião entrar, e quando se acabava, se lhe offerecião de novo, ao encontro, e batalhavão como de antes.

Já não achava Abderraman modo algum para os vencer, até que mandou por muitas partes fazer covas no chão, que fossem dár ás abobadas da cova, e arrombar estas, para que entrando por dentro upanhassem os Pares no meio, e os vencessem. Começou-se a fazer assim, e disto não sabião os Pares, porque era a peor cousa que lhes podia succeder; mas Deus que nunca desampara os seus, o dispôz melhor, como se verá no Capitulo seguinte.

## CAPITULO XII.

*Como chegou Carlos Magno, e deo batalha a Abderraman.*

Ao tempo que já as abobadas se hião abrindo para entrarem os soldados, começião os tambores da Praça a tocar a rebate com muita preça, e Sulgueirão de Lisboa se chegou a Abderraman, e lhe disse: — Senhor, em que te divertes, quu vem

sobre nós Carlos Magno com um grande poder. — Abderraman enfadado de que em tão má occasião chegasse o Imperador, que não o deixasse acabar de romper as abobadas, e vencer os Paladines, lhe disse: — Só tu me podias ser correio de tão más novas, — e sahindo da Praça com todos os Reis, e soldadesca, formou fóra dos muros os seus oitocentos mil homens com os sete mil Elefantes adiante.

Na Praça ficáão vinte mil homens, e dez mil guardando a bocca de Tristefea. para que não sahissom os cinco Paladines. Brutamente ficou governando a Praça. Talamarte era General de toda a Cavallaria, a Infantaria se dividio por Artaxus, Francião, Clorimel, cada um com duzentos mil homens, e Talamarte outros duzentos mil; e a todos era superior Abderraman, assistido de Fredegundes, e Salgueirão.

Chegou Carlos Magno com o seu Exercito composto de cem mil homens: quarenta mil Mouros, de que era General Galafre, e Bradamante, e sessenta mil Franceses governados pelos Pares; e todo o Exercito governava Carlos Magno. Sahio da parte de Carlos Magno Gui de Borgonha, e Hoel de Nantes, cada um com dez mil homens; e da de Abderraman sahirão dois mil Elefantes, e a traz delles logo Talamarte com toda a cavallaria; e pareceo-lhe a Abderraman que isto bastava para vencer o Imperador.

Invistirão os Elefantes com muito estrago dos Catholicos; mas acudindo Galafre com os seus Mouros, recobrou, e se travou assim a batalha com muitas mortes de ambas as partes. Os Turcos, para que os Elefantes fizessem sómente mal

nos seus contrarios, os não investião em quanto os Elefantes batalhavam; mas depois de quatro horas de combate ficãõ mortos os dois mil Elefantes, e então os esquadrões, que batalhavam com elles, se forão unir com os outros, que já aadavão misturados com a cavallaria dos Turcos.

Parecia Gui de Borgonha um raio entre os inimigos: não dava ferida, que não fosse mortal: emparelhou-se com elle um Rei chamado Turcas, que era o mais gentil homem Turco que então havia, e Gui de Borgonha de hum golpe lhe deitou a cabeça fóra, e foi cahir duas varas longe do lugar aonde estava. Sahio Clorimel com a sua Infantaria, mas Trietri de Dardania com seis mil de cavallo se lhe pôs diante, e sem embargo de ser o poder tão desigual, fez cara aos Turcos, e encontrando-se com Clorimel batalhou com elle, e de huma estocada o varou de parte a parte, e deo com elle morto em terra.

Vendo Abderraman, que não bastava a gente que tinha mettido na batalha, quis introduzir nella toda a sua gente; mas, por ser quasi noite, se passou o resto do dia em escaramuças, e se assentãõ os dois Exercitos a esperar pela manhã, da-ra continuarem a batalha.

### CAPITULO XIII.

*Como no segundo dia se continuou a batalha, e nenhuma das partes teve victoria.*

Pelo meio da noite mandou Abderraman soltar os cinco mil Elefantes, que tinhão ficado, e os fez lançar contra Carlos Magno. Foi incrível o horror que causou no arraial tão inesperado acou-

tecimento: a noite era escurissima, e ainda que havia fogueiras, não era a luz que bastava para vêr o que convinha: muitos Catholicos morrerão sem defensão; e Carlos Magno, vendo o perigo do seu Exercito, se pôz de joelhos, e pediu a Deos dêsse esforço aos seus soldados, para vencerem aquelles brutos; e sabindo com a espada na mão foi animando a todos, e ao mesmo tempo matando Elefantes de sorte, que os soldados cobrãrão animo, e untes de manhã não havia Elefante vivo, ainda que dos soldados ficárão mais de quinhentos mortos.

Mal luzio a Aurora logo Abderraman com todo o seu Exercito foi cercando o de Carlos Magno, que estava muito cansado pela batalha da noite, e o Imperador tinha muito pouca esperança da victoria, e no seu coração se encomendava muito a Deos.

Formou-se pois o Exercito Christão em uma fórma, que chamão praça vazia, fazendo cara a todos os quatro lados, porque vindo os inimigos em redondo, só deste modo lhes podião fazer resistencia. Rompeo Abderraman uns batalhões de Mouros, que governava Galafre, e com este veio a encontrar-se corpo a corpo: erão ambos dos mais valentes, mas Galafre esteve perto de perder a vida de uma cutifada, se Tietri de Dardania a não recebêra no seu escudo, e entrára tambem a combater com Abderraman.

Chegava-se a noite do segundo dia, e ainda estava indiciisa a victoria, e ambos os Reis se impacientavão desta dúvida. Carlos Magno irado de que o seu valôr não bastasse a vencer a Abderraman, e este desesperado de que a multidão dos

seus não bastasse a destruir a Carlos Magno. Assentaráo segunda vèz com a noite os seus arraiaes, e ficou para o terceiro dia o resto da batalha, e o tudo da victoria.

#### CAPITULO XIV.

*Como sahirão os Cavalleiros, e ganhou Carlos Magno a victoria no terceiro dia.*

Tanto que anoiteceo, fez Abderraman conselho com os seus, e votárão que se chamava Brutamonte da fortaleza com toda a guarnição, que nella era escusada, e no campo tinha muita serventia: e assim se fez, deixando só dois mil homens de guarnição aos Paladines; e mesmo de noite se tirou logo a gente da praça.

Os Cavalleiros que de noite, e dia estavam vigiando á porta da cova, tanto que presentirão isto, pozerão Angelica em um camarim occulto fechada, e por entre os dois mil homens de guarda sairão matando sem resistencia as sentinellas, e dali aos mais, que, não esperando semelhante acontecimento, estavam descuidados: chegarão a uma porta da fortaleza, e a escalarão, e sairão ao campo, quando já a manhã hia rompendo.

Tocou se a rebate em ambos os Exercitos, e elles buscando por entre os inimigos os seus companheiros, atravessavão o Exercito de Abderraman com as espadas na mão, e chegarão á teada de Carlos Magno, que assistido dos outros Pares estava montado a cavallo para dár principio á batalha. Não se póde dizer o gosto, que causou no arraial tão repentino successo: espalhou-se a noticia por todo o Exercito, e a chegada dos Pares

infundio em todos tal brio, e tal alento, que a voz começão a dizer: — Victoria, victoria; viva Carlos Magno, viva Roldão, vivão os Pares de França.

E todos levados de hum furor guerreiro sem ordem alguma corêrão contra os inimigos tão furiosos, que os primeiros esquadrões ficão em terra: passão aos segundos, e fizerão-lhes o mesmo; e indo contra os terceiros, voltão costas os Turcos: de sorte, que Talamarte, Abderraman, Salgueirão, e Brutamonte ficão com vida, porque escapão fugindo á redêa solta.

Seguirão os Christãos aos inimigos por mais de duas legoas, matando infinitos delles; e tanto que o bem fizerão, voltão contra Timorante, que estava sem defenza, e Carlos Magno entrou triunfante por ella. Os mortos da parte dos Turcos forão quatrocentos e setenta mil; os despojos ficão todos de todos Reis, que erão riquissimos, e coube a cada soldado de Carlos Magno o valôr de quinze mil patácas. fóra o que coube ao de Galafre, e aos Paladines. Em fim esta victoria foi das maiores que teve o Imperador na sua vida.

## CAPITULO XV.

*Como o Imperador fallou a Angelica, e Abderraman fugio para Etiopia.*

Contão os Pares ao Imperador o que tinhão passado em Tristefea, e como nesta cova estava Angelica escondida; e o Imperador a fez conduzir á sua presença, e a estimou como a sua constancia merecia; e com Galafre se hospedou no Palacio de Brutamonte. Logo mandou ordem a

todas as Cidades de Abderraman que o reconhecessem por seu Rei: umas o fizeram logo, outras não, o que se verá adiante. Angelica quiz logo baptizar-se; e o Arcebispo Turpiun o fez com todas as ceremonias, e foi seu padrinho Carlos Magno: quiz logo receber-se com Roldão, mas este achou ser bem fazello acabado de todo a guerra.

Abderraman vendo o seu Exercito perdido, e em um ponto desbaratado o seu Reino, as suas riquezas, e tudo, cuidou em salvar a sua vida fugindo, ainda que bem vingado, porque pela sua mão tinha morto nos tres dias da batalha oitocentos Catholicos; ajuntou-se com Talamarte de Etiopia, o qual tinha vindo em uma poderosa armada; e chegando ao porto, se embarcárão nella, acompanhados ainda de oitenta mil homens de Infantaria. Brutamente com Salgueirão de Lisboaes se refugiárão no Castello de Pontable.

Fredegundes hia seguindo Abderraman, mas perdeu-se delle, e do successo que teve se dará noticia no terceiro livro.

---

## LIVRO TERCEIRO

### CAPITULO I.

*Como Carlos Magno, partio para Cordova, e a tomou.*

**T**ANTO que o Imperador Carlos Magno se vio senhor da principal Fortaleza de Abderraman, e de todos os seus thesouros, destruida toda a sua soldadesca, e elle mesmo fugido do seu Reino para Etiopia; entendendo que tinha consegui-

do o fim, para que viera de França, mandou a todas as Cidades de Abderraman que lhe jurassem obediencia, e recebessem juntamente a Religião Catholica; e pouco forão as que logo lhe não obedecerão.

Mas Cordova, que era a Côrte de todo o Reino, não assentio a este decreto, e o seu Governador Crocor Alpujurre, cuja descendencia ainda hoje se conserva em Marrocos, respondeo soberbamente a Carlos Magno, e mandou dar garrote a um dos portadores, que lhe havia mandado com a dita ordem.

Sentic-se muito o Imperador desta insolencia, e formando um Exercito de quarenta mil homens partio contra Cordova, e deixou a Galafre com Bradamante o governo de Timorante. Pôz logo sitio á Praça em um quarto de legoa de distancia, e em oito dias se pôz em estado de dar um assalto geral á fortaleza; mas antes que o fizesse mandou dizer a Crocor que se rendesse antes do assalto; porque; se esperára por elle, havia pôr tudo a sangue, e fogo.

Respondeo Crocor ao mensageiro: — Dize ao Imperador que como elle tem no seu exercito aos seus Paladines, de cujo valôr é tanta a fama, que á pelo Mundo, que mande um delles a singular batalha comigo, e o que vencer dará a victoria ao seu partido sem se derramar mais sangue. — Aceitou Carlos Magno o partido, e tirando por sorte qual dos Cavalleiros hiria á batalha, para que não houvesse contendas, sahio Lamberto, o qual preparado de tudo ao outro dia pelas sete horas foi para o sitio, e mandou recado a Crocor, que alli o esperava para batalhar.

Sabio Croscor muito bem montado, e ajustou com Lamberto batalharem com lanças, espadas, e escudos; e virando ao mesmo tempo os cavallos, se investirão como dois furiosos touros, e no primeiro encontro fizerão as lanças em muitos pedaços: levárão ao mesmo tempo ambos as espadas da einta, e começarão a ferir-se desapiadamente. Lamberto cortou cerceo fóra o pescoço ao cavallo de Croscor, e cahindo no chão se apeou tambem Lamberto: começarão de pé nova batalha: Croscor de uma cutilada quebrou a folha da sua espada, e dando-lhe ao mesmo tempo outra Lamberto, a falseou, e deo em uma pedra com tal força, que lhe saltou a folha das guarnições. Vierão a braços, e o Mouro começou a apertar pela cintura fortissimamente a Lamberto, mas este pegando-lhe com as duas mãos nos dois queixos, lhos escachou de sorte, que ficando-lhe a cara dividida cahio o Mouro sem vida.

Não bastou isto para se renderem os da Cidade, faltando no que tinham justo: Carlos Magno, mandou então dár assalto geral, e em tres horas foi a Praça rendida, e toda a guarnição se levou á espada; e entregando-se o riquissimo despojo aos soldados, partio Carlos Magno com os seus Cavalleiros para Timorante.

## CAPITULO II.

*Como foi achada Fredegundes, e da sua morte.*

Hião os Pares adiante de todo o exercito, como era seu costume, e a poucas horas de caminhar virão ao longe um vulto, que se escondia

em huma cova; tiveram curiosidade de saber o que era, e entrando dentro Roldão, e Guarim tiráão para fóra uma mulher vestida de peles, com os cabellos muito crescidos, os quaes lhe cobrião a cara, e destapando lha Guarim, conheceo que era Fredegundes, e dizendo-o aos companheiros, ficárão todos admirados, e chegando a este tempo Carlos Magno, lha apresentáão diante.

Não quiz Fredegundes ajoelhar ao Imperador; e disse que ella só conhecia por senhor a Abderraman.

Perguntou-lhe o Imperador porque causa viera áquelle estado, e ella respondeo que fugindo na batalha de Timorante se perdêra de Abderraman, e vendo-se só em um Paiz cheio de Christãos, buscava aquella cova, em que esconder-se, onde fazia vida bruta. Disse Carlos Magno: — Tu offendestes á Princesa Angelica, a ella te levaremos, para que te dê o castigo que quizer.

Respondeo Fredegundes: — Antes acabarei aqui a vida, que me deixe vêr em poder de Angelica, — dizendo isto lhe saltárão pelos olhos as lagrimas; ella, ainda que tyranha, era formosa, e já a todos mettia compaixão a sua vista: Chegárão guardas para levalla, mas ella com um pequeno bastão, que na mão tinha, se defendeo de sorte, que nenhum lhe podia chegar; mas em fim, depois de ter morto dois, a tomárão ás mãos, a prendêrão. Pôz-se então de joelhos, e pedio ao Imperador que antes a matasse alli, que levalla a poder da mulher, a quem só aborrecia; e Carlos Magno lhe disse: — As tuas traigões te fazem indigna dessa piedade, mas vai, que eu te asseguro a vida.

Fredegundes entrou a tomar tal pena de ver a desgraça que lhe succedia, de ir estar á obediencia de Angelica, que chegando lhe a paixão bem ao interior da alma, foi entrando em taes anciãs, taes desesperações, e agonias, que de braveza, raiva, e pena arrebentou, e cahio no campo morta, dizendo estas palavras: — Ah infiel Carlos Magno, injustamente me tiraste a vida. — Ficarão todos pasmados de tão lastimoso successo, e julgando que quem morrera desesperada não merecia sepultura, a deixáram sobre a terra, em que cahira, e assim acatou a soberba de Fredegundes.

### CAPITULO III.

*Trata-se dos Gigantes Barracús, e Perrafús, que escuchavão os soldados Christãos.*

Deixada pois no campo a desgraçada Fredegundes, foi caminhando Carlos Magno com todo o seu Exercito; e quando já se julgava senhor da campanha, e se lia dispondo para voltar de Timorante para França, avistou uma tropa muito grande de Cavallaria, seguida ao largo de mais quatro, que por todas fazião o número de cincoenta mil homens. Mas o traje era desconhecido por que nem era de Turcos, nem de Catholicos. Adiante viuhão dois Gigantes a pé, mas tão corpulentos, que excedião a altura dos cavallo, e caminhavão tanto como elles.

Estes Gigantes erão dois irmãos Reis poderosissimos na Africa, os quaes partirão com aquelle Exercito para Hespanha em socorro de Abderraman, e achando-o já vencido, querião por si sós ganhar victoria de Carlos Magno, as suas

forças erão tão desmedidas, que bem podião fiar-se nellas; com cada mão sustentavão pela cauda um cavallo na carreira, e erão tão ligeiros, que a pé acompanhavão sem cançar ao mais ligeiro cavallo; chamava-se um Barrobas, outro Parrafús.

Chegando á fallia com o Exercito de Carlos Magno, disserão com vozes altas: — O' vós pequenas creaturas entregai logo as armas, se não quereis perdellas, e as vossas vidas. — O Imperador mandou cem homens contra elles; mas os Gigantes depois de fazerem morrer ás cutiladas mais de quarenta, corrêião atraz dos outros; que fugião, e pegando-lhes pelas pernas os escachavão até o pescoço.

Mandou Carlos Magno duzentos homens, mas succedeo-lhes o mesmo; não mandou mais, e ficou mui temeroso, de que os Gigantes lhe fizessem no Exercito algum desaguisado. Começarão elles com muita soberba a escarnecer de Carlos Magno, e disserão: — Que é isto, Imperador Christiano, aonde está o teu valôr? Estes são os teus esforçados Cavalleiros? Onde está o atrevimento dos teus Pares, que só agora não vem brigar com-vosco? Parece que tem medo de se verem escachados. Ora dise-lhes que venhão ou apartados, ou juntos, que como são tão valentes, não lhes succederá o mesmo. —

Vendo estas liberdades Roldão, e Oliveiros, pedirão licença a Carlos Magno para ir castigar aquelles atrevimentos; mas o Imperador, temendo o muito esforço dos Gigantes, não lha queria dár, antes determinava com todo o Exercito investillos. Disse-lhe então Oliveiros: — Senhor,

manda todo o Exercito contra o Exercito destes Gigantes, e a mim, e a Roldão contra elles, que assim haveremos victoria.

Assim o determinou Carlos Magno; e os dois Cavalleiros montados em dois formosissimos cavallos, e armados de lanças, e escudos se adiantarão a todo o Exercito, e chegados a boa distancia disserão aos Gigantes, que elles vinhão aceitar o seu desafio. Quando os Gigantes virão só dois homens, rirão-se muito, escarnecendo delles, e lhes disserão que parecião homens doidos em tão temerario intento; mas os Pares, sem esperar em mais razões, entrárão com elles em batalha.

#### CAPITULO IV.

*Como Barrocás foi morto por Roldão, e Perrafús por Oliveiros, depois de cruelissima batalha.*

Chegou Oliveiros contra Perrafús, e o investio com a lança a todo o galope do cavallo, mas resistindo o Gigante com as finissimas armas que trazia, se fez a lança em pedaços. Puchou Oliveiros pela espada, e o Gigante desembainhando o seu alfange deo tão desmedido golpe em Oliveiros, que todo o escudo, aonde o recebeu, veio em migalhas a terra; segundou-lhe com outro no alto da cabeça, e lhe fez pôr os joelhos do cavallo em terra; levantou-se com muita ligeireza, ao tempo que hia recebendo terceiro golpe, mas livrou-se delle com presteza, e começou com desusada furia a ferir o Gigante, o qual accodio com uma estocada, e empregando-a toda no cavallo de Oliveiros, o fez cahir com seu dono no meio do campo.

Vendo-se Oliveiros a pé, se encommendou muito a Deos, porque era assim muito mais perigosa a sua batalha, mas teve tanta destreza, que indo o Gigante ferillo, elle se curvou de joelhos, e mettendo-lhe a ponta da espada por entre as pernas, aonde erão as armas muito fracas, lha enropou até os copos, e deo com o Gigante em terra; mas este, ainda que tão mal ferido, brigava mesmo do chão, e dava não pouco que entender a Oliveiros.

O qual vendo isto lhe disse: — Parrafús soberbo bem vêes que te defendes de balde: toma o meu conselho, deixa a ira com que estás, e estas poucas horas que terás de vida, pas-aras em te fazer Christão, para que possas alcançar o Ceo. — Mas o Gigante respondeo-lhe: — Antes quero morrer ás tuas mãos que receber a tua Fé; — e Oliveiros veado esta pertinacia lhe cortou a cabeça.

Entretanto tinha tambem Roldão já dado fim de Barrocas. Investio o primeiro com a lança, e logo teve a fortuna de a accertar por um olho, por onde lhe metteo o ferro, até lhe sahir pelo toutiço. O Gigante, desesperado da dôr, ferrando os dentes levantou contra Roldão tão desmedida pancada, que se o Cavalleiro se não desviára, não sóra muito que de alto abaixo o partira, mas livrou-se, e a espada dando em terra se metteo por ella mais de dois palmos: ficárão os braços do Gigante tão atormentados, que por muito tempo não pôde levantellos: aproveitou se Roldão desta occasião, e lhe descarregou tão desmedido golpe sobre os pulsos e com tal fortuna, que lhos decepou cerceos sóra, cahindo-lhe as mãos ambas fechadas no alfange, no meio do campo.

Com a dôr de tão bem empregado golpe foi o grito que deo o Gigante, que atroou aquelles campos; e com a desesperação de tal ferida se abraçou assim me-mo com Roldão, mas tambem com tal desgraça sua, que endireitando-lhe Roldão a espada, se enfiou por ella, e cahio em terra, dando espantosos bramidos, e fazendo gestos desesperados.

Vencidos assim os Gigantes, foi tal o medo, que entrou em todo o seu Exercito. que logo declaradamente se pôz em fugida. e os Christãos o perseguirão de sorte, que poucos soldados ficarão vivos; e recolhendo os despojos; entrou o Imperador em Timorante com mais esta victoria; mas não pôde gozar-se muito della, pelo successo que direi no seguinte Capitulo.

## CAPITULO V.

*Como Bradamante fez traição, e junto com Subgueirão, e Brutamonte partio contra Toledo.*

Já se sabe que Bradamante estava muito namorado da Princeza Galiana, e por amor della fez em Paris as justas, que dissemos no Capitulo quarto do primeiro livro, mas nunca ella lhe quiz corresponder, porque o aborrecia muito; e depois que Carlos Magno entrou em Toledo, e se namorou tambem della, ficou a Princeza tão agradada do Imperador, que dalli por diante ainda mais aborrecia a Bradamante.

Muito sentia este tal successo, e por ella foi cobrando tamanha raiva ao Imperador, que logo teve no seu pensamento fazer-lhe traição, ainda que juntamente a fizesse ao seu Rei; e achando

boa occasião para o que intentava, na jornada que o Imperador fez contra Cordova, em quanto durava a ausencia, pediu licença a Galafre para sair com alguns mil homens á campanha fazer alguma presa em Mouros, que ainda houvesse espolhados por ella. Galafre não cuidando mal de Bradamante, lha concedeo; e elle com quatro mil homens sahio de Timorante, e em vês de ir fazer alguma preza, partio para Pontable, aonde estava Brutamonte.

Quando este vio tropas Christãs cuidou que vinhão por mal, e se pôs em termos de se defender; mas Bradamante com uma bandeira branca fez sinal de paz. e lhe mandou um Trombeta a Brutamonte a dizer-lhe que vinha alli á sua ordem, porque os muitos escandalos, que tinha de Carlos Magno, o obrigavão a esta resolução.

Brutamonte entendendo que aquillo era fingimento em Bradamante, respondeo ao Trombeta: — Dize a Bradamante que me entregue os homens desarmados: — Bradamante o fez assim, e logo Brutamonte ficou seguro; e entrando com elle no Castello, chamando Salgueirão de Lisboaes, houverão conselho.

Disse Bradamante: — Senhor, Carlos Magno está em Timorante com Galafre bem descuidado, e a Côrte de Toledo, na fé do seu seguro, está desprevenida; eu sou de parecer que vamos conquistalla, porque nella temos uma Praça mui forte para a nossa defesa, e um despojo mui grande para a nossa cobiça, e eu sobre tudo posso assim conseguir a Galiana.

Pareceo bem a todos o conselho de Brutamonte, logo formarão um Exercito de cincoenta mil

homens, que se tinham retirado da batalha, e por varios modos se tinha ajuntado com Brutamonte, e forão contra Toledo.

Pozerão sitio á Cidade, e Bradamante mandou dizer a Galiana que elle vinha alli para a tomar por esposa, que se o havia por bem, retiraria as tropas, e teria paz; mas que se o recusava fazer, que a Praça havia ser levada á escala, a Cidade abtazada com o fogo, a gente passada á espada, e ella gozada por força.

Ouvio Galiana este recado soberbo, e disse ao mensageiro: — Dize a Bradamante que estimo tão pouco as suas ameaças, como sempre estimei as suas finezas; e que no assalto, que dér, ha de ficar vencido, e castigado.

Com esta resposta, ficou ainda Bradamante mais furioso, e deo um assalto á Cidade muito grande, mas os de Toledo se defendêrão bem, e Galiana era a primeira que assistia na muralha com lanças atirando aos inimigos, os quaes se retirárão do assalto, ficando mortos delles mais de novecentos. Depois deste deo Bradamante mais dois, e em todos ficou vencido, até que se resolveo a buscar outra traição.

## CAPITULO VI.

*Como Salgueirão de Lisboaes entrou disfarçado em Toledo, e introduzio Bradamante no quarto de Galiana.*

Nesta resolução chamou Bradamante a Salgueirão, e lhe disse: — amigo eu quero entrar em Toledo, e roubar a Galiana, tu me has de buscar

modo para que o consiga, que se o fizeres assim, eu te prometto tudo quanto quizeres. —

Respondeo-lhe Salgueirão: — Senhor eu hirei fingindo-me fugido do teu Exercito e mettido dentro da Cidade, em uma noite, que te avisarei, com tres foguetes que hei de deitar, hirei á muralha da parte de que é mais baixa, e mandando a sentinella, deitarei uma corda por onde subirás acima, e de dentro maquinaremos o que podermos, e tu avisarás a Brutamonte de tudo. —

Fizerão no assim, fugio Salgueirão para a Praça, e dahi, a quatro dias deitou os foguetes, e subio Bradamante pela corda acima, e lá vestio a farda do sentinella, e nessa mesma noite se forão ao Palacio, aonde estava Galiana, que ainda hoje conserva em Toledo o nome desta Princeza; e escalando o postigo de um jardim, se encaminhou á sua camara: mas aquella noite não teve boa occasião, e dahi a duas noites tomárão pela mesma parte, e com effeito entrárão na camara de Galiana, a qual estava ainda levantada, e tinha na mão um retrato de Carlos Magno, sobre o qual derramava copiosas lagrimas das muitas saudades, que delle tinha.

Estava Galiana tão formosa, que ainda mais accendeo o amor de Brutamonte, o qual ao mesmo tempo estimulado dos ciumes se lhe lançou aos pés para fallar-lhe. Quando a Princeza vio diante de si ao seu maior inimigo, entendeu que a Cidade era tomada por traição, e ficou mortal, mas valendo se do seu animoso coração, disse a Bradamante: — Que pertendes de mim, que assim me persegues, e me ultrajas? —

Respondeo Bradamante: — Senhora, entende que os ciumes me fazem grosseiro, e que por força, ou por vontade has de ser minha, aliás com este alfanje te hei de cortar a cabeça. — Tornou Galiana: — Para que vejas o pouco que valem as tuas atrevidas ameaças, eu te juro que se dera mais um passo para mim, hei de atravessar no peito este punhal, para que saiba o Imperador meu esposo, que antes me quero morta, do que tua. —

E dizendo isto pegou em um punhal, que tinha no cinto, e o apontou ao peito com tal resolução, e desembaraço, que firmemente entendeo Bradamante se malava, se offendia; e pasmado de resolução tamanha em uma Princesa tão fagil, ficou parado muito tempo, até que succedeo o que se verá, porque agora vamos contar o que passarão os Cavalleiros, que deixamos no fim do quarto Capitulo, novamente entrando victoriosos em Timorante.

## CAPITULO VII.

*Como os Cavalleiros partirão contra Bradamante, e batalharão com as Serpentes de Fredegundes.*

Succedeo que dos quatro mil homens, que Bradamante tinha trazido, uns poucos vendo a traição que elle fazia, tanto que chegarão a Toledo desertarão do Exercito, e vierão avisar a Galafie a Timorante; este o disse logo a Carlos Magno, o qual chamando os Paladines, lhes disse que a toda pressa caminhassem para Toledo, porque indo sós andarão o caminho em muito menos tempo, e atrás dos Paladines partio logo Car-

los Magno com o mesmo Exercito, com que tinha vencido Cordova, e destruido o poder dos Gigantes; e logo immediatamente começou a ajuntar outro Exercito de Galafre com toda a pressa; e deixando em Timorante a defesa que bastava, partio com Angelica em seguimento do Imperador.

Caminhavão adiantados os Pares com toda a pressa, e em duas horas avançavão cinco legoas, e chegando áquelle sitio, aonde tinha cahido morta Fredegundes, como dissemos no Capitulo segundo, virão os ossos do seu corpo muito escarnados, e que da caveira sahia uma sevandija, a qual hia crescendo muito. Ficarão pasmados os Cavalleiros, mas logo virão que do bosque sahião oito Serpentes do mesmo feitio da sevandija, que do corpo de Fredegundes se tinham gerado.

Tinhão azas de bazelisco garras de dragão, e feitio de tigre: enristrão os Cavalleiros as lanças, e a todo o galope investirão as feras, mas ellas sacudindo com uma rebanada das azas as lanças das mãos dos Cavalleiros fóra, os investirão com as garras de tal feição, que alli se derão por perdidos: mettêrão mão ás espadas, e os que estavam livres outra vez com as lanças, mas as Serpentes tinham a pelle impenetravel: Roldão agarrado pela cinta devia a sua vida á resistencia das armas, dava golpes desmedidos em a féra, mas dados em uma pedra acabarião inda menos resistencia

Lamberto de Bruxellas batalhava com a sua, mas a Serpente lançando-lhe uma garra ao cavallo, lhe tirou as entranhas, e deo com seu dono em terra: saltou-lhe a Serpente em cima, mas

acodio-lhe Guarim que estava de fóra, e ás cutiladas procurava a morte daquelle monstro, mas debalde, porque vão entravão os golpes: Gui de Borgonha, morto tambem o seu cavallo, estava a pé em o maior perigo, e desta sorte se vião os Cavalleiros todos summamente afflictos; e o que mais cuidado lhes dava, era não se rompessem as armas, porque então com as unhas lhes tirarião as Serpentes as tripas.

Havia outras mais pequenas que fazião menos damno; mas em fim Oliveiros, que ainda se conservava a cavallo, e tinha grande batalha com a sua, se deitou do cavallo abaixo, e se pôz de costas no chão: saltou-lhe a Serpente em cima, e elle endireitando lhe a espada, lhã ensopou toda pela garganta, que era a unica parte que tinham mole, e com tal fortuna, que deitando espadanas de sangue monstruosas, e dando bramidos horrendos, cahio a Serpente morta

Conhecida a parte fraca das séras, todos começaram a fazer diligencia para as ferir por ella, e com effeito conseguirão matar desta sorte todas; mas vendo os cavallos uns mortos, outros summamente cançados, e elles tambem assaz debilitados, e moidos, se pozerão a esperar pelo Exército, o qual chegou ao outro dia; e tomando delles bons cavallos, contá ão brevissimamente ao Imperador o caso, e partirão de galope para Toledo.

## CAPITULO VIII.

*Como os Cavalleiros descercarão Toledo, e como Brutamonte morreo ás mãos de Oliveiros.*

Chegarão em fim os Cavalleiros a avistar o

998 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Exercito de Brutamonte; o qual, em quanto Bradamante estava dentro, hia apertando fortemente o sitio, e tinha a Cidade em ultimo aperto, mas os Cavalleiros animados com o gosto da Cidade não estar ainda rendida, ainda que nestes termos podessem esperar pelos dois Exercitos, quizerão dever a si sóz o vencimento, e com as espadas nas mãos a todo o galope dos cavallos se metêrão por entre os inimigos, mais furioso cada um que em aggarrochado Touro, no meio do campo.

Alterárão-se todos, e Brutamonte, conhecendo os Paladines, montou a cavallo, e se empenhou com todo o Exercito contra elles, desejoso de ser quem houvesse victoria de Cavalleiros, qua nuoca forão vencidos.

Ê encontrando-se com Oliveiros, entrou com elle em batalha, e dos primeiros golpes perdeu Brutamonte o elmo, e Oliveiros o escudo: segundárão as cutiladas, e derão as espadas uma na outra com tamanha violencia, que saltárão faiscas, e ficárão ambos os Cavalleiros com os braços atormentados de tal sorte, que por muito tempo estiverão olhando um para o outro; e nesta suspensão disse Brutamonte a Oliveiros:

— Senhor Cavalleiro, que fiado nas tuas obras queres destruir tão poderoso Exercito, vê que te enganas, e se queres a vida, entrega-te meu prisioneiro que te prometto usar contigo, e com os teus toda a cortezia; porque, ainda que Turco, bem sabes que sou Principe, e Cavalleiro.

Oliveiros lhe respondeo: — não me movo das tuas razões, nem tão pouco me atemorisão os teus soldados, antes te digo, se queres viver em paz,

que te faças Catholico, porque senão aqui te hei de deixar morto, e a teu Exército vencido. —

Tanto que Brutamonte ouviu fallar em ser Christão, cheio todo de ira arremegou a Oliveiros com uma cutilada, que se a lograsse, o deixaria sem vida, mas elle se desviou della; e como Brutamonte vinha mui cego, e estava sem elmo, teve lugar de lhe descarregar tamanho golpe sobre os cascos, que lhe dividio a cabeça em duas ametades até o pescoço, e cahio morto Brutamonte do cavallo abaixo.

Este successo desanimou de todo ao Exército, e os Cavalleiros, empenhando então o resto das suas valentias infundirão tamanho horror nos Turcos, (que por se verem sem General já estavam descorçoados) que se pozerão em declarada e vergonhosa fugida, deixando no campo mais de dezenove mil mortos, fóra os que no alcance matáram os Cavalleiros no caminho.

## CAPITULO IX.

*Como os Pares entrárão no quarto de Galiana, e foi morto Salgueirão, e Bradamante.*

Descercada desta sorte a Cidade de Toledo, abrirão logo os Cidadãos as portas aos Cavalleiros, e estes se encaminhárão ao Paço a fallar a Galiana. Estava ainda a Princeza do modo que a deixamos no Capitulo sexto, porque na noite deste dia é que Bradamante tinha com Salgueirão entrado na sua camara; os Pares, que em toda a batalha não tinham encontrado a Bradamante, logo suspeitárão alguma traição, e se fo-

ião, como está dito, ao quarto da Princeza. Arrombáão a porta, e quando virão semelhante espectáculo, ficáão um pouco suspensos, mas Roldão irado contra Bradamante, se atremeçou a elle: levou Bradamante da cinta o seu alfange, mas Roldão não lhe deu tempo para que o esgumisse, porque, lançando-lhe as mãos ao pescoço, o affogou logo.

O pobre Salgueirão de Lisboaes estava tremendo: quis valer-se da mesma Princeza, para que lhe conservasse a vida, mas ao tempo que se lhe lançava aos seus pés, lhe deu Oliveiros tamanho bofetão que o estirou: feito isto assim se prostrárão os Cavalleiros aos pés de Galiana, e com cortezes razões lhe offererêrão as suas pessoas, e derão os parabens de se vêr livre de tamanha desgraça.

A formosa Galiana lhe respondeo: — Nobres Cavalleiros, affortunada é quem tem os vossos bragos em defesa sua; e assim a mim me dou os parabens, e a vós os agradecimentos desta acção, — e dizendo isto, perguntou pelo Imperador, e os Pares lhe dêrão noticia de como elle vinha, e mais Galafre, cada um na frente de seu Exercito.

Galiana se alvoroçou muito, e mandou preparar festejos por toda a Cidade, e armar varios quartos do seu soberbo Palacio para os hospedes, que esperava; e o que mais gosto lhe fazia, era vir tambem Angelica, de quem estava muito affeigado. Os Pares com todos os Senhores de Toledo sabião a encontrar no caminho os Exercitos, e lhes dêrão a noticia do vencimento: pelo que esperou Carlos Magno pelo Exercito de Gu-

E DOS DOZE PARES DE FRANÇA. 301  
lafre para entrar com elle, e com Angelica em  
Toledo.

## CAPITULO X.

*Como Carlos Magno, e Galafre entrárão em Toledo, e do mais que passarão nesta Corte.*

Esperando assim Carlos Magno com todo o seu Exército pelo de Galafre: chegou este tambem com o seu; e unidos ambos em um corpo, postos na freute delle o Imperador, e Galafre, rodeados dos Paladines, levando Angelica no meio ricamente vestida, entrárão pelas duas portas na Cidade, que toda se desfazia em vivas, e regosijos, e festas para applauso dos Principes, e do Imperador.

Forão directos ao Paço, aonde Galiana rodeada de suas Damas todas os esperava em a primeira sala, a qual, depois de cumprimentar o Imperador, beijou a mão a seu Pai, e dahi tomando aos braços a Angelica, estiverão mais de um quarto de hora estas duas formosissimas Princezas abraçadas, como se de muito tempo se houvessem conhecido; tanto foi o amor, que na outra infundio a formosura. e boa graça de cada uma.

Forão-se dalli todos a uma esplendida meza: cheia de mil especies, e diversas iguarias, aonde comerão, e bebêrão todos muito a seu prazer, e se mandou dar um refresco a todo o Exército, com que se deo bem por satisfeito: dahi forão passar o resto da tarde passeando pelo amenissimo jardim, que para Galiana tinha Galafre mandado fabricar; e quando Angelica o vio, disse a Galiana: — Vê tu, Senhora Galiana, as diversas obrigações, que cada uma de nós deve a

302 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
seu Pai: o teu fez te um jardim para te divertir, o meu fez me uma cova para me enterrar. —

Respondeo-lhe Galiana: — O certo é, Senhora Angelica, que cada uma de nós teve o que não merecia: — Disse então o Imperador: — Pois por isso Galafre, que fez o jardim, se vê agora gostoso, alegre, e triunfante, e Abderraman, que tyrannicamente fez a cova, se vê vencido, desterrado, e talvez morto. — Nestas, e outras práticas se divertirão aquella tarde, e todas as outras, havendo tambem muitas festas; e de todos os modos procurava Galafre divertir, e regalar o Imperador.

---

## LIVRO QUARTO.

### CAPITULO I.

*Como Carlos Magno, se partiu para Italia a ajudar o Pontifice contra Aliadús.*

**A**O tempo que o Imperador Carlos Magno estava em Toledo descansando, e espetava occasião para fazer os seus desposorios com Galiana, lhe chegou aviso que o Soldão do Egypto, por nome Aliadús, com uma poderosa armada investia as Costas de Italia; e o mesmo Summo Pontifice escreveu ao Imperador, dizendo-lhe o muito que necessitava do seu soccorro, porque senão, os Infieis se farião senhores de todos os Estados da Igreja Romana.

O Nobre Imperador, que fôra dado ao Mundo para defensa da Fé, se não escusou; antes lendo

a carta a cavallo, estando para ir caçar, assim me-mo virou a rédea, e mandou-se despedir de Gulafre, e de Galiana, sem se aprear, sahio ao campo, e na frente do seu Exercito, partio com toda a pressa em ajuda do Pontifice acompanhado dos Cavalleiros.

Marchou o Exercito a toda a pressa, e atravessando Hespanha, e França, se lhe foi ajuntando pelo caminho muita soldadesca, de sorte que chegou a Italia em número de sessenta mil homens, com os quaes se pôz o Imperador ao pé dos muros de Pavia, e dalli mandou Guarim da Lorena por Embaixador ao Pontifice, dando-lhe parte como tinha chegado com o seu Exercito para defendelo, o que o Papa lhe mandou agradecer muito, e lhe deitou a sua benção a todo o Exercito.

Pelo contrario Aliadús quando soube a chegada do Imperador, lhe mandou dois Reis por Embaixadores, sobrinhos seus, um chamado Parisen. Rei de Arabia, outro Rei de Tartaria, e se chamava Lucrião, os quaes de parte de Aliadús derão ao Imperador este recado: — Senhor, o muito poderoso Aliadús, Seldão do Egipto, Principe do Cairo, e Imperador do Mundo, te avisa que elle se acha pondo cerco á Cidade de Gaéta com oitenta navios por mór, e duzentos mil homens por terra, cujo poder é bastante a destruir-te, e assim que se não queres a tua perdição, que te retires para o teu Reino, quando não, que terá a guerra contigo, e te levará ao Egipto por escravo. —

Respondeo o Imperador: — Dizei a Aliadús que eu sou por officio defensor da minha Fé, e

311 HISTÓRIA DE CARLOS MAGNO,  
assim que se quer que eu me retire, que deixe de  
a perseguir, antes a abraçe; mas se o contrario  
fizer, que o hei de castigar; e para uma, ou ou-  
tra cousa marche com o meu Exercito, para o seu  
campo.

Forão-se os Embaixadores com a resposta, e  
Aliadús rio muito com ella, tendo por homem  
fator ao Imperador, que com tão pouca gente  
queria destruir-lhe o seu Exercito.

## CAPITULO II.

*Como Carlos Magno deo batalha a Aliadús, e fu-  
gindo-lhe os soldados, ficárão só os Cavalleiros.*

Marchou pois o Imperador de Pavia para Gaé-  
ta, investio aos inimigos com todo o seu Exercito  
repartido em quatro corpos, um governado por  
elle, outro por Roldão, outro por Oliveiros, e ou-  
tro por Gui de Borgonha.

Recebeo Aliadús a batalha, e deixando ficar  
contra Gaéta o seu sobrinho Lucião com qua-  
renta mil homens, elle com o resto do Exercito  
se presentou no campo, governando a vanguarda  
Roxael, que era Rei da Persia, e a retaguarda  
Parisca de Arabia, e elle governava tudo pelo  
meio da Campanha.

Travárão-se as primeiras escaramuças sem van-  
tagem de alguma das partes, e pouco a pouco se  
foi enfurecendo a batalha de sorte, que passada  
meia hora já não havia distinguir os infiéis dos  
Christãos, porque todos misturados um com ou-  
tros se confundião a si mesmo: por toda a parte  
o que só apparecia era sangue, o que só se ouvia  
erão vozes, e tanto assim, que Carlos Magno con-

fessou fora esta uma das batalhas mais cruéis, em que se tinha achado.

Abadús se mettia por entre os Christãos tão resolute, que não dava golpe que não fosse mortal, e levado de um espirito ardente, se chegou donde estava o estendarte Real de Carlos Magno, e matando logo o Alferes, o ganhou pelas suas mesmas mãos, e o levou de rastos pelo meio do campo.

Muito se desanimarão os Christãos com este successo; e Aliadús, que além de valoroso era mui destro, conhecendo o seu desmaio, procurou augmentar-lho, trocando-lho em declarado medo, e fez gritar aos seus soldados: — Victoria para o Egypto, vencido é Carlos Magno. — De todo perdêrão com esta voz o animo os Christãos, e sem reparar nas suas obrigações, deitárão a fugir, deixando só no campo aos Pares, e ao Imperador.

Mas estes, que até alli com o cuidado de mandar estavam embaraçados para combater, vendo-se agora sós; entrárão a brigar braço a braço, e corpo a corpo, de tal feição, que bem conhecêrão os inimigos que elles sós bastavão a vencellos. Mas como sempre erão tantos, e tão valentes, se vião os Pares a cada instante embaraçadissimos, cercados, e abafados de inimigos, que vinhão sobre elles, como sobre um javali costumão vir em uma montaria os caçadores.

### CAPITULO III.

*Como Lucrião deu assalto a Guêln, e os soldados Christãos a livráo, e vencerão a batalha.*

Vendo Lucrião que (como dissemos) tinha si-

cado contra Gaéta com quarenta mil homens, a fugida dos Catholicos, mandou dar um assalto á Cidade: puzerão-se os soldados della no muro a defender-se; mas os infiéis hião levando a melhor, porque os de dentro sempre estavam desanimados com a fugida dos outros; mas estes, que tinham fugido, envergonhados de o haver feito e sentidos de perderem em Italia a gloria, que adquirião em Hespanha, e França, se resolvêrão a sahir dos bosques, aonde estavam mettidos, a recuperar a opinião, que perdêrão com a fadiga; e sem General que os incitasse, todos ao mesmo tempo se unirão, e formando por si mesmo os seus corpos, vierão como uns raios contra os inimigos.

Virão que o maior perigo era o da Praça, porque os infiéis nos assaltos já a hião por muitas partes entrando; e mettendo se nas trincheiras dos Turcos, passárão dellas adiante, e investirão aos infiéis pelas costas com tal esforço, que a vantagem, que em quatro horas tinham ganhado contra a Praça, a perdêrão em uma: deitárão das escadas de mão abaixo todos os que subião, e subindo então por ellas, lançavão fóra os infiéis, que já estavam dentro: mais de tres mil morrerão precipitados do muro abaixo.

Livre desta sorte a Cidade, não parou ainda aqui a resolução dos soldados: virão que os Cavalleiros se livrarão já muito cansados de todo o exercito, e se forão com a mesma furia ajudalos; e mettendo-se outra vez com os Turcos, mas com mais resolução, em meia hora, que restava de dia, os pozerão em fugida declarada; e os Turcos valendo-se da noite, se embarcárão nos seus

oitenta navios, e sem embargo do escuro, ainda no embarque foram bem perseguidos; e perdendo muita gente, que se affogou no embarque, dêrão á vela para o Egipto

#### CAPITULO IV.

*Como os Christãos, se embarcááo. e houvedo batalha com a armada de Aliadús.*

Bem podéra Carlos Magno dár-se por muito satisfeito com fazer retirar Aliadús, porque isto é o que lhe tinha o Pontifice pedido; mas passando a mais o seu Catholico zêlo mandou apresentar todas as náos de guerra, que havia nos portos de Italia, e tanto que teve junta uma boa armada de cincoenta náos grandes, e quasi sessenta barcas, caravalas, e fustas, se embarcou nella com os seus Cavalleiros, e soldados, e navegou em busca de Aliadús.

Depois que correo varios portos, o foi topar do de Chipre, aonde se tinha recolhido a fazer aguada, e já a tinha feito, e queria dár á vela. Tanto que o Imperador o conheceo, formou a sua armada em batalha. e lhe mandou uma fusta, em que hia embarcado o Duque Nemé, o qual chegando á Capitania de Aliadus lhe disse que entregasse a sua Armada; e o Soldão respondeo que se retirasse depressa, porque elle hiria dár a Carlos Magno a resposta.

Veio com ella o Duque Nemé, e Aliadús dividio a sua Armada em tres esquadras: uma de Capitania, que governava elle: outra da Almeirante, que tinha Parisca; e a terceira da Fiscal, que governava Roxael.

A não Fiscal, em que hia Roxael, abordou a Capitania, em que hia o Imperador, e Roxael saltando na popa da não investio a Carlos Magno com a espada na mão, desejoso de adquirir no mar a gloria que perdêra na terra; sahio-lhe no encontro o Imperador com a sua espada Jolosa feita pelo celebre Gallús, e na popa do navio travárão singular batalha.

Mais de uma hora se combatêrão sem vantagem, até que Roxael usou de um estratageina para prisionar o Imperador. Fingio que fraquejava na batalha, e pouco a pouco se foi retirando, até que saltou outra vêz no seu navio: seguiu-o logo o valoroso Carlos Magno, e Roxael tanto que o vio dentro, que era o que queria, mandou soltar os ganchos da Capitania contraria, e deo à vela, com animo de levar prisioneiro o Imperador.

Quando este vio o perigo, em que estava, levantou o pensamento ao Ceo pedindo soccorro a Deos. Ouvio Deos a petição de Carlos Magno, porque no meio deste grande perigo, uma das não Christãs abordou a não de Roxael; e conhecendo tres Cavalleiros ao Imperador, saltárão dentro, e o começárão a ajudar: com tal fortuna, que matárão a guarnição toda, e Roxael, que de jolhos pedio a vida, por piedade do Imperador ficou prisioneiro de guerra.

## CAPITULO V.

*Como se continuou a batalha; e sendo prisioneiros Farisca, e Roxael, fugio Aliadus.*

Tanto que o Imperador se vio senhor da não, fez abater a bandeira infiel, e arvorar a Christã,

e deo por isso logo ali graças a Deos. Entretanto a não, em que hia Parisca, tinha abordado á de Roldão; e saltando este dentro, tanto que Parisca o soube, se escondeo de puro medo, que tinha delle: Roldão, que o não vio, ameaçou aos soldados de queimar a não, se lho não descobrissem; e não querendo elles fazello, os foi passando á espada, até que lho trouxerão acima, e ficou prisioneiro de guerra.

Nas outras náos havia cruelissima peleja: a de Urgel de Danoa nadava em sangue: a de Hoel de Nantes da mesma sorte; era tanta a multidão de cabeças, braços, e pernas cortadas, que havia dentro, que não se podião segurar os soldados. O mesmo már estava já vermelho, e todo este estrago, acompanhado dos instrumentos bellicos, fazia o mais triste espectaculo do Mundo.

As nos de Lamberto, de Bruxellas, Tietri de Dardania, e Gui de Borgonha tinhão atracado a Capitania de Aliadás, e aqui é que foi toda a força de peleja, porque este barbaro era na verdade valentissimo, e dos infiéis só Abdertaman lhe podia competir.

Metteo-se por entre os Francezes, e fez nelles um cruel destroço: mas julgando-se vencido mandou pôr fogo á Capitania, em que estava, para que os Christãos se não aproveitassem della, e elle, como nadava bem, se deitou ao már, e nadou para outra tambem sua, que o recebeu; e mettendo todo o panno, navegou para o seu Reino do Egypto.

A não queimada pegou fogo ás tres que estavam com ella, e esteve em termos de arder a Armada Christã toda: Lamberto, Tietri, e Gui de

310 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Borgonha se lançarão anado, e se recolhêrão na  
náo de Carlos Magno: dos oitenta navios de Alia-  
dús, só escapárão quinze, e ficárão prisioneiros  
Faisca, e Roxael.

## CAPITULO VI.

*Trata-se da Ilha Cofornia, e outros successos.*

Por tão signalada victoria, derão todos graças  
a Deos, e Carol Magno entrou no porto de Chi-  
pre com toda a Armada, e ali esteve tratando do  
que era preciso para ella, e passados oito dias deo  
á véla para Italia. Tinhão navegado dois dias,  
quando se lhes cerrou o ár com uma tão expessa  
nevoa, que em oito dias, que durou, os Pilotos  
perdendo o norte não sabião para onde havião  
navegar.

No fim dos oito dias descobrirão terra, mas des-  
conhecida: desembarcárão nella todos, e era cheia  
de bosques, e arvoredos; mas todas as praias es-  
tavão desertas, ainda que havia muitos sinaes de  
ser povoada, porque tinha arvores cortadas, ca-  
sas de palhas, pégadas de gente. Mettêrão se os  
Cavalleiros pela Ilha dentro a descobrir o que  
era, e a vêr se encontravão quem lhes desse al-  
guma noticia; e andando cousa de uma legoa  
pela terra dentro, virão ás portas de um grande  
Templo um concurso de gente tambem grande  
que logo deitárão a fugir tão ligeiros, que os Pa-  
tes, que hião a pé, e armado, não podião alcan-  
gallos.

Entrárão no Templo, e era todo cuberto de  
ouro fino pelas paredes, e tinha vinte alampadas  
do mesmo metal, cousa mui rica: no meio do

Templo estava um Altar todo de pedras finíssimas, a saber; diamantes, safiras, esmeraldas etc., em cima delle sentado em uma cadeira estava um homem com o corpo tambem nú, e só na cabeça tinha um cucar de plumas de varias aves tão levantado, que chegava quasi ao tecto da Igreja.

Ao redor do Altar assistião quarenta homens com cucares tambem; mas mui pequenos: os cabellos erão tão compridos que lhes cobrião o corpo, e as barbas rapadas, todos com os olhos fechados, e tão socegados de animo, que os não levantáráo nem para vêr o reboliço que com a fugida fez o povo: tinha cada um na mão uma campainha de diverso tom, que continuamente tocava; e as quarenta campainhas, tocando sempre, fazião um alarido que não havia quem podesse soffrello: diante do Altar havia setenta Agulhas degolladas, em grandissimas bandejas, todas de ouro.

Ficáráo admirados os Cavalleiros de tudo o que virão; e perguntando a um dos quarenta algumas cousas, nenhum respondia palavra, e continuavão com o tom das campainhas, até que Oliveiros desesperado já de semelhante harmonia saltou ás bofetadas nos taes homens, e os fez fugir pelo Templo fóra, como os outros, e muitos delles bem maltratados; e dahi disse ao Idolo do Altar que descesse para baixo, seuão que lhe fazia o mesmo.

Desceo pontualmente o Idolo, e não só o fez, mas pondo-se de joelhos aos pés dos Paladinos, lhes disse em lingua Franceza, que, se querião a vida, se retirassem da Igreja, porque era fazere

o que fizerão tinham irritado aquelles quarenta homens, os quaes convocando os da terra havião vir contra elles, e tirar-lhes as vidas: Disse-lhes Oliveiros: — Homem, quem és tu, que fallas tão bem Francez: e qua terra é esta tão barbara, e tão bruta: — Elle lhe respondeo: — Senhores, agora é tempo de cuidares só em defender-vos como poderdes, porque estes homens vem contra vós, e hão de matar-vos. —

Respondeo Oliveiros: — Homem, tu sabes o que dizes? Nós somos os Pares de França, e como é possível que nos vença uma gente tão bruta?

— Respondeo lhe o Idolo: — Senhor, daqui a um quarto de legoa é a povoação destes homens, que tem mais de dois milhões de pessoas capazes de pegar em armas; usão de archas e pelotas, que jogão com destreza.

— Estando nesta prática virão vir ao longe um grande tropel de gente; e fizerão os Cavalleiros conduzir da Armada grande número de soldados para se lhe oppôr.

## CAPITULO VII.

*Como os Christãos houverão batalha com os da Ilha Cofornia, e os vencerão.*

O tempo que gastarão os barbaros em chegar ao campo, gastarão os Catholicos em sahir da Armada, e de uma, e outra parte se começou uma terrivel batalha. Dispararão os da Ilha as suas pelotas com pontaria tão certa, que logo alli ficaram mortos sessenta Francezes: chegarão mais de perto, e armando segundos tiros, matarão cento e quarenta, chegarão-se mais, e cahirão qua-

trocentos; largarão os primeiros as pelotas, e começaram com as archas a dar tão fortes feridas, que apenas descarregavão golpe que não valesse uma vida; e entretanto os que ficárão atraz continuavão com as pelotas, e como não erravão tiro, era incrível a mortandade, que nos Catholicos fazião.

Estes da sua parte tambem não fazião pouco, porque além de brigarem com a sua costumada valentia, como os da Ilha estavam nós, cortavão nelles as espadas, sem alguma resistencia: Rolandão já não dava golpe, que não partisse pelo meio de alto abaixo ao triste, que o levava: a outros os dividia pela cintura, cahindo no campo cada meio corpo para a sua parte, e a este respeito obravão os mais Cavalleiros; mas que importava isto se os da Ilha erão tantos, e estavam tão obstinados, que, sem cuidar nos que dos seus morrião, só tomavão sentido nos que dos Christãos matavão!

Nestes termos disse o Duque Nemé para Carlos Magno: — Senhor, nós perd-mo nos aqui todos sem remedio: parecia me a mim que nos fossemos retirando para a Armada, e déssemos á vela; e então de noite tornassemos á praia, e montados nos cavallo, o que agora não fizemos, viessemos contra elles, porque como são tão barbaros, vendo-nos a cavallo, (o que nunca virão) cuidarão que somos cousas do outro Mundo; e quando não, sempre montados lhe resistiremos mais seguros. —

Pareceo bem a Carlos Magno este conselho, e mandando tocar a recolher se forão todos para os navios perseguidos dos barbaros, que tanto que

os virão embarcados ficãõ mui contentes, sem reparar em que lhes tinhãõ feito em postas mais de cento e cincoenta mil dos seus. A Armada se fes á véla; mas tanto que anoiteceo tornou na volta da praia, e desembarcando de noite, montarão todos os regimentos a cavallo, e vierão marchando para o Templo.

Amanheceo, e vindo os da Ilha todos á oração; como era o seu costume, e sem armas, por lhes ter prohibido o seu Deus chegar ao Templo com ellas, (e assim estavam no dia antecedente, pelo que corrêrão a buscallas) tanto que virão aquelles homens a cavallo, ficarão espantados, e querendo correr aos seus armasens, mettêrão os Francezes de galope atrás delles, e muito mais pasmados ficarão, quando virão que tanto corrião, e os Francezes atropelando-os com os cavallos chegarão á Cidade, e pondo fogo aos armasens, deixarão aos pobres da terra sem algum recurso.

Corrêrão todos a refugiar-se no Templo, e pegando no seu Idolo ao collo gritavão em altas vozes: *Zambalá garatu poar*, que na sua lingua quer dizer: *Deos pede por nós*. O Idollo então se pôz de joelhos diante de Carlos Magno, e lhe pediu mandasse aos seus soldados não fizesse manança naquelles miseraveis brutos, e o Imperador o fe: assim; e depois disse a Diomar, que assim se chamava o Idolo, lhe contasse tudo, como era, sobpena de lhe custar a vida.



## CAPITULO VIII.

*Em que Diomar dá conta do successo, e da Ilha Cosornia.*

Disse então o Idolo Diomar :— Senhor, eu sou de nação Franceza, e teu vassallo. filho da Provincia de Bretanha, aonde tive Pais de elaro nascimento, mas mui pobres, querião elles que servisse a um dos Principes, mas o meu genio activo o não consentia, e assentei praça de soldado. Achei me em muitas guerras na Alemanha, até que perdendo uma companhia, porque o meu General ma não quiz dár, eu o matei, e fugindo pelo meio do Exercito andei quatro annos por Alemanha fugido, e feito Capitão de uma tropa de vandidos, e vivido que roubei estes quatro annos.

Perseguido da justiça me embarquei em Marselha, e arribando a não ao Egypto, fui escravo de Soldão Aliadús quasi tres annos, e servi nas galés; mas achando modo de fugir em uma embarcação, com que me levantei, me fiz pirata no már, e quasi sete annos infestei as costas da Europa, e Africa com extraordinarios successos, que por não enfadar-vos não repito.

Em fim, navegando uma vez das costas de Nattolia para as da Grecia, me encontrei com uma armada do Imperador de Constantiuopla, a qual perseguindo-me muito, eu fia pôr fogo ao meu navio, e me salvei na lancha com só outro companheiro; mas como no cabo de tres dias me visse morrer á fome, o matei para comer; e acabando-se este sustento, fui comendo das taboas

da lancha pouco a pouco até que me via só com uma taboa em que poder segurar-me, e andando mais de um mez desta sorte perdido, me dava já por mo to, quando uma madrugada pegando á dita taboa vim encalhar nas praias desta Ilha.

Estavão nellas estes homens, que mais parecem brutos, e tanto que me virão chegar, me tomáram no colo; leváram-me ao Templo, e me começaram a render culto; e tanto que pelo uso lhe entendi a lingua, soube que elles adoravão o már: e vendo que eu vinha sustentado (ao que cuidáram) sobre elle, metteo-se-lhe em cabeça que eu era seu filho, e me fizeram seu Deos: aqui vivo assim á sete annos, desejoso de ir a Roma deitar-me aos pés do Pontifice, e salvar-me, se acaso depois de uma tão estragada vida conseguir a minha fortuna.

## CAPITULO IX.

*Do que mais passou o Imperador em a Ilha até se embarcár para Italia.*

Acabou Diomar a sua pratica com tantas lagrimas, que todos os circumstantes o acompanháram nellas; Carlos Magno, perdoou a Diomar, e lhe disse fallasse pela lingua ao seu povo, para que quizesse receber a Religião Christã, e elle esteve tres dias com elles a argumentar, até que no fim delles consentirão em a seguir; e Carlos Magno ficou de lhes mandar de Roma Padres para lha ensinar. Muitos delles quizerão ir na armada, e Carlos Magno o consentio.

Mandou em fim o Imperador fazer uma grande Fortaleza de terra, e barro, porque pedra não

a havia; e nella pôz de guarnição seis mil soldados. No Templo mandou pôr a Santa Cruz de Christo, e logo alli instruirão nos principaes Mystérios aquelles póvos; e embarcando-se com Diomar na Armada, derão á véla para Roma, carregados de ouro, e de riquezas; e o Imperador com o gosto, não só de ter vencido Aliadús, e livrado as terras da Igreja, mas reduzir ao seu grémio a gente daquella Ilha.

Hião prisioneiros na armada Roxael, e Farisca, e aquelle pediu ao Imperador o quizesse fazer Pár, para brigar pela Fé, e o Imperador lhe disse que era necessario primeiro baptisar se para ser Christão, e que sem isso não podia ser Pár, mas que em se baptisando promettia de o fazer. Roxael ficou mui contente, e o disse a seu amigo Farisca; mas este tomou isso muito a mal, e disse que era um infiel, porque queria arrenegar da sua lei: enfadou se Roxael de que Farisca o tratasse assim, e lhe deo um murro nos queixos, que lhos deitou fóra.

Saltou Farisca nelle com as mãos ambas, e lhe tirou inteiramente todos os cabellos das barbas: acodio logo o Imperador, e informando-se da causa desta bulha, mandou apartar um do outro, para lhes evitar a occasião de terem outra pendencia, e foi a armada continuando a sua navegação para Italia.

## CAPITULO X

*Como a armada padecco grande tempestade, e ap-  
portarão todas as náos a Sicilia.*

Começou a este tempo a embravecer-se o mar

alguma cousa, e levantando-se no Ceo um nevoeiro muito espesso, se foi escurecendo o ár, e ficou como se fôra noite. Veio crescendo o vento, e encapelando se as ondas com desesperada furia, se declarou uma tempestade muitissimo medonha.

Começou a trovejar, e os relampegos erão tantos, que supprião a luz que faltava, porque successivamente um depois de outro fazião que sempre o már se visse claro.

Carlos Magno, como tão Catholico 'que era, se pôz de joelhos, e encommendou-se a Deos de todo o seu coração, e lhe encommendava tambem as vidas dos seus soldados, especialmente as dos Cavalleiros, os quaes, cada um no seu navio fazião o mesmo, e já esperavão a morte, como fim de tudo; durava a tempestade, e cada um se via nas ultimas angustias, só Farisca o que fazia era blasfemar da sua vida, e pedir a Mafoma mettesse no fundo toda a armada.

Havendo doze dias que durava a tempestade, começárão a sentir-se as ondas, a descobrir-se os ares; porém quasi todas as náos tinhão quebrados os mastros, çafadas as cordas, e rotas as vélas de tal sorte, que ainda que estavão livres da tempestade não podião navegar para diante, sem concertar-se: estavão á vista da Ilha de Sicilia, e alli tomárão porto para refazer-se de todo o necessario: desembarcárão em terra os destroçados navegantes, mas apenas o tinhão feito, quando com este novo successo se virão em maior perigo, como adiante se verá.

## CAPITULO XI.

*Como o Monte Ethna deitou chammas, e Farisea que as foi reconhecer, acabou nellas.*

Ha em Sicilia um monte altissimo, e bem conhecido, que se chama o monte Ethna: este continuamente deita do seu cume lavaredas, que se divisão de muito longe, e dizem os Genticos que alli era a forja de Vulcano, que tinham por Deos do ferro, e fogo.

Tanto que os Catholicos aportárão na Ilha, começou o monte a deitar maiores chammas, e taes que subião ás nuvens, e parecia que se abrazava não só o monte, mas a Ilha.

A todos causou notavel horror esta novidade, e ainda se augmentou o susto quando o monte atraz das lavaredas começou a deitar uma grande enxurrada de betumes ardentes; pôz-se Carlos Magno de joelhos, rogando a Deos pelo seu Exercito, e virando para os Cavalleiros, e soldados, lhes disse em altas vozes: — Filhos, bem vêdes o castigo que vem sobre nós por vontade de Deos; o que podemos fazer é conformar nos com ella, e postos aqui todos do joelhos com os rostos em terra pedir-lhe se compudeça das nossas almas, se fôr servido que estas chammas nos tirem as nossas vidas.

Respondêrão todos: — Estamos prromptos para abraçar com gosto o que Deos fôr servido. — Mas entre todos os que estavam assim, só Farisea tinha ficado em pé, e como homem doudo, e desesperado, começou a dizer que todos erão uns fracos, porque senão atrevião a fazer caminha

aquellas lavaredas para outra parte, e dizendo isto, subio pelo monte acima a encontrar-se com ellas.

Quizerão detello os soldados, mas elle correo muito, e elles, não querendo ser queimados no fogo, que já vinha muito perto, e por não desobedecer ao Imperador, se tornárão a pôr de joelhos, como estavam. Subio Farsica o monte, e tanto que a enxurrada lhe hia chegando, lhe disse: — O' fogo, por Masoma, a quem adoro, torna para tras, que em seu nome to mando. — Mas o fogo o deixou abrazado; e dalli correo no már, mas por outro caminho longe do sitio aonde estava o Exercito.

Derão todos graças a Deos pelos ter livrado de tão evidente perigo: Carlos Mugno, em agradecimento de tão grande beneficio, mandou edificar naquelle sitio um grandissimo Templo, e lhe deixou rendas para o culto Divino.

## CAPITULO XII.

*Como Carlos Magno navegou para Roma, e ali se confessou Diomar, e baptisou Roxael.*

Esteve o Imperador em Sicilia todo o tempo preciso para reformar a sua Armada, e embarcando nella com todo o seu Exercito, chegou á costa de Italia. Tanto que o Pontifice o soube, mandou fazer arcos triunfaes por todo o caminho, que hia até Roma, e por elles passou o Imperador em triunfo com os Pares, e todo o seu Exercito, e chegando ao Palacio do Vaticano beijou o pé ao Pontifice, e o mesmo fizerão todos os Cavalheiros.

Feito isto, contou o Imperador ao Papa todos os successos da sua navegação, e lhe pediu mandasse aquella Ilha Padres, que instruissem os naturaes nos Mystérios da nossa Santa Fé; e o Pontífice assim lho prometteo. Depois lhe apresentou Roxael, e Diomar, o primeiro para se confessar; e o Papa, pela sua mesma pessoa confessou Diomar, e baptizou Roxael.

Diomar pediu licença a Carlos Magno para voltar á Ilha Cofornia, porque queria que na terra; donde foi mais escandalosa a sua vida, fosse maior a sua penitencia: o Imperador lho concedeo, e elle se embarcou com os Padres.

Roxael foi armado Cavalleiro pelo Imperador, e Roldão foi seu Padrinho, e foi admittido ao número dos Pares, fazendo primeiro juramento de defender a Fé Catholica até o ultimo instante da vida, como é costume; e era tal o gosto, que tinha de se ver feito Pár, que não sabia em si de contente. O Imperador se preparou para ir a Toledo buscar Galiana para sua mulher, e se despedio do Pontífice.

O Papa quis fazer Cardeal o Arcebispo Turpim. mas elle lhe pediu por humildade que o não fizesse, pois queria antesser só Arcebispo, e acompanhar o Imperador.

### CAPITULO XIII.

*Como Carlos Magno, voltou a Hespanha, e em Gascunha destruiu uma tropa de ladrões, que o querião roubar.*

Carlos Magno partio para França, fazendo por ella caminho para Hespanha, e ao passar dos mon-

tes Alpes, teve o Exército grandissimo trabalho por causa das neves, que continuamente cahem naquelles montes; e muitos soldados ficárão inte-rissados, e mortos do regello, outros perdião a fal-la, porque se lhes apertavão os dentes, de sorte que não os podião abrir nem para comer, e assim morrião de fome. Em passar estes montes Alpes gastou o Exército quatro mezes, e morrêião mais de seiscentos soldados, de que o Imperador teve grande sentimento.

O Arcebispo Turpim, tanto que chegou á primeira terra de França, fez um muito altissimo Sermão a todos os soldados, dizendo lhes que vissem o lucro, que se tirava das cousas do Mundo, que de todo o modo erão contrarias aos homens; trouxe á memoria o fogo do Ethna, e frio dos Alpes, as tormentas do mar, as batalhas da terra, para que vissem que os mesmos Elementos, que os sustentavão erão os maiores inimigos que tinhão.

Como sessava a guerra despedio o Imperador os soldados, e mandou que fossem para as suas terras; mas os Pares não se quizerão ir, e disserão que querião assistir ao seu casamento, e de Roldão, e o Imperador o estimou; e deixando só quatro mil homens para guarda de sua pessoa, foi caminhaudo com os seus Cavalleiros para Hespanha.

Chegou a Gascunha, e anoitecendo-lhe em um campo alli mandou armar as suas barracas, e como não se receava já de guerras, se deitou a dormir, e todos muito a seu salvo.

Pela meia noite chegou áquelle sitio um famoso ladrão, que era cabeça de uma quadrilha de mil,

quando vião tão boa occasião de se aproveitar dos thesouros, que trazia o Imperador, puzerão se todos a pé, e se forão mettendo pelas barracas: e cada dois se punhão com os punhaes nús ao pé dos que dormião, em quanto os outros esquadriñavão os cofres, e as malas para levarem o que achassem.

Entrárão na Tenda Imperial, e puzerão-se seis com os punhaes á cama do Imperador, e os mais começárão a revolver a bagagem. A este tempo começárão fóra a espantar-se os cavallos, que tinham deixado presos: e entre si começárão a morder-se de modo, que quebrando as redeas entrárão á desfilada pelo campo.

Os ladrões, que sempre vivem com medo por conta do seu delicto, vendo aquelle tropel entenderão que era cavallaria armada, que os vinha matar: largárão tudo o que fazião, e corrêrão a tomar os seus cavallos, ou para se pôrem em resistencia, ou para buscarem fugida: a noite era escurissima, e não achando os cavallos no sitio, andárão-os buscando; mas, como estavam espalhados, impossivel era colhe los a todos.

E este rumor despertárão os da companhia de Carlos Magno, e armando-se a toda a pressa, sahião fóra das tendas, e achárão os miseraveis ladrões, que a pé, unidos em um corpo, querião fazer resistencia; e por ordem do Imperador forão todos enforcados.



## CAPITULO XIV.

*Como Carlos Magno foi ajudar Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca, e este o desafiou, e Carlos Magno não accitou o desafio.*

Feito tão justo castigo, deo o Imperador graças a Deos pelo livrar de perigo tamanho, e foi continuando a jornada para Toledo com muita alegria. Mas ainda se prolongou mais o seu gozo com uma carta, que lhe chegou de Astolfo de Inglaterra, pedindo-lhe ajuda contra Oláo de Dinamarca, que com uma poderosa armada em que hia embarcado um formidavel Exército, invadia o seu Reino.

Era Astolfo um dos Cavalleiros de Carlos Magno, e o tinha ajudado em muitas guerras, pelo que o Imperador lhe respondeu que faria o que lhe pedia, e com os quatro mil homens, que tinha, e os Cavalleiros marchou na volta de França, para dahi, passando o már com mais soldadesca, chegar a Inglaterra.

Assim o fez, e ajuntou muito brevemente trinta mil homens, e embarcando-se em muitos navios, que tinha nos seus portos, chegou a Londres aonde estava Astolfo, o que tinha já perdido muitas Cidades, que Oláo lhe havia conquistado.

Tanto que o Dinamarquez soube a vinda do Imperador, mandou desafiallo para singular batalha, e o Imperador accitou o desafio, mas nenhum dos Pares o quis consentir, e postos de joelhos diante do Imperador, lhe pedirão por premio dos seus serviços que não sahisse ao desafio, e disse Roldão: — Senhor, o teu valôr é bem co-

nhecido, e em não sahir a este desafio nada perdes do teu credito, antes diminues a tua authoridade em sahir a contender com quem não é Imperador.

De nenhuma sorte queria Carlos Magno consentir, mas tanto pediu Roldão, até que venceu. e o Imperador lhe disse: — Sobrinho, por amor de ti salto ao que quero, mas que resposta havemos de dar a Oláo? — Respondeo Roldão: — Deixo isto á minha conta, que verás a que lhe dou, em que por força elle ha de ficar mal.

E dizendo isto chamou o Trombeta, que tinha trazido o recado de Oláo, e lhe disse: — Dize a teu senhor que o Imperador, não acceita o seu desafio, mas que Roldão o acceita.

Foi o Trombeta, e trouxe por resposta: Que Oláo não brigava com Roldão, porque não era Rei. Então Roldão disse ao Trombeta: — Pois dize ao teu Rei que Carlos Magno não briga com Oláo, porque não é Imperador. — E todos gabarão muito a subtilidade de Roldão.

## CAPITULO XV.

*Como se deu batalha entre Carlos Magno, e Oláo de Dinamarca, e este fugio.*

Muito se enfadou Oláo desta resposta, e logo formou o seu Exercito em batalha, e mandou dizer ao Imperador que mandasse os seus Pares todos a contender com outros tantos Dinamarquezes, e o Imperador o fez assim, mas os Dinamarquezes ficárão todos mortos, sem algum dos Pares ter o minimo perigo. Picou-se muito Oláo, e mandou outros tantos dos seus, mas succedeo-lhes

o mesmo, mandou terceiros e aconteceu lhes o proprio, até que desesperado moveo contra os Pa-res todo o seu Exército que era de sessenta mil homens.

Esperarão os Cavalleiros a pé firme o Exército todo, como se viessem contra elles só outros tantos Cavalleiros: quando Oláo vio esta constancia, rasgou os vestidos, e disse em altas vozes: — O' affortunado Carlos Magno, que tens por vassallos teus homens tão valorosos! mas eu quero vêr se venço com o meu Exército estes monstros de valôr. — E dizendo isto mandou tocar a investir. —

Accometeo o Exército todo, e os Cavalleiros esperarão o seu encontro no meio do campo, que por crédito seu, nem um passo derão atraz a incorporar-se com o de Astolfo, e Carlos Magno, e assim sustentarão firmes o primeiro accomettimento, e passarão-lhe os batalhões por uma, e outra parte, sem elles recuarem.

Moveo-se então contra Oláo o Exército de Carlos Magno, e Astolfo, e se travou uma cruel batalha, que durou todo aquelle dia.

Os golpes das espadas, o bater das ferraduras; os gritos dos que morrião; as raivas dos que matavão, fazião parecer que se tornava o Mundo em um abysmo: Oláo, deo a victoria por perdida, e salvou a sua vida na fuga, e de sessenta mil homens, que trouxe de Dinamarca, nem um, excepto elle, tornou á sua terra. A perda de Carlos Magno, e Astolfo foi de tres mil homens, e logo forão ambos reconquistar as terras, que Oláo tinha tomado, e todas se rendêão.

Carlos Magno esteve muitos dias em Londres

assistido de Astolfo com toda a grandeza, e magestade, como tão grande senhor que era: Forão vêr as principaes Cidades do Reino, e quando mais embebidos andavão neste divertimento, chegou um mensageiro de Toledo com uma carta de Galiana para o Imperador, que dizia só estas palavras:

— Senhor, nunde que estás, ouve-me, e soccorre-me. Abderraman voltou de Ethiopia com Talamarte: fique o mais ao teu discurso, ao teu amor, e á tua obrigação. — *Galiana.*

Tanto que o Imperador vio esta carta, sem mais demora montou a cavallo, e chamando o seu Exercito, veio embarcar-se, para de França voltar-se a Toledo.

## CAPITULO XVI.

*Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman, e dos estragos que este tinha feito em Hespanha*

Ajuntou Carlos Magno um poderoso Exercito, e em menos de vinte dias chegou á vista de Toledo: sahio a recebello Galafre, e lhe deu parte como Abderraman tinha chegado a Hespanha com novo Exercito, que lhe tinha dado Talamarte de Ethiopia, com quem havia fugido; e que tinha conquistado Cordova, Sevilha, Timorante, e Valença.

Ficou Carlos Magno accezo em ira, e jurou pela vida de Galiana de não chegar a vèlla, até não ter morto Abderraman; e logo, sem entrar em Toledo, marchou com todo o Exercito para Rus-

tille, aonde os Pares tinham em outro tempo batalhado com o mesmo Abderraman.

Este barbaro, vendo que Carlos Magno tinha hido a ajudar ao Pontifice contra Aliadús, começou a conquistar em Hespanha muitas terras; e tanto que as tomava degollava todos os Christãos, que dentro havia, e ás terras mandava pôr o fogo, excepto a Cordova, Tímorente, Sevilha, e Valença, que escolheu para Praças de armas.

Todos os bosques entregava ao fogo, o mesmo fazia ás sementeiras; e era tal a raiva, com que vinha tomar a sua vingança, que por onde passava não ficava pedra sobre pedra; em fim as tyrannias erão tantas, que Gaiastre tremendo de que chegasse a Toledo aquelle rain, mandou a Galiana escrevesse a Carlos Magno aquella carta, com que o obrigasse a vir á sua defenza.

Já Abderraman com effeito hia marchando contra Toledo, quando Carlos Magno marchou só com os Catholicos para Rostile a sahir-lhe ao encontro. Soube Abderraman por suas espias que o Imperador era chegado, mandou fazer alto a seu Exercito, e houve com Talamarte conselho, sobre qual seria melhor fazer, se sahir logo a encontrar Carlos Magno no caminho, e dar-lhe batalla, ou esperar que elle viesse investillos, e fortificarem-se naquelle sitio.

Seguiu Talamarte este segundo conselho, como mais seguro, e tornárão um pouco atrás a pôr-se com as costas nos muros de Sevilha: levantárão por diana, e pelos lados altissimas trincheiras de terra muito fortes, e se puzerão a esperar a Carlos Magno.

## CAPITULO XVII.

*Como o Imperador chegou á vista de Abderraman, e como Roxael o desafiou, e sahio Takamante ao desafio.*

Foi o Imperador marchando com o seu Exército, e em uma madrugada avistou as trincheiras de Abderraman, e erão tão altas, e fortes, que parecião muralhas de uma grande fortaleza: Roxael da Persia, amado Cavalleiro em Roma, como dissemos, querendo mostrar o seu valôr contra os inimigos da Fé, se pôz de joelhos diante do Imperador, e lhe disse:

— Senhor peço-te me concedas licença para ir desafiar Abderraman ao seu campo. — O Imperador lha não queria conceder; mas Roxael tanto apertou, que o Imperador lhe disse que sim, e Roxael beijando-lhe a mão pela mercê, montou em um bizarro cavallo; e fazendo o sinal da Cruz com muita reverencia, partio para o campo contrario, deixando aos outros Cavalleiros com bastante inveja do seu esforço.

Chegou defronte das trincheiras, e disse em voz alta, que se ouvisse dentro dellas: — O' Rei Abderraman, que cheio de medo estás encurralado dentro desses fortes muros, já que não teus animo para brigar com Carlos Magno peito a peito, vem batalhar comigo corpo a corpo, que para isso te desafio. -- Mandou Abderraman uns soldados á trincheira a vêr quem era o que desafiava, e elle lhe respondeo: — Dizei a Abderraman, que sou Roxael da Persia, hoje Par de França. —

Talamarte pediu a Abderraman o deixasse ir áquella batalha; o que lhe consentio: e sahindo ao campo, disse a Roxael: — Ainda que não vem o que desafiaste, vem Talamarte de Etiopia, que bem capaz é de contender com Roxael da Persia: — Disse-lhe Roxael que não tinha nisso dúvida, e virando as redias nos Cavallos, se investirão com desusado brio, e desembaraço: quebrarão as lanças nos primeiros encontros, e ambos saltarão com a força fóra da cella ás aneas dos cavallos.

Cobrarão outra vez o posto, e levirão, um da espada, outro do alfange, com que se começaram a dár desapiedados golpes: logo os escudos de ambos se fizeram em pedaços, e agarrarão-se as armas com as mãos ambas, e sem cuidar em defender-se, só attendião a ferir-se: deo Roxael em Talamarte um tal golpe, que lhe quebrou em duas partes o elmo, e o ferio na cabeça, que começou a deitar sangue ás golfadas. Desesperou-se Talamarte de tão violenta ferida, e deo em Roxael tal cutilada, que lhe desarmou o hombro direito; e descendo abaixo lhe cortou o pescoço do cavallo, que logo immediatamente cahio em terra morto.

Apeou se Talamarte, antes que se levantasse Roxael, e sem perder tempo lhe deo outro golpe no costado, com que o fez pôr em terra de bruços muito mal ferido; e sem esperar mais lhe deo outro na cabeça, e logo dois nos braços com que o deixou atordado, e dahi pegando nelle o atou á cauda do seu cavallo, e montado nelle o andou arrastando pelo campo. Mandou Carlos Magno quarenta homens a soccorrello, mas já Talamarte

estava dentro das trincheiras com elle pela cauda do cavallo.

Carlos Magno quiz mandar logo começar a batalha em vingança da morte de Roxael, a quem estimava muito, e como homem fóra de sí disse: — Oh infiel Talamarte, por certo que não eras mais valente, e que foste um traidor; mas eu vingarei a Roxael.

## CAPITULO XVIII.

### *Da morte de Roxael.*

Chegou Talamarte com Roxael arrastando o á tenda de Abderraman, o qual o mandou desatar da cauda do cavallo, e virão que ainda estava vivo.

O constante Roxael todo esvaído em sangue, com o corpo retalhado das feridas, e moido das pedras estava já nos ultimos da vida, mas cheio de uma sobre-natural constancia, tanto que se vio diante de Abderraman, lhe disse: — Cuidarás que Talamarte me traz aqui, porque me venesse mui justamente; pois sabe que contra as leis de Cavallaria me ferio, sem eu me levantar, e contra as leis da fé me trouxe assim; mas deixa-me ainda como estou, provar com elle as forças, que eu te prometto vejas que é fraca a sua valentia —

Abderraman ouvindo fallar assim a Roxael, lhe deo um pontapé, e lhe disse: — Ainda tens boca para fallar? Ora espera que eu ta tirarei: — e mandou que um soldado lhe curtasae ambos os braços, e Roxael ainda assim escorrendo-lhe o sangue pela boca, disse:

— Oh Deos, e Senhor meu! Tende compaixão de mim, perdoni-me, Senhor, os peccados, que tenho feito, e acceptai em satisfação delles estes tormentos, que por vós padeço; e vós, Virgem Maria advogada dos peccadores, não me desampareis agora que me vejo tão só entre os meus, e vossos inimigos: Abderraman infurecido mettendo-lhe um bastão pelos olhos, lhos vazou, e depois de cego o mandou pôr naquelle miseravel estado fóra das trincheiras, para que os Christãos o vissem, e o triste Cavalleiro, cheio de dôres insupportaveis, deitado em um campo desamparado de todo o Mundo, disse para Deos: — Senhor, seja pela vossa bondade tão affrontosa, e terrível morte; por vós a padeço mais alegre, que se estivesse agora no throno do meu Reino, cheio das delicias, que logrei aos meus Estados; tudo se trocou neste infortunio; mas affortunado eu, se com a morte vos fôr gozar na bemaventurança. — Senhor, queira-o assim a vossa bondade, e agora valha me a vossa misericordia, — e dizendo isto logo expirou.

## CAPITULO XIX.

*Como oitenta Christãos sahindo a brigar com oitenta Turcos, e Abderraman lhe fez traição.*

Carlos Magno, mandou cheio de pena, recolher o corpo de Roxael para lhe dár sepultura, e pôz em fôrma o seu Exercito, para tomar vingança do cruel Turco, que tão barbaramente tinha tratado um seu Cavalleiro.

Succedeo que a este tempo uns soldados nobres tiverão entre si desavenças, e vierão a desafio:

derão logo conta ao Imperador, e elles, informando-se da razão, soube que o caso era de credito; porque um tinha dito ao outro que mentia, e este lhe havia dado uma bofetada: para os concertar usou o Imperador da sua prudencia, e disse: — Bem sabeis que os Reis podem dár, e tirar honra nos seus estados: vós é certo que estais offendidos; mas para que hajais o vosso despique, eu vos digo que saiais a desafiar cada um de vós um Turco, e aquelle que primeiro matar o seu, ficará mais airoso.

Os dois montando a cavallo sabirão logo; um chamava-se Montesinhos, e outro Beltenebros; e em companhia da cada um forão os seus parentes, e amigos, que para isso pedirão licença ao Imperador, e por todos erão oitenta: chegarão á trincheira, e desafiarão outros tantos Turcos, os quaes logo sahirão, e começárão a batalha, e em menos de meia hora não havia Turco vivo, sem ser Christão algum morto; e a tempo, que estes vinhão para o Exercito, sahia da trincheira uma partida de quatrocentos cavallos, e apanhando-os no meio os levou prisioneiros; mandou Carlos Magno outros quatrocentos a livrallos; mas já se tinham recolhido ás trincheiras.

Tanto que Abderraman teve seguro os oitenta Cavalleiros, mandou de fóra das trincheiras pregar oitenta páos no campo, e em cada um mandou pendurar seu Cavalleiro; e lançando-lhe fogo, ficárão os oitenta Christãos a arder á vista do Exercito de Carlos Magno.

Incomparavel foi a ira, que teve Carlos Magno, e estava de braveza como louco: da mesma sorte os Cavalleiros, e todo o Exercito, que irado con-

tra as traigões dos Turcos gritava a Carlos Magno investisse as trincheiras, porque querião tomar vingança de Abderraman: apenas o Imperador vio que aquella crueldade não fazia desmaiar, antes enfurecer os seus soldados, mandou tocar a investir.

## CAPITULO XX.

*Como investindo os Christãos o Exercito com a Cavallaria o destroçárão, e Talamarte foi morto, e Abderraman preso.*

Investio a Cavallaria pelos lados das trincheiras, e tanto que se vio com os Turcos cara a cara, entrárão estes a experimentar a sua valentia: hjião a diante Carlos Magno, e os Paladines, e a pesar do infinito número de Turcos, penetrou um corpo de Cavallaria, que governava Oliveiros, pelo meio do Exercito, e chegou a uma das portas da trincheira, e matando as guardas a abrio, e defendeo, para que entrasse a Infanteria.

Montárão Abderraman, e Talámarte, e sahião a ajudar os seus; o mesmo fazia Carlos Magno; mas os Catholicos não necessitavão disso, porque cada um se animava a sí mesmo: muitos com as cabeças abertas, e com os braços decepados, ainda investião com os que os ferião: áquelle soldado, a quem se quebrava a espada, pegava com unhas, e dentes no Turco, e o despedaçava; outros vinhão n braços, e jogando a luta se esmagavão.

Os Cavalleiros fazião bravuras, não davão golpe, que não deixassem um Turco em terra, e o valente Carlos Magno, emparelhando-se contra Abderraman, começárão a ferir-se, e vindo Rol-

dão em ajuda de Carlos Magno, que matou a Abderraman o cavallo, e cahindo em terra, pelas suas Reaes mãos o fez prisioneiro.

Começarão os Catholicos a gritar victoria por todo o Exercito: entretanto tinha Oliveiros chegado ás tendas de campanha, que são tantas, que parecião uma Cidade, e apesar dos soldados que as defendião, lhe pôz o fogo, e começou a arder aquella babilonia de panno de linbo, que parecia um inferno: entretanto a grita, que havia na batalha, confusão, mortandade, e furia, fazia mais os Turcos desanimados com a prizão de Abderraman, e morte de Talamarte; que ás mãos de Roldão tinha acabado a vida, começãrão a pôr-se em confusa retirada.

Vencida assim a batalha, se readeo logo a Cidade, e mandando o Imperador aviso ás outras tres, que tinha conquistado Abderraman, se renderão logo e ficou outra vez toda a Hespanha livre deste barbaro, que tanto a opprimio, e desbaratou, e Carlos Magno, depois de dar graças a Deos por tão assignaladas mercês, mandou dizer muitas Missas pelas almas dos Christãos, que morrêrão nesta batalha que serão vinte e dois mil; e dahi partio para Toledo com todo o seu Exercito, levando a Abderraman prisioneiro-

## CAPITULO XXI.

*Como o Imperador chegou a Toledo, e Abderraman se não quiz baptizar, e da sua morte.*

Chegou o Imperador a Toledo, triunfante, e sahirão fora das portas a esperallo, tanto os Cavalheiros como o Povo e Carlos Magno com Ab-

derramam piezo a seu lado entrou em fórma de triunfo: subio ao Paço, soude o esperavão Cailiana, e Angelica.

Abraçação a todos os Cavalleiros, e quando Angelica abraçon a Roldão, se lhe renovou o pranto de puro gosto, e o Imperador lhe disse: — Senhora Angelica, aqui vem vosso Pai, espero que se faça Catholico, e ainda que as suas crueldades o não tem merecido, hirá em Africa gozar os seus Reinos, o que, por ser vosso Pai, lhe será concedido. —

Tanto que Angelica vio seu Pai vivo, ficou mui contente, e o Pai quando a vio viva, ficou muito mais triste, e com os olhos cheios de sangue ardendo em ira lhe disse: — O' cruel Angelica, como não morreste queimada na torre da Lua, e agora estás aqui tanto a teu gosto na Corte, do meu maior inimigo? Sempre foste tyranna, e agora quizeste ser a minha ultima ruina. —

Angelica lhe respondeo: — Pai, e Senhor, tudo isso importa pouco; cuida tu em seguir a lei de Christo: baptisar-te como eu hei de fazer, e então hirás para os teus Reinos de Africa, que de outra sorte os has de perder, e tambem a alma. — Disse Abderraman: — primeiro me verás morto, que baptisado; porque se tu pelos teus appetites queres ser falsa á tua lei, eu não o hei de ser, porque jurei lealdade a Mafoma, e lha hei de guardar toda a minha vida: — e dizendo isto começou a chorar muito, e a todos causava compaixão vêr em tão miseravel estado o que tinha sido senhor de quasi todo o Mundo.

Mandou Carlos Magno, que o tivessem prezo em uma torre com muita decencia, e o triste Ab-

derramou alli lamentava suas infelicidades, até que de puro desgosto veio a perder a vida, e Angelica se vestio de luto.

## CAPITULO XXII.

*Como Galafre, Angelica, e Galiana recbérão a Lei de Christo, e dos casamentos de Roldão, e Carlos Magno.*

Passado a Angelica o sentimento da morte de Abderraman, disse que se queria baptisar, e Galiana tambem; e o mesmo Galafre vendo as victorias, que os Christãos tinham alcançado, tambem disse que se queria baptisar, e o Arcebispo Turpim Iho deo a todos, e de todos foi Carlos Magno padrinho, e de Galiano o foi D Roldão.

Festejou-se em Toledo este grande acto, e todos os do Reino forão logo Catholicos. Feito isto pedio Carlos Magno a Galafre lhe dêsse para Esposa a Galiana; e elle, Iha deo de boa vontade.

Roldão pedio a Carlos Magno licença para casar com a sua Angelica, e o Imperador Iha concedeo; e no mesmo dia se fizerão os casamentos de ambos: de Angelica foi padrinho Carlos Magno, e Roldão de Galiana, que quiz o Imperador dar-lhe essa honra: quinze dias houve festas por toda a Hespanha em applauso destes casamentos.

Em fim, Carlos Magno, os Pares, e as Princezas se despedi ão de Galafre, e voltá ão para França: chegarão a París, e Floripes entregou o governo a Carlos Magno, e recebeu as Princezas com o seu costumado carinho, e com muito mais a seu Esposo Gui de Borgonha, fazendo se muitos applausos á chegada de todos.

**TERCEIRA PARTE**  
 DA  
**HISTORIA DO IMPERADOR,**  
**CARLOS MAGNO,**

**EM QUE SE ESCREVEM AS GLORIOSAS ACCÕES,  
 E VICTORIAS**

**DE BERNARDO DEL CARPIO.**

**E DE COMO VENCEO EM BATALHA AOS DOZE  
 PARES DE FRANÇA ;**

**COM ALGUMAS PARTICULARIDADES  
 DOS PRINCIPIOS DE HESPAHNA, E SEUS POVOADO-  
 RES, E REIS PRIMEIROS.**

---

**INTRODUCCÃO.**

**D**EPOIS da celebrada Historia de Carlos Magno, e seus Pares, que tem servido de tanto divertimento aos Curiosos, e com que se tem passado as horas das noites do Inverno, nenhuma me pareceo mais a proposito para continuar a divertir, que a de Bernardo del Carpio, contemporaneo dos mesmos Pares, e successor de suas façanhas : por essa razão pegando na penna algumas poucas horas, que me permittir o tempo continuarei a Historia principiada, fazendo terceira parte com a vida e grandiosas façanhas deste Heróe.

## CAPITULO I.

*Memoria da Criação do mundo até ao Diluvio universal.*

**D**EOS Omnipotente, fez de nada Ceos, e Terra creando em uns e outra todas as creaturas espirituaes, e corporaes, e entre estas á sua imagem, e semelhança Adão, e Eva; para progeneritores do genero humano, os quaes collocou no Paraiso terreal, lugar para elles das delicias, em quanto conservadores da primeira graça, que perdêrão peccando contra o preceito Divino, pelo que desterrados vierão á provincia de Syria, ribeiras Orientaes do mar mediterraneos, e fazendo habitação no valle de Ebron, procreárão seus filhos Caim, e Abél, tão justo este, quanto perverso aquelle, pois chegou por inveja a tirar a seu irmão a vida no campo. Teve mais Adão em sua mulher um terceiro filho, chamado Seth, que por morte de Adão, conservou sua residencia na Syria, onde lhe nasceo seu primogenito Enós, de quem foi filho Gainan, e deste o foi Malael, de quem o foi Jareth, e de Jareth nasceo Enoch, que por juizos de Deos foi arrebatado vivo, e levado áquelle lugar, onde com Elias o conserva sua providencia Divina, para no fim do Mundo vir prégar desenganos aos inveterados vicios. De Enoch foi filho Mathusalem, cuja vida se conta pela mais prolongada entre os homens, pois chegou a novecentos sessenta e nove annos, filho de Mathusa-

310 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
lem foi Lamech, e deste o foi o Patriarcha Noé,  
a quem Deos escolheo para Restaurador da hu-  
mana geração naquella prodigiosa Arca, que tan-  
to tempo navegou sobre as agoas, com que a ira  
Divina affogou a ingratição dos homens naquel-  
le Diluvio Universal, que cobrio toda a terra  
até a altura de quinze covados do mais elevado  
monte.

Lembrado Deos da sua misericordia, pôz limi-  
te ao castigo do Mundo, fazendo que a Arca, em  
que se conservavão suas reliquias, parasse, e fi-  
zesse assento sobre as serras de Ararate, elevado  
ramo do grande monte Tauro em Armenia, re-  
gião da Asia, da qual Arca sahindo o Patriar-  
cha Noé, e seus tres filhos Sen, Can, e Japhet,  
(que nella tinham entrado com suas mulheres,  
principiou a restauração, para que foi conserva-  
do,) fazendo com o decurso dos tempos povoar  
todo o despovoado.

## CAPITULO II.

*Da confusão das linguas em Babél, e fundação  
da Monarchia de Hespanha.*

Entre os filhos que do terceiro filho de Noé cha-  
mado Japhet, e de sua mulher nascêrão, teve o  
quinto lugar na ordem do nascimento Tubal, que  
com outros seus primos habitou os dilatados cam-  
pos de Senaar, ou Caldéa, onde foi presente no  
tempo, que Deos confundio as linguas dos fabri-  
cadores daquella tão celebrada Torre de Babel,  
para castigo da temeridade humana. Com alguns  
dos seus companheiros, e parentes com seus fi-  
lhos. e descendentes, atravessou Tubal a Arabia

deserta, Idoméa, e Palestina, e veio ao sitio, em que hoje está o porto de Joppe, ou Jassa, donde embarcando continuou sua viagem costiado as ribeiras do már Mediterraneo para o Oceano, aonde surgiu a buscar nas terras Occidentaes lugares, em que fundasse sua Monarchia: fez assento em Setubal, (que por isso se chamou *Sedes Tubal*, que é o mesmo, que *Assento de Tubal*, e corrupta a pronúncia *Setubal*) que escolheu para sua residencia, e primeira Côrte de sua Monarquia.

De Tubal pois, quinto filho de Japhet, e neto de Noé, como dito fica, teve principio a Monarchia de Hespanha. onde o mesmo Tubal reinou como primeiro Rei, e Legislador os tempos de sua vida, por tempo de cento cinquenta e cinco annos, pois principiou no anno de 1853, antes do Nascimento de Christo Senhor Nosso, e finalizou, no de 2008, antes do mesmo Nascimento, tempo em que morreu.

### CAPITULO III.

#### *Da successão dos primeiros Reis de Hespanha.*

Sucedeo a Tubal no Reino, seu filho Iberto, de quem Hespanha tomou o nome de Ibéria, e a este succedeo seu filho Idubeda, que deo o nome aos famosos montes Idubedas, ramo dos Pyreneos, e a Idubeda succedeo seu filho Brigo, que foi quarto Rei de Hespanha. a quem muitas Cidades, e povoação desta Região, e de Portugal devem o nome.

De Brigo foi filho Tago, que succedeo no Rei-

**342**      **HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
no, Sexto Rei de Hespanha foi Beto Turdetano, filho de Tago: deste tomou o nome a Provincia Betica, (hoje Andaluzia) e os Turdetanos pòvos celebres nas guerras Romanas.

De Beto nasceo Gerião primeiro, e deste forão filhos os tres Geriões, que reinárão com tal união entre si, que derão causa á fabulizada historia Grega, quando introduz Hercules vencendo o famoso Gereão ideado monstro de tres corpos.

Succedeo aos tres Geriões no Reino, Hispalo, undecimo Rei, que se dizia filho de um delles: deste Rei tomou o nome a Cidade de Sevilla, que se diz dever lhe a fundação, e se chamou Hispalia, e ainda o conserva entre os Latinos. Foi filho de Hispalo Hispan, que lhe succedeo na Corôa para dár a toda Hespanha o nome de Hispania, que sempre conservou.

Por morte de Hespan herdou o Reino Herodes seu avô, por não deixar filhos, e a Hercules succedeo Hespero, outro neto de Hercules, de quem se denominou Hesperia; a este succedeo tambem Atlas Italo seu irmão, que reinava em Italia, e depois de tomar posse do Reino o deixou a seu filho Sicoro, e voltou para Italia. Succedeo Siccano a seu pai Sicoro, e a este Sicelêo. de quem foi filho Luso, decimo nono Rei de Hespanha, de quem o nosso Portugal tomou o nome Lusitania. Siculo filho de Luso lhe succedeo na Corôa, e a este, seu filho Testa a quem succedeo Roma seu filho Palatno, e a este Liciano, que o depoz do Reino, mas por morte delle tornou o mesmo seu pai a empunhar o Sceptro até que fallecendo herdou o Reino seu parente Eritrêo, a quem succedeo Gorgoris, e a este Abides seu neto, em

quem se acabou a Monarchia, porque se dividio entre muitos Regulos, que dominárão os povos.

#### CAPITULO IV.

*Da seca grande que houve em Hespanha: varias Nações que a dominárão, e memoria dos Reis Godos della.*

Sucedeo pelos annos de 1010 antes do Nascimento de Christo; aquella celebrada secca referida pelas Historias, com a qual esteve Hespanha quasi despovoada, e pouco depois houve tal incendio nos montes Pyreneos, que chegarão a correr de suas minas copiosos rios de prata.

Com a noticia desta riqueza, e de estar despovoada a Região, vierão muitas Nações Estrangeiras, como forão Celtas Bracarros Celtas Bereos, ou Celuberos Gregos, Sirros, Caldeos, e Judeos, Pheniceos, e Carthaginezes, e finalmente Romanos, que dominárão a Religião muitos seculos até o anno de 411 do Nascimento de Christo. em que entrárão em Hespanha os Wandalos, Suevos, e Alanos, (povos de Alemanha) passando os Pyreneos, e a dominárão, ao mesmo tempo. que os Godos baixando de Suecia conquistavão Italia com seus Reis Alarico, e Ataulfo, que por sua morte empunhára o Sceptro.

Foi Athaulfo o primeiro Rei Godo, que dominou Hespanha, onde entrou com o direito da doação feita pelo Imperador Romano Honorio, e melhor com o das armas, e victorias, que ella, e os mais Reis Godos seus successores alcançárão dos Wandalos, Alanos, e Suevos. Reinárão em Hespanha successivamente, Segerio, Wallia, Theo-

344 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
dorico, Thurismundo, Theodorico II, Eurico,  
Alarico II., Gelsarico, Theodorico III., Ama-  
larico Theudio, Theudiselo, Agila, Athanagildo,  
Luiva, Leovigido, Recaredo, Luiva II, Witeri-  
co, Gundemaro, Sisebuto, Recaredo II., Suinti-  
lha, Sisanado, Chintilla, Turga. Sindasuindo, Fla-  
vio Recesvindo, Wamba, Flavio Eringo, Flavio  
Egiga, Viliza, e Rodrigo ultimo Rei Godo, em  
cujo tempo invadirão os Mouros o Imperio Go-  
tico e passando o estreito de Gibraltar, vencêrão  
a celebrada batalha dos de Xerez de la Frontera,  
qua perdeu depois de a disputar oito dias conti-  
nuos Rodrigo, e com ella a Corôa, ficando Hes-  
panha sujeita ao tyrannico dominio dos Mouros  
quasi oitocentos annos.

## CAPITULO V.

*Da invasão que os Mouros fizeram em Hespanha,  
e principio dos Reis de Oviedo, e Leão.*

Invadida, e senhoreada Hespanha pelos Mou-  
ros, se recolhêrão alguns poucos Christãos, a quem  
a fuga tinha salvado as vidas, ás asperas serra-  
nias de Asturias, onde fazendo da necessidade vir-  
tude, capitaniados pelo valoroso D. Pelaio, tor-  
nárão a conquistar aos Mouros aquellas terras de  
Asturias, e Cidade de Oviedo sua Capital, em  
que D. Pelaio pôz o assento de sua Corôa, fun-  
dando nova Monarquia renascida da grandeza  
dos Godos, e sustentada com o valôr de seus vas-  
sallos.

Foi pois o primeiro Rei de Oviedo, ou Astu-  
rias de que descendem os da Monarchia Hespaa-  
nhola D. Pelaio, e segundo seu filho D. Favila.

a quem tirou a vida um urso andando á caça, não tendo governado mais que dois annos e meio: morreo sem filhos, e por esta causa herdou o Reino sua irmã D. Ormesinda casada com D. Afonso, filho de D. Pedro Duque de Cantabria, ou Viscaia, que empunhou o Sceptro, e foi o terceiro Rei de Asturias, e Leão.

Teve este Rei o cognomento de Catholico (hereditario depois em seus successores) pelas muitas Igrejas que edificou nas Cidades que conquistou aos Mouros, principalmente em Astorga, Lugo, Tui, Braga, Porto, Flavia, (hoje Chaves) Miranda, Viseo, e Beja, que tão distantes forão suas Conquistas. De D. Afonso Catholico foi filho, e successor na Corôa D. Fruela, a quem succedeo seu irmão D. Aurelio, que morrendo sem filhos, entrou a reinar seu cunhado D. Silo, Principe da familia collateral de D. Pelajo, casado com D. Osenda irmã dos ditos Reis Fruela, e Aurelio.

Por morte de D. Silio entrou a reger o Reino El Rei D. Afonso II., que chamarão El Casto, que era filho de D. Fruela, por cuja morte não tinha succedido no Reino, por ficar de pouca idade; mas antes de completar um anno de governo, padeceo o tyranno Castros de Mauregato, irmão bastardo dos Reis Emela, e Aurelio, o qual protegido com exercito dos Mouros (dos quaes se fez tributario com o feudo annual de cem donzellas), depôz do Throno ao dito Afonso Casto, e reinou os dias de sua vida, por cuja morte entrou a reinar D. Bermudo (irmão do mesmo Afonso) chamado o Diacono, porque na verdade estava ordenado de Ordens de Evangelho; mas

sendo chamado de novo D. Affonso Casto, governou o Reino, conservando Bermudo o titulo, e dignidade de Rei o tempo que lhe restou de vida; e por morte deste foi outra vez Affonso legitimamente, e com muitissimo applauso de todos os povos acclamado Rei.

## CAPITULO VI.

### *Nascimento de Bernardo del Carpio.*

Além dos dois filhos Reis Affonso, e Bermudo, teve o Rei Fruela uma filha da Rainha sua mulher, chamada D. Ximena, cujas prendas, formosura, e sabedoria captivárão a liberdade do Conde de Saldanha. Sancho Dias de Castro, (ou Sandias, como as Historias lhe chamão) que pela nobreza de seus ascendentes, (era filho do Infante Vimarano, unico irmão do Rei Affonso Catholico, ambos filhos do Duque de Cantabria D. Pedro, descendente por linha recta, e varonil, do Rei Godo Kexaredo) e pelo valôr de seu braço, e gentileza de sua pessoa; e se no campo era conhecido Marte, tambem nos Palacios se inculcava Adonis, attributos capazes de attrahir o alvedrio de Venus de seu tempo D. Ximena.

Forão aquelles amores, entre o Conde de Saldanha, e a Infanta Ximena, castos, até que o Matrimonio lhes unio os corpos, cujas almas já tinha unido o affecto, mas foi com tal cautéla o casamento destes dois amantes Principes, por causa do temor dos Reis Affonso, e Bermudo, irmãos da Infanta, que não foi possível perceber se delles, ainda que totalmente não se escondia a Affonso a união das vontades de sua irmã, e do Conde de

Saldanha, mas nunca suspeitou haver Matrimónio entre elles, e menos existir já fructo d'elle, que era o Principe Bernardo, unico objecto desta obra, que com o devido cuidado se criava nas montanhas de Aviles: e sabido pelo Rei, este inclinado á vingança determinou Côrtes para a Cidade de Leão, as quaes indo o Conde de Saldanha, como era obrigado, foi nellas arrastado, e levado preso ao forte Castello de Luna, escura, e apertada prizão. Foi tambem a Infanta encerrada por mandado d'ElRei seu irmão na perpétua Clausura de um Convento, onde por alguns annos lutou com a morte, que mal podia viver ausente da prenda amada, que com tanto excesso tão deveras amava.

## CAPITULO VII.

*Como Bernardo se criou sem saber quem erão seus Pais, e foi por encanto furtado por Uronte.*

Em quanto os mal affortunados amantes progenitores de Bernardo padecião os castigos, que a vingança de um Rei offendido lhes déra, passava elle nas montanhas de Aviles em Asturias os annos de sua puericia nos divertimentos da caça com os filhos dos montanhezes seus visinhos, sem se imaginar mais que um d'elles, pois ignorava os altos caracteres de sua Real prosapia exercitando os jogos, que ao tempo, e á idade mais se apropriavão.

Neste socego de espirito, e tranquillidade da vida se achava Bernardo sem cautela aos trabalhos, quando um dia seguindo sua venatoria inclinação no mais intrincado dos altos penhascos,

e serranias, vio que, rompendo o diafano dos ares um alado cavallo, qual outro Pégazo servindo de portatil constelação a um venerando Belerefonte, para elle dirigia os passos compassados no vôo: assustou-se da novidade, ainda que não temeo o monstro, pois entestando um venablo, que na mão trazia, esperou a pé quedo qualquer accoimmettimento.

Tocou o ligeiro bruto com os pés a terra junto ao resolute mancebo, e abatendo as azas, que fóra da natureza lhe déra o encanto, sabio do enrolado dellas um esqueleto, se venerando pelo branco de suas prelixas barbas, corrido pelo composto de sua figura, e prostrado aos pés de Bernardo lhe di-se estas palavras: — Detem, ó generoso mancebo, o mavorcio furor, pois não te busco para te offender, eu sou Oroate, aquelle sabio portento do encanto, venho mandado pela Maga Allina, para que neste grifo, em que desci, te leve aos grandes palacios de Morgana.

Não forão necessarias mais instancias, nem persuasões de Oronte para que Bernardo acceitasse a offerta, pois sempre o animo lhe dictava emprezas mais que ordinarias, subio sem medo sobre o alto grifo juntamente com seu conductor Oronte, endireitando a viagem para os magicos palacios da grande Morgana; mas estando Melguesi, Magico Francez revolvendo os encantos de seu obscuro livro, lhe foi manifestado entre elles o roubo, que Oronte fizera do valoroso Principe, e para o atalhar lhe sabio ao encontro pelos ares, e com a vernal furia investio o volatil grifo, que servia de aerea barca aos dois navegantes: não permittio porém a sciencia de Oronte que o en-

canto de Melguesi prevalecesse; antes mando de encanto contra encanto, fez com seus conjuntos que elle ficasse pendurado de uma arvore, ludibrio da Magica, e lastima dos seus Francezes.

## CAPITULO VIII.

*Como Bernardo se livrou do encanto de Orante, e por outro se embarcou.*

Tinha o Rei D. Affonso casto convidado com a successão da Corôa de seu Reino ao grande Carlos Magno, Imperador que ao depois foi, e naquelle tempo era Rei de França, e Alemanha, a qual offerta lhe fizera, por não ter filhos, e desejava vêr expulsados de Hespanha nos Mouros, que nella se nchavão tão poderosos: fundava-se bem este desejo de Affonso, pois tinha Carlos Magno com seus doze Pares destruido os copiosos exercitos do Almirante Balão, e provado suas armas contra o poder dos Imperadores dos Mouros, que residião em Cordova, e no tempo da offerta se achava com poderoso exercito no Principado de Catalunha contra o valente Marsilio Rei Mouro de Çaragoça, e de Aragão. Aceitou Carlos a offerta, e se preparava a entrar armado a tomar posse do novo Reino, quando lhe chegou a noticia de que ElRei Affonso arrependido revogára a doação, se bem que elle lhe segou em segredo do cumprimento della; mas por condescender com o animo de seus vassallos, foi preciso fazer a reclamação em público.

Noticiando Bernardo por seu conductor Orante de que Carlos Magno se achava em Gerona, Cidade de Catalunha, lhe rogou o levasse á sua Cór-

te, porque tinha vontade de ser armado Cavalleiro por um tão grande Monarcha, e Capitão tão valente; mas Oronte que outra coisa não procurava mais que livrallo da communicação Franceza, o dissuadiu do intento com razões sufficientes a mover outra vontade, que não fosse a de um Principe rapaz inclinado ao que se lhe contradiria; e com não soárão bem nos ouvidos do Principe os conselhos contra seu gosto, antes estes os movão mais á execução delle, esquecido Bernardo do que sobre aquelle grifo hia nos ares sujeito ao encanto de Oronte, temeraria, mas valorosamente com impaciencia lhe lançou a mão á mal penteada barba, e suffocado entre a cólera, e o respeito lhe disse estas palavras: — Ainda que nesta região do ár me vejo sujeito ao teu encanto, não haç de triunfar de mim, como fizeste do Magio Melnesi, porque vale mais o meu valôr, que os seus livros: logo, logo me põem seguro na terra, sobre que vamos, aliás suberei tirar-te a vida entre meus braços, e governar este grifo até terra firme.

Bem vio Oronte que a acção temeraria de Bernardo era filha mais do alento, que da prudencia, e com mostras de queixoso, guiou para terra os vãos do grifo; e pondo nella seguro a Bernardo, se ausentou sem lhe dizer palavra, deixando-o sobre as montanhas dos Pyreneos, donde caminhando só a pé para a parte do már Mediterraneo, que lhe ficava perto, e cujas agoas elle muito bem divisava. Oronte, que não se offendeo da atrevida acção de Bernardo, (porque são as de valôr mais crédoras de affecto, que dignas de castigo, posto que pareçam offensa) usando de sua

magica arte lhe pôz prompto um bem ajaezado cavallo, que um lacaio no meio do caminho ao pé de um copado freixo tinha pela rédea.

Chegou Bernardo a buscar a sombra do freixo, quando ouviu ao lacaio estas palavras: — Oronte, meu Senhor, envia a V. Senhoria este cavallo, para que menos cansado desça o escabroso desta montanha. e esta espada, de que possa usar em qualquer perigo. — Então Bernardo montado no cavallo, desceo a procurar a praia.

## CAPITULO IX.

*Das representações, que teve Bernardo em sonhos que depois achou verdadeiras por encanto, e se embarcou com effeito.*

Caminhou Bernardo, o que lhe restava do dia, por meio de um intrincado bosque, no qual lhe chegou a noite, e se resolveo a apear-se, a esperar a luz do dia lhe servisse de norte á sua jornada: apeado pois lançou-se sobre o feno nativo da serra, e o lacaio, que lhe servio de unico companheiro, tirando a sella ao cavallo lha accommodou em fórnna, que pudesse servir-lhe seu brando coxim de travesseiro, e passando a pensar o brutto com abundância de feno, que pizava, deixou só ao nosso Bernardo, que por ser de poucos annos. (apenas contava quatorze de idade) cansado do caminho, se deixou render do somno.

A poucas horas que o detinha o repouso, lhe pareceo entre sonhos que ouvia dolorosas, e sentidas vozes de uma mulher, que afflicta se queixava: despertou alterado, e levantando-se resolutto, como nada visse, perguntou ao lacaio se ouvira

alguma cousa, que causa-se novidade? Mas assegurado de que nada havia, resolveo ser fantasia da idéa representada no sonho, e tornando a deitar-se, e a dormir, repetio a fantasia as mesmas vozes, e logo lho pareceo que via uma bem trajada, quanto formosa donzella, que em lastimosos choros se queixava de ser mal correspondida seu amor de um amante, que lhe tinha violentado a liberdade, e pedia soccorro entre affictos soluços contra um tyranno.

A novidade fantasmal o despertou; e posto a pé, metteo mão á fatal espada, e sem reparar para onde o furor lhe guiava os passos, partio a buscar a causa delle, publicando a vozes alteradas estas balbuciantes palavras: — Espera Angelica, que, nesta espada achará remedio tua afflicção.

Porém vendo que nada se lhe representava visível, continuou cuidadoso: — Aonde, sonhada Deidade, mandas te busque? Aonde queres te siga? A estas vozes não achou mais resposta, que as ultimas dicções dellas, que lhe to:navão em ecos as concavidades das oppostas brenhas, e somente lhe servirão para despertar o iacaiio, que conhecendo que a Aurora se avisinhava, e já com seus reflexos se lia divisando a praia, que perto estava, adereçou o cavallo, em que logo subio Bernardo, e confuso com as especies da imaginativa visão, remetendo ao silencio seu discurso, caminhou á vista da celebre Cidade de Colivre no Condado de Ruissellon, situada entre os ramos despenhados dos Pyreneos, e foi parar á areosa praia do már Mediterraneo, junto aonde o rio Tethie lhe paga em tributo toda a prata, que os mesmos Pyreneos lhe communicão.

Naquelle praia achou Bernardo um bem equipado hiate, sem mais chusma para o governo que o bom adorno; e como Bernardo era rapaz, e lhe assistia o desejo de cousas grandes, e acções heroicas, entregando o cavallo ao laçao com recado de agradecimento para seu Senhor, se resolveo a embarcar-se, e fazer jornada naquelle velado coche, até onde os fados o guiassem.

Achou no mesmo hyate umas armas brancas douradas, e polidas com todo o primor, as quaes provando, achou-se lhe ajustavão tanto, que parecia forão fabricadas pela medida de seu corpo.

## CAPITULO X.

*Como Bernardo foi ter a uma Armada por encanto, e de como foi armado Cavalleiro pelo Imperador da Persia.*

Armado já Bernardo com tão lustras armas que lhe accrescentavão o garbo, depois de refazer-se com algum sustento, do que no hyate achou, pôz na cabeça um capacete corôado de finas plumas, cuja variedade de côres inculcava um flôrido jardim na primavera, e descendo a vizeira ficou com o rosto descoberto; representando um aspecto mui senhoril.

Navegou airoso o nosso Bernardo feito Capitão, Piloto, e mariuheiro da embarcação, em que hia passageiro, e sulcando as crespas ondas, sem mais sciencia da nautica que o norte da fortuna; pouco tinha elle navegado, a seu parecer, quando se achou abordado a um forte galeão, que servia de Capitania a uma emprezada armada. quiz subir a bordo, quando vio que armados o espe-

354 HISTORIA DE CARLOS MAONO,  
ravão, resolutos a todo o lance, dois soldados,  
que nos seus trages parecião pessoas principaes.

Podia o nosso Bernardo alterar-se á vista de  
resolução tão opposta. mas julgou temeridade so-  
bre a agou accommetter em partido tão desigual,  
e usando de prudencia, não esperada em annos  
tão verdes. Lhe disse: — Eu, valorosos soldados,  
venho guiado dos fados buscar esta armada, da  
pouca comitiva que vedes no hiate, que me con-  
duz, podeis conjecturar o pacífico de meu animo,  
pois nada mais procura que servir-vos, e presen-  
tar-me ao capitão de tão importante armada.

A estas comedidas palavras respondeo um dos  
opostos: (depois que ambos dando-lhe cortez-  
mente as mãos o subirão a bordo.)

— Sabe, que o General desta armada, e que  
tem ao presente sua morada nesta grande não,  
é não menos que o grande Orimandio Impera-  
dor de toda a Azia, e Rei de Persia: caminha já  
com a mesma para a Siria, acompanhado da mui  
grande Angelica, Imperatriz do Catai, ou Gran  
Tartaria, adorado idolo da veneração do Impe-  
rador, e singular portento da formosura; pódes  
seguir nos, á sua Imperial Camara, para beijar-  
lhe a mão.

Levado no meio dos dois nobres Persas o nosso  
Bernardo, foi apresentado ao Imperador Oriman-  
dro, que admirado de sua gentileza de rosto, e  
bom talhe de corpo o recebeu benignamente.

Depois que Bernardo lhe fez as devidas reve-  
rencias, e genuflexões com o capacete na mão  
esquerda, posto de joelhos, lhe beijou submisso a  
mão, e sendo mandado levantar, fez de pé ao Im-  
perador esta supplica com as seguintes palavras.

— Eu Augustissimo Monarcha, sou um Hespanhol com tal altivez de animo, que por ella me considero bem nascido, ainda que não tenho noticia de meus progenitores, naquelle pequeno baixel surquei o grosso destes mares, sem mais Piloto que o destino dos fados, até chegar a esta grande armada, aonde logro a dita de tua presença; e assim te peço me armes Cavalleiro, que para meu brio não o seria de outra mão, que não fosse a de um Monarcha tão excelso: não desmereço o favor, nem tua mão se indignará da obra.

— Ficou tão agradado o Imperador Orimandro da petição do gallardo mancebo, que chamando a si os principaes Cabos de sua Côrte, e os Magnates de seu Conselho, armou Cavalleiro ao nosso Bernardo, assistido de tanta Nobreza, e com apparato tão esplendido, que não cedeo ao grandioso luzimento da maior Côrte de todo o Universo.

Convidou Orimandro para este effeito a formosa Angelica, adorado emprego de seus mais puros affectos em outro tempo, quanto naquelle presente objecto de seus descuidos. Foi a função feita na mesma Camara Imperial, onde assentado o Imperador em sua aurea cadeira, e a Imperatriz Angelica em outra de não menos valôr, se deo principio ao acto, pondo-se Bernardo de joelhos perante a Imperatriz, e beijando a espada lha deo com estas palavras: — Para me considerar um Marte, preciosos favores da melhor Venus: seja a primeira (formosissima Imperatriz) cingir da vossa mão a espada para a seu tempo a empregar com razão em serviço vosso.

— Angelica recebendo a espada com uma acção quasi riçonha, a metteo no tahali, e bainha, despedindo do intimo de seu peito um sentidissimo suspiro. que abrazou com differentes effeitos os corações de Bernardo. e Orimandro; se o deste em azulados zêlos, o daquelle em candido amor.

Disfarçou porém o Imperador, o que zêloso conheceo em Angelica, e Bernardo, por não dár a entender aos circumstantes a offensa concebida, e continuando o principiado acto, elle por sua mão calçou as esporas ao novo Cavalleiro, ajudando todos os principaes de sua Córte a investir-lhe as armas.

## CAPITULO XI.

*Como o Imperador Orimandro teve zelos de Bernardo por amor de Angelica, e do desafio que lhe fez Bernardo.*

Conhecco Bernardo que Angelica era a mulher afflicta, que em sonhos se lhe tinha representado no bosque, pedindo favor contra um amante desagradecido, e conheceo o Imperador que Bernardo, e Angelica tinham unido os corações passados do peito de um ao do outro em recíproco troco pela primeira vista; e não podendo supportar os zêlos, (que muito foi em um soberano podellos disfarçar) e despedidos os principaes Magnantes de sua Córte, ficando só elle com a Imperatriz, Bernardo, e alguns domesticos assistentes, disse estas palavras encaminhadas a ambos:

— Possivel é (atrevido rapaz) que não imagi-

nes que sou eu o Imperador da Persia! Que a Dama que está presente, a grande Angelica Imperatriz de Calay, Gran Tartaria, e China, unica Venus destes tempos, singular modelo da formosura, e idolatrado idolo da minha veneração! Pois como te atreves ainda a meus olhos pôr por inclinação os teus na Deidade, que amo, muito mais havendo a differença sem medida, que devias conhecer? —

Poderião estas palavras, ditas em tal tempo, em tal lugar, e com taes circumstancias, não sómente assustar, mas logo deixar sepultado no cahos da morte a qualquer homem de animo agigantado que o de Bernardo; porém como este fosse sem medida, e nunca conhecesse a cara ao medo, respondeo com grande socego não por este modo:

— Se tu (oh grande Orimandro) não querias que eu amasse a formosa Angelica, era preciso que não a pozesses patente á minha vista; pois faria maior affronta á sua formosura meu animo livre, se, vendo-a, lhe não rendesse logo a vontade, divida victima a tanto simulacro: agora reconheço certa uma representação, que a fantasia de um sonho me fez duvidosa: nelle vi a formosa Angelica, que afflicta me pedia socorro contra teu pouco amor, contra a tyrannia, com que a detens, e contra a sem razão com que a desterras de seu Imperio, por isso sem que me julgue o Mundo por ingrato ao proximo recebido favor, te desafio formalmente para corpo a corpo em singular conflicto mostrar que nunca tiveste o amor devido a quem, por te querer, e seguir, deixou tão grandes Imperios, e que faltasse á pa-

lavra dada a quem por ti não temeo viver em desterro. —

Entre picado, e corrido se soffocou o respeito do Imperador Orimandro, e esquecido da offensa, que Bernardo fazia á sua grandeza, se lembrou sómente de que amante o excedia á vista da prenda amada; e como se prezasse das bizarras de Cavalleiro, que esta vez usar dellas com deização da soberania, e entre zêlos, e furor, disse a Bernardo estas palavras:

— Accetto o desafio, e pãrn campo do conflicto nomeio o convez deste galeão: para armas, espadas, e escudos; e para premio do vencedor, e credito do vencimento sómente.

— Callou, e sem mais razões sahio da sua Imperial Camara para o tombadilho da não, mandando a Bernardo o seguisse, o que elle fez, sem que lhe servisse de impedimento Angelica, que entre soluços, e lagrimas lhe pedia se não arriacasse.

No tombadilho da não puchou Orimandro da espada, e com ella fez signal a Bernardo que tirando tambem a sua da bainha, embaraçados os escudos, se investião.

Era Orimandro de corpo agigantado, e excedia muito em altura a Bernardo, a quem seus poucos annos não tinham ainda dado o complemento de membros, que a natureza lhe permittia, e por isso ficava quasi descuberto aos golpes de Orimandro, mas evitá-vos déstro, cobrindo se por alto com o escudo: forão grandes os talhos, que sem piedade se tirárão uma hora, que durou a contenda, mas Bernardo vendo-se sem escudo, porque Orimandro lho fez de um golpe em dois pe-

daços, picado de que tanto lhe durasse seu inimigo diante, lhe tirou no alto da cabeça um talhe, que sem dúvida seria o ultimo, se Orimandro não o reparasse destramente com o escudo; ficou porém este partido ao meio, e correndo ainda a espada pelo capacete, chegou a encarnar-se em uma gorra de multiplicadas dobras de setim, em que se embotarão os fios.

Livre Orimandro de este golpe, cuidou em desfazer-se do inimigo tão valente, tirando-lhe varios talhos, e revezes que amiudava, por não lhe dar lugar a que se refizesse para outro premeditado golpe; mas Bernardo, percebendo a destreza do contrario, lhe tirou recusado um talho á cabeça, que resbalando-lhe levou o capacete, e ainda o chegou a ferir no braço esquerdo, cortando o duro das armas, e continuando a decadencia lhe levou fóra a manopla, e com ella parte da mão esquerda, e para não lhe dar lugar a refazer-se, lhe segundou outro golpe na cabeça, que evitou Orimandro, lançando-se com todo o corpo por terra; mas não pôde excusar que ainda o alcançasse parte do golpe.

Prostrado em terra Orimandro aos pés de Bernardo, lhe pôs junto delles a espada, dizendo: — Aqui tens (oh mancebo o mais valente destas idades) a teus pés rendida a melhor espada, prostrada da Asia a soberba, e vencido o terror do mundo: sou teu prisioneiro, estou prompto a receber como tal, e vencido, as leis, que como vencedor quizeres pôr-me.

— Bernardo lhe lançou os braços, levantando-o da terra, e o levou a sua Imperial Camara, para nella das feridas ser curado.

## CAPITULO XII.

*Como Angelica foi por encanto arrebatada em um carro de fogo, e depois de achada, foi livre por Bernardo de um dragão, que a queria trazer.*

Já a este tempo os Capitães das dispersas náos da armada, que em torno navegavam, vendo seu Soberano medir as armas com um estrangeiro, ignorantes da causa, se avançarão á Capitania para soccorrer a oppressão, e castigar o que julgavam traizão, mas deleve os a certeza; que lhe derão os Cortezãos, de que fóra voluntario desafio, que já se achava finalizado, e seu Imperador, posto que vencido, satisfeito, e se retirarão ao largo, quando os suspendeo uma repentina vi-ão: pareceo que os Ceos se abrião, e da região do fogo sahia um carro do mesmo elemento fabricado, e baixando precipitado sobre a não Capitania, levou della arrebatada a formosa Angelica, que, amortecida com um accidente, se reclinára sobre o regaço de uma sua donzella do primeiro instante do conflicto.

Deo se logo esta noticia a Orimandro, que no seu leito assistido de Bernardo se achava, e causou nestes incentivos de desesperação a repentina saudade, e naquelle os do reconcentrado odio, e a ambos cegarão os desejos da vingança, e jurarão solemnemente procurar os authores daquelle, ao seu parecer, sacrilego furto declarando Bernardo a Orimandro ser feito por encanto, ou causado do odio de Melguesi, ou do grandissimo affecto de Oronte.

Mandou Orimandro que a armada proseguisse sua derrota avante, entregando o governo della a Bernardo, em quanto se detinha na cama curando as feridas; mas como estas se aggravavam cada dia mais com os vapores do már, foi preciso se procurasse terra em que surgir, para dar remedio a ellas.

Navegou-se alguns dias pelo már Jónio em demanda de alguma Ilha quando inesperadamente divisou Bernardo a terra, e lançando o esquife, depois de amainadas as vélas, saltou á praia Bernardo em companhia de Glauro famoso Geografo do Imperador, em sua companhia tambem alguns soldados para averiguar o trato da terra; acharão a pouco espaço uma cabana ao parecer de pescadores, para a qual caminhando, virão que sahia della um rustico, e mal vestido vulto, que pelo intenso de sua emmaranhada barba, e comprido cabello, mais parecia urso, que homem. Temeroso Glauro se retirava, se animado da escapada de Bernardo não tomasse de novo a respiração perdida do susto.

Quiz Bernardo investir a que se lhe representava fera no aspecto, e encantamento no traje; mas elle por evitar o perigo, se lhe lançou aos pés, e em lingua Hespanhola lhe pediu suspendesse a ira, segurando-o ser um pouco affortunado Leonéz, que alli naufragára. Informou-se Bernardo de seu nome, que lhe declarou ser Gundemaro, porque os naturaes da Ilha erão selvagens.

Tomou Bernardo, e os mais, levando consigo a Gundemaro para o seu esquife, que na praia deixarão, quando já o Imperador Orimandro, de-

sejoso da frescura na terra se tinha mandado levar nos braços, e sobre a arêa assentado seu rico leito debaixo de um pavilhão de vistoso brocado: estava porém tão perto da morte, que não conheceo os exploradores mandados, tendo sido causa de tanto dano desatarem se as ligaduras das feridas com movimento, e aballo. e correr dellas tanto sangue, que o deixou chegado aos ultimos parocismos da vida: sobresaltou-se Bernardo, porque era aquella, a que mais estimava, e indeciso no remedio de tanto mal, lho deparou a fortuna, por ser Gundemaro um experimentado Chimico, que resolute entrou a ligar-lhe as feridas, e se metteo pelo bosque visinho, donde em pouco espaço voltou com certas herbas delle sómente conhecidas, e machucando as as applicou sobre as mesmas feridas com novas ligaduras, em quanto os seus Medicos lhe applicá:ão fomentações ao estomago, e algumas bebidas, com que tornou a tomar alentos.

Mandou Orinandro formar seu campo por modo de arraial de uma, e outra banda de um fresco ribeiro, que das serras da Ilha descia á praia, e ficou tão bem formado, que parecia uma das mais populosas Cidades do Mundo, em que não faltava o necessario para o sustento, e regallo da vida humana, e ali entre divertimentos, e cortesios passou Bernardo alguns dias, que durou a molestia do Imperador.

Um delle, que achou mais apto, partio Bernardo com alguns Magnates da Côrte, acompanhados de muitos criados, e monteiros, a divertir se no exercicio da caça, a que era muito inclinado, por se ter criado nas serras: succedeo

que na entrada de uma horrorosa brenha ouviu lastimosas vozes de uma mulher, que aos Ceos se queixava da sua desgraça: dirigio os passos do cavallo para aquella parte, vio que um horrivel dragão tinha entre as garras uma bem trajada mulher, e a levava para o centro da gruta, arremetteo Bernardo á féra com a espada; mas ella, vomitando fogo pelos olhos, deixou a mulher, e dando espantosos assubios investio a Bernardo, que com um revez, lhe lançou a terra muita parte das notivas conchas, ainda que com a infelicidade de quebrar a espada; incidente que deo lugar a que o dragão lhe matasse o cavallo; mas lançando se braço a braço a ella rendeu o peçonhento espirito.

Passou logo Bernardo a buscar a mulher, que tinha sido infeliz preza de tão pestifero rapto, e a achou rendida ao parocismo de um accidente estendida em terra, e chegando a levantalla, vio que era a infeliz Angelica, Imperatriz do Catay, aquella que arrebatada fóra da Capitania de Orimandro pelo carro de fogo: cuidou em fazer que resuscitasse a accidentada Deidade, mas não lhe era possível; accommodou á meia defunta a seus hombros, e com tão gostosa carga partio a buscar os companheiros, quando ouviu que do centro da horrenda cova uma tremula voz o chamava por seu nome proprio.

### CAPITULO XIII.

*Como Bernardo soube quem erão seus Pais.*

Admirou-se da novidade não esperada; e como não tinha medida seu valôr, voltou com o

logo os passos a buscar intrepido quem em terras tão desconhecidas lhe sabia o nome; e entrando pela cova, achou franqueado o caminho até uma aprazivel estancia, em que vio o esperava um venerando velho, que encostado a um nodoso cajado o convidou a que depondo a preciosa carga, toma-te assento de alguns, que a arte sobre o duro sabro da terra fabricára.

Accitou Bernardo a offerta, mas para vêr se achava commoda restauração ao accidente de Angelica, e inquirio porque seu nome era alli tão conhecido.

O velho que sabia claramente o enleio, em que Bernardo se achava, lhe disse logo estas palavras: — Sabe, ó grande Heróe, que eu sou aquelle Protheo, cujas fórmãs se achão em varias apparencias nas historias, com meu dom perfeito te conheço, e a causa porque conduzes essa Dama: a ella poderei logo dár remedio, e a ti alguns desenganos, por cude conheças quem és, pois ainda o ignoras.

Socegon Bernardo nas esperanças do que ouvia: e depondo a leve carga, procurou um púcaro de fresca agoa, a que Protheo acudio com algumas bebidas, que logo tornátão a seu ser a Deidade de Angelica. Agradecido ficou Bernardo a tanto excesso, e Protheo tomando assento desta maneira fallou assim:

— Talvez, valoroso Bernardo, que não te seja occulta a prolongada prosapia dos Reis Godos, donde descendes: conta desde o grande Alarico destruidor de Roma, e Athaulfo, que primeiro reinou nas Hespanhas, até o grande Recaredo, de quem por linha recta descende tua varonia: a

Pedro Duque de Cantabria, tronco donde brotarão as duas raias de teus nobres progenitores, tauto o famoso Sancho Dias de Castro, Conde de Saldanha, como a Infanta D. Ximena, irmã dos dois Reis Bermudo Diacano, já fallecido, e Afonso o Casto reinante em Oviedo, e Leão, nenhum destes, que te derão o ser, poderás vêr vivos, pois em vida os sepultou o mal afortunado de seus amores, e a ira de um Rei vingativo. —

Mais queria dizer Protheo: mas foi impedido pelo grande estrepito de uma tropa de cavallos, que á porta da gruta se ouviu: porque imaginando Bernardo ser alguma nova aventura, sahio fóra, e achou serem soldados do Imperador Orimandro que cuidadoso na sua falta mandou buscarlo pelos bosques; e com a tropa uma portatil liteira de mão, para que sendo achado o levassem com descanso, imaginando ter-lhe succedido algum despenho, ou outro fatal infortunio, daquelles a que a caça está sujeita.

Agradeceo Bernardo a Protheo os recebidos favores, e despedido delle fez que Angelica entrasse na preparada liteira, e elle montado em um dos cavallos da tropa partio com todos gostoso a buscar o arraial do Imperador, de quem foi recebida com a Imperatriz Angelica livre de tão conhecido perigo.

#### CAPITULO XIV.

*Como uns piratas roubardo Angelica; andando á caça, e Bernardo partio em uma armada para a buscar.*

Passou alguns dias Bernardo entre as festas,

que a Côrte de Orimandro fez pelo feliz successo de Angelica, gloriosas victorias de Bernardo, e restabelecimento da saude de seu Imperador, e em quanto se fortalecia este mais nella, sahio muitas vezes a formosa Imperatriz á caça, á qual não acompanhava Bernardo por não dá causa a novos rêlos ao Imperador, que conservava sempre o primeiro affecto, fatal politica, e mal succedido empenho foi aquelle de Bernardo, pois em um infausto dia em que sahio, como em outros, a Imperatriz a lograr o divertimento da caça ao redor da praia sobre um Persiano cavallo, alongando-se mais do que devia da caterva de seus monteiros, se achou surprehendida de uns corsarios, que a transportarão a uma piratante fragata: e se fizeram ao már algudias as vélas. Chegou á noticia do Imperador Orimandro, e Bernardo o atrevimento dos corsarios a tempo que já nem com a vista poderão alcançallos.

Não pôde socegar um, e outro, em quanto não preparavão uma esquadra de dez bem equipadas náos, e sahio com ellas Bernardo a procurar os corsarios. Surcou o már Jónio com vento prospero, e a poucos dias da viagem descobrio a armada dos corsarios, que buscava o porto de Corsica: mandou Bernardo seguir os corsarios, largando ao vento todo o panno: e elles que contárão o número das vélas inferior ao seu, procurarão fazer-lhe bordage afferrando se as náos. (costume daquelle tempo, em que ainda os basiliscos de bronze não vomitavão as ferreas ballas, que pela boca concebem) saltou Bernardo logo na Capitania, e com a espada núa fez tal estrago nos offensores corsarios, que a não servio de cemiterio

de corpos mortos, pois cada golpe era perda de uma vida: não se de-cuidavão os Capitães Persas das outras náos, aonde Bernardo, saltando sobre as lançadas pranchas, já em uma, já em outra, parecia raio animando com as vozes, e melhor com o exemplo: muito fez a sua espada; mas não fez menos o terror de seu braço, seu exemplo para os Capitães, e soldados, e suas ordens para a boa direcção dos accommetimentos; em tal fórma, que depois de duas horas de combate, foi preciso ás náos dos corsarios, que afferradas não estavam, fazer-se ao largo, e retirar-se com fuga conhecida, deixando dês, que não poderão fugir.

Entre os despojos de tão grande victoria se achou a bella Angelica. e á vista della se prostrou Bernardo rendendo-lhe os devidos obsequios, e as armas, tanto vencidas, como vencedoras: recebeu della o agradecimento com os carinhos, que lhe dictou o amor, que lhe tinha; porém como Bernardo hia mandado por Orimandro, e ás suas ordens, com sua armada recobrou a liberdade de Angelica, antepôz o pondenqr de leal Capitão ao fogo, em que seu peito ardia, e por isso tratou Angelica, com o cortejo devido á sua grandeza, servindo a mais vasallo que amante, até que chegando-se á presença de Orimandro pudesse como livre empregar os affectos amorosos no unico objecto de seu amor. Famoso Heróe, que pôde vencer se a si mesmo em uma batalha, onde peleja com armas domesticas o amor.



## CAPITULO XV.

*Como depois que Bernardo alcançou os corsarios, e os venceo restaurando a Angelica, a sua não se perdeu em uma tormenta.*

Navegava Bernardo com dobrada frota a procurar a Ilha, em que a Côrte de Orimandro ficára, fazendo que Angelica governasse a armada na Capitania, em que se embarcára, e elle como Almirante seguia a retaguarda, quando Melguesi, aquelle encantador, e magico Francez, não se esquecendo do entranhavel odio, que contra Bernardo concebêra, e mais se lhe augmentára com o escarneo, que Orontes lhe fizera, quando o deixou suspenso de uma arvore, invocando com seus conjuros as potestades infernaes, alterou de tal fórma os mares, que parecia que offendidos dos tempos, postos na praia, intentavão quebrantallos. e passar a subverter o Mundo.

Principiãõ os Pilotos a seguir os lémes, os marinheiros não socegavão a amainar as veias; tudo era confusão, tudo gritaria; crescia a confusão com o negro manto da noite, que não dava outra luz mais que a ministrada pelos raios, para se verem os estragos da tormenta. Dispostas as náos tiverão a fortuna de seguir seu rumo, cessando a tormenta, porque Melguesi, como sómente perseguia ao nosso Bernardo, Incitou as furias avernaes, para que, deixando navegar a Capitania, em que Angelica hia, com as mais náos, que a seguião, até á estancia, onde Orimandro esperava, sómente perseguissem a Almirante, ou-

de Bernardo se embarcára, para que assim com a perda da Dama, que amava, soffresse este sentimento, e dando com a não outra vez em um penhasco na praia, se fez em pedaços, cuidando cada um dos naufragantes em salvar a vida; e que tambem fez Bernardo, valendo-se de uma taboa, e sobre ella foi contrastando a fortuna, até que as agoas proprias o arrojáão na arriosa praia de Achai, junto aonde se acha a Cidade de Lepanto, famosa pela grande batalha. que o celebrado D. João de Austria, filho do Imperador Carlos V, venceu contra os Turcos.

## CAPITULO XVI.

*Como Bernardo escapou da tormenta, e livrou uma mulher de ser morta por um leão, e com ella partio para Delfos.*

Sabio Bernardo a pizar a appetecida arêa, e depois de dár a Deos as graças devidas por favor tão grande, foi caminhando penosamente com o pezo das armas, de que hia vestido até um monte, (seguro já do impeto das agoas) onde assentado para tomar respiração do passado naufragio, olhando para os mares entre soluços movidos com a lembrança da perda de Angelica, e lagrimas que lhe causava a vista de alguma parte dos mataréos da despedaçada não, proferio estas palavras: — Oh, Angelica, doce objecto dos meus affectos, se padeceres a miseria, que contemplo, pouco lucraste na victoria, que ultimamente te offereci amante: melhor fortuna talvez terias captiva de corsarios.

→ A este tempo vio Bernardo que o már arrojava á terra uma mulher, que fôra sua compaheira no naufragio; e descendo logo para a buscar, e dár-lhe soccorro, se delle necessitasse, foi tanto a tempo, que a pôde livrar de um feroz leão, que encrespando a frente com a cóla em arco, accommettia a misera mulher arrojada pelas ondas. No meio da acção intentada o suspendeo um brado de Bernardo, que até sua voz fazia temer o bruto mais forte; e pegando-lhe com o costumado valor nos cabelludos braços, puchou por elles com tal violencia para os lados, que lhas separou das espadoas, cahindo morto em terra com espantoso brumido.

Livre a amortecida mulher de tão conhecido, perigo, achou nos braços de Bernardo o descanso a tempo que já tornava a recuperar os vitaes alentos, e entre agradecida, e chorosa, foi seguindo ao alto do monte os passos de Bernardo, e sentados ambos para tomar descanso relatou per natural de uma Cidade daquella Provincia, que chamavão Delfos, (célebre em outro tempo pelo Oraculo de Apóllo, que em uma gruta por boca de seus Sacerdotes dava ambigvas respostas a douradas perguntas) e que seguira com seu marido aquella derrota, e este fôra victima do furor de Bernardo, sendo um dos Capitães corsarios daquella vencida armada.

Resolveo-se Bernardo a acompanhar a mulher até Delfos para a entregar a seus Pais. que ella dizia serem vivos, e dos mais ricos da Cidade; mas a falta de meios para a jornada (pois se achava n'pé, e sem mais traste que suas diamantinas armas) o punha em uma inconsolavel consternação

de espirito, o que conhecendo a mulher (que Gualdina se chamava) lhe offereceu uma grossa cadêa de ouro, que enlaçava em um braço; para que, fazendo-a vender, podessem comprar sustento, e buscar cavalgadas, em que fizessem com menos trabalho a jornada.

Melhor succedeo do que imaginárão, porque acudindo de um lugar visinho alguns rusticos para socorrerem os naufragantes, admirando-se dos successos contados por Bernardo, e o levárão com Gualdina para a sua Aldêa, donde partirão em uma sege de caminho, que alugárão, deixando chorosos os Aldeãos que benevolios os tinham hospedado.

Chegarão á Cidade de Delfos, onde foram recebidos dos Pais, e irmãos de Gualdina com mostras de affecto, que se reconhecêião verdadeiras; e foi Bernardo tratado com grandeza igual ao devido agradecimento dos favores por Gualdina recebidos.

## CAPITULO XVII.

*Como Bernardo foi ás festas de Thebas, e nellas vence em singular desafio a Orlando sobrinho de Carlos Magno.*

Entre os irmãos desta se contava um bem disposto mancebo com o nome de Tritemio, a quem tinha a natureza adornado de valôr, e gentileza, e a criação, e trato de politica, e sciencia, que na Universidade de Athenas alguns annos aprendêra. Desejava Tritemio ir a umas festas que a fama fazia publicar, e se celebravão em Thebas (Capital Cidade de Acaya, e famosa no tempo dos Gregos) em obsequio das victorias que Irene

Imperatrix de Constantinopla tinha alcançado contra seu filho o Imperador Constantino VI., a quem vingativa do máo tratamento que lhe fizera, tirou, depois do Imperio, os olhos.

Offereceo-se Bernardo a ucompanhallo, e montados em dois formosos cavallos com alguns criados, que os acompanhárão. Chegárão a Thebas em tempo que já as festas hião em mais que mediana carreira

Entre os muitos, e bem luzidos, que se tinham apresentado nas carreiras, justas, e circos se achava um desconhecido mancebo de França, que se tinha distinguido em valór, e destreza de todos os que tinham corrido; e como o reconhecer se por singular em qualquer acção costuma produzir soberba no sujeito realçado, chegou a do Frances a fixar um Cartel vanglorioso; pois continha estas palavras: — Orlando, Principe de Anglante, sobrinho do nunca vencido Carlos Magno, Imperador dos Romanos, Rei de Alemanha, e França, e um de seus famosos Paladines, ou Pares, que tem sido assombro do Mundo, declara que em todo elle não á braço mais valente que o seu, e o sustentará em singular desafio a quem quer que o duvidar, e para esse effeito o dezaña logo como a fementido. —

Causou geral escandalo tão atrevido Cartel, e qualquer dos presentes Cavalleiros sahira á vingança, senão os detivesse o receio de serem vencidos; porque a fama de Orlando enclêra já o vago do Oriente, e se achava experimentada nas justas passadas; mas Bernardo que não pôde tolerar a soberba do Francez, no mesmo dia que se fixou no Cartel, escreveo logo estas palavras:

— Mente, e o sustento em Campo. — Novidade geral foi naquelle concurso o atrevimento de Bernardo, e muito se admirarão, quando a pouco espaço o virão no meio da Praça montado em um cavallo, sem mais companhia que sua espada, e lança.

Corrido se achou Orlando, quando vio em campo seu Contendor, e soube o descomposto da subscrição do Cartel; porém sahio a cavallo so, deixando na estacada a seu Padrinho, (Reinoldos de Montalvanera) e outros Cavalleiros de sua comitiva; e chegando a encarar-se com Bernardo, vio que elle tomando o campo á sua vontade se pôz com a lança de entriste, embaraçado na esquerda o escudo; acções, que fez com tanto garbo, que logo Orlando reconheceo havia de pelear com outro braço de mais valôr, que os experimentados até aquelle dia.

Fez tambem as mesmas ceremonias, e calando ambos as vizeiras, arremettêrão a todo o trote dos cavallos, e encontrando-se as lanças nos escudos, ambas se fizeram em pedaços: pucharão briosamente pelas espadas e procurou Orlando pelo lado esquerdo a Bernardo, que de proposito como por descuido se mostrava daquella parte descoberto para ser neconmettido pelo contrario: tirou Orlando o golpe a Bernardo, e este com um desvio do corpo o evitou; e logo sobre o descoberto de Orlando descarregou furioso outro, que recebido por elle em seu escudo, lho fez em pedaços, sem lhe valer o bem temperado aço, de que era formado. Picou se Orlando de valôr tão desusado, e empunhando com ira a espada, atirou outro golpe a Bernardo, imaginando alcançallo pelo

alto da cabeça; mas reparado com o escudo ficou frustrado seu intento, porque ficando descoberto, deu lugar a que Bernardo lhe atirasse um revez também á cabeça ao qual destra, e ligeiramente acudio Orlando reparando-o com a espada, da qual revalando a de Bernardo cahio sobre o pescoço do cavallo de Orlando, e lho levou cerceo, saltando-lhe a cabeça ao campo; e despedida a vida se precipitou em terra com Orlando; mas como sua ligeireza fosse igual a seu esforço, se levantou colerico para investir a desjarretar o cavallo de Bernardo, achou porém já a Bernardo a pé, e que arrojando o escudo caminhava para elle.

Orlando correo com a espada baixa em direitura a Bernardo, e posto com um joelho em terra, lançando-lhe aos pés a espada, lhe disse: — Sómente ao nome de tão grande Cavalleiro se rende de Orlando a espada; sou teu prisioneiro, podes dár-me o castigo que merece a culpa de não te exceptuar no Cartel.

— Bernardo o levantou nos braços, dizendo-lhe: Por agora, valente Orlando, só estesão castigo de tanto valôr. —

## CAPITULO XVIII.

*Corno Bernardo foi ás festas de Corinche, e venceu muitos Cavalleiros correndo a argolinha.*

Ditas por Bernardo estas palavras, partio a montar no seu cavallo, e em quanto Orlando se retirou a buscar seu Padriho, e companheiros, andou elle volteando pelo campo a cavallo com tanto ár, bizarría, e gentileza, que servio aos cir-

constantemente de inextinguível gosto, e entre um sem número de aclamações, chegou à estância, onde o esperava Tritemio, com o qual antes de ser conhecido se ausentou da Cidade.

Partirão ambos acompanhados de seus moços para a Cidade de Corintho, onde pela mesma occasião que os de Thebas, fazião os Corinthios semelhantes festas; e depois que gastarão alguns dias no caminho, divertidos com a ponderação do valôr de Orlando, e do atrevimento com que fixára Cartel tão soberbo, chegarão a Corintho, e entrando na Cidade a acharão envolta em sumptuosas festas, sendo as principaes os circos e justas, acções em que os Cavalleiros mostravão seu valôr, e destreza.

Aquartelarão se Bernardo, e Tritemio em uma lucanda até o dia signalado, para o qual um famoso Cartel promettia grandes premios aos vencedores da carreira, que hoje em Hespanha chamão Sortiga, e no nosso Portugal lhe dauos o mesmo nome, ou o de Argolinha.

Chegando o esperado dia do festejo, appareceo a praça adornada de ricos rases, vistosas portadas, e suas janellas de formosas Damas, e logo assentados os Juizes em lustrosas cadeiras se apresentou por mantenedor um galhardo mancebo, cujo garbo o inculcava sem opposição, e o escusava de Padrinho; sendo que como tal o acompanhava um venerando velho, cujos annos ao parecer de sessenta, se o inculcação para a veneração idosa, o mostravão na bizarrria mancebo: Corriêo o mantenedor o campo com as ceremonias, que as artes de Cavallaria naquelle tempo dispensavão, e depois correu tres lanças com tanto

ar, que deixou em admiração os circumstantes; e posto na tēla, (lugar costumado para assistencia do mantenedor) esperou oppositor para o realse.

Não havia quem á vista de tanta experiencia de arte se atrevesse a medir a lança, e esteve algum tempo suspenso o festejo, até que vendo Bernardo o lugar vago, posto a cavallo, e levando por padrinho a Tritemio, entrou na praça com garbo, e bizarría.

Passando a praça, chegou diante do theatro dos Juizes, aonde com as devidas reverencias, e usadas ceremonias, pediu Tritemio, como Padrinho, licença para a competencia; e sendo lhe concedida foi Bernardo á tēla, onde o mantenedor estava, e o desafiou formalmente.

Respondendo o mantenedor, que accitava o desafio, e feitas as reciprocas cortezias, se despediu Bernardo a dár parte a seu Padrinho Tritemio, de que se acha pela accitação do desafio obrigado a contender.

Partio logo Tritemio a buscar a tēla, e ahi mutuamente cortejado propôz ao Padrinho do mantenedor, se era contente seu afillhado de correr outras tres lanças, ou se queria que Bernardo corresse primeiro, e depois o mantenedor; foi porêr este, e seu Padrinho de opinião, que sobre as tres já corridas devia consistir a competencia, e que assim podia Bernardo correr.

Havida a resposta, partião os dois Padrinhos até diante do theatro dos Juizes, aonde os fizeram certos de que se davão por satisfeitos das tres lanças corridas; e Tritemio pediu licença para Bernardo correr outras tres: foi concedida pelos Juizes, e tomando o Padrinho do mantenedor seu

devido lugar para observar os defeitos de Bernardo, e os poder accusar a seu tempo, partio Bernardo com a lança na mão a medir a carreira, acompanhado do seu Padrinho até o lugar de seu principio, donde voltando correu a primeira carreira até sua méta, e com as devidas cortezias correu na mesma forma segunda, e terceira, no fim da qual se achou diante dos Juizes com seu contendor ao lado, que a altas vozes pedia se julgasse a Bernardo o premio, e lhe pedia n elle fosse occupar a téla, que, na forma que ricamente adornada se achava, lha deixou, contente Bernardo, havida licença dos Juizes, a foi occupar, mandando que Tritemio, acompanhado de muitos hoases, clafins, e timhales, levasse o premio vencido a uma das Damas, que se achavão presentes no espectáculo.

Posto Bernardo mantenedor, vierão muitos famosos Cavalleiros com seus Padrinhos contender com elle, publicando todos, que vinhão sómente por obsequio, e para tomar lições de tão grande lidiador; mas totalmente despidos da esperança do vencimento, o que o tempo mostrou, pois no decurso do dia logrou Bernardo vinte e dois premios com outros tantos competidores,

## CAPITULO XIX.

*Como Bernardo partio para Catalunha, e matou tres Capitães Franceses, que o querião prender.*

Era tempo de que Bernardo partisse para Hespanha, como desejava, para lograr na Patria os triunfos, que lhe promettia haver dos Mouros visinhos seu valôr, e para executar seus desejos se

despedio dos hospedes com muitos cumprimentos de affecto, e agradecimento; e montado em um cavallo, e um laçao de Tritemio em outro, se puzerão a caminho, e á vista de Centellas, no-bre Villa de Catalunha, se vio Bernardo accommettido de tres bem luzidos Cavalleiros Francezes, que separados do exercito de Carlos Magno, andavão em companhia de Orlando, e outros Capitães, correndo a terra a buscar Mouros, em que exercitar seu valôr: quizerão os tres Francezes levar prezo a Bernardo para o apresentarem a seu General Orlando, que, n pouca distancia com uma tropa de Aventureros ficara: e por mais que Bernardo lhes assegurou que de paz fazia sua jornada, voltando do Oriente para a Côrte do Rei de Leão, de quem era vasallo, não foi possível demovellos do primeiro intento, accrescentando com palavras injuriosas que o matarião se resistisse, vendo Bernardo a petulancia dos Francezes tirou da capada, e arremettendo ao primeiro, que embaraçado o escudo o buscava com a sua para emprego do golpe, lhe deu tal revez no descuberto do corpo, que lho partio em dois, ficaráõ os dois em dúbidas, entre accommetter, ou fugir, á vista de golpe tão desusado, e nesta perplexidade achou a capada de Bernardo o segundo a quem com semelhante valentia abriu com um golpe a cabeça até os dentes; e logo foi sobre o terceiro, que na retirada pretendia salvar a vida; e alcançando-o com outro golpe, o abriu pelas costas, ficando assim no breve espaço victorioso com sómente tres golpes de tres soberbos inimigos.

---

## CAPITULO XX.

*Como Bernardo venceo segunda vez em singular  
contenda a Orlando.*

Levãrão os cavallos dos Francezes mortos em seus amos despedaçados a noticia a Orlando, que caminhando em companhia de Dudon, soberano Conde de Fox, buscava a estrada de Centelhas, e admirado de tres golpes tão grandes, e para vingallos correo a todo o trote para a parte, donde os fugitivos cavallos vinhão, e a poucos passos achou assentado á sombra de um verde salgueiro (onde atára o cavallo) o nosso Bernardo. Perguntou Orlando todo cheio de ira se sabia quem daquella fórma se atrevêra a provocar a Orlando Principe de Anglante, sobrinho do Rei de França, e um de seus Pares, matando-lhe tão sem piedade seus companheiros; Bernardo para lhe responder se levantou em pé e segurando-lhe que sómente a cavallo, e com a espada na mão sabia responder, e saltando ligeiramente a cavallo, sem pôr pé no estribo, e sem que o pezo das armas lhe servisse de impedimento, tirou a espada, e se pôz frente a frente com Orlando, já a tempo que a seu lado estava da mesma sorte Dudon, e lhe disse: — Eu, ó valente Principe de Anglante, fui quem castigou a barbaridade que teus companheiros querião usar comigo, levando me preso, ou morto á tua presença, certificando-me eu ser um Cavalleiro Leouez, que do Imperio Oriental caminhava para a Corte de meu Rei, fiado do salvo conducto do direito das gentes: tu, como grande Capitão, acharas que o castigo

de seu grande atrevimento foi muito a tempo ministrado, e me louvarás a acção; e se (como não espero) culpares a minha conducta, e quizeres tomar vingança, em campo estamos, e com armas iguaes; advertindo porém que não será a primeira vez que Bernardo, sobrinho de Affonso Rei de Leão, vença a Orlando, sobrinho de Carlos Magno.

Perplexo com esta resposta ficou Orlando, e picado da passada victoria, como da presente jactancia de Bernardo, lhe disse: — Seja, soberbio Leonez, decisivo daquella contenda este campo, em que, commettendo um tão atroz delicto, fazes ostentação da tua arrogancia, sem que o favor recebido tenha preço, por se achar riscado do agradecimento uma patente offensa.

— Ditas estas palavras, arremetteo com a espada na mão a Bernardo, á vista do Conde de Frox, que aborrito da destreza dos dois contendores, não sabia deliberar-se a qual delles concedesse das armas a primazia: porém Bernardo, por não perder a posse de vencedor, apertou com Orlando, de sorte, que suffocado da cólera, já sem as regras da milicia, a todo o trance tirava os golpes, e dando um na cabeça do cavallo de Bernardo ao tempo que lhe lançou fóra do pescoço, quebrou a espada, saltou Bernardo dos estribos a terra, antes que seu cavallo nella calisse, e avançando-se para Orlando, tirou-lhe um golpe de espada ás pernas do cavallo, e levando lhas ambas cahio o bruto, já quando Orlando saltava a terra: largou Bernardo a espada, porque Orlando se achava sem ella, e chegando-se ambos braço a braço, teve Bernardo occasião de usar da grande força,

de que a natureza lhe dotára os membros, pois pegando em Orlando, ao primeiro movimento o lançou em terra, e segurando-lhe com a mão esquerda a direita, tendo sobre seu peito o joelho, lhe pôz á vista um agudo punhal, sinal do vencimento já a tempo que tinha Dudon saltado do seu cavallo, e com toda a ligeireza correo a impedir o golpe.

Bernardo que se vio com um novo inimigo em campo, voltou para elle resolutto; mas segurado por Dudon, de que aquella acção se encaminhava sómente a conservar a vida de Orlando sem offensa do vencedor, socegou o animo; e depois de levantar-se Orlando, e dár as graças a Bernardo pelo segundo favor de conceder-lhe a vida, pediu-lhe perdão do passado arrojto; e depois de gastarem algum tempo em reciprocas attensões, se resolveo Dudon dár a Bernardo seu cavallo para fazer jornada, e ficando os dois Paladines a pé; entanto lhe vierão outros cavallos.

## CAPITULO XXI.

*Como Bernardo chegou a Oviedo, e partio com uma armada para Italia a defender Roma, e muitos combates que venceu, com morte dos Longubardos.*

Partio Bernardo para o Reino de Leão; e entrou com o mesmo disfarce na Cidade de Oviedo, sua Côrte, havendo quatro annos que daquelle Reino se ausentára; foi recebido de todos os Cortezãos com o carinho, que merecião suas gloriosas acções, seu nascimento, e sua gentileza. El-

Rei seu tio mandou-lhe pôr casa, e dar tratamento como a parente seu.

Achava-se Affonso Casto com empenho de socorrer ao Pontifice Adriano (que governava naquelle tempo a Igreja Romana) contra o soberbo Desiderio Rei dos Longobardos, que lhe fazia guerra, com animo de o lançar fóra de Roma, e de extinguir em Italia o nome Christão.

Devia Carlos Magno tomar á sua conta a defenza da Igreja, por ser o principal Principe della, e ter recebido dos Vigarios de Christo grandes mercês; e como tivesse arrogado a si o titulo de Imperador dos Romanos, que fortemente lhe disputavão os do Imperio Oriental, cuja Côrte sustentavão em Constantinopla. estava obrigado a sustentar a Cabeça do mesmo Imperio Romano, e o Pontifice, que por seu respeito era desamparado daquelles Imperadores.

Por esta causa se achava já em Italia com poderoso exercito de Alemães, e Francezes, com bons Capitães, seus famosos Pares, e outros de igual nobreza, e valôr.

Innigo Arista, Rei de Navarra, tinha tambem por terra concorrido com um soccorro de quatro mil soldados de escolhidas tropas, e Affonso de Leão tinha equipado no porto de Santander, ou Santo André das Asturias de Santilhana uma armada de dezoito vélas das maiores, que naquelles tempos se usavão, com tres mil soldados veteranos para desembarque, e fiado no valôr de Bernardo seu sobrinho, lhe deu o bastão de General com universal applauso de toda a Côrte, e contentamento dos Cabos, e soldados da armada, na qual embarcado partio para Italia, e costeando os

mares de Galliza, e Portugal, entrou pelo estreito de Gibraltar seguindo a derrota pelas Costas da Hespanha. e França no golfo de Leão, mar Ligustico, e Thirreno nas de Italia, sempre terra a terra, porque naquelles tempos se não inventára ainda o miraculoso uso da agulha de marear, e chegando ás praias do Agro Latino, que hoje chamão patrimonio de S. Pedro, deo fundo a frota já dentro da boca do Tibre na Cidade de Ostia Tiberina, onde entrou este navegante Eneas, se não para conquistar Italia, ao menos para a defender.

Antes de sahir Bernardo a terra com seu exercito, se achou postado Lamissio valente Longobardo, General do Rei Desiderio nas ribeiras do rio com um exercito de seis mil cavallos, e quatro mil Infantes, para impedir o desembarque das tropas Hespanholas.

Sabio com tudo Bernardo a terra com alguma escolta, e teve com muitos Longobardos, dos mais arriscados, singulares desafios, e batalhas provocando-os para esse effeito de maneira, que contendeo com vinte e seis dos mais valentes; corpo a corpo, no espaço de quatro dias, sempre com o vencimento, até que Lamissio quiz experimentar fortuna, e a achou tão adversa, que depois de duas horas de bem debatida batalha, deixou a vida nas mãos de Bernardo, na mesma fórma que fizeram seus Capitães; e vendo os do exercito seu General morto, desampararão o campo em bem concertada retirada, e derão tempo a que Bernardo fizesse muito a seu salvo o desembarque de suas tropas, com o socego, que de sua boa conducta se esperava.

## CAPÍTULO - XXII.

*Como Bernardo chegou ao sitio de Roma, esta se livrou, e Bernardo voltou a Ovieda.*

Marchou Bernardo com seu exercito sempre formado em batalha, para evitar alguma emboscada dos inimigos, que seushores do campo em diversas patrulhas o corrião com frequencia, e depois de tres dias de bem regulada marcha, em que muitas vezes lhe foi necessario sustentar varias sortidas, e choques dos inimigos, de que sempre o desembaraça a victoria, chegou á vista da antiquissima Cidade de Roma, cabeça do Mundo, berço, e centro da Religião Catholica, e logo foi recebido por uma partida de Alamães, capitaneada pelo Duque de Baviera, que por mandado do Imperador vinha para o conduzir, e n seu auxiliar exercito, até se unir com o Imperial.

Neste foi Bernardo recebido com os cortejos devidos á sua pessoa, e pelo Imperador com carinho, e beneyolencia, assignando-lhe sitio para acampar.

Por ser esta acção do cerco de Roma pertencente aos Francezes, em cujas historias anda bem por exten-o, e por doulas pennas escritas. não faço relação de suas particularidades; somente com confiança digo, que foi Bernardo com seus soldados o principal instrumento do cerco de Roma, da victoria alcançada, da extineção do Reino dos Longubardos, que por mais de duzentos annos tinham sido terror da Italia; e finalmente foi Bernardo total segurança da Igreja, e Fe Catholica.

No tempo, que durou o cerco, houve acções particulares, em que muito se distinguio Bernardo, vencendo trinta e sete contendas corpo a corpo com outros tantos valentes Longobardos, e muitas sortidas, e choques do exercito infiel. E como as grandes façanhas se não mais faceis de invejar, que de imitar, derão as de Bernardo occasião a que os Pares de França, e mais Generaes do Imperador, cubrassem contra elle um entrañavel odio, que a inveja lhes produzia nos animos, do qual forão parto, ou tiverão principio as desgraças futuras succedidas na fatal batalha dos Pyrineos.

Acabada a guerra com a prizão do soberbo Rei Desiderio, e total ruina de seu exercito, logrou Carlos Magno a confirmação do Imperio, e Bernardo a gloria de tão illustres vencimentos.

Cheio della, mais que de despojos, (que estes desprezou sua generosidade) se despedio do Imperador, e mais cabos, e havida a benção do Pontifice, e com ella alguns privilegios para os Reis, e Reino de Leão, subio de Roma com seus soldados, e a jornadas mais largas chegou a embarcar-se na foz do Tibre, e feita a frota á vela, deo fundo em Santander depois de quarenta dias de navegação.

### CAPITULO XXIII.

*Da causa porque Carlos Magno, e seus Pares investirão com guerra a Hespanha, e Conselho que se fez nas Côrtes de Leão para a defensão.*

Carlos Magno com a confirmação do titulo de Imperador dos Romanos partio para França, on-

de instigado por seus Capitães, e celebrados Pares, resolveo passar á Hespanha, e castigar em Affonso Casto Rei de Leão, a reclamação, que tinha feito da doação de seus Reinos; e para este effeito juntou um poderoso Exercito com intento de conquistar o seu Reino, e dallo em feudo a seu filho Pepino, que intitulava Rei de Italia. Chegou a noticia do intento de Carlos Magno á Côrte de Oviedo, esobresaltados seus Grandes do receio de serem conquistados, porque as victorias de Carlos Magno, e seus doze Pares erão o objecto da Fama, procuravão pelos meios de accommodação socegar o animo de Carlos Magno com um feudo annual, para vêr se desistia da invasão intentada; e para isso convocando El-Rei Affonso Côrtes na Cidade de Leão, se propôz nellas mandar uma solemne Embaixada ao Imperador com poderes de o reconhecer Affonso por Soberano, por meio do annual feudo.

Não pôde porém a altivez dos brios de Bernardo tolerar que sua Nação fosse sujeita a outra estrangeira: e cheio de cólera, posto em pé no meio do Congresso, disse: — Se houver quem me siga, nesta espada tenho prompta a moeda para pagar o feudo á França; e se houver quem duvide seguir-me, (o que não cuido de tão grandes Capitães) fique-se no descanço da Patria, em quanto eu vou segurar-lhe a liberdade.

Forão ditas com tanta effiencia estas razões, que não houve um só no Congresso que não se levantasse resoluta a seguir a opinião de Bernardo, ao qual disse El-Rei: — Eu entrego o Exercito, á vossa despozição: — ditas estas palavras despedio as Côrtes, e se ausentou para Oviedo.

Deo Bernardo as ordens necessarias para levantamento do Exercito, e partio na testa delle á Cidade de Frias, onde se lhe unio um grande soccorro commandado pelo Soberano herdeiro do defunto Rei Marsilio, aliado de Affonso, cujo exercito era de trinta mil combatentes, numero, que motivou a Bernardo alguma desconfiança, lembrando-se do acontecimento de Roncesvalhes em que por traição foi desbaratado o Exercito de Carlos Magno, e mortos os Pares de França, com tudo porém encorporou a sua gente que erão dezoito mil homens e esperou o Exercito Francez nas montanhas.

## CAPITULO XXIV.

*Da celebrada batalha em que ficavão mortos alguns dos novos Pares de França.*

Marchava da Villa de S. João de Piediporto na baixa Navarra Carlos Magno com seu formidavel exercito, quando teve noticia, que os inimigos se achavão alli perto repartio como sabio General todo o campo em tres batalhas dando a primeira de Francezes a Reinaldos de Montalvão Principe e Pár de França, a segunda de Gascões a Dudon Conde de Fox, Pár de França, e a terceira de Alemães, e Italianos com a Nobreza de França a seu sobrinho Orlando Principe de Anglante, Pár de França, compondo os outros nove Pares uma companhia em que hião tambem mais Principes.

Na testa do Exercito Leonez marchava Bernardo, quando se topou com Reinaldos, e affrontan-

do-se de parte a parte fôão os Francezes rotos, e em precipitada fuga sem escutarem os brados do seu General. Dudon Conde de Fox teve peor fortuna no conflicto, porque querendo retirar-se não pôde escapar de ser morto encontrando-se com a lança de Bernardo: Tinha o herdeiro de Marsirio dado batalha a Orlando pela retaguarda ao tempo que este se affrontava com Bernardo, pela vanguarda, que lhe fez horrorosa matança nos Alemães, e Italianos.

Acodio a Orlando a companhia franca dos Pares, que investio a Bernardo, porém este descarregou tão furioso golpe em Orlando que perdeu a vida, e a mesma fatalidade padecêrão quatro dos Pares.

Morrerão no Exercito Imperial mais de sessenta mil homens ficando no campo toda a sua bagagem, que muito bem saciou a cobiça dos vencedores.

## CAPITULO XXV.

*Como Bernardo vence em batalha a Ibrakim General do Imperador dos Mouros, e o prendeo.*

Triunfante Bernardo de dois Soberanos, um ambicioso de Estado, e outro de fazendas, desceo logo a Navarra, e marchou para Oviedo, onde solemnisarão suas victorias. Porém chegou à Corte a infausta noticia de que os povos de Galliza se achavão tyrannizados por dois Exercitos de Mouros. Tinha entrado o primeiro por terras de Saygo, e passando pela Puebla de Senabria se achava pondo sitio a Vianna del Boio, Praça naquelle tempo de grande consideração.

Compunha-se de dez mil cavallos, e quinze mil Infantes, a quem com o caracter de General (Alcaide lhe costumão os Mouros chamar) governava Ibrahim, famoso Capitão, por nascimento Africano, e por linhagem descendente dos grandes Califas do Cayroão em Nomidia.

El Rei de Leão Affonso Casto, que em Bernardo seu sobrinho tinha a confiança da boa fortuna de suas armas, o mandou logo com tres mil cavallos, e dez mil Infantes socorrer os afflictos Gallegos: marchou elle pela passagem de Ponte-ferrada a jornadas grandes, até se avistar com os fainmigos, que intrincheirados o esperavão

Vendo Bernardo o receio do inimigo, mandou que seus soldados com a espada na mão recommettessem as trincheiras: assim o fizeram os valentes Leoneses, fiados no valor de seu Capitão; e com esta valorosa acção puzerão tal terror aos inimigos, que nem sómente se atrevião a defender-se, e custou mais a Bernardo, e a seus soldados a victoria, que o accommettimento; porque foi preciso cansar os braços com o grande número de seus golpes, pois nem fugir podião os Mouros. Ficou Ibrahim preso, e com elle mais de tres mil de seus Capitães, e melhores soldados, que servirão depois para trocar por Christãos cativos; e deixando os campos cheios de corpos mortos, em que se contárão mais de déz mil dos Mouros. e não mais que sessenta e quatro Christãos, fugirão os mais pelas asperezas da serra de Sanabria, onde poucos se salvárão de pererer á braveza dos Christãos habitantes das mesmas montanhas.



## CAPITULO XXVI.

*Como um General Mouro destruiu a Cidade de Flavia, e foi vencido em Galliza por Bernardo.*

Montou Bernardo parte da Infantaria em forma, que fez o número de oito mil cavallos, os mais delles famosos Andaluizes; e com outros tantos Infantes, deixando bem guarnecida Vianna, e nella os prisioneiros, e bagagens, partio em seguimento do outro Exercito dos Mouros. Compunha-se este de seis mil cavallos, e vinte e cinco mil Infantes, que nos territorios de Vizeu, Lamego, e Traz os Montes, que os Mouros tinham já restaurado, se levantáráo por Ali-Alcama, valente e destinto Capitão do mesmo Imperador de Cordova.

Ali Alcama tomou por objecto de sua invasão a conquista de Flavia, que lhe foi bem facil, porque os Christãos, atemorizados á fama do Exercito Mouro, (que para metter maior pavor tudo hia queimando) se retiráráo a salvar suas mulheres, e filhos no alto da serra do Larouco, que para a parte de Galliza em distancia de quatro legoas se lhe avizinha.

Conquistou poi. Ali Alcama a Cidade sem resistencia, mandando arrazar os muros, e queimar as casas. Passou com seu exercito aquella prolongada campina até á ponte de Villaça, que sobre o rio chamado de Avarellhos serve de passagem para o valle de Monte Rei, a tempo que marchava Bernardo com seu Exercito. Forma-

rão-se os exercitos em batalha, e reparou Bernardo no modo da disposição dos Mouros, que tinha de contender com Capitão de experiencia; por esta razão animou seus soldados, e admoestando os que fiados na victoria passada não desprezassem o conflicto muito presente.

Começou a batalha de ambas as partes disputando por espaço de quatro horas; quando de repente descêão dos montes visinhos algumas formadas de bandeiras Flavienses, e Gallegos, e que derão no exercito Mouro pela tetaguarda.

Venceo Bernardo a batalha com morte do General Mouro, e de seus principaes Capitães, e com a victoria ficou senhor do Campo, em que ainda os Flavienses, e Gallegos achárão muitas de suas fazendas, e mais de vinte e cinco mil Mouros deixarão as vidas. Dos Christãos faltárão uns trezentos e vinte, os feridos forão mais em grande número,

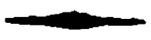
## CAPITULO XXVII.

*Como Bernardo venceo em batalha o Rei Mouro de Lamego, que estava sitiando Bragança.*

Não pôde deter se muito Bernardo a descansar com seu exercito, porque lhe chegou a noticia que Ores, Rei de Merida, marchou pelo Reino de Toledo com um copioso exercito de Mouros contra o Reino de Leão; por isso, despedindo as tropas Gallegas contentes com os despojos, que lhe repartira, marchou até o Valle de Moute Rei, ja sómente com o exercito de cavallaria, por ter montado a infantaria com os cavallos tomados na

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
batalha antecedente. Tinha o Rei Mouro de La-  
meço associado com alguns Capitães do de Ba-  
dajoz posto sitio a Bragança, e pretendião ga-  
nha-la por assalto, quando lhe chegou a noticia  
de se aproximar Bernardo. Deixando o sitio com  
algumas tropas, que servi-rem de guardar as ba-  
gagens, subirão á serra de Nogueira, e no alto  
della se affrontarão furiosamente com a cavalla-  
ria de Bernardo, já formada em batalha com as  
noticias, que suas guardas avançadas lhe tinham  
dado.

Não esperou Bernardo ser accommettido, e  
mandou avançar contra os Mouros. Sustentarão  
estes os primeiros golpes; porém vendo que per-  
dião gente sem número, principiárão a perder a  
fôrma para se guardarem dos penhascos, e ma-  
tos da serra, e poderem mais a seu salvo ferir os  
Christãos com pedras, e armas de arremesso, co-  
mo principiárão a fazer, mas com a retirada de-  
rão lugar a que Bernardo, que reconheceo o in-  
tento, fizesse desmontar dois mil soldados ligei-  
ramente armados, entregando os cavallos a ou-  
tros, que pelas rédeas os tivessem de reserva, e  
unidos em quatro batalhões fez accommetter nos  
penhascos, e matos os que cuidavão em salvar-  
se e defender, acção que fez decahir de animo  
o Rei Mouro; Bernardo, desceo da serra, e nas  
faldas perseguio os Mouros, até os fazer passar  
o rio Sabor em varias partes, servindo a muitos  
suas aguas de sepultura. Bernardo victorioso de  
seus inimigos pôz em boa ordem o Exército, e  
partio para Benavente.



## CAPITULO XXVIII.

*Dos progressos, que Bernardo fez contra os Mouros, e venceu o Alcaide de Toledo.*

O descanso, que Bernardo achou de tantas campanhas foi a disposição para outras novas, porque a Benavente, onde se achava, chegou a El-Rei noticia de que Alcoma Rei Mouro de Bádajoz vinha com poderoso exercito contra elle; e porque se julgou mais commodo sustentar a guerra no paiz dos inimigos, que no proprio, mandou El-Rei que Bernardo com dez mil cavallos, e outros tantos infantes, e chegando á Villa de Olmedo, ali achou noticia que o Rei de Badajoz marchava pela Est emadura de Leão em direitura á Cidade de Çamora; mas que o Alcaide de Toledo vinha com doze mil cavallos, e trinta e cinco mil infantes, mandado pelo Imperador de Cordova, para fazer uma diversão pela parte de Valhadolid, e Palencia, em quanto Alcoma, tomando Çamora investia Benavente; e junto depois ambos acabassem de uma vez com o nome Christão em Hespanha.

Resolveo-se Bernardo a esperar os Mouros, que apenas supportarão constantes os primeiros golpes, e logo occupados do medo, cuidarão sómente em salvar as vidas depois de cinco horas de batalha. Seguiu Bernardo o alcance com a cavallaria uma legoa, e se recolheu ao arraial, onde celebrou a victoria. Os Mouros, tendo perdido seu General, (a quem na retirada tinha um simples soldado Christão tirado a vida) muitos de seus Capitães não se julgárão seguros, em quan-

to não repassárão os pórtos de Guadarrama, deixando no campo, e caminho mais de vinte mil mortos, e para premio dos vencedores toda a bagagem do exercito. Fez Bernardo queimar o que podia servir-lhe de impedimento á jornada; e como precisasse soccorrer a ElRei seu tio, se poz em marcha com os feridos; e passando á vista de Medina del Campo, se endireitou á Cidade de Camora.

### CAPITULO XXIX.

*Como Bernardo venceo a Alcama Rei em Badajoz, que tinha sitiado Camora, e fez levantar o sitio.*

Alcama Rei de Badajoz tinha posto apertado sitio á Cidade, mas já em precaução ElRei Afonso Casto se mettêra dentro com tres mil escolhidos soldados, e munições capazes a sustentar dois annos o assedio, e deixára fóra um corpo valente de dois mil ligeiros cavallos, e em Touro, distante quatro legoas; se sustentava um exercito de outros dois mil cavallos, e oito mil Infantes. Porfiava com effeito Alcama o sitio de Camora composto de oito mil cavallos, e quarenta mil infantes, quando lhe chegou noticia que Bernardo o procurava.

Era Alcama desvanecido, e por ser pouco versado na Campanha, imaginou que sempre o número dos contendores dava a victoria nas batalhas; por essa razão esperou intrépido quaiquer accommettimento, sem se valêr de linhas, para segurança de seu exercito. Chegou Bernardo com o seu formado em batalha a affrontar-se com el-

le; e depois de alguns combates, que igualmente sustentarão de parte a parte, foi tal a perseguição, e golpes dos Christãos, que deixou Alcama o campo da batalha, cuidando sómente em segurar a vida, com perda de mais de vinte e dois mil soldados seus, tiem, e bagagens, que no campo tinha.

Sabio Affonso Casto da Cidade, e recebeu nos braços a seu sobrinho Bernardo, com o qual se deteve por alguns dias solemnizando tantas victorias.

### CAPÍTULO XXX.

*Da entrada, que D. Buesso fez em Hespanha, e foi vencido, e morto por Bernardo.*

Dominava os Estados de Guiena, e Gascunha, da outra parte dos Pyrneos, com o titulo de Duque Soberano, (ainda que feudatario ao Imperador) Buesso, valente Francez, e vanglorioso Principe. Concebeo este no entendimento vingar a derrota de Roncesvalhes, (em que morrerão quasi todos os Pares de França, e a ultima derrota, que soffreo Carlos Magno por Affonso Casto, aliado com o Rei Mouro de Çaragoça, herdeiro de Marsilio, onde tambem ficárão mortos alguns dos novos Pares) fez pois juntar em Bayona de França um exercito de sessenta mil Gascões, tropas escolhidas, em que contava vinte mil cavallos, e quarenta mil infantes.

Partio de Bordeaux sua Côrte, e pondo-se em marcha contra Hespanha, chegou á fatal passagem dos Pyrneos em Roncesvalhes, onde lhe fantasiou o desejo da vingança, que aquelles penhas-

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
cos, borrifados com o esclarecido sangue dos Pa-  
res, e mais Capitães Francezes, lhe estavam a mu-  
das vozes declarando os golpes recebidos por trai-  
ção de Marsilio consummada por Gulalã; es-  
quentava lhe a imaginação, o ultimo arrojço de  
Bernardo contra os novees Pares, que haviam suc-  
cedido ao grande Roldão, e seus Companheiros,  
e jurou de não tornar a seus estados sem vingança,  
e visto que ElRei Marsilio fôra morto ás mãos  
de Roldão na fatal batalha de Roncesvalhes per-  
tendia exercer a vingança no Rei de Çaragoça  
seu Herdeiro, e no mesmo castigar o procedimen-  
to, que deo lugar ás recentes mortes de Orlando  
seu amigo, e outros Paladins.

Estes desejos de vingar a sua Patria, Cidadãos,  
e amigos, lhe tinha suspendido pelo decurso de  
dois annos uma tyranna molestia.

Logo que Affonso teve noticia que D. Buesso  
partio de Bayona com exercito tão numeroso,  
mandou o seu sobrinho Bernardo que com as tro-  
pas, que julgasse convenientes, lhe sahisse ao en-  
contro para impedir-lhe o passo do Ebro, e en-  
trada em seus Estados; mas não pôde fazer-se a  
jornada com tanta pressa, que ja não estivesse D.  
Buesso em Orcejon, quando Bernardo se avistou  
com elle, capitaneando oito mil cavallos, e de-  
zasete mil infantes.

Affrontárão-se os exercitos de parte a parte, e  
pelejárão com igual fortuna oito horas, que durou  
uma porfiada batalha, até que a noite os separou:  
morrêrão da parte dos Hespanhoes mais de dois  
mil, e forão feridos em maior número; porém da  
parte de França excedêrão os mortos mais de dez  
mil, e os feridos tambem em número muito mais

excessivo: passarão os Francezes a noite com tanta inquietação de animo, que para evitar D. Buesso a total deserção de seu exercito, lhe foi preciso andar em pessoa fallando a todos os Cabos, e rondar toda a noite as estancias, fazendo guardar o arraial por dobrados piquetes: não pôde porém conseguir de seus soldados, que se aventurassem no seguinte dia a nova disputa, (tanto terror lhes tinhão causado os golpes dos Hespanhoes) pelo que movido de desesperação mandou dizer a Bernardo, que elle o desafiava, e o esperava só á vista de ambos os exercitos no campo.

Bernardo accellou o desafio; e posto a cavallo sahio ao campo, onde achou já prompto a D. Buesso: tomárão do campo á sua vontade o necessario, e se accommettêrão um ao outro com as lanças em riste, que ambas se fizerão em pedaços nos escudos: tirárão com igual brio das espadas, e se accommettêrão furiosos: tropeçou o cavallo de Bernardo. e foi de focinhos a terra, a tempo que já elle tinha saltado ligeiramente dos estribos, e com inaudita promptidão arremetteo a desjarretar o cavallo de D. Buesso, e o fez a tempo, que já elle saltava em terra.

Investirão-se ambos com os escudos embaraçados, e as espadas nas mãos. e assim se derão grandes golpes, que fazião impenetraveis as diamantinas armas, principalmente as de D. Buesso, onde se quebrou em dois pedaços a espada de Bernardo. Vendo-se este sem ella, recebeu, e reparou alguns golpes no escudo; e fiado na fortaleza de seus braços costumados a despedaçar leões, e serpentes, largando o escudo, e parte da espada, que ainda sustentava, pegou acceieradamente em

D. Buesso, e levantando o ao ar o lançou em terra. e logo tirando de um punhal, posto sobre o peito de D. Buesso, o joelho esquerdo, lhe deu com tanta furia duas punhaladas por entre as ligaduras das armas, que lhe atravessou o coração, e tomou um bellico corduhaz pequeno, de que se servia para os avisos. o qual foi ao mesmo tempo sinal para os Francezes da morte de seu General, e para os Hespanhoes da victoria

D. Froylado Conde de Corrion, que, como Tenente General de Bernardo, estava diante do exercito observando o fim da batalha, mandou logo a seu General um cavallo, que prompto tinha, para que montasse; e dando sinal ao exercito, mandou que a cavallaria com espada na mão a todo o trote dos cavallos arremettesse aos Gascões, porém estes com a morte do seu Principe, e General, fugirão declaradamente, mas como Bernardo quizesse acabar de uma vez com elles, mandou fossem seguidos lentamente por todo o exercito, advertindo que a passagem do Hebro os deteria, como succedeo, e alcançando-os nas ribeiras do mesmo rio, procurando em algumas barcas o transito, fez nelles fatal estrago. Este foi o fim, que teve a soberba, e mal ponderada irrupção de D. Buesso. da qual vendo já Bernardo livre Hespanha, se retirou para Oviedo.

### CAPITULO XXXI.

*Como Bernardo não pode alcançar a liberdade de seu pai, e se desnaturalizou de vassallo dos Reis de Leão, fazendo seu assento no Castello del Carpio.*

Chegando Bernardo á Corte, achou a El Rei

seu tio gravemente enfermo, e sem esperança de melhora: pediu lhe Bernardo, por unica satisfação de seus grandes serviços, lhe mandasse entregar seu pai o Conde de Saldanha, que ainda conservava em prisão; mas não parecerão condignos serviços taes para se comparar com a cólera, e paixão de Affonso Casto, nem a este lhe pareceo merecião a liberdade de um homem, que lhe tinha offendido o credito; e ainda que a Rainha D. Berta intercedeo pelo Conde, apoiando com instancias a petição de Bernardo, não teve este outro despacho mais que uma total escusa.

Morreo em fim Affonso Casto, nomeando para lhe succeder na Corôa seu sobrinho Ramiro, filho do Rei D. Bermude, Diácono, seu irmão; e Bernardo depois de assistir á acclamação do novo Rei, e beijar-lhe a mão, partio para Saldanha, onde se deteve dois mezes, chorando a desgraça do Conde seu pai, e a pouca fortuna de não poder alcançar sciencia certa do lugar de sua prisão, que o Rei defunto não quis descobrir, passando-lhe o odio além da morte.

Veio Bernardo á Côrte, e entrou com ElRei Ramiro seu primo na pertençaõ de alcançar o que se lhe negára no Reinado antecedente; mas como este novo Rei se deixasse governar pelos Cortezãos, estes o persuadirão a que nunca consentisse na soltura do Conde de Saldanha, donde por escusa não se saber lugar certo de sua prisão. Exasperou se Bernardo em tal fórma com esta negativa, que ficou com alguma variedade de juizo, e sem ponderar o que fazia, se desnaturalizou do Reino de Leão, e com alguns Cavalleiros de sua casa, e outros mais, que o seguirão por

HISTORIA DE CARLOS MAGNO, número trinta e quatro, partio da Côrte, e chegando a entrar em terra de Mouros, passando no territorio de Medina observou que o Castello del Carpio era muito accommodado para delle exercitar sua vingança; e mandou dizer ao Alcaide Mouro, que Bernardo General Rei de Leão necessitava daquelle Castello para a sua assistencia; que lhe pedia lho cedesse, e se retirasse se não queria experimentar-lhe a indignação.

Sahio logo o Alcaide, e com as devidas ceremonias entregou a Bernardo as chaves do Castello; (tanto valia seu nome, que ouvido rendia sem mais armas as Praças.) Entrou Bernardo no Castello, que nos tempos successivos lhe deo o appellido, e como o fim da sua retirada fosse a tomar vingança da tyrannia dos Reis de Leão, mandou logo intimar aos Governadores de Salamanca, Zamora, Toro, Valhadolid, que a sem razão da Côrte de Oviedo o obrigava a declarar guerra contra o seu Rei; e que elles Governadores assim o tivessem entendido para cuidarem em bem defender-se.

## CAPITULO XXXII.

*Das cavalgadas, que Bernardo fez em terras de Leão, e como os soldados deste não quizerão pelear.*

Sahio Bernardo del Carpio a correr aquelles campos, em que executou muitas hostilidades até junto ás portas de Salamanca: todos os dias se lhe juntavão tropas. Chegavão as queixas das destruições daquellas Comarcas todos os dias á Côr-

te, e fazião umn grande impressão no animo de ElRei, e de alguns bem intencionados; porém mais exasperada a inveja dos Conselheiros inimigos do Conde de Saldanha, e de seu filho Bernardo, incitavão a ElRei remediasse com a força aquelles disturbios, sem embargo de elle se inclinar á melhor parte, que era dár a Bernardo seu desejado pai.

Armou se um exercito de dois mil cavallos, e doze mil infantes, e com elles sahio por General o Conde de Pernia D. Munio Ordonnes a encontrar-se com Bernardo, entre as Pillas de Rueda, e Tordesilhas, capitaneando Bernardo sómente sei centos cavallos, e mil infantes.

Deo o Conde de Pernia sinal para seus soldados accommetterem os de Bernardo, que em fórma de batalha os esperavão; mas elles com uma repentina resolução puzerão no chão as armas, e a grandes vozes públicarão que não pelejavão contra um General tão famoso, allegando que no conflicto não saberião distinguir as bandeiras, pois como as de ambos os campos tivessem por divisa um Leão, não era justo que pelejassem Leões contra Leões.

Não foi possível ao Conde, e a outros Cabos reduzir os soldados á peleja, antes todos a altas vozes dizião: — Entregue ElRei o Conde de Saldanha a seu filho, e se acaba a guerra. — Bernardo que vio a renitencia dos soldados contrarios, mandou logo dizer ao Conde de Pernia, que se retirasse á Córte, se não queria experimentar as terriveis consequencias de uma total rebellião, que já via.

## CAPITULO XXXIII.

*Como Bernardo venceu o Alcaide de Toledo em batalha.*

Tomou o Conde de Pernia o parecer de Bernardo, e levantando o campo, depois de reprehender asperamente a desobediencia de seus soldados, se retirou com alguns poucos, que o quizerão seguir para a Córte, onde deo parte a ElRei do que lhe succedêra. Os mais soldados, e muitos Cabos, que no Exercito ficárão, acclamárão por seu General a Bernardo del Carpio, pedindo lhe se servisse delles, como fez. Rvendo-se com l'exercito tão luzido á sua ordem, e do que não devia dar conta a outrem. concebeo no animo a guerra, que fazia até aquelle tempo contra Christãos, e voltando-a contra os Mouros, conquistar algumas terras visinhas.

Foi o primeiro objecto de sua resolução a Villa de Penharanja, célebre, e que já foi Cabeça do Ducado na Estremadura de Leão: e por ser naquelle tempo praça fronteira, a presidiavão os Mouros com seis mil soldados.

Chegou Bernardo a formar o sitio, e lhe custou dezoito dias tolerar a resistencia dos valentes Mouros, favorecidos por um l'exercito de cinco mil cavallos, e desaseis mil infantes, com que o Alcaide de Toledo corria o campo, pertendendo introduzir soccorro na praça. Muitos forão os choques entre o Alcaide, e Bernardo, sempre com vantajem da parte deste; até que um dia se empenhárão tanto, que foi preciso envolver todo o

Exercito, declarando-se batalha decisiva, o que principiara choque. Bernardo, por não perder a posse de vencedor, trabalhou em a sustentar, e a victoria se declarou por elle com fugida do Alcaide de Toledo, e outros, que tiveram a fortuna de o seguir, deixando o campo, e nelle mais de doze mil mortos. Foi premio desta victoria, além do despojo, e trem do vencido Exercito, o rendimento da Praça de Penharanda, que sem esperar mais persuasões se entregou logo ao vencedor.

Deixando Bernardo bom presidio em Penharanda, passou a guerra até Avilla, Cidade antiquissima de Hespanha, que se achava com um sufficiente presidio de Mouros; mas tanto que Bernardo assentou o arraial, logo o Alcaide sahio a entregar-lhe as chaves da Cidade, da qual Bernardo tomou posse deixando sair os Mouros sem damno. Da mesma fórma se rendeo Segovia, importantissima Praça dos Mouros, e outras de menor condição, como erão Cuelhar, Pedraça, Nieva, Olmedo, e Arevalo. A tanto os obrigou o pavor concebido do nome do grande Bernardo del Carpio.

#### CAPITULO XXXIV.

*Como Bernardo seguiu a guerra contra Mouros, e conquistou a Cidade de Rodrigo, e no assalto esteve quasi morto.*

Guarnecidas aquellas Praças, deo Bernardo volta ao Castello del Carpio, deixando por Capitão General do Paiz conquistado, com residen-

404 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
cia em Segovia, a D. Ordonho Ossorio seu pa-  
rente; e depois de estar descansado dois mezes  
com os soldados, sahio daquelle Castello, deixan-  
do nelle por Governador, a Suer Tello, Senhor  
de Menezes em Asturias.

Constava o Exercito de Bernardo de seis mil  
cavalios, e dez mil infantes. e foi primeira em-  
preza de tal campanha a Cidade do Rodrigo,  
Praça fronteira do Reino de Badajoz, que con-  
servava uma guarnição de oito mil Mouros: a  
principiou a bater com os arrietes, ou vaivens, e  
outras máquinas, que naquelles tempos se usa-  
vão: chegou a fazer arrumar as escadas aos mu-  
ros, e sendo dos primeiros, que subirão, (que seu  
orgulhoso valôr não lhe dava lugar a contentar-  
se com a disposição) teve o infortunio de que uma  
grande pedra arrojada do muro lhe dêsse com tan-  
ta violencia na cabeça, que abatido o capacete,  
ficou bastantemente ferido, e quasi sem sentidos  
cahio da escada abaixo accrescentando-se-lhe o  
desacordo com a quêda: poderia ser este inciden-  
te causa de se perder a empreza, se D. Affonso  
Nunes, senhor da Torre de Gusmão, valente Ca-  
valleiro, e nobilissimo Fidalgo, não gritasse a al-  
tas vozes: — Victoria, victoria, que é ganhada a  
Praça: — infundirão os ecos destas palavras con-  
trarios effeitos nos Mouros, e Christãos; se nestes  
animos para montar o muro, naquelles desmaio  
para largarem a defenza; acordou do parocismo  
Bernardo, e correu ao lugar do conflicto a animar  
os soldados; montou com a espada na mão o  
muro, e foi tomada a Praça.

Perdeo de seus soldados no assalto da Praça  
seiscentos e quatorze, ficando feridos muitos mais

em número. Julgou engano sustentar a guerra com as conquistas de Praças, que lhe gastavaõ gente nos assaltos, e escolhendo por mais acertado continuar na campanha: mandou levar os doentes, e feridos para Penharanda com a escolta de quinhentos cavallo; e elle com o resto do Exercito se pôz em marcha em direitura a Badajoz.

### CAPITULO XXXV.

*Como Bernardo venceo um valente Mouro, chamado Dubdú, Alcaide de Placencia, e em segunda batalha ao mesmo, e ao Alcaide de Toledo.*

No porto de Torna las Vacas o esperava para disputar-lhe o passo um valente Mouro chamado Dubdú, Alcaide de Palencia, com seis mil cavallo, e vinte mil infantess. Teve Bernardo por offensa o embaraço, e accommettendo o Exercito Mouro, ganhou a passagem, disputada seis horas, com morte de mais de quinze mil Mouros, e fugida dos mais com seu General. Esteve Bernardo os tres dias do estivo sustentando o campo; e passados elles marchou em seguimento de Dubdú, para lhe dár segunda derrota, antes que se juntasse com o Alcaide de Toledo, vencido em Penharanda, que com cinco mil cavallo, e vinte e cinco mil infantess vinha em seu soccorro.

Junto a Quacos se achavão já unidos os dois Exercitos: Deo-se batalha entre os Mouros, e Christãos; e como muitos feridos em Penharanda, e Torna las Vacas experimentassem os golpes de Bernardo, e seus valorosos soldados teme-

rosos se puzerão em desordenada fugida, dando exemplo aos mais: foi maior a derrota no alcance, do que tinha sido no campo, ficando nelle mortos mais de vinte mil Mouros, com o valente Dubdú Alcaide de Palencia, quando o Alcaide de Toledo logrou segunda vez a fortuna de salvar a vida na retirada.

Posto em marcha Bernardo com o seu Exercito passou o Tejo em Almarás, tendo a gloria de ser elle o primeiro Capitão Christão, que depois da invasão dos Mouros succedida, havia mais de cem annos, chegou armado ás suas ribeiras, passou a Cáceres, (notavel pavoação da Estremadura de Castella) e ahí achou que Alcama Rei de Badajóz o esperava com dez mil cavallos, e quarenta mil infantes. Não duvidou Bernardo accommetter intrepido tão grande chusma; e seus soldados seguindo o valor do Capitão, tal matança fizeram nos posillanimes Mouros, que em quatro horas de combate se achava o campo cuberto de corpos mortos, cujo número passou de trinta mil. Eirão soldados bizonhos os Mouros, mas ficarão desta vez bem disciplinados; e se Alcama com a cavallaria não tomasse o caminho de Badajóz á redca solta, ficaria no despojo de tão sanguinolenta batalha.

Festejou Bernardo quinze dias continuos no campo da victoria fortuna tão grande, mais estimava por ser o vencimento de um Soberano; e todo este tempo lhe foi preciso para curar os seus feridos, e fazer enterrar os mortos.

---

## CAPITULO XXXVI.

*De uma grande batalha, que venceo Bernardo ao soberbo Imperador dos Mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana.*

Abderramen, Imperador dos Mouros, que ao principio fizera pouca conta das victorias de Bernardo del Carpio, julgando-as como de um forgido sem subsistencia, principiou a recetar a destruição de seu Imperio, vendo já entrado nelle um inimigo tão valente, e affortunado; e para vêr se acabava de uma vez com elle, mandou convocar suas tropas, sahio de Cordova, recebendo pelo caminho as bandeiras, que se lhe juntavão.

Tal era a soberba deste Imperador Mouro, que ao mesmo tempo que temia a fortuna, e valôr de Bernardo, quiz mostrar ao público que delle não fazia caso; e chegando ás margens meridionaes do rio Guadiana, mandou formar o acampamento de seu exercito, em que contava vinte e cinco mil cavallos, e infantaria que excedia de duzentos mil homens, chamou os seus Cabos maiores, e lhes disse estas soberbas palavras.

O desejo de me divertir em uma caçada nestes bosques, e ao mesmo tempo em uma pesca neste rio, me obrigou a convocar-vos para me assistirdes a este divertimento. Dizem-me porém que dessa banda contraria do rio anda um salteador Christão, furagido da Côrte do chamado Rei de Leão, e que para sustentur-se, e a companhia de bandoleiros, que comsigo traz, ousa perseguir

os meus vassallos. Pela manhã determino o dár principio á minha caçada, e pescas gerars: vós fareis estar promptos todos esses monteitos para bater o mato, e tambem lançareis sobre o rio essa ponte de barcas, que ali está fabricada, servindo as mais, que e tão de vago, para se encherem de gente, que passe de uma a outra ribeira: e porque será factível que a loucura desse tolete Christão se atreva a chegar-se a e-pantar-me a caça, ou a pesca, já que outra cousa não póde fazer, vos dou licença para que amarrado de pés, e mãos sepulteis nas agoas deste rio para refrescar o calôr, que na cabeça lhe fomenta tão aereos fumos. —

No seguinte dia se principiou a lançar sobre o rio a ponte de barcas, e amanhecêrão as mais cheias de tropas, vogando para tomar pé em terra da parte opposta: nella se achava postado Bernardo del Carpio com quatro mil cavallos, e oito mil Infantes; (que a tão pequeno número tinham reduzido seu exercito) e para não dár lugar a que o Imperador passando o rio estendesse seu exercito naquella dilatada campina, pois assim soffocaria com a multidão o valôr de seus soldados, se resolveo a disputar lhe a passagem sobre o rio: apenas abordavão as barcas á contraria ribeira, e saltavão os soldados em terra, achavão logo o recebimento nas lanças dos Christãos.

Não póde impedir Bernardo que a ponte levadiça se acabasse, por mais que algumas vezes lhe cortasse as amarras; destruo muitas das barcas, affogando-se innumeravel cavallaria, que temerariamente se arrojava a passar; e firmada bem a ponte, foi sustentada por um grande corpo de tro-

pas regulares; mas nenhum progresso fazião, porque Bernardo, com os melhores de seus soldados daquelle sitio fazia o esforço da contenda, obrigando a retroceder seus desapiadados golpes os mais arriscados Mouros que morrião affogados.

Continuavão os mandados do Soberano, ameaçando com uma espada nua os que recusavão passar a ponte: porem todos erão objecto do furor Christão. Durou esta primeira disputa mais de oito horas, sem que fizessem os Christãos outra cousa mais que matar Mouros, em tal fórma que já visivelmente se conhecia muita falta naquelle grande exercito, e os Mouros cortados mais do medo, que do ferro, principiárão a recusar a passagem, desobedecendo aos mandados do Imperador que impaciente instava na passagem.

Pôde Bernardo seguir sobre o ponto os inimigos, ganhando palmo a palmo; e posto que se aventurou á muito na passagem, o furor de sua valentia lhe facilitou a resolução, que seus soldados acompanhárão: crescia o número dos Mouros, que se oppunhão, e no rio o dos corpos mortos, até que Bernardo firmou pé em terra na margem meridional; e formando um batalhão de infantaria, foi dando sobre os medrosos Mouros, e deo lugar a que a maior parte de sua cavallaria passasse tamhem sem oppozição, ficando o resto da outra banda impedindo o desembarque: achárão as espadas dos Christãos cançados, e desanimados os pobres Mouros, que já nem podião levantar os braços, e fizeram nelles tal destruição, que não punhão já os pés em terra firme, e sómente sobre os corpos mortos. Os Mouros logo

se puzerão em precipitada fuga, e Abderrahamen a todo o trote de cavallo já soccorrido da noite.

Repassou Bernardo logo a ponte, que fez destruir depois de aproveitado o precioso do saque, e recontando os soldados achou que lhe faltavão dois mil e seiscentos, que deixava mortos além dos muitos feridos, e todos tão cansados, que não poderião fazer jornada, se não lhes valesse a multidão de cavallos, de que poderão aproveitar-se todos os que a pé estavam.

Não se deteve mais tempo nos dois campos, que o necessario para fazer queimar todos os despojos, que não poderão levar. Sahirão ao encontro ao Rei de Badajoz, que vinha com exercito em soccorro do Imperador; e a fortuna de Bernardo consistio toda na resolução de accommetter o exercito Imperial sobre o rio, que se esperasse alguns dias, se acharia entre dois exercitos, e sem a menor dúvida se perdia.

## CAPÍTULO XXXVII.

*Como Bernardo passou por stratagem o Tejo, depois que fez treguas com dois Soberanos Mouros, e vence os Alcaldes de Coria, e Toledo com morte deste.*

Marchou Bernardo com suas tropas, todas compostas de cavallaria, pelas ribeiras do Guadiana abaixo, fazendo tocar os instrumentos bellicos para solemnisar victoria tão grande, até chegar á vista de Merida, onde Abderrahamen se detinha com Alcama, que junto á Praça acampára;

mas o Imperador, considerando que seus soldados tinham ainda abertas as feridas alcançadas na batalha, e os animos cortados do-medo, que communicavão os soldados de Alcama com as historias, que do soccorro da batalha lhes contavão, não quiz arriscar se a segundo lance, e mandou em seu nome, e do Rei Alcama dois Enviados, que assentassem treguas com Bernardo, a quem regalou com um precioso presente. Reconheceo este muito bem que aquella acção obrada por dois Soberanos tão soberbos era parto do medo, que seus soldados tinham concebido, mas achava-se com tão poucas tropas, e estas tão estrupiasdas, que foi preciso aceitar a amizade, que lhe offerecia, tão honrosa para elle quanto era vêr-se temido de dois Monarchas, e despedindo com mostras de amor, os Enviados; marchou com seu ligeiro exercito a buscar o Téjo.

Tinhão os Mouros desfeito algumas pontes, que sobre este rio havia, e queimando as barcas, que hoje chamão de Arbella, se vio Bernardo impossibilitado para a passagem. O convenio das treguas, que os dois fraudulentos Monarchas tinham feito, não durou em seus animos mais que em quanto tiverão á vista o exercito de Bernardo, por isso tinham mandado aos Alcaides de Toledo, e Coria, que juntando soldados nas suas Comarcas sahisses a esperar unidos os Christãos, em quanto elles pela retaguarda os atacavão.

Não se escondia a Bernardo esta infidelidade dos Mouros; e para que estes não o achassem antes da passagem do Tejo, mandou fazer um universal pecoreamento, ou saque de gados, que juntos servirão suas carnes de alimento aos sol-

dados, e seus couros, cheios de palha com o pello para dentro, de levadiças pontes sobre as agoas, atando-as com cordas a modo de jangadas, sobre que passarão os soldados com os cavallos nadando pelas redeas.

Deteve se Bernardo neste transporte oito dias; e vendo-se seguro já da outra banda, marchou até em Torna las Vacas, onde o esperavão os dois Alcaides de Coria, e Toledo com quinze mil cavallos, e trinta e dois mil infantes; mas Bernardo que hia resolute a ganhar o posto a todo o risco, foi o primeiro no accommetter, e vencendo segunda batalha naquelle mesmo campo, onde já tinham vencido primeira; ficou morto o Alcaide de Toledo, que algumas vezes tinha salvado a vida com a fuga; o de Coria teve a fortuna de escapar da morte, a que deixou entregues mais de vinte mil Mouros de todo o exercito, e com elles toda a bagagem, de que se carregarão tres mil cavallos, tomados na batalha, que os soldados Christãos levarão pela redea.

### CAPITULO XXXVIII.

*Como Bernardo livrou o Castello del Carpio do cerco, que lhe tinham posto os Reis de Leão, e venceo a estes em batalha, e pazes que fizeram, e engano que se lhe fez com seu Pai já defuncto.*

Nesta fórma chegou Bernardo a Penharada, onde teve noticia que ElRei Ramiro de Leão, e seu irmão D. Garcia, que igualmente reinava com elle, tinham com exercito posto sitio ao Cas-

tello del Carpio; defendido pelo valoroso Suer Tello mais de um anno: não podia socegar o animo de Bernardo, e formando em Penharanda um exercito de oito mil cavallos, e quatro mil infantos, marchou para el Carpio, aonde logo provocou á batalha os dois Reis seus primos; e depois de duas horas de conflicto, se declarou a victoria por Bernardo, retirando-se os Reis com seu exercito para Salamanca.

Não quiz Bernardo seguir o alcance, por não derramar sangue Christão de parentes, e amigos; e mandando segurar o campo com piquetes, e guardas avançadas, se passou ao Castello del Carpio, onde deo a Suer Tello as graças por tão vigorosa defesa.

Ainda que Bernardo como vencedor devia esperar o rogassem os Reis vencidos para a composição, não pôde conter-se o affecto, que como a parentes tão chegados lhes devia, para que não cortasse pelo seu pondunor; e assim juntando todas as bagagens, que no campo tinham perdido, lhas remetteo com todos os prisioneiros, e uma embaixada, em que lhes dizia: — Que não obstante o não ser já seu vassallo, e poder fazer-se Soberano das largas terras, que suas armas tinham conquistado, e poderião conquistar aos Mouros, lhes enviava a sua perdida bagagem, e prisioneiros, estranhando muito, quizessem elles Reis vêr vertido tanto sangue Christão, e perder tantas vidas, que devião reservar-se para dár morte aos Mouros communs inimigos: que elle Bernardo entregaria quantas Cidades, e Villas dominava, em troco da unica pessoa do Conde de Saldanha seu Pai; que lhe parecia ser a offerta di-

414 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
gna de accitar-se; sendo que elle, se fosse se-  
nhor do mundo todo, teria em pouco e logo en-  
tregallo por alcançar a liberdade de quem lhe déra  
o ser. —

Recebida pelos Reis esta embaixada, commo-  
vidos á lastima do sentimento, que imagináção  
em seu primo Bernardo, e reconhecendo perversi-  
dade a teima, que os Cortezãos mal affectos os  
induzião, investigáção com toda a exacção saber  
onde se occultava prezo o Conde de Saldanha,  
(com tanta cautéla, e segredo o tinha sepultado  
em vida a raiva de Alfonso Casto, que nem aos  
Reis seus sobrinhos o deixou manifestado) e achá-  
rão que elle estava prezo no horrivel, e escuro  
Castello de Luna, mas que era falecido alguns  
annos havia, e se conservava seu corpo embalsa-  
mado com todas as apparencias de vivo.

Passáção logo os Reis um Decreto para que o  
Alcaide do Castello de Luna entregasse a pessoa  
do Conde defunto, assim cadaver como estava,  
a quem aquelle papel lhe desse: e mandando o  
Conde de Pramia para o conduzir, mandárão  
tambem convidar a Bernardo para que fosse a  
Salamanca seguro de sua pertença. Recebido  
por elle a embaixada, ou recado dos Reis seus  
primos, partio gostoso para aquella Cidade, aon-  
de entrou acompanhado dos mesmos Reis, e de  
sua Córte, que a uma legoa fóra da Cidade o es-  
perarão: foi recebido com a distincção da pessoa,  
e honras devidas a um Soberano, e pelos Reis  
com muitas mostras de affecto, segurando-lhe te-  
rem mandado buscar o prezo Conde seu Pai para  
lho entregarem, e em quanto não chegava o deti-  
verão com solemnes festas.

Tinhão os Reis mandado trazer o cadaver do defunto Conde sobre um bem ajaezado cavallo, segurado na cella pelos lados com uns páos em fórma, que parecesse vivo; e sahindo ambos com toda a sua Córte, e Bernardo a esperar o Conde uma legoa fóra de Salamanca, Bernardo, ancioso de juntar os braços com os daquelle, a quem devia o ser saltou do cavallo, em que hia montado, e correndo para o que trazia o Conde, foi n pegar-lhe na mão direita para beijar-lha, mas conhecendo defunto, quem tanto inspirava vêr vivo, não pôde todo o seu valôr escusar-lhe o render se a um accidente, que o prostrou immediatamente em terra. Foi levado para a Cidade meio morto, e tornando em si á força de muitos remedios, que lhe fizerão, fez fortes extremos de sentimento, e como é preciso passar adiante com a Historia, deixemos á ponderação do Leitor o lamentavel deste successo.

## CAPITULO XXXIX.

*Da partida que Bernardo fez para França, e victoria que alcançou contra os inimigos daquella Monarquia.*

Fizerão-se notaveis suffragios, e exequias sumptuosas no funeral do Conde, a que os Reis, e toda a Córte assistirão vestidos de sarja, que era o rigoroso luto daquelles tempos. Bernardo que sentia sem medida o tyranno fim de seu Pai, e o modo com que se lhe entregou, já sem remedio a tanto damno, se despedio dos Reis, e parentes, com animo de viver eternamente desterrado

da Patria; e acompanhado de duzentos Cavalheiros de sua casa bem armados, se passou a França pelo fatal transito de Roncesvalhes, onde a memoria das victorias passadas lhe dobrou o sentimento presente; e fez que se accrescentassem com a agua de seus olhos as correntes dos crystallinos regatos, que do alto da serra se despenhão.

Passados a Gasconha, Guiena, e Beocia, dilatadas Provincias de França, chegou a Blez, onde a Côrte Imperial se chamava. Era falecido muitos annos havia o Imperador Carlos Magno na Cidade de Gritti nas fronteiras do Ducado de Brabant, e lhe succedêra nos grandes dominios de Alemanha, França, Italia, seu filho Luiz, que no número dos Imperadores Romanos foi o primeiro do nome com o cognomento de Pio. Tinha este, ao tempo que Bernardo del Carpio chegou á sua Côrte, guerra com os Reis de Dania, e Inglaterra, e por esta causa estimou infinitamente a chegada de Bernardo, a quem logo deu o Bastão de General, e entregou o exercito, que tinha levantado.

Era tão grande a fama das victorias de Bernardo, e de seu valôr, e destreza, que os Principes, e grandes da Côrte do Imperador com o desejo de alcançar fama, militando debaixo do Bastão de General tão famoso, se offerecião á guerra, e muitos chegarão a assentar praça de simples soldados.

Sómente os dois Reis alliados forão inimigos da gloria de Bernardo, porque tendo noticia que elle lha por General do exercito tão luzido, evitãrão a campanha, e mandando propôr pases ao Imperador, sujeitando-se ás condições, que elle

quiz pôr, e acabou sómente a fama de Bernardo uma guerra, que muitos annos havia fatigava o Imperio.

Não seguirão os Bretões (povos de Bretanha baixo no Reino de França) o exemplo daquelles prudentes Reis, porque escandalizados das exacções com que alguns Ministros do Imperador se tinham havido na cobrança dos tributos, se levantarão tomando as armas contra seu Soberano, capitaneados por alguns Capitães mal contentes.

Não se tinha totalmente desfeito o exercito Imperial, e com elle foi Bernardo mandado pelo Imperador castigar aquella rebellião. Chegou este a Bretanha, e com alguns choques, e batalhas pequenas foi reduzindo a Provincia á obediencia de seu natural Senhor.

## CAPITULO XXXX.

*Como Bernardo del Corpio restaurou Italia tyrannizada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno.*

Acabada a guerra de Bretanha com tanta gloria de Bernardo, e seus Capitães, e muito á satisfação do Imperador Luiz Pio, foi Bernardo precisado passar á Italia com exercito. Tinha Carlos Magno um irmão chamado Carlomno, e deste nasceo um filho por nome Pepino, (que alguns dizem ser filho de Carlos Magno, equivocando-se nos nomes de Carlomno, e Carlos Magno) de Pepino era filho outro Principe chamado Bernardo. Pepino tinha governado em vida do Imperador Carlos Magno teu tio o Reino de Lombardia com

o titulo de Rei de Italia em feudo do Imperio, e no titulo, e governo phendatario lhe tinha succedido seu filho Bernardo.

Este não se contentando com o que pacifico possuia, fiado no número de suas tropas, na riqueza de seus thesouros, e no impenetravel dos grandes montes Alpes, que dividem Italia de França, se rebelou negando o feudo ao Imperador, e arrogando-se o titulo de Imperador de Italia, se constituiu absoluto.

A castigar a soberba daquelle Italiano Bernardo, partio o Hespanhol, que nomeamos del Carpio, e chegando aos Alpes achou o exercito Italiano, que se lhe oppôz á passagem: governava aquelle Italiano exercito um experimentado Capitão da familia dos Condes Angleria, a quem os Visenotes Duques de Milão devêrão ao depois a descendencia.

He a passagem daquelles montes impraticavel, e perdeu o General Italiano uma disputada batalha sobre os penhascos dos Alpes, onde com a victoria deixou todo o trem, bagagens, e mais de seis mil mortos.

Passou Bernardo del Carpio até á Cidade de Navarra, em cujo territorio o esperava o Rei rebelde com um Exercito muito superior ao seu; e affrontando-se de parte a parte, se deo entre ambos uma porfiada batalha, que durou mais de seis horas, até que para se mostrar ao Mundo quanto lia de Bernardo a Bernardo, foi preciso ao coroado Rei ceder o campo, ao Hespanhol, como divida, que por parte da fortuna se pagava a seu valôr. Morrêrão no conflicto mais de quinze mil Italianos, e Bernardo del Carpio seguiu o

vencido Rei até Milão sua Côrte. Pôz sitio á Cidade, e por mais que esforçou a combater seus muros, como fossem estes muito fortes, e a guarnição excedesse o número dos soldados do Exército, foi preciso a Bernardo del Carpio deter-se no profiado cerco quatorze mezes, tempo em que não estiverão quietas as armas, sustentando innumeraveis choques dos Exercitos volantes, que pretendião fazer levantar o assedio, assaltando profiadamente por muitas vezes a praça.

Foi por fim entregada a Cidade á escala, e sua guarnição passada á espada; castigo que evitarão os moradores della, por implorarem a clemencia do Imperador: o Rei Bernardo foi prezo, com o qual Bernardo del Carpio, socegadas as cousas de Italia, e posta esta Região na obediencia do Imperador, repassou os Alpes, e chegou á Cidade de Metz em Lorena, onde pouco depois foi o rebelde Rei degollado.

## CAPITULO XXXXI.

*Como os filhos do Imperador Luiz Pio depuserão do throno ao dito seu Pai, e foi restituído por Bernardo del Carpio.*

No tempo, que Bernardo del Carpio se achava ausente, se levantárão contra o Imperador Luiz Pio seus filhos Lothario, e Luiz, sendo causa de sua sublevação favorecer seu Pai ao filho terceiro chamado Carlos, que em segundas nupcias houvera; e como ao Imperador faltava apoio de Bernardo, foi facil aos dois Principes apoderar-se das forças do Imperio, e prendendo ao Imperador seu

420 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Pai em um Mosteiro, se fizerão acclamar Soberanos, cabendo na repartição entre ambos feita, a Lothário a França, e Italia com o titulo de Imperador, e a Luiz Alemanha com o de Rei.

Neste abatimento achou Bernardo del Carpio ao Imperador Luiz Pio privado do throno, e da liberdade por seus filhos; e como seu animo foi sempre favorecer a parte menos poderosa. e se considerasse obrigado a defender o Imperador deposto, de cujo era o Exercito, que governava, por mais que pelos rebeldes Principes foi procurado com offeras, se resolveo a restituir o deposto Imperador ao throno, como fez tirando-o do Mosteiro, em que fôra recluso.

Resultou desta acção de Bernardo uma civil guerra, em que houve varios lances da fortuna sempre favoraveis ás armas do Imperador; mas que muito se erão governadas por Bernardo del Carpio! A composição, que por meio do mesmo Bernardo se celebrou entre o Imperador, e seus filhos, pôz fim á guerra, e com ella a tantas penurias, roubos, e distruições, quantas trazem por consequencia as civis discordias, restabelecendo-se uma paz sólida, ficou Lothário conservando o titulo de Imperador, que usurpára, e com o governo do Reino Arelatence, que erão os Estados de Próvença, Delfinado, e Borgonha, e tambem com os Estados de Italia, e Luiz com Alemanha alta, com o titulo de Rei, e o terceiro filho Carlos com o titulo de Rei de Aquitania, que são os Estados de Guiena, e Gascunha, e com expectativa de succeder no mais de França, e baixa Alemanha a seu Pai, que em sua vida reservou estes Estados para dominar com titulo de Impera-

dor. Sómente Bernardo ficou privado de occasiões, em que mostrasse seu valor, e destreza das armas; se bem que logrou a vangloria de ser quem repartia os dominios do Imperio Romano, mas que muito o fosse, quem soube defendello, e conservallo. Dois annos logrou Luiz Pio os fructos desta paz, e porque no fim delles falleceo, deixou recommendados a Bernardo del Carpio os Estados, e pessoas de Carlos seu filho, para que governando-os defendesse de algumas insidias de seus irmãos; mas a inveja das gloriosas acções deste Heróe incitou os animos dos Principes, e Grandes da Côrte do Rei Carlos com mil suggestiões contra a lealdade de Bernardo, e principiou o mal aconselhado Rei a fazer delle meua estimação.

Chegando porém a noticia destas cousas á Côrte do Imperador Lothário, convidou este com fortes instancias ao nosso Bernardo para lograr nos seus Estados as attentões devidas: Por estes offerecimentos deixou Bernardo a Côrte de Paris, e se foi viver á de Arles. Era já a este tempo casado Bernardo com uma Senhora da Casa dos Antigos Principes de Venaissim, chamada Madama Galinda, de quem tinha um filho por nome Galin Galindos, e passou dois annos com socego na Côrte.

## CAPITULO XLII.

*Como Bernardo venceo em duas batalhas cam-paes a Abderrahmen Imperador dos Mouros, conquistou Catalunha, e partio para o Hespanha.*

Como o animo guerrilho de Bernardo aspirasse

sempre a marciaes empresas, alcançou do Imperador um exercito de dez mil cavallos. e doze mil infantes, e com elle partio de Arles a fazer guerra aos Mouros. Tinhão estes passado os Pyrineos, e levado suas victoriosas bandeiras quasi á vista de Arles, fazendo na Provincia de Languedoch insolentes destruições de Cidades, e incendios de Mosteiros, e profanárão quantas Igrejas havia, fazendo as cavallarigas de seus cavallos.

Marchava o grande Abderrahamen Imperador de Cordova (de quem já acima fizemos menção) a conquistar toda a Mourarquia Franceza, conforme tinha conceituado toda a sua vida, quando se topou com Bernardo del Carpio a tempo que passava um rio no territrio da Cidade de Pezenas. Podia lembrar-lhe ao soberbo Mouro quanto lhe erão fataes as passagens dos rios á vista de Bernardo; mas esquecidos dos golpes recebidos sobre Guadiana, e lembrado sómente de sua arrogancia, mandou accommetter o Exercito Christiano, que o rio separava do seu.

Cuidou muito Bernardo em que seus soldados parecessem a Abderrahamen semelhantes aos Castelhanos; e com boa direcção, dentro de cinco horas se fez senhor da victoria, que os Mouros lhe tinham disputado. Retirou-se colerico, cheio de paixão Abderrahamen, deixando sobre o rio, e campo mais de vinte mil Mouros mortos.

Foi preciso a Bernardo deter-se para curar os feridos, e esperar alguns soccorros, que o Imperador Lothário lhe mandou. Constarão estes de seis mil infantes. Marchou Bernardo com seu victorioso exercito em seguimento dos fugitivos, sem ter noticia delles até os Pyrincos, onde, junto á

Praça de Belleguarde. se achava formado o Exército Meuro, reforçado com tropas do Principado de Catalunha. Deo-se batalha com todo o valôr de ambas as partes: mas como os Mouros fossem uns cortados já do ferro, e medo, outros tumultuariamente levantados, e com pouca disciplina militar conduzidos á peleja, se declarou a victoria, cedendo ao valôr a multidão, e se vio precisado Abderrahamen a retirar se até Cordova sua Côrte.

Entrou Bernardo em Catalunha, que já tinha sido theatro de suas victorias, quando na volta do Oriente em singular batalha contendêra com Orlando; e em todo o territorio daquelle grande Principado não achou occasião de empregar seu valôr, porque as Praças se lhe rendião á porfia, julgando se por affortunado aquelles que primeiro lhe entregavão as chaves da sua Cidade: e não achando já quem até a fox do rio Hebro lhes resistisse, intentava passar a guerra no Reino de Valencia, quando lhe chegou a noticia de que o Imperador Lothário, renunciando as fantasticas grandezas do Mundo, se recolhêra a uma Religião, deixando os Estados, e Corôa Imperial a seu irmão Carlos.

Partio Bernardo a Arles, onde compostas as cousas de sua casa, em companhia de seu filho Galin Galindos, por ser já morta Madama Galinda sua mulher, partio para Hespanha, e com alguns mezes de jornada chegou á Cidade de Oviedo sua patria, contando de idade cincoenta annos, dos quaes tinha gastado trinta e seis em uma perpétua campanha.



## CAPITULO XLIII.

*Como por morte de Abderrahamen. Imperador dos Mouros, lhe succedeo seu filho Mahoma, que foi contra o Reino de Leão: crueldades que fez, e como foi vencido por Bernardo.*

Reinava naquelle tempo nos Reinos de Leão, e Castella velha Affonso III., que estimou como devia a vida de seu tio Bernardo del Cárpio. Abderrahamen Imperador de Cordova com a pena de ter sido vencido por Bernardo, morreu naquella Cidade, e com sua morte respirarão algum pouco tempo os Christãos de Hespanha; porém seu filho Mahoma, que lhe succedeo nos Estados, preparou dois grandes Exercitos cada um de seis mil cavallos, e cinco mil infantes, e os entregou a dois experimentados Generaes, chamados um Alcama, e outro Immudar.

Entrarão estes pela terra de Christãos queimando lugares, destruindo Vilas, e arrasando Cidades; Alcama pelas Comarcas de Salamanca, e Medina del Campo, e Immudar pelas de Segovia, Valhadolid, e Toro; e deixando aquelles territorios fumegando dos incendios, e regados com o sangue Christão, se juntarão ambos sobre a Cidade de Zamora, que a poucos dias entrarão, e foi tão grande a destruição, e barbaridade dos Mouros, que passarão á espada moços, velhos, e meninos, não perdoando seu furor a pessoa alguma de ambos os sexos, Affonso Magno na tranquillidade, e socego, que muito havia, tinha logrado nas fronteiras dos Mouros, se achava sem solda-

dos promptos, e disciplinados, para ao menos fazer cara a inimigos tão poderosos.

Bernardo del Carpio, que em Saldanha tratava dos negocios da sua antiga casa, á primeira noticia da invasão dos Mouros passou a Oviedo, para levantar Exército com gente de Viscaia, e Asturias; mas com tanta lentidão, que tiveram os Mouros tempo de executar, as hostilidades referidas.

Achavão-se juntos já dois mil e quinhentos cavallos, e quinze mil infantas, número desigual a tanta multidão, e incapas de oppôr-se aos Mouros soberbos com as victorias passadas, e já experimentados nos choques, e assaltos; sendo os Christãos quasi todos vi-inhos.

Não achou Bernardo ser prudencia saber tumultuariamente ao encontro, e por essa razão se demorou algum tempo fazendo exercitar os soldados em representadas batalhas, e accommettimentos de Fortes, que á sua custa mandava pelos mesmos fabricar.

Chegou ElRei D. Affonso Magno, com sua Côrte a Carrion acompanhado de quinhentos cavallos, a tempo que chegava a noticia de que já unidos os dois Exercitos dos Mouros na Villa de Mansilha, caminhavão a pôr sitio á Cidade de Leão.

Com este aviso abalou o Exército capitaniado por Bernardo del Carpio, ainda que ElRei se achava nelle, e chegou a avistar-se com os Mouros, que em fórma de batalha vierão até junto á Villa do Ardon esperar os Christãos: deo Bernardo as ordens necessarias para o accommettimento, e affrontando-se os Exercitos de parte a

parte, logo no modo, e destreza dos soldados conhecêrão os Generaes Mouros a differença, que havia no contender com Exercito commandado por Capitão experimentado, ou com elle bizo-nho; perdêrão todo o trem, e bagagem retirando-se em precipitada fuga, pareceo incrível esta victoria; mas tal era a boa disposição, valentia, e fortuna de Bernardo.

#### CAPITULO XLIV.

*Como o Rei de Leão em companhia de Bernardo sitiou, e ganhou a Cidade de Toledo, e Bernardo venceu o Imperador Mouro sobre o Téjo.*

Affonso Magno quiz mostrar ao Imperador Mouro, que tinha soldados capazes de invadir, que não se satisfazião sómente com defender; por essa causa marchou com o seu Exercito accrescentado com os cavallos inimigos em fórma, que chegava ao número de vinte e dois mil combatentes, doze mil dos quaes era cavallaria; e entrando pela terra dos Mouros, foi pondo a ferro, e fogo todas as povoações até á Cidade de Toledo (famosa sempre, e muito mais por ter sido cabeça do Imperio Catholico em He-panha) Pôz Bernardo sitio á Cidade cuja guarnição sustentou mais de seis mezes com valôr, porque constava de vinte mil infantes, e no campo doze mil cavallos de observação, que fatigavão muito o Exercito Christão, impedindo lhe as forragens, e cortando os combotos em bom successo, que lhes facilitava o militarem em paiz proprio, onde as emboscadas lhe surtião todo o effeito premeditado.

O Imperador dos Mouros, Mahoma, irritado de que a primeira empreza contra Christãos, lhe sahisse tão mal succedida, e que não contentes elles com a derrota de seus dois poderosos Exercitos passassem a invadir-lhe suas terras, e com atrevimento inaudito pozessem sitio á maior Cidade, que naquelles tempos tinha Hespanha, mandou por todo o Imperio aos Reis seus vassallos lhe acudissem com as tropas, que podessem; e pedindo ao Calife de Africa, successor dos grandes Estados do Almirante Balão, um soccorro contra o inimigo, que reputavão commum.

Fazia-se a massa do Exercito dos Mouros em Hespanha junto do rio Guadiana, de dez mil cavallos, e vinte mil infantes, soldados veteranos, e experimentados nas guerras do Oriente, o Imperador de Constantinopla Theosilo El Rei de Badajoz veio em pessoa com seis mil cavallos, e quarenta mil infantes, e de Lamego trouxe tres mil cavallos, e seis mil infantes; o de Valencia chegou com dez mil cavallos, e vinte cinco mil infantes; e o de Laria com oito mil cavallos, e doze mil infantes, e juntos todos, e as tropas Imperiaes, que constavão de vinte mil cavallos, e cento e vinte mil infantes. fizerão todos o número de cincoenta e sete mil cavallos, e duzentos e vinte e tres mil infantes. Com tão formidavel Exercito, governado por valorosos Capitães, e passou Mahoma o Guadiana, e marchou para Toledo.

Tanto que os sitiados tiverão noticia que o Imperador em pessoa vinha em seu soccorro com Exercito tão formidavel, resolvêrão uma sahida universal, e para esse effeito convidarão aos do

Exercito volante, com quem se communicavão, a que dêssem no mesmo tempo sobre o arraial dos Christãos, e assim colhidos entre dois combates fossem facilmente rotos, e destruidos, ou rechaçados.

Sahirão pois os Mouros da Cidade com boa ordem, e ao mesmo tempo atacarão os do campo a retaguarda, tudo com igual valôr e resolução: pelejou se de parte a parte com intrepidez de animo, e depois de dez horas de contenda se retirarão os sitiados á Cidade, e os volantes á campanha, deixando de uns, e outros mais de quinze mil mortos, e com elles novo trabalho aos Christãos para lhes abrirem sepulturas, por evitarem o contagio.

Custou muito aos Christãos esta gloriosa acção, porque ElRei foi ferido com quatro feridas ainda que não mortaes, e Bernardo del Carpio foi atravessado pelo lado direito com uma lança quasi de parte a parte, e com uma setta ferido no rosto a tempo que o descobrio para respirar do trabalho da peleja: seu filho Galindos e outros Capitães de fama se achárão incapazes de contender tão cedo, por causa das muitas recebidas feridas, que os obrigou a lançarem-se nas camas para as curarem.

Chegou o Monarcha Mouro com o seu Exercito a vista dos Christãos, acampando-se naquelles largos campos do Tejo a tempo que Bernardo, e os mais Cabos se achavão com as feridas abertas impossibilitados para a resistencia; mas por não dár lugar a que os soldados se intimidassem com a multidão, saltou Bernardo da cama, em que as feridas o detinhão, e montando a cavallo priu-

cipiou a correr as linhas para desde logo formar o Exército.

Obedecêrão todos a seu General. e com gritos pedião a contenda: aproveitou-se Bernardo deste ardor militar, e com inaudita resolução, ainda sem dár parte a ElRei, investio o grande Exército dos Mouros que se andava formando em batalha, e foi tal o ardor dos Christãos, que se declarou a victoria por Bernardo, o qual aggravando se-lhes as feridas com o trabalho, esteve em termos de não possuir tempo para celebrar a victoria; por essa causa não pôde conseguir a gloria do rendimento da Cidade, fazendo pública ostentação de seu valôr nas trincheiras; pois sómente com sua direcção ajudou o accommettimento, posto de parte de donde governou, e dispoz o assalto, que ElRei deo em pessoa.

Rendeo-se em fim a Cidade ás armas Christãs ao quinto dia depois da grande batalha do Téjo, e mandando ElRei das Comarcas Christãs vir algumas familias, que com a guarnição a habitassem, se recolheo com seu Exército em companhia de Bernardo del Carpio, e mais Capiães cheios de gloria, e ricos despojos.

Quebrados os Mouros com esta passada derrota, socegárão contendo-se nos termos dos seus limites, e Bernardo del Carpio passou com descанço do corpo dois annos na Villa de Saldanha, mas sem quietação do espirito; e sem embargo de se achar com idade de sessenta e quatro annos lhe parecia que para o trabalho da campanha sómente contava vinte e cinco; tal era o ardor do espirito deste grande Heróe.

---

## CAPITULO XLV.

*Como Bernardo convidado pelos Catalães, para seu Soberano, partio a defendellos dos Mouros.*

Com este desgosto da vida se achava, quando lhe chegou uma deputação dos estados de Catalunha, composta de quatro Cavalleiros daquelle principado, offerecendo lhe em nome de todo elle a obediencia, como a seu legitimo Soberano, trazendo-lhe um Imperial Diploma, ou Decreto, pelo qual o Imperador Luiz II., lhe cedia perpetuamente aquella soberania com o titulo de Marquez das Hespanhas, e Conde de Barcelona: todo o Principado fez junto na Cidade de Puycerda eleição solemne de sua pessoa para Soberano, confirmando-a pelo Imperador na fórma declarada, no que convierão os filhos de seu morto Soberano, por se acharem reduzidos á miseria de sustentar suas vidas sobre ns penhas dos Pyrneos, sem que o Imperador lhes concedesse os soccorros, que devia, e muitas vezes lhe tinham pedido: esta foi a causa de elegerem os Catalães para seus dominios a Bernardo del Carpio, chamado para sustentar-lhes em paz as terras, aquelle mesmo que em guerra se soubera conquistar.

Bernardo del Carpio, não tanto com a anciancia de reinar, como com o desejo de empregar-se contra os communs inimigos do nome Christão, depois de communicar com El Rei Affonso Magno seu sobrinho este negocio, havia delle licença. partio para Catalunha acompanhado de seiscentos Cavalleiros de seus estados de Saldanha,

que quizerão merecer nome pela guerra, e servir a Religião contra seus inimigos.

Chegou á Cidade de Huesca, que naquelles tempos era Corte dos Condes Soberanos de Aragão, e ali cumprimentou a Arnal o antigo, e com elle fez uma Alliança offensiva, e defensiva de um, e outro Principado, e o mesmo Conde de Aragão lhe entregou logo mil cavallos, e cinco mil infantes, para com elles principiar a restauração de quanto os Mouros tinham tomado, que vinha a ser toda a Catalunha, e de Aragão tudo quanto fica a quem do rio Hebro com a Cidade de Çaragoça.

## CAPITULO XLVI.

*Como Bernardo del Carpio conquistou para o Conde de Aragão seu alliado as terras, que os Mouros lhe tinham usurpado, e venceo o Alcaide de Çaragoça.*

De Huesca partio Bernardo em direitura á Cidade de Balhastro, onde o esperavão as tropas Argonezes unidas com oitocentos cavallos, e seis mil infantes Catalães, que pelo Condado de Cerdania tinham marchado ao longo das montanhas, governados por Solomon, Conde de Cerdania, filho de Wifredo ultimo Conde de Barcelona, e por seu irmão Seniofredo Conde de Urgel.

Foi a primeira empreza de Bernardo a Cidade de Lerida, (bem conhecida por sua florente Universidade) a qual se rendeo logo sem esperar o rigor da guerra.

Conquistou sem opposição, Fraca, e Aytona,

e passando a Maquinezza, que estava ainda pelo Conde de Aragão seu Soborano, passou o Hebio em umas pontes levadiças, que se tinham preparado; mas não sem opposição dos Mouros, que com Muley, Adar, Alcaide. ou Governador de Çaragoça, lhe disputá-ão a passagem com dez mil cavallos, e dozê mil infantes

Vencida esta difficuldade, que póde contar-se por uma famosa batalha, seguiu Bernardo os fugitivos Mouros até Hjar, onde entrincheirados com as agoas de um rio, que alli corre, os soldados de Bernardo accommettendo intrèpidos os fossos, pelejárão com agoa até os peitos, e ás vezes nadando os cavallos, até que tomárão terra, e nella se fizerão senhores da victoria com total destruição do Exercito dos Mouros.

Marchou logo Bernardo del Carpio em direitura á Cidade de Çaragoça, por não dár lugar a que se refizesse de guarnição, e por dár sobre ella de repente ao tempo que se achava occupada do susto da passada derrota: succedeo lhe felizmente o projecto; porque tanto que apparecê-ão suas victoriosas bandeiras á vista da Cidade, logo esta lhe mandou entregar as chaves por dois Deputados, contratando salvar as vidas, e fazendas, á porfia chegavão Deputados das Villas, e Cidades circumvisinhas a entregar-lhe as chaves das fortalezas, que deixavão evacuadas das guarnições; e foi este modo de conquista tanto mais suave para os soldados, que nelle evitavão derramar sangue, e os mais trabalhos, que com sigo traz uma campanha, quanto mais glorioso para Bernardo, que, sem desembainhar a espada, fuzza guerra tão proveitosa para o Conde de Ara-

gão seu alliado: forão as principaes Praças, que por esta suave conquista se rendêrão, Tarragona, Berja, Ariza, Calatayud, Daroca, e Belchite, com outras de menos importancia.

Não quizerão seguir o mesmo exemplo as Cidades de Teruel, e Albarrazin, confiadas na grandeza de suas guarnições, e na visinhança da Corte de Valencia, aonde seu Rei lhes podia mandar promptos soccorros.

## CAPITULO XLVII.

*Como Bernardo conquistou Albarrazin, e Teruel, e partio a conquistar Catalunha.*

A' Conquista destas Praças, e outras visinhas, partio Bernardo del Carpio de Çaragoça com um exercito de quatro mil cavallos, e quinze mil infantes: e fazendo ordinarias marchas, chegou a pôr sitio a Cidade de Albarrazia: e depois de longa resistencia entrou na Praça a ferro, e fogo, rendida em cinco horas de porfiada defenza. Rendeo-se-lhe logo a Cidade de Teruel, sua visinha mandando logo capitular com as condições de salvar as vidas, e fazendas.

Guarnecidas estas Praças com tropas Aragonezas, contramarchou Bernardo com as suas, e ainda algumas de Aragão, a buscar outra vez as correntes do Ebro, onde o esperava o velho Conde de Aragão, tão avançado em annos, como em virtudes, e com elle se deteve quinze dias para descanso das tropas, no fim dos quaes com algumas de soccorro partio para Lerida: nesta Cidade o esperavão os estados daquelle Principado em

434 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
acto de Côrtes, e nellas foi solemnemente accla-  
mado Soberano com o titulo de Conde Barcelo-  
na. Marquez das Hespanhas, e Principe de Cata-  
lunha; e como a tal lhe beijarão a mão.

Sahio daquella Cidade a dár principio á con-  
quista de seus dominios, pondo sitio á Cidade de  
Belaguer. Estavão os Mouros aterrados do medo,  
que a fama das batalhas vencidas, e Praças con-  
quistadas, tinha espalhado pelo mundo; por esta  
causa levantando logo bandeira, branca nos mu-  
ros da Cidade, pedirão capitulação de liberdade  
das vidas, e fazendas.

Concedeo Bernardo a das vidas, mas como os  
Mouros tinham roubado a seus vassallos na inva-  
são passada não quiz conceder-lhes as fazendas,  
para que com estas pagassem os damnos feitos;  
determinação bem acertada, porque de outra sor-  
te ficarião seus vassallos pobres, e nada vingados  
das recebidas oppressões.

Evacuada Belaguer pelos Mouros, marchou Ber-  
nardo a conquistar Agramonte, e Tarrega, que se  
lhe rendêrão com as condições de Belaguer; em  
Tarrega recebeu um soccorro de Montanhezes, em  
que se contavão dois mil cavallos ligeiramente  
armados, e oito mil infantes, e com elles, e os  
mais Castelhanos Aragonezes, e Catalães passou  
as ribeiras do Hebro á conquista da grande Cida-  
de de Tortosa: rendeo-se esta sem esperar o rigor  
das armas, e a seu exemplo fez o mesmo á Cidade  
de Amposta.

Imaginou Bernardo que o Rei Mouro de Va-  
lença sahiria com Exercito a fazer-lhe opposição;  
mas elle não quis expôr-se a soffrer semelhante  
fatalidade á que seu General em Hijaer experi-

mentára; e vendo Bernardo que o Rei Mouro não sabia de seu Reino a perturballo nas conquistas do proprio, julgou sem razão commettello, destacou seu Exercito costeando as ribeiras do mar Mediterraneo, por onde se lhe hião rendendo as Praças, e entregando as povoações: nesta fórma chegou á Cidade de Tarragena, (celeberrima em outros tempos com a assistencia do Imperador Romano Augusto Cesar, que nella decretou, e assignou o famoso Edicto, pelo qual mandou marticular o Mundo todo no tempo de sua maior felicidade que logrou no Nascimento do Imperador dos Imperadores Christo bem nosso em Bethlem de Judea.) Rendeu se logo esta Cidade, passando pela capitulação das mais, e nella entrou Bernardo com ostentação do triunfo, por se achar senhor de uma Cidade, que no tempo antigo fóra Capital de Hespanha Terraconense, a quem dá o nome, posto que muito diminuta das grandezas, que no tempo dos Romanos lograra.

Aqui convocou Bernardo os Estados para dedicação da Igreja Cathedral, e tornar a restituir-lhe a preeminencia de Metropolitana, que com o dominio dos Mouros tinha quasi perdido, e sómente em titulo conservava.

## CAPITULO XLVIII.

*Como Bernardo se exercitou em obras de piedade nos Mosteiros de Poblete, e Monserrate, e escreveu Leis aos Catalães.*

Passou depois a piedade de Bernardo a render as graças pelos favores recebidos ao Mosteiro do

Poblete, que entre a barbaridade Mahometanca se tinha conservado com Monges Catholicos; em obras de ardente caridade, asperrimas penitencias, e humildes actos de Religião, varrendo os claustros, e Igreja se exercitou Bernardo oito mezes, que naquelle Mosteiro, mandando entretanto seu filho Galindos com o Exercito receber o rendimento de Barcelona, Manresse, Solsona, Carlena, Vich, Ostarrie, Palamor, Girona, e outras Cidades. que os Mouros tinham desamparado: Estes formando todos um Exercito, se retirãõ com passaporte pedido, e benignamente concedido por Bernardo, para o Reino de Valença, deixando toda a Catalunha livre.

De Poblete partio Bernardo em romaria ao célebre Santuario de N. Senhora de Monserrate, fazendo a pé, e descalço com uma corda ao pescoço, e vestido de sacco, aquelle caminho de quasi dez legoas. (Tal era a piedade dos Principes daquelle tempo, e tal a virtude do nosso Heróe Bernardo del Carpio.)

No Mosteiro de Monserrate, implorando de Maria Santissima sua Padroeira, escreveu Bernardo del Carpio por sua propria mão um livro, em que recopilou as Leis, que deviãõ observar se em seus Estados com tal prudencia, e erudição dictadas, com tal Religião eseritas, e com tanto acerto explanadas, que por muitos tempos forão a base, em que se fundou o governo daquelle Principado.

Se o rustico da criação de Bernardo del Carpio, e o continuado exercicio das campanhas poderião dar sómente expectativa de barbaridade em suas Leis; pois o falso Masoma, e seu observante Othomano, fundadores das grandes Monar-

q̄hias dos Mouros, e Turcos, como criados sem a  
cultivação das escolas, e sómente entre os horro-  
res da guerra, escrevendo Leis a seus vassallos, e  
sucessores, não puderão sahir do engolfado da  
barbaridade, em que seus entendimentos se tinham  
sobmergido, tinham elles contra sí o pouco temor  
de Deos para os illuminar; mas o nosso Bernar-  
do del Carpio, cujas normas de vida serão sem-  
pre a Religião Catholica, temor de Deos, carida-  
de, e piedade, ainda que o horrido das batalhas,  
o rustico das campanhas, e a barbaridade das des-  
truições, e incendios lhe dictassem a composição  
da vida, não lhe offuscárão a luz da justiça, para  
que, qual outro Julio Cesar, usasse tanto da es-  
pada, como da penna.

## CAPITULO XLIX.

*De como Bernardo del Carpio renunciou a Sebe-  
rania de Catalunha, e se recolheu no Mosteiro  
de Santa MARIA de Aguilar del Campo, e  
nelle faleceo.*

Até este tempo tinha a fortuna acompanhado  
sempre ao nosso Heróe Bernardo del Carpio por  
espaço de oitenta e dois annos, que contava de  
idade, quando lhe chegou noticia, que seu filho  
Galim Galindos fallecêra na Cidade de Hirona.  
Tolerou Bernardo este golpe com a constancia,  
que podia esperar se de sua prudencia, e Religião,  
e passando a Barcelona, mandou que o corpo de  
seu filho embalsamado fosse levado áquella Ci-  
dade.

Convocou logo os Estados daquelle Principa-

438 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
do, e em presença de todos despeçou a Soberania delles, renunciou solemnemente a Corôa, e governo de Catalunha na pessoa do dito Myro, que era filho, contra os dois Condes seus irmãos, de Wifredo Conde de Barcelona, a quem os Mouros tinham tirado a vida na invasão passada, e neto de outro Bernardo sobrinho do Imperador Carlos Magno.

Deste Myro descendêrão os Condes de Barcelona, (que ao depois forão) até que se unio Catalunha á Corôa de Aragão, por casar o ultimo Conde com a Rainha D. Petronilha, proprietaria daquello Reino.

Acompanhado dos tres Condes irmãos foi Bernardo del Carpio acompanhando o cadaver de seu filho até o Mosteiro de Poblete, que daquelle tempo em diante foi sempre o Pantheão dos Principes daquelles Reinos; e depositando-o na Igreja do Mosteiro, se despedio dos Condes, e partio para o Reino de Leão, recolhendo se no Mosteiro de Aguilar del Campo, e nelle passou em actos de caridade, quatorze annos, que ainda teve de vida: no fim destes, visitado da mão de Deos com uma malina, morreo, e foi seu corpo sepultado na Igreja de Santa Maria da mesma Villa de Aguilar del Campo, onde hoje se reconhece seu sepulcro.

Aquelle Heróe, que parecia immortal, cuja vida por espaço de oitenta e dous annos foi uma perpetua batalha, cujo descanso forão as duras campanhas; cujas galas forão sempre compostas do aço duro das pezadas armas; o que venceo setenta e cinco singulares batalhas, batalhando corpo a corpo com outros Heróes dos mais valentes

de seu tempo; o que ganhou cincoenta e duas fortissimas praças, além de outras sem número, que a fama de seu nome conquistou; a quem cincoenta e tres batalhas decisivas, e out as setenta e quatro menores servião com a victoria; o que sahia victorioso de trezentos e dezoito disputados choques; a quem Roma vio valente, o Imperio Oriental admirou airoso, e destro nas justas, e festejos: França reconheceo invencivel, e Italia obedeceo vencida; a quem o Imperio de Alemanha deve a segurança nos seus principios; o Reino de Aragão o fundamento, e conquista; o de Leão a liberdade, e augmento; o de Galliza os soccorros nas afflicções; Catalunha a restauração dobrada, e as Leis do governo: aquelle a quem dous Imperadores Mouros, seis Reis dos meimos, e seus valentes Alcaides, e Generaes tantas vezes experimentárão raio de Marte, destruição de sua maldicta seita, açoute, e castigo de suas insolencias, forte escudo da Religião Catholica, e baluarte fortissimo, em que se defendeo toda Hespanha, se rendeo a uma maligna febre, que, deixando-lhe o corpo mettido na urna sepulcral, fez que a alma passasse a lograr o premio de suas heroicas acções, e virtudes, deixando escrita na eterna memoria dos homens, como em ideada Chronica, a fama de suas prodigiosas e immensas valentias.

Esta é a Historia de Bernardo del Carpio, o maior Heróe das idades, superior sem dúvida aos nove da Fama, que talvez não o conta entre elles, porque não podião igualar-se-lhe. Parecerá diversa muito da que contão as Chronicas de Hespanha, e famosos Historiadores daquella Monar-

440 HISTORIA DE CARLOS MAGNO, &c.  
quia: mas não admire, que também entre elles  
á bastantes diversidades.

Na verdade forão tantas suas gloriosas acções,  
que a alguns parecerão fabulosas para contadas,  
e a outros excessivas para escritas. Quanto a mim  
só posso dizer a dou á luz para divertimento dos  
curiosos, e passatempo dos afeiçoados.

Se é verdadeira, ou não, dispute-o muito em-  
bora o Doutor João de Ferreiras, famoso Histo-  
riador dos nossos tempos, no seu tomo decimo-  
sexto da Historia Geral de Hespanha; que a mim  
me basta se lhe dê tanto credito como ao primei-  
ro, e segundo tomo da Historia de Carlos Ma-  
gno, e seus doze Pares de França, dos quaes esta  
Obra é terceira parte.

Toda ella sujeito primeiramente á correcção  
da Santa Madre Igreja, e á censura de suas de-  
terminações, com o protexto, de que não quero  
tenha mais validade o que escrevo, que quanto a  
mesma censura determinar; e de que uso das fic-  
ções sómente em quanto servem para recrear, e  
nunca para credito.

FIM.

## INDICE DOS CAPITULOS.

### PRIMEIRA PARTE.

#### LIVRO I.

<b>C</b> APITULO I. Como ElRei Clovis, sendo Pa- gão e infiel teve por mulher a Clotildes Christã, neta delRei Guido, sobrinha del- Rei Agabundo de Borgonha. . . . . <i>Pag.</i>	<b>1</b>
<b>C</b> AP. II. Como a Clovis rogou Clotildes que deixasse os falsos Idolois, e abraçasse a Fé de Jesu Christo . . . . .	<b>5</b>
<b>C</b> AP. III. Como ElRei Clovis não alcançan- do victoria contra seus inimigos, se fez Christão . . . . .	<b>7</b>
<b>C</b> AP. IV. Como Clovis recebeu o Santo Bap- tismo pela mão de S. Remigio, e milagro- samente foi trazida uma redoma do Ceo, da qual inda hoje são ungidos os Reis de França, e está na Cidade de Rheims . . .	<b>8</b>
<b>C</b> AP. V. Trata-se delRei Pepino, e de Car- los Magno seu filho. . . . .	<b>9</b>
<b>C</b> AP. VI. Como Carlos Magno, feitas as Cons- tituições com o Papa Adriano, foi eleito Imperador dos Romanos . . . . .	<b>10</b>
<b>C</b> AP. VII. Da estatura de Carlos Magno, e modo de viver . . . . .	<b>12</b>
<b>C</b> AP. VIII. Como Carlos Magno doutrinava seus filhos . . . . .	<b>13</b>

CAP. IX. Do estado, e obras caritativas de Carlos Magno . . . . .	13
CAP. X. Como o Patriarcha de Jerusalem mandou Embaixada a Carlos Magno, pedindo-lhe soccorro . . . . .	14
CAP. XI. Como Carlos Magno se partio com um grande Exercito para Jerusalem . . . . .	16
CAP. XII. Das Reliquias, que o Imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa, e dos milagres, que fez Christo Nosso Senhor.	18

## LIVRO II.

CAP. I. Como Ferrabraz veio ao Exercito de Carlos Magno buscar com quem pelejar.	21
CAP. II. Como Carlos Magno perguntou a Ricarte de Normandia quem era o que tanto o ameaçava . . . . .	23
CAP. III. Da resposta de Roldão a Carlos Magno. . . . .	24
CAP. IV. De uma repreliensão do Author a Carlos Magno, e a Roldão pela questão passada. . . . .	25
CAP. V. Como Oliveiros, estando enfermo com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno para sair á batalha com Ferrabraz.	26
CAP. VI. Como o Duque Regner rogou a Carlos Magno que não deixasse sair Oliveiros á batalha . . . . .	28
CAP. VII. Como Oliveiros fallou a Ferrabraz, e como este o desprezou . . . . .	29
CAP. VIII. Como Oliveiros ajudou a armar a Ferrabraz, e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era . . . . .	32

CAP. IX. Como Oliveiros, e Ferrabraz co- meçárão a batalha e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros . . . . .	36
CAP. X. Como Oliveiros fez Oração a Deos, que o guardasse, e favorecesse contra os Turcos . . . . .	38
CAP. XI. Como Oliveiros á força de armas ganhou o Balsamo a Ferrabraz . . . . .	41
CAP. XII. Como os dois Cavalleiros derão batalha a pé, e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros . . . . .	44
CAP. XIII. Como Oliveiros ganhou uma das espadas de Ferrabraz, e o venceo . . . . .	47
CAP. XIV. Como Ferrabraz foi vencido, e se converteo, e como Oliveiros batalhou com os Turcos . . . . .	49
CAP. XV. Como Oliveiros foi prezo, e tapa- dos os olhos foi levado ao Almirante Balão.	51
CAP. XVI. Como Ferrabraz foi achado no campo, e Carlos Magno o fez baptisar, e curar as feridas . . . . .	53
CAP. XVII. Como Oliveiros com seus Com- panheiros forão levados á presença do Al- mirante Balão . . . . .	55
CAP. XVIII. Como os cinco Cavalleiros sen- do presos n'um escuro carcere, os visitou Floripes, filha do Almirante Balão. . . . .	56
CAP. XIX. Como os cinco Christãos forão tirados da Torre por mandado de Floripes.	60
CAP. XX. Como Carlos Magno mandou ao Almirante Balão os outros sete Pares por Embaixadores . . . . .	65
CAP. XXI. Como o Almirante Balão man-	

doou quinze Reis a Carlos Magno por Embaixadores, para que lhe dêsse seu filho Ferrabraz, e como os sete Cavalleiros os encontrárão e matárão quatorze. . . . .	67
CAP. XXII. Da ponte de Mantible, e tributo que nella se pagava, e como os Cavalleiros Christão passárão sem pagar. . . . .	71
CAP. XXIII. Como os sete Cavalleiros chegarão diante do Almirante Balão, e lhe dêão a Embaixada . . . . .	74
CAP. XXIV. Como por conselho de Floripes forão os sete Cavalleiros postos com os cinco, e como lhe mostrou as Santas Reliquias. . . . .	77
CAP. XXV. Como Lucrase sobrinho do Almirante, entrou na camara de Floripes, e o Duque de Nemé o matou . . . . .	82
CAP. XXVI. Como os Cavalleiros, Floripes, e suas Damas padecêrão fome, e os Idolos do Almirante feitos em pedaços . . . . .	87
CAP. XXVII. Como os Cavalleiros sahirão da Torre, dêrão batalha aos Turcos . . . . .	91
CAP. XXVIII. Como Gui de Borgonha foi prezo . . . . .	92
CAP. XXIX. Como os Turcos quizerão enforcar a Gui de Borgonha. . . . .	96
CAP. XXX. Como os Cavalleiros Christãos tomárão o mantimento ao Exército do Almirante, e a Torre foi combatida . . . . .	102
CAP. XXXI. Como a Torre foi minada pelos Turcos, e cahio huma parte della . . . . .	104
CAP. XXXII. Como os Cavalleiros Christãos determinárão mandar hum delles a Carlos Magno, a fazer-lhe saber o perigo	

em que estavam . . . . .	106
CAP. XXXIII. Como ElRei Clarião seguiu e este o matou, e lhe tomou o cavallo. . .	109
CAP. XXXIV. Como os soldados d'ElRei Clarião o acharão morto, e o levárão ao Almirante . . . . .	112
CAP. XXXV. Como Ricarte passou o rio Fregor milagrosamente . . . . .	114
CAP. XXXVI. Como Carlos Magno, quiz voltar para França por conselho de Galalão	116
CAP. XXXVII. Como Ricarte chegou ao Exercito de Carlos Magno . . . . .	119
CAP. XXXVIII. Como por industria de Ri- carte foi a Ponte de Mantible ganhada . .	121
CAP. XXXIX. Como Carlos Magno ganhou a Ponte de Mantible com a morte do Gi- gante Galafre, e Alovino, parente de Ga- lalão, lhe quiz fazer traição. . . . .	124
CAP. XL. Como Amiota, Giganta, matou a muitos Christãos. . . . .	128
CAP. XLI. Como os Cavalleiros da Torre forão combatidos, e a Torre derrubada . .	132
CAP. XLII. Como os Cavalleiros souberão da vinda de Carlos Magno, e tambem o Almirante, e como Galalão foi com Em- baixada ao Almirante. . . . .	137
CAP. XLIII. Como Carlos Magno accom- metterão o Exercito do Almirante . . . .	141
CAP. XLIV. Como Sortibão foi morto por Regner. e dos progressos do Almirante. . .	144
CAP. XLV. Como os Cavalleiros sahirão da Torre, e da batalha com o Almirante. . .	146
CAP. XLVI. Como o Almirante não quiz	

ser Christão; e Floripes foi baptisada. . . . .	147
CAP. XLVII. Como Floripes deu as Santas Reliquias a Carlos Magno. . . . .	150

## LIVRO III.

CAP. I. Como o Apostolo S. Thiago appareceu a Carlos Magno, e foi guiado de certas Estrellas até Galliza . . . . .	153
CAP. II. Trata-se de um grande Idolo, que foi achado em uma Cidade . . . . .	156
CAP. III. Como Carlos Magno mandou edificar a Igreja de S. Tiago de Galiza . . . . .	157
CAP. IV. Como um Rei Turco passou o mar, e tomou certos lugares aos Christãos e Carlos Magno os tornou a ganhar . . . . .	158
CAP. V. Como Aygolante tornou a ir com o Exercito contra os Christãos, e mandou Embaixada a Carlos Magno. . . . .	161
CAP. VI. Como Carlos Magno tomou a Cidade, onde estava Aygolante. . . . .	163
CAP. VII. Como Carlos Magno, foi para França, e como voltou outra vez a dar batalha a Aygolante . . . . .	165
CAP. VIII. Das treguas de Carlos Magno, e Aygolante . . . . .	165
CAP. IX. Da morte del Rei Aygolante . . . . .	167
CAP. X. Trata-se de Ferragús, maravilhoso Gigante, que levava os Cavalleiros debaixo do braço; e como Roldão o matou. . . . .	169
CAP. XI. Como Roldão, e Ferragús batalhárão a pé, e como Ferragús foi morto . . . . .	172
CAP. XII. Como Carlos Magno teve batalha com os Reis de Cordova, e Sevilha . . . . .	174

## LIVRO IV

- CAP. I. Como o Arcebispo Turpim consagrou a Igreja de S. Tiago de Gallisa. . . 176
- CAP. II. Como Galalão foi mandado com Embaixada aos Reis Turcos Marsilio, e Belando, e como vendeo os companheiros. 177
- CAP. III. Da morte dos dize Pares, e de El-Rei Marsirio, e como Roldão foi ferido . 179
- CAP. IV. Da morte de Roldão. . . . . 181
- CAP. V. De uma visão, que vio o Arcebispo Turpim na morte de Roldão. . . . . 184
- CAP. VI. Como Oliveiros foi achado esfolado; e da morte dos Turcos, e de Galalão. 186
- CAP. VII. Como Carlos Magno voltou para França, e das esmolas que fez pelas almas dos que morrerão pela Fé. . . . . 187
- CAP. VIII. Carlos Magno foi a Alemanha. 188
- CAP. IX. Como Carlos Magno, chegou a Aquisgrão de Alemanha, e nella morreo. 189

## LIVRO V.

- CAP. I. Trata do nascimento de Roldão. . . 190
- CAP. II. Como Milão se vestio em trage de mulher para ir fallar a Berta. . . . . 191
- CAP. III. Da concepção de Roldão . . . . 192
- CAP. IV. Como Milão tirou Berta da Torre. 193
- CAP. V. Do Nascimento de Roldão . . . . 195
- CAP. VI. Como Milão foi arrebatado da corrente de um rio levando ás costas a Berta, e esta ficou no meio do rio . . . . 197
- CAP. VII. Como Rodando foi á Cidade de Sena pedir esmola . . . . . 198

- CAP. VIII. Da cruel batalha que Rodando, deo a Oldrado nos campos de Sena. . . . 200
- CAP. IX. Como Carlos Magno, vindo de Roma, se apusentou na Cidade de Sena. 205
- CAP. X. Como Roldão foi armado Cavalleiro por seu Tio Carlos Magno . . . . 208

---

## SEGUNDA PARTE.

### LIVRO I.

- CAP. I. Como o Imperador Carlos Magno, vencidos os Reis de Cordova, e Sevilha, veio para Paris . . . . . 213
- CAP. II. Das festas, que fizerão os Pares em Paris, á chegada de Floripes. . . . . 214
- CAP. III. Como se fizerão as justas . . . . . 216
- CAP. IV. Como os dois Cavalleiros se investirão, e batalhárão . . . . . 218
- CAP. V. Como o Cavalleiro de Galiana deo a sua Embaixada ao Imperador. . . . . 220
- CAP. VI. Como os Cavalleiros da Còrte puzerão fogo no quarto dos Pares . . . . . 222
- CAP. VII. Como Carlos Magno partio com os Pares para Hespanha . . . . . 225
- CAP. VIII. Da Barca de Pontable, e do que passárão os Cavalleiros com o Gigante . 227
- CAP. IX. Como os Cavalleiros passárão a barca de Pontable e combate do Castello. 230
- CAP. X. Do que aconteceu aos Cavalleiros, na subida do Castello de Pontable . . . . 232
- CAP. XI. Como Almedrol dá conta das cousas de Abderramap, e da covã Tristefea. 235

CAP. XII. Como Roldão, e Ricarte se apartarão dos mais companheiros, e do que lhes succedeo até Timorante . . . . .	237
CAP. XIII. Como Ricarte de Normandia deo traças para Roldão entrar na cova Tristefea . . . . .	240
CAP. XIV. Como Roldão entrou na cova.	242
CAP. XV. Como os Cavalleiros, apartados de Roldão tiverão batalha com Abderraman	243
CAP. XVI. Como Abderraman se retirou .	245
CAP. XVII. Como Abderraman com o seu exercito encontrou o de Galafre. . . . .	246
CAP. XVIII. Como Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre, batalhou com Abderraman . . . . .	249
CAP. XIX. Como os Cavalleiros chegarão á Floresta escura. . . . .	252
CAP. XX. Como Carlos Magno, entrou triunfante em Toledo. . . . .	254

LIVRO II.

CAP. I. Do que se passou em Toledo, e como Oliveiros sahio sem licença do Imperador a soccorrer os Cavalleiros de Timorante . . . . .	256
CAP. II. Como Roldão passou em Tristefea os primeiros dias, e pratica com Angelica.	259
CAP. III. Como por industria de Zalabarda sahio Angelica de Tristefea . . . . .	261
CAP. IV. Do que succedeo a Ricarte, e Roldão, querendo este sahir da cova . . . . .	263
CAP. V. Como se descubrio todo o segredo, e Angelica foi preza na Torre da Lua. .	265

CAP. VI. Como se minou a Torre da Lua.	268
CAP. VII. Como Urgel, e Guarim entrãõ em Timorante prezos . . . . .	269
CAP. VIII. Como Oliveiros soltou a Gua- rim e Urgel . . . . .	271
CAP. IX. Como Roldão, e Ricarte sahirão da mina . . . . .	273
CAP. X. Como os Pares viverão com Ange- lica na cova . . . . .	275
CAP. XI. Como chegando a Abderraman os soccorros, deo batalha aos Cavalleiros . .	276
CAP. XII. Como chegou Carlos Magno, e deo batalha a Abderraman . . . . .	277
CAP. XIII. Como no segundo dia se con- tinuou a batalha. . . . .	279
CAP. XIV. Como sahirão os Cavalleiros, e ganhou Carlos Magno a victoria . . . .	281
CAP. XV. Como o Imperador fallou a An- gelica, e Abderraman fugio para Etiopia.	282

## LIVRO III.

CAP. I. Como Carlos Magno, partio para Cordova, e a tomou . . . . .	283
CAP. II. Como foi achada Fredegundes. .	285
CAP. III. Trata-se do Gigante Barracás .	287
CAP. IV. Como Barrocás foi morto por Rol- dão, e Perrafús por Oliveiros. . . . .	289
CAP. V. Como Bradamante fez traição. .	291
CAP. VI. Como Salgueirão de Lisboaes en- trou em Toledo . . . . .	293
CAP. VII. Como os Cavalleiros partirão con- tra Bradamante . . . . .	295
CAP. VIII. Como os Cavalleiros decerca-	

rão Toledo, e Oliveiros matou Brutamonte.	297
CAP. IX. Como os Pares entrarão no quarto de Galiana, e foi morto Salgueirão, e Bradamante . . . . .	299
CAP. X. Como Carlos Magno, e Galafre entrarão em Toledo . . . . .	301

## LIVRO IV.

CAP. I. Como Carlos Magno partiu para Italia a ajudar o Pontífice contra Aliadús . . . . .	302
CAP. II. Como Carlos Magno deu batalha a Aliadús, e fugirão os Soldados . . . . .	304
CAP. III. Como Lucrião deu assalto a Gaéta, e os soldados Christãos a livrarão . . . . .	305
CAP. IV. Como os Christãos se embarcarão e da batalha com Aliadús . . . . .	307
CAP. V. Como se continuou a batalha . . . . .	308
CAP. VI. Trata se da Ilha Cofornia. . . . .	310
CAP. VII. Como os Christãos houverão batalha com os da Ilha Cofornia . . . . .	312
CAP. VIII. Em que Diomar dá conta do successo, e da Ilha Cofornia. . . . .	315
CAP. IX. Do que mais passou o Imperador em a Ilha até se embarcar para Italia. . . . .	316
CAP. X. Como a armada padeceu grande tempestade, e as náos aportarão a Sicilia. . . . .	317
CAP. XI. Como o Monte Éthna deitou chamas, e Parisca acabou nellas. . . . .	319
CAP. XII. Como Carlos Magno, navegou para Roma, e baptismo de Roxael. . . . .	320
CAP. XIII. Como Carlos Magno, voltou a Hespanha . . . . .	321
CAP. XIV. Como Carlos Magno foi ajudar	

Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca, e este o desafiou . . . . .	324
CAP. XV. Como se deu batalha entre Carlos Magno, e Oláo de Dinamarca . . . . .	325
CAP. XVI. Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman, pelo que fez em Hespanha. . . . .	327
CAP. XVII. Como o Imperador chegou á vista de Abderraman, e como Roxael o desafiou e sahio Talamarte ao desafio. , . . . .	329
CAP. XVIII. Da morte de Roxael . . . . .	331
CAP. XIX. Como oitenta Christãos sahirão a brigar com oitenta Turcos, e Abderraman lhe fez traição. . . . .	332
CAP. XX. Como investindo os Christãos o Exercito com a Cavallaria o destroçárão, Talamarte foi morto, e Abderraman preso . . . . .	334
CAP. XXI. Como o Imperador chegou a Toledo, e Abderraman se não quiz baptisar, e da sua morte. . . . .	335
CAP. XXII. Como Galafre, Angelica, e Galiana receberão a Lei de Christo, e dos casamentos de Roldão, e Carlos Magno. . . . .	337

---

### TERCEIRA PARTE.

CAP. I. Memoria da Criação do mundo até ao Diluvio universal . . . . .	339
CAP. II. Da confusão das linguas em Babel, e fundação da Monarchia de Hespanha . . . . .	340
CAP. III. Da successão dos primeiros Reis de Hespanha. , . . . .	341

- CAP. IV. Da seca grande que houve em Hespanha: varias Nações que a dominá-  
rão, e memoria dos Reis Godos della. . . 343
- CAP. V. Da invasão que os Mouros fizeram  
em Hespanha, e principio dos Reis de O-  
viedo, e Leão. . . . . 344
- CAP. VI. Nascimento de Bernardo del Car-  
pio . . . . . 346
- CAP. VII. Como Bernardo se criou sem sa-  
ber quem erão seus Pais, e foi por encanto  
furtado por Oronte . . . . . 347
- CAP. VIII. Como Bernardo se livrou do en-  
canto de Oronte, e por outro se embarcou. 349
- CAP. IX. Das representações, que teve Ber-  
nardo em sonhos que depois achou verda-  
deiras por encanto, e se embarcou . . . 351
- CAP. X. Como Bernardo foi ter a uma Ar-  
mada por encanto, e de como foi armado  
Cavalleiro pelo Imperador da Persia . . 353
- CAP. XI. Como o Imperador Orimandro te-  
ve zêlos de Bernardo por amor de Ange-  
lica, e do desafio que lhe fez Bernardo . 356
- CAP. XII. Como Angelica foi por encanto  
arreatada em um carro de fogo, e depois  
de achada, foi livre por Bernardo de um  
dragão, que a queria tragar . . . . . 360
- CAP. XIII. Como Bernardo soube quem  
erão seus Pais . . . . . 363
- CAP. XIV. Como uns piratas roubárão An-  
gelica, andando á caça, e Bernardo par-  
tiu em uma armada para a buscar. . . 365
- CAP. XV. Como depois que Bernardo al-  
cançou os corsarios, e os venceu restauran-

- do a Angelica. a sua não se perdeu em  
uma tormenta . . . . . 368
- CAP. XVI. Como Bernardo escapou da tor-  
menta, e livrou uma mulher de ser mor-  
ta por um leão, e com ella partio para  
Delfos . . . . . 369
- CAP. XVII. Como Bernardo foi ás festas  
de Thebas, e nellas venceu em desafio a  
Orlando sobrinho de Carlos Magno . . . 371
- CAP. XVIII. Como Bernardo foi ás festas  
de Corinche, e venceu muitos Cavalleiros. 374
- CAP. XIX. Como Bernardo partio para Ca-  
talunha, e matou tres Capitães Francezes. 377
- CAP. XX. Como Bernardo venceu segunda  
vez em singular contenda a Orlando . . . 379
- CAP. XXI. Como Bernardo chegou a Ovie-  
do, e partio com uma armada para Italia  
a defender Roma . . . . . 381
- CAP. XXII. Como Bernardo chegou ao si-  
tio de Roma, e esta se livrou . . . . . 384
- CAP. XXIII. Da causa porque Carlos Ma-  
gno, e seus Pates investirão com guerra a  
Hespanha . . . . . 385
- CAP. XXIV. Da celebrada batalha em que  
ficarão mortos alguns dos novos Pares. . . 387
- CAP. XXV. Como Bernardo venceu em ba-  
talha a Ibrahim General dos Mouros. . . 388
- CAP. XXVI. Como um General Mouro des-  
truiu a Cidade de Plariu, e foi vencido em  
Galliza por Bernardo . . . . . 390
- CAP. XXVII. Como Bernardo venceu em  
batalha o Rei Mouro de Lamego . . . . 391
- CAP. XXVIII. Dos progressos, que Bernar-

- do fez contra os Mouros, e venceu o Alcaide de Toledo. . . . . 393
- CAP. XXIX. Como Bernardo venceu a Alcama Rei em Badajoz. . . . . 394
- CAP. XXX. Da entrada, que D. Buesso fez em Hespanha, e foi morto por Bernardo. 395
- CAP. XXXI. Como Bernardo não pode alcançar a liberdade de seu pai, e se desnaturalizou de vassallo dos Reis de Leão, fazendo seu assento no Castello del Garpio. 398
- CAP. XXXII. Das cavalgadas, que Bernardo fez em terras de Leão, e como os soldados deste não quizerão pelejar. . . . . 400
- CAP. XXXIII. Como Bernardo venceu o Alcaide de Toledo em batalha . . . . . 402
- CAP. XXXIV. Como Bernardo seguiu a guerra contra os Mouros, e conquistou a Cidade de Rodrigo. . . . . 403
- CAP. XXXV. Como Bernardo venceu um valente Mouro, chamado Dubdù, Alcaide de Placencia . . . . . 405
- CAP. XXXVI. De uma grande batalha, que venceu Bernardo ao soberbo Imperador dos Mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana . . . . . 407
- CAP. XXXVII. Como Bernardo passou por estratagemas o Têjo, depois que fez treguas com dois Soberanos Mouros, e venceu os Alcaides de Gorja, e Toledo. . . . . 410
- CAP. XXXVIII. Como Bernardo livrou o Castello del Garpio do cerco, que lhe tinham posto os Reis de Leão, e venceu a estes em batalha, e pazes que fizeram, e en-

- gano que se lhe fez com seu Pai já morto. 412
- CAP. XXXIX.** Da partida que Bernardo fez para França, e victoria que alcançou contra os inimigos daquella Monarquia . 415
- CAP. XL.** Como Bernardo del Carpio restaurou Italia tyranisada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno . . . . 417
- CAP. XLI.** Como os filhos do Imperador Luiz Pio depozerão do throno ao dito seu Pai, e foi restituído por Bernardo . . . . 419
- CAP. XLII.** Como Bernardo venceu em duas batalhas campaes a Abderrahamen Imperador dos Mouros, conquistou Catalunha, e partio para Hespanha . . . . . 421
- CAP. XLIII.** Como por morte de Abderrahamen, lhe succedeo seu filho Mahoma . 424
- CAP. XLIV.** Como o Rei de Leão, e Bernardo, ganhou a Cidade de Toledo. . . . 426
- CAP. XLV.** Como Bernardo foi convidado pelos Catalães para seu soberano . . . . 430
- CAP. XLVI.** Como Bernardo conquistou para o Conde de Aragão as terras, que os Mouros lhe tinham usurpado . . . . . 431
- CAP. XLVII.** Como Bernardo conquistou Alharrazin, e Teruel . . . . . 433
- CAP. XLVIII.** Como Bernardo se exercitou em obras de piedade nos Mosteiros de Poblete, e Monserate. . . . . 435
- CAP. XLIX.** De como Bernardo del Carpio renunciou a Soberania de Catalunha, e se recolheo no Mosteiro de Santa Maria de Aguilar del Campo, e nelle faleceo . 437

FIN.



